reflexões
de um dos maiores pensadores
do nosso tempo

EDITORIAL PRESENÇA

J. KRISHNAMURTI

A VIDA

Reflexões de Um dos Maiores Pensadores do Nosso Tempo

Z.C.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Em 1934 Krishnamurti questionava: «Por que desejam ser estudantes de livros em vez de estudantes da vida? Descubram o que é verdadeiro e o que é falso ao vosso redor, com todas as suas opressões e as suas crueldades, e então descobrirão o que é verdadeiro.» Ele salientava, repetidas vezes, que o «livro da vida», que está sempre a alterar-se com uma vitalidade que não pode ser abarcada pelo pensamento, era o único que valia a pena «ler», estando todos os outros repletos de informação em segunda mão. «A história da humanidade está em vós, a vasta experiência, os medos profundamente enraizados, as ansiedades, a tristeza, o prazer e todas as crenças que o homem tem vindo a acumular ao longo de milénios. Vocês são esse livro.»

Este livro, *A Vida — Reflexões de Um dos Maiores Pensadores do Nosso Tempo*, foi concebido segundo uma ordem que, de alguma forma, reflecte aquela que Krishnamurti seguia nas suas palestras. Ele costumava começar com o ouvir e a relação entre o orador e a audiência, e terminava com temas que surgem de forma natural quando se está a falar da vida e uma maior profundidade começa a aflorar à consciência. No final da sua vida, nos anos de 1985 e 1986, Krishnamurti falava sobre a criatividade e sobre a possibilidade de uma forma de vida totalmente nova. Este livro contém excertos sobre esses assuntos.

Muitos temas eram recorrentes nos seus ensinamentos. A sua perspectiva assentava na observação holística da condição humana, na qual todos os aspectos da vida se encontram interligados. *A Vida* apresenta passagens sobre um novo tema para cada semana do ano, sendo cada tópico desenvolvido ao longo de sete dias. Estas citações são identificadas pela sua fonte e estão referenciadas no índice das fontes. Os leitores que estiverem interessados em explorar alguns temas específicos com maior profundidade são convidados a ler na íntegra os textos dos livros de onde foram retirados estes excertos.

Foi em 1929 que Krishnamurti começou a falar em público, com uma voz que Aldous Huxley descreveu como dotada de uma «autoridade intrínseca». A sua exploração intensa da natureza da verdade e da liberdade deu origem a que milhões de cópias das suas palestras e diálogos fossem publicados e traduzidos em mais de quarenta línguas.

Krishnamurti, embora tímido e retraído, foi o orador incansável de milhares de palestras, dispensando anotações ou qualquer preparação, desenvolvendo, essencialmente, um tema seminal: a Verdade pode ser descoberta por qualquer um, sem a ajuda de nenhuma autoridade e, como a vida, está sempre presente, de forma instantânea. As suas palestras abarcaram todo o leque de conflitos e preocupações pessoais e sociais. Observarmos a profundidade e a abrangência do nosso comportamento, tal como ele se manifesta no momento, torna-se a acção necessária para a transformação de nós mesmos e da nossa sociedade. Ao ser interrogado, por alguém que assistia a uma das suas palestras, sobre a razão por que falava e o que queria alcançar, Krishnamurti respondeu: «Quero dizer-vos algo, talvez a forma de descobrirem o que é a realidade — não a forma enquanto sistema, mas como começar a descobri-la. E se conseguirem descobrir isto por vós próprios, não haverá um orador, estaremos todos nós a falar, todos nós a expressarmos aquela realidade presente nas nossas vidas, onde nos encontramos... A verdade não pode ser acumulada. Aquilo que pode ser acumulado está sempre a ser destruído; entra em declínio. A verdade nunca entra em declínio porque apenas pode ser encontrada de momento a momento em cada pensamento, em cada relacionamento, em cada palavra, em cada gesto, num sorriso, numa lágrima. E se vocês e eu conseguirmos descobrir isso e vivê-lo — o próprio viver é a descoberta disso —, então não nos tornaremos propagandistas; seremos seres humanos criativos — não seremos seres humanos perfeitos, mas seres humanos criativos, o que é imensamente diferente. E é essa, penso, a razão por que falo, e talvez seja essa também a razão por que vocês aqui me estão a ouvir.

«Existe apenas o problema; não existe nenhuma solução; pois é na compreensão do problema que reside a sua dissolução.» Muitas vezes, quando lhe era colocada uma questão, Krishnamurti respondia: «Vamos descobrir o que queremos dizer com...», examinando deste modo a questão e deixando-a assim aberta à

investigação, em vez de dar uma resposta imediata. Para Krishnamurti era o aprofundar de uma questão ou problema que alimentava essa investigação e não a mera procura lógica ou intelectual da resposta. Os excertos contidos neste livro são apresentados ao leitor sob a forma de questões que podiam ter sido colocadas por ele sem que houvesse, da sua parte, a urgência de uma resposta imediata.

Krishnamurti chamava a atenção para o facto de o diálogo que estabelecia com os seus ouvintes, durante as palestras que dava, não ser intelectual nem ancorado em pensamentos e ideais. Ele dizia: «Afinal, o objectivo destas palestras é o de comunicarmos uns com os outros, e não a imposição de um determinado conjunto de ideias. As ideias nunca mudam a mente, nunca originam uma transformação radical da mente. Mas se conseguirmos, individualmente, comunicar uns com os outros ao mesmo tempo e ao mesmo nível, então talvez possa haver uma compreensão que não é apenas propaganda... portanto, estas palestras não têm o propósito de dissuadir-vos ou de persuadir-vos seja de que maneira for, directa ou subliminarmente.»

*

Em quase todas as suas palestras e diálogos, Krishnamurti usava o termo «homem» quando se referia à humanidade no seu todo. Mas na última fase da sua vida, interrompia-se frequentemente para se dirigir à sua audiência: «Por favor, quando utilizo o termo "homem" estou a referir-me ao ser humano, e, portanto, também à mulher. Por isso, não se zanguem comigo.»

Krishnamurti falava com uma simplicidade extraordinária, e não como um guru ou líder religioso com um ensinamento em segunda mão, um vocabulário especial ou vínculos a qualquer organização ou seita. A procura dos seus ensinamentos claros e autênticos foi aumentando à medida que Krishnamurti ia viajando pelo mundo. Desde 1930 até à sua morte, em 1986, ele falou para audiências cada vez maiores, na Europa, na América do Norte, na Austrália, na América do Sul e na Índia.

Este livro contém excertos retirados de palestras, diálogos e escritos, alguns publicados, outros não, que tiveram lugar entre os anos de 1933 e 1968. Entre eles encontra-se o primeiro livro de Krishnamurti a tornar-se conhecido do público em geral, *A Edu-*

cação e o Significado da Vida, que foi escrito sob um majestoso carvalho, em Ojai, na Califórnia, e publicado em 1953 pela Harper & Row, a editora que continuaria, por mais de trinta anos, a publicar os seus trabalhos na América. O seu livro seguinte, *A Primeira e Última Liberdade*, foi igualmente publicado pela Harper & Row, em 1954, e contou com um longo prefácio da autoria do seu amigo Aldous Huxley.

Comentários sobre o Viver foi escrito entre 1949 e 1955, à mão e sem abreviações, em páginas sem margens e sem correcções ou rasuras. Aldous Huxley encorajou Krishnamurti a escrever, e o manuscrito, editado por D. Rajagopal, foi publicado em 1956. Trata-se, essencialmente, do registo das conversas de Krishnamurti com pessoas que o procuravam para estar e conversar com ele, e o que sentimos nestas páginas é que estamos perante dois amigos que se encontram para investigar e conversar sem hesitações e sem medo. Os capítulos deste livro iniciam-se muitas vezes com uma breve descrição da paisagem, do clima, ou dos animais circundantes. A partir da simplicidade deste mundo natural, ocorre uma transição suave para a paisagem interior de confusão, ansiedades, crenças — as preocupações gerais e pessoais que as pessoas traziam para os seus encontros com Krishnamurti. Algumas dessas conversas não foram publicadas nos três primeiros volumes dos *Comentários sobre o Viver*, e surgem na presente obra pela primeira vez. Em algumas destas conversas que não haviam sido anteriormente publicadas, Krishnamurti usou a expressão «pensamento-sentimento» para dar uma resposta uniforme.

Life Ahead e *Think on These Things* foram editados por Mary Lutyens, uma amiga de Krishnamurti, em 1963 e 1964, e publicados pela Harper & Row. Estes dois livros constituem uma súmula de questões e respostas seleccionadas e editadas de palestras com jovens, e têm tido uma aceitação tão boa que acabaram por ser considerados clássicos religiosos e literários. A eles se seguiu um trabalho conjunto que ultrapassa os cinquenta livros.

Krishnamurti considerava-se a si próprio como não sendo importante ou necessário para o processo de compreensão da verdade, de nos vermos a nós mesmos. Em certa ocasião, referiu-se a si mesmo como um telefone, um mecanismo a ser usado por um ouvinte. Ele disse: «Aquilo que o orador está a dizer tem muito pouca importância em si mesmo. O que é realmente importante é que a mente seja capaz de uma tal atenção sem esforço, que se

encontre sempre num estado de compreensão. Se não compreendermos e estivermos meramente a ouvir palavras, acontecerá, invariavelmente, que nos iremos embora com uma série de conceitos ou ideias, a partir dos quais estabelecemos um padrão ao qual nos tentamos então ajustar nas nossas vidas diárias ou, assim chamadas, espirituais.»

Valerá a pena, à medida que for avançando na leitura, que o leitor esteja atento à forma como Krishnamurti encarava a relação entre duas pessoas que estão em busca da verdade. Em 1981 ele disse: «Somos como dois amigos sentados num parque, num dia bonito, a falar sobre a vida, sobre os nossos problemas, a investigar a própria natureza da nossa existência e a perguntarmo-nos a nós mesmos, com seriedade, por que é que a vida se tornou um problema tão grande, o porquê de, apesar de sermos muito sofisticados em termos intelectuais, a nossa vida diária ser, ainda assim, tão desgastante, sem qualquer significado, excepto o da sobrevivência — o que é, igualmente, bastante duvidoso. Por que se tornou a vida, a existência quotidiana, uma tortura tão grande? Podemos ir à igreja, seguir um qualquer líder, político ou religioso, mas a vida diária é sempre tumultuada; embora haja alguns períodos que são ocasionalmente alegres, felizes, existe sempre uma nuvem escura a pairar sobre a nossa vida. E estes dois amigos, como somos, vocês e o orador, estão a conversar os dois seriamente, amigavelmente, talvez com afeição, com carinho, com preocupação, sobre se haverá alguma possibilidade de vivermos a nossa vida diária sem um único problema.

Janeiro

Ouvir

Aprender

Autoridade

Autoconhecimento

Ouvir com Facilidade

Já alguma vez se sentaram muito silenciosamente, sem que a vossa atenção esteja fixada em coisa alguma, sem fazerem qualquer esforço para se concentrarem, mas com a mente muito silenciosa, completamente quieta? Então ouvem tudo, não ouvem? Ouvem os ruídos distantes tão bem quanto aqueles que estão mais perto e aqueles que estão muito próximos, os sons circundantes — o que significa realmente que estão a ouvir tudo. A vossa mente não se encontra confinada a um pequeno canal estreito. Se conseguirem ouvir desta maneira, ouvir com facilidade, sem esforço, descobrirão que uma mudança extraordinária está a ter lugar dentro de vós, uma mudança que surge sem que a tenham desejado, sem que a tenham pedido; e nessa mudança existem uma grande beleza e uma percepção imediata e profunda.

Janeiro, 1

Colocar os Véus de Lado

De que forma ouvem? Ouvem com as vossas projecções, através da vossa projecção, através das vossas ambições, desejos, medos, ansiedades, ouvindo apenas aquilo que desejam ouvir, apenas aquilo que vos satisfará, que será gratificante, que proporcionará conforto, que irá aliviar, no momento, o vosso sofrimento? Se ouvirem através do véu dos vossos desejos, então estão obviamente a ouvir a vossa própria voz, estão a ouvir os vossos próprios desejos. E haverá alguma outra forma de ouvir? Não será importante descobrirmos como ouvir não apenas o que está a ser dito, mas tudo — os ruídos da rua, o chilrear dos pássaros, o barulho do eléctrico, o mar revolto, a voz do vosso marido, a vossa mulher, os vossos amigos, o choro de um bebé? O ouvir só é importante quando não estamos a projectar os nossos próprios desejos naquilo que estamos a ouvir. Será possível colocarmos de lado todos estes véus através dos quais ouvimos, e sermos capazes de ouvir realmente?

Janeiro, 2

Para Além do Ruído das Palavras

Ouvir é uma arte a que não se chega facilmente, mas nela residem uma grande beleza e uma grande compreensão. Ouvimos com várias profundidades do nosso ser, mas o nosso ouvir tem sempre lugar a partir de uma concepção prévia ou de um determinado ponto de vista. Não ouvimos simplesmente; está sempre lá a intervenção do véu dos nossos próprios pensamentos, conclusões e preconceitos... Para ouvirmos, necessitamos de uma quietude interior, de estarmos libertos da pressão da aquisição, uma atenção descontraída. Este estado de atenção passiva é capaz de ouvir o que está para além da conclusão verbal. As palavras confundem; são apenas os meios exteriores de comunicação; mas para se conversar intimamente, para além do ruído das palavras, deve haver no ouvir uma passividade alerta. Aqueles que amam podem ouvir; mas é extremamente raro encontrar um ouvinte. A maioria de nós anda atrás de resultados, da consecução de objectivos; estamos eternamente a superar e a conquistar, e com tal não conseguimos ouvir nada. É somente no ouvir que escutamos a melodia das palavras.

Janeiro, 3

Ouvir sem Pensamento

Não sei se alguma vez ouviram um pássaro. Ouvir alguma coisa exige que a nossa mente esteja silenciosa — não um silêncio místico, silêncio simplesmente. Estou a dizer-vos algo e, para me ouvirem, têm de estar silenciosos, e não com todo o tipo de ideias a zunirem na vossa mente. Quando olham para uma flor, olham para ela, sem estarem a dar-lhe um nome, sem a estarem a classificar, sem dizerem que ela pertence a determinada espécie — quando o fazem, deixam de a ver. Assim, o que vos digo é que ouvir é uma das coisas mais difíceis — ouvir o comunista, o socialista, o deputado, o capitalista, qualquer pessoa, a vossa mulher, os vossos filhos, o vosso vizinho, o condutor do autocarro, o pássaro — apenas ouvir. É só quando ouvem sem nenhuma ideia, sem pensamento, que estão em contacto directo; e ao estarem em contacto percebem se aquilo que o outro está a dizer é verdadeiro ou falso; torna-se desnecessário discutir.

Janeiro, 4

Ouvir Traz Liberdade

Quando vocês fazem um esforço para ouvir, estão a ouvir? Não será esse mesmo esforço uma distracção que não permite que se ouça? Fazem algum esforço quando escutam algo que vos deleita?... Vocês não podem estar conscientes da verdade nem ver o falso como falso enquanto a vossa mente estiver de alguma forma ocupada com o esforço, com a comparação, com a justificação ou com a condenação...

Ouvir é um acto completo em si mesmo; o acto de ouvir traz, em si mesmo, a sua própria liberdade. Mas será que vocês estão verdadeiramente preocupados com o ouvir, ou em alterar o vosso tumulto interior? Se fossem capazes de ouvir... no sentido de estarem conscientes dos vossos conflitos e contradições sem os forçarem a moldar-se a um qualquer padrão de pensamento em particular, talvez eles cessassem completamente. Compreendem, nós estamos constantemente a tentar ser isto ou aquilo, atingir um determinado estado, ter um determinado tipo de experiência e evitar outro, de forma que a mente está continuamente ocupada com algo; nunca está suficientemente tranquila para ouvir o ruído das suas próprias lutas e dores. Sejam simples... e não tentem tornar-se algo ou obter determinada experiência.

Janeiro, 5

Ouvir sem Esforço

Vocês estão, neste momento, a ouvir-me, não estão a fazer um esforço para prestar atenção, estão apenas a ouvir; e se houver verdade no que estão a ouvir, descobrirão uma mudança notável a ter lugar em vós — uma mudança que não é premeditada ou almejada, uma transformação, uma revolução completa na qual só a verdade pontifica e não as criações da vossa mente. E se me é permitido sugeri-lo, digo-vos que devem ouvir tudo dessa forma — não apenas o que eu estou a dizer, mas também aquilo que outras pessoas dizem, os pássaros, o silvo de uma locomotiva, o ruído do autocarro que passa. Descobrirão que quanto mais forem capazes de ouvir tudo, maior será o silêncio, e esse silêncio não é, então, quebrado pelo ruído. É somente quando vocês criam resistência em relação a algo, quando erguem uma barreira entre vós e aquilo que não desejam ouvir — é só nesse momento que existe uma luta.

Janeiro, 6

Ouvirem-se a Vós Mesmos

Questionador: Enquanto me encontro aqui a ouvi-lo, parece que compreendo, mas quando estou longe daqui, não compreendo, embora tente aplicar o que o senhor tem estado a dizer.

Krishnamurti: ...Está a ouvir-se a si mesmo, e não o orador. Se estiver a ouvir o orador, ele torna-se o seu líder, a sua forma de conseguir compreender — o que é um horror, uma abominação, porque então terá estabelecido a hierarquia da autoridade. Portanto, o que está a fazer aqui é ouvir-se a si mesmo. Está a olhar para o quadro que o orador está a pintar, que é o seu próprio quadro, não o do orador. Se isto estiver claro, que está a olhar para si próprio, então poderá dizer: «Bom, vejo-me tal como sou, e não quero fazer nada a respeito disso» — e fica tudo por aí. Mas se disser: «Vejo-me tal como sou, e tem de haver uma mudança», então começará a trabalhar a partir da sua própria compreensão — o que é inteiramente diferente de pôr em prática o que diz o orador... Mas se, à medida que o orador vai falando, estiver a ouvir-se a si mesmo, então, a partir desse ouvir haverá clareza, haverá sensibilidade; a partir desse ouvir a mente torna-se saudável, forte. Sem obedecer e sem resistir, ela torna-se viva, intensa — e só um tal ser humano pode criar uma nova geração, um novo mundo.

Janeiro, 7

Olhar com Intensidade

...Parece-me que aprender é surpreendentemente difícil, tal como o é também o ouvir. Nunca ouvimos nada verdadeiramente, porque a nossa mente não está livre, os nossos ouvidos estão entupidos com as coisas que já conhecemos, e portanto o acto de ouvir torna-se extraordinariamente difícil. Penso — ou melhor, é um facto — que se conseguirmos ouvir algo com todo o nosso ser, com vigor, com vitalidade, então o próprio acto de ouvir torna-se um factor libertador, mas infelizmente vocês nunca ouvem realmente, pois nunca aprendem a fazê-lo. Afinal, só aprendem quando oferecem todo o vosso ser a algo. Quando vocês se entregam com todo o vosso ser à matemática, aprendem, mas quando se encontram num estado de contradição, quando não querem aprender, mas são forçados a fazê-lo, nessas circunstâncias a aprendizagem torna-se um mero processo de acumulação. Aprender é como ler um romance com inúmeras personagens; requer a vossa total atenção, não uma atenção contraditória. Se quiserem conhecer uma folha — uma folha primaveril ou uma folha estival — devem olhá-la verdadeiramente, ver a simetria que há nela, a sua textura, a qualidade da folha vivente. Existe beleza, existe vigor, existe vitalidade numa simples folha. Portanto, para conhecerem a folha, a flor, a nuvem, o pôr-do-sol ou um ser humano, têm de olhar com toda a intensidade.

Janeiro, 8

Para Aprender, a Mente Deve Estar Silenciosa

Para descobrirem algo novo vocês devem começar a fazê-lo sozinhos; devem iniciar uma caminhada completamente desnudados, especialmente no que diz respeito ao conhecimento, porque é muito fácil, através do conhecimento e da crença, ter experiências; mas tais experiências são meros produtos da autoprojecção, e como tal completamente irreais, falsas. Se quiserem descobrir por vós mesmos o que é o novo, não é bom carregarem o fardo do que é velho, especialmente o conhecimento — o conhecimento que têm do outro, por maior que seja. Vocês usam o conhecimento como um meio de protecção de vós mesmos, de segurança, e querem ter a certeza absoluta de que irão ter as mesmas experiências que teve Buda ou Cristo ou o senhor X. Mas alguém que está constantemente a proteger-se através do conhecimento não é, obviamente, alguém que procura a verdade...

Nenhum caminho conduz à descoberta da verdade... Quando vocês querem encontrar algo novo, quando estão a experimentar o que quer que seja, a vossa mente tem de estar muito silenciosa, não é assim? Se a vossa mente estiver apinhada, a transbordar de factos, conhecimento, eles funcionam como um impedimento ao novo; a dificuldade, para a maioria de nós, reside no facto de a mente se ter tornado tão importante, tão predominantemente significativa, que interfere constantemente com tudo o que possa ser novo, com qualquer coisa que possa existir em simultâneo com o que é conhecido. Assim, o conhecimento e o aprender são impedimentos para aqueles que procuram, para aqueles que tentam compreender aquilo que é intemporal.

Janeiro, 9

Aprender Não É Experiência

A palavra aprender tem uma grande importância. Existem dois tipos de aprendizagem. Para a maioria de nós, aprender significa acumular conhecimento, experiência, tecnologia, uma habilidade, uma língua. Existe também a aprendizagem psicológica, o aprender através da experiência, ou das experiências imediatas da vida, que deixam um certo resíduo, da tradição, da raça, da sociedade. Existem estas duas formas de aprender a encarar a vida: psicológica e fisiológica; a capacidade exterior e a capacidade interior. Não existe verdadeiramente uma linha de demarcação entre as duas; elas justapõem-se. De momento, não estamos a falar da habilidade que aprendemos através da prática, do conhecimento tecnológico que adquirimos através do estudo. Aquilo de que estamos a tratar é da aprendizagem psicológica que fomos fazendo ao longo dos séculos ou que herdámos sob a forma de tradição, de conhecimento, de experiência. A isto chamamos aprender, mas questiono se isso tem alguma coisa que ver com aprender. Não me refiro a aprender uma habilidade, uma língua, uma técnica, mas estou a perguntar se a mente alguma vez aprende em termos psicológicos. Ela aprendeu, e com o que aprendeu enfrenta o desafio da vida. Está sempre a traduzir a vida ou o novo desafio à luz daquilo que aprendeu. É isso que andamos a fazer. Isso é aprender? Não implicará o aprender algo novo, algo que desconheço e que estou a aprender? Se estou simplesmente a acrescentar ao que já conheço, então isso já não é aprender.

Janeiro, 10

Quando É Que Se Torna Possível Aprender?

Investigar e aprender são funções da mente. Por aprender não quero referir-me ao mero cultivo da memória ou à acumulação de conhecimento, mas à capacidade de pensar com clareza e com sanidade, sem ilusões, de partir de factos e não de crenças e de ideais. Não existe nenhuma aprendizagem se o pensamento tiver origem em conclusões. A mera aquisição de informação ou de conhecimento não é aprender. Aprender implica o amor de compreender e o amor de fazer uma coisa por ela própria. Só é possível aprender quando não existe qualquer tipo de coerção. E a coerção pode assumir muitas formas, não é verdade? Existe coerção através da influência, através do apego ou da ameaça, através do encorajamento persuasivo ou de subtis formas de recompensa.

A maioria das pessoas julga que a aprendizagem é encorajada pela comparação, quando, de facto, é o contrário que acontece. A comparação faz surgir a frustração e só encoraja a inveja, a que é dado o nome de competição. Tal como outras formas de persuasão, a comparação impede a aprendizagem e alimenta o medo.

Janeiro, 11

A Aprendizagem Nunca É Acumulativa

Aprender é uma coisa e adquirir conhecimento é outra. Aprender é um processo contínuo, não um processo de adição, não um processo em que se acumula e a partir daí se age em consonância. A maioria de nós acumula conhecimento sob a forma de memória, de ideias, armazena-o como experiência e, a partir daí, age. Isto é, nós agimos com base no conhecimento, no conhecimento tecnológico, no conhecimento enquanto experiência, no conhecimento enquanto tradição, no conhecimento que se obtém através das nossas tendências idiossincráticas particulares; com esse fundo, com essa acumulação sob a forma de conhecimento, de experiência, de tradição, agimos. Nesse processo não existe aprendizagem. Aprender nunca é um acto acumulativo; é um movimento constante. Não sei se alguma vez se colocaram esta questão: o que é aprender e o que é a aquisição de conhecimento?... A aprendizagem nunca é acumulativa. Não se pode armazenar aprendizagem e então, a partir desse armazém, tomarmos as nossas acções. Aprendemos à medida que caminhamos. Assim, nunca existe um momento de regressão, ou deterioração, ou de declínio.

Janeiro, 12

A Aprendizagem Não Tem Passado

A sabedoria é algo que tem de ser descoberto por cada um, e não é o resultado do conhecimento. O conhecimento e a sabedoria não andam a par. A sabedoria vem quando há a maturidade do autoconhecimento. Sem nos conhecermos a nós mesmos, não é possível a ordem, e portanto não existe virtude alguma.

Agora, aprendermos acerca de nós mesmos e acumularmos conhecimento sobre nós mesmos são duas coisas diferentes... Uma mente que está a adquirir conhecimento nunca está a aprender. O que está a fazer é o seguinte: está a reunir para si própria informação, experiência sob a forma de conhecimento, e a partir do fundo do que reuniu, experimenta, aprende; e portanto nunca está realmente a aprender, mas a conhecer, a adquirir.

A aprendizagem acontece sempre no presente activo; não tem passado. No momento em que vocês dizem a vós mesmos: «Aprendi», a aprendizagem já se tornou conhecimento, e a partir do fundo desse conhecimento podem acumular, traduzir, mas não podem continuar a aprender. Só uma mente que não está a adquirir, mas sempre a aprender — só uma mente assim pode compreender o todo que é esta entidade a que chamamos «eu», o *self*. Tenho de me conhecer a mim mesmo, a estrutura, a natureza, a importância da entidade no seu todo; mas não posso fazê-lo se estiver sobrecarregado com o fardo do meu conhecimento anterior, da minha experiência passada, ou com uma mente que está condicionada, porque nesse caso não estou a aprender, estou apenas a interpretar, a traduzir, a olhar com uns olhos que estão já turvados pelo passado.

Janeiro, 13

A Autoridade Impede a Aprendizagem

Habitualmente, aprendemos através do estudo, dos livros, da experiência ou recebendo aulas. Essas são as formas comuns de se aprender. Decoramos o que fazer e o que não fazer, o que pensar e o que não pensar, como sentir, como reagir. Através da experiência, do estudo, da análise, da experimentação, do exame introspectivo, armazenamos conhecimento sob a forma de memória; e a memória, então, dá resposta a outros desafios, a outras exigências a partir das quais vai aprendendo sempre cada vez mais... O que é aprendido é decorado sob a forma de conhecimento, e esse conhecimento entra em acção sempre que nos deparamos com um desafio ou sempre que temos de fazer algo.

Mas eu penso que existe um outro modo completamente diferente de aprender, e vou falar-vos um pouco sobre isso; mas para compreendê-lo e para aprender neste modo diferente, vocês devem estar completamente libertos da autoridade; de outra forma estarão apenas a ser instruídos e irão repetir o que tiverem ouvido. É por isso que é muito importante compreender a natureza da autoridade. A autoridade impede a aprendizagem — aquela aprendizagem que não é acumulação de conhecimento sob a forma de memória. A memória responde sempre com padrões; sem qualquer liberdade. Um homem que está sobrecarregado de conhecimento, de instruções, que está derreado sob o peso das coisas que aprendeu, nunca é livre. Pode ser extraordinariamente erudito, mas a sua acumulação de conhecimento impede-o de ser livre, e portanto ele é incapaz de aprender.

Janeiro, 14

Destruir É Construir

Para serem livres, vocês têm de examinar a autoridade, todo o esqueleto da autoridade, despedaçando toda essa coisa abominável. E isso requer energia, verdadeira energia física, e exige também energia psicológica. Mas a energia é destruída, é desperdiçada quando estamos em conflito... Assim, quando se dá a compreensão de todo o processo do conflito, dá-se o fim do próprio conflito e existe então abundância de energia. Então poderão continuar demolindo a casa que foram construindo ao longo dos séculos e que não tem qualquer significado.

Sabem, destruir é construir. Devemos destruir, não os edifícios, não o sistema social ou económico — isto acontece diariamente — mas o psicológico, as defesas conscientes e inconscientes, seguranças que construímos racionalmente, individualmente, profundamente e superficialmente. Devemos desmantelar tudo isso para que possamos ficar totalmente sem defesas, porque temos de estar sem defesas para amarmos e sentirmos afeição. Então podem ver e compreender a ambição, a autoridade; e começam a perceber em que circunstâncias é a autoridade necessária e a que nível — a autoridade do polícia, e apenas essa. Então não existe nenhuma autoridade da aprendizagem, nenhuma autoridade do conhecimento, nenhuma autoridade da capacidade, nenhuma autoridade que a função possa assumir e que se torna um estatuto. Para se compreender toda a autoridade — dos gurus, dos mestres e de outros — é necessário ter-se uma mente muito atenta, um cérebro que vê com clareza, não um cérebro confuso ou entorpecido.

Janeiro, 15

A Virtude Não Tem Qualquer Autoridade

Poderá a mente estar liberta da autoridade, o que significa estar livre do medo, de modo a que já não seja capaz de seguir? Se assim for, isto põe fim à imitação, a qual se torna mecânica. Afinal, a virtude, a ética não são uma repetição daquilo que é bom. A partir do momento em que se torna mecânica, ela deixa de ser virtude. A virtude é algo que tem de acontecer a cada momento, tal como a humildade. A humildade não pode ser cultivada, e uma mente que não tem humildade não é capaz de aprender. Portanto a virtude não tem qualquer autoridade. A moralidade social não é moralidade nenhuma; é imoral, porque admite a competição, a ganância, a ambição, e portanto a sociedade encoraja a imoralidade. A virtude é algo que transcende a moralidade. Sem virtude, não existe ordem, e a ordem não deve existir de acordo com um padrão, de acordo com uma fórmula. Uma mente que, através da autodisciplina, segue uma fórmula para alcançar a virtude, está a criar para si própria os problemas da imoralidade.

Uma autoridade exterior pretendida pela mente, com excepção da lei, como Deus, como moral, e assim por diante, torna-se destrutiva quando a mente está a tentar compreender o que é a verdadeira virtude. Nós temos a nossa própria autoridade, sob a forma de experiência, de conhecimento, que tentamos seguir. Existe esta constante repetição, a imitação, que todos nós conhecemos. A autoridade psicológica — não a autoridade da lei, do polícia que está a manter a ordem — a autoridade psicológica, que cada um de nós tem, destrói a virtude, porque a virtude é algo vivo, em movimento. Da mesma forma que não podemos cultivar a humildade, o amor, assim também a virtude não pode ser cultivada; e nisso reside uma grande beleza. A virtude não é mecânica, e sem a virtude não existem bases para se poder pensar com clareza.

Janeiro, 16

A Mente Velha Está Acorrentada Pela Autoridade

O problema é, portanto, este: será possível que uma mente que tem sido tão condicionada — criada no meio de inúmeras seitas, religiões, e todo o tipo de superstições, medos — consiga libertar-se de si mesma e dar assim lugar a uma mente nova?... A mente velha é essencialmente a mente que está acorrentada pela autoridade. Não estou a utilizar o termo *autoridade* no sentido legal; refiro-me antes à autoridade enquanto tradição, autoridade enquanto conhecimento, autoridade enquanto experiência, autoridade enquanto meio de alcançar segurança e de permanecer nessa segurança, interior e exteriormente, porque, afinal, é isso que a mente procura sem cessar — um local onde possa estar segura, sem perturbações. Uma tal autoridade pode ser a autoridade auto-imposta de uma ideia ou da assim chamada ideia religiosa de Deus, a qual não se reveste de qualquer realidade para aquele que é de facto religioso. Uma ideia não é um facto, é uma ficção. Deus é uma ficção; podem acreditar nele, mas ele continua a ser uma ficção. Contudo, para encontrarem Deus, têm de destruir completamente a ficção, porque a mente velha é a mente que está assustada, que é ambiciosa, que tem medo da morte, de viver, e de estar em relação; e que está sempre, consciente ou inconscientemente, em busca de permanência, de segurança.

Janeiro, 17

Livre no Começo

Se conseguirmos compreender a compulsão que se encontra por detrás do nosso desejo de dominar ou de sermos dominados, então talvez possamos libertarmo-nos dos efeitos debilitantes da autoridade. Ansiamos por ter certezas, por estarmos certos, por termos sucesso, por sabermos; e este desejo de certeza, de permanência, constrói dentro de nós mesmos a autoridade da experiência pessoal, enquanto externamente cria a autoridade da sociedade, da família, da religião, e assim por diante. Mas ignorar, simplesmente, a autoridade, abalar os seus símbolos exteriores tem muito pouco significado.

Libertarmo-nos de uma tradição para nos moldarmos a outra, abandonar este líder para começar a seguir aquele, é apenas uma atitude superficial. Se estivermos conscientes de todo o processo da autoridade, se percebermos o quanto esse processo é interno, se compreendermos e conseguirmos transcender o nosso desejo de segurança, então teremos uma ampla compreensão e uma tomada de consciência profunda e instantânea, temos de estar livres não no final, mas no começo.

Janeiro, 18

Libertação da Ignorância, da Tristeza

Ouvimos com esperança e com medo; procuramos a luz de outra pessoa, mas não estamos naquele estado de atenção passiva que nos permite compreender. Se o liberto parece preencher os nossos desejos, aceitamo-lo; caso contrário, continuamos em busca daquele que os preencherá; aquilo que a maioria de nós deseja é a satisfação a diferentes níveis. O importante não é como reconhecer aquele que está liberto, mas como vos compreender a vós mesmos. Nenhuma autoridade presente ou futura vos pode dar conhecimento sobre vós mesmos; sem autoconhecimento, não pode haver libertação da ignorância, da tristeza.

Janeiro, 19

Por Que Seguimos?

Por que aceitamos, por que seguimos? Seguimos a autoridade de outro, a experiência de outro, e depois colocamo-las em dúvida; esta procura da autoridade e a sua sequela, a desilusão, é um processo penoso para a maioria de nós. Culpamos ou criticamos a autoridade que aceitámos no passado, o líder, o professor, mas não examinamos a nossa própria ânsia por uma autoridade que possa orientar a nossa conduta. Uma vez que tenhamos entendido esta ânsia, compreederemos a importância da dúvida.

Janeiro, 20

A Autoridade Corrompe Tanto o Líder Como Aquele que o Segue

Estarmos conscientes de nós mesmos é uma tarefa árdua, e como a maioria de nós prefere um caminho fácil e ilusório, conferimos existência à autoridade que dá uma forma e um padrão à nossa vida. Esta autoridade pode ser o colectivo, o Estado; ou pode ser pessoal, o Mestre, o salvador, o guru. Qualquer tipo de autoridade cega alimenta a negligência; e como a maior parte de nós considera que ser cuidadoso implica dor, entregamo-nos à autoridade. A autoridade engendra o poder, e o poder torna-se sempre centralizado e, como consequência, completamente corrupto; corrompe não só o controlador, mas também aquele que o segue. A autoridade do conhecimento e da experiência perverte, quer esteja investida no Mestre, no seu representante ou no sacerdote. É a vossa própria vida, este conflito aparentemente interminável, é isso que é importante, não o padrão ou o líder. A autoridade do Mestre ou do sacerdote afasta-vos da questão central, que é o conflito dentro de vós.

Janeiro, 21

Posso Confiar na minha Experiência?

A maioria de nós está satisfeita com a autoridade porque ela nos dá uma continuidade, uma certeza, a sensação de estarmos protegidos. Mas alguém que compreenda as implicações desta profunda revolução psicológica tem de estar liberto da autoridade, não é assim? Não pode olhar para nenhuma autoridade, seja ela criada por essa própria pessoa ou imposta por terceiros. E será isto possível? Ser-me-á possível não confiar na autoridade da minha própria experiência? Mesmo quando eu já rejeitei todas as expressões exteriores de autoridade — livros, professores, sacerdotes, igrejas, crenças — continuo a sentir que pelo menos posso confiar no meu próprio julgamento, nas minhas próprias experiências, na minha própria análise. Mas poderei confiar na minha experiência, no meu julgamento, na minha análise? A minha experiência é o resultado do meu condicionamento, da mesma forma que a vossa resulta do vosso condicionamento, não é verdade? Posso ter sido educado como muçulmano, ou budista, ou hindu, e a minha experiência dependerá do meu meio cultural, económico, social e religioso, tal como a vossa dependerá do meio em que foram educados. E poderei confiar nisso? Posso confiar nisso para me guiar, para me dar esperança, para a visão que me dará a fé no meu próprio julgamento, o qual é, por sua vez, o resultado de memórias e experiências acumuladas, o condicionamento do passado a confrontar-se com o presente?... Agora, quando me tiver colocado todas estas questões e estiver consciente deste problema, verei que só pode haver um estado no qual a realidade, o novo, podem existir, e isso origina uma revolução. Esse é o estado em que a mente está completamente liberta do passado, quando não existe nenhum sujeito que analisa, nenhuma experiência, nenhum julgamento, nenhum tipo de autoridade.

Janeiro, 22

O Autoconhecimento É um Processo

Então, para compreendermos os inúmeros problemas que cada um de nós tem, não é essencial que haja autoconhecimento? E esta é uma das coisas mais difíceis, estarmos atentos a nós mesmos — o que não significa um isolamento, um afastamento. É óbvio que é essencial que nos conheçamos a nós mesmos; mas conhecer-se a si mesmo não implica que haja um afastamento da relação. E certamente seria um erro pensarmos que nos podemos conhecer a nós mesmos profunda, completa e perfeitamente, através do isolamento, através da exclusão, ou indo a um psicólogo, ou a um sacerdote; ou que podemos aprender a conhecermo-nos a nós mesmos através de um livro. O autoconhecimento é, obviamente, um processo, não um fim em si próprio; e, para nos conhecermos, devemos estar atentos a nós mesmos quando agimos, o que é estar em relação. Vocês descobrem-se a vós mesmos não no isolamento, não no afastamento, mas na relação — na relação com a sociedade, com a vossa mulher, o vosso marido, o vosso irmão, com a humanidade; mas descobrirem como reagem, quais são as vossas respostas requer uma extraordinária atenção por parte da mente, uma percepção apurada.

Janeiro, 23

A Mente sem Amarras

A transformação do mundo é originada pela transformação de cada um de nós, porque o eu é o produto e uma parte do processo total da existência humana. Para se transformarem, é essencial o autoconhecimento; *sem saberem o que são, não existe qualquer* base para o pensamento correcto e sem se conhecerem a vós mesmos, não pode haver transformação. Devem conhecer-se tal como são, não como desejam ser, o que é apenas um ideal e portanto fictício, irreal; é somente aquilo *que é* que pode ser transformado, não aquilo que vocês desejam que seja. Conhecermo-nos tal como realmente somos requer uma extraordinária atenção por parte da mente, porque *o que é* está continuamente em transformação, em mudança; e para o seguir com rapidez e vivacidade, a mente não pode estar amarrada a nenhum dogma, crença ou padrão de acção em particular. Para se seguir algo, não é bom ter-se amarras. Para se conhecerem a vós mesmos, devem ter a consciência, o estado de atenção da mente no qual há a libertação de todas as crenças, de todas as idealizações, porque as crenças e os ideais apenas nos dão uma cor, pervertendo a verdadeira percepção. Se quiserem saber o que são, não podem imaginar ou acreditar numa coisa que não são. Se sou ganancioso, invejoso, violento, o mero facto de ter um ideal de não-violência, de não ser ganancioso, de nada adianta... A compreensão daquilo que são, o que quer que sejam — feios ou bonitos, malvados ou perversos —, a compreensão do que vocês são, sem distorção, é o princípio da virtude. A virtude é essencial, porque dela vem a liberdade.

Janeiro, 24

Autoconhecimento Activo

Sem o autoconhecimento, a experiência alimenta a ilusão; com o autoconhecimento, a experiência, que é a resposta ao desafio, não deixa um resíduo acumulado sob a forma de memória. O autoconhecimento é a descoberta, a cada momento, dos caminhos do eu, das suas intenções e da sua actividade, dos seus pensamentos e apetites. Nunca poderá existir a «vossa experiência» e a «minha experiência»; o próprio termo «minha experiência» é indicador de ignorância e da aceitação da ilusão.

Janeiro, 25

Criatividade através do Autoconhecimento

...Não existe nenhum método para o autoconhecimento. Procurar um método implica, invariavelmente, o desejo de obter um determinado resultado — e é isso que todos nós queremos. Seguimos a autoridade — se não aquela de uma pessoa, então a de um sistema, de uma ideologia — porque queremos um resultado que seja satisfatório, que nos dê segurança. Nós realmente não queremos compreendermo-nos a nós mesmos, os nossos impulsos e reacções, todo o processo do nosso pensar, o consciente e o inconsciente; preferimos procurar um sistema que nos assegure um resultado. Mas a busca de um sistema é invariavelmente a consequência do nosso desejo de segurança, de certeza, e o resultado não é, obviamente, a compreensão de nós mesmos. Quando seguimos um método, temos de ter autoridades — o professor, o guru, o salvador, o Mestre — que nos garantam aquilo que desejamos; e esse não é certamente o caminho para o autoconhecimento.

A autoridade impede a compreensão de nós próprios, não é assim? Sob a protecção de uma autoridade, de um guia, vocês podem ter uma sensação temporária de segurança, uma sensação de bem-estar, mas isso não é a compreensão da totalidade do processo de si mesmo. A própria natureza da autoridade impede a completa consciência de si mesmo e portanto acaba por destruir a liberdade; somente na liberdade pode haver criatividade. Só pode existir criatividade através do autoconhecimento.

Janeiro, 26

Mente Silenciosa, Mente Simples

Quando estamos conscientes de nós mesmos, não se torna todo o movimento do viver um meio de desvendar o «eu», o ego, o *self?* O *self* é um processo muito complexo que apenas pode ser revelado através do relacionamento, nas nossas actividade quotidianas, na forma como falamos, na forma como julgamos, calculamos, no modo como condenamos os outros e a nós mesmos. Tudo isso nos dá a conhecer o estado condicionado da nossa própria forma de pensar, e não será importante estarmos conscientes de todo este processo? É somente através da atenção ao que é verdadeiro, momento a momento, que se dá a descoberta do intemporal, do eterno. Sem o autoconhecimento, o eterno não pode existir. Quando não nos conhecemos a nós mesmos, o eterno torna-se apenas uma palavra, um símbolo, uma especulação, um dogma, uma crença, uma ilusão na qual a mente pode refugiar-se. Mas se começarmos a compreender o «eu» em todas as suas múltiplas actividades, dia a dia, então, nessa mesma compreensão, sem qualquer esforço, o inominável, o intemporal ganha existência. Mas o intemporal não é uma recompensa pelo autoconhecimento. Não se pode procurar obter aquilo que é eterno, a mente não o pode adquirir. O intemporal passa a existir quando a mente está silenciosa, e a mente só pode estar silenciosa quando é simples, quando já não está a acumular, a condenar, a julgar, a pesar. Apenas a mente simples pode compreender o real, não a mente que está cheia de palavras, de conhecimento, de informação. A mente que analisa, que calcula, não é uma mente simples.

Janeiro, 27

Conhecer-se a Si Mesmo

Sem se conhecerem a vós mesmos, façam o que fizerem, não é possível existir o estado de meditação. Por «conhecerem-se a vós mesmos» quero dizer conhecerem cada pensamento, cada estado de espírito, cada palavra, cada sentimento; conhecerem a actividade da vossa mente — não conhecerem o *self* supremo, o grande *self*; não existe uma tal coisa; o *self* mais elevado, o atma, insere-se ainda no campo do pensamento. O pensamento é o resultado do vosso condicionamento, o pensamento é a resposta da vossa memória — ancestral ou recente. E a tentativa de meditar, simplesmente, sem que primeiro tentem estabelecer profunda e irrevogavelmente essa virtude que nasce do autoconhecimento, é completamente ilusória e inútil.

Por favor, é muito importante para aqueles que são sérios que compreendam isto. Porque se não o conseguirem fazer, a vossa meditação e o vosso viver estão divorciados, separados — de tal forma separados que embora possam meditar, praticando infinitas posturas, para o resto das vossas vidas, não conseguirão ver nada para além do vosso próprio nariz; qualquer postura que pratiquem, qualquer coisa que façam, será completamente desprovida de significado.

...É importante compreender o que é este autoconhecimento, o estar simplesmente atento, sem qualquer escolha, ao «eu», que tem a sua fonte num feixe de memórias — estar simplesmente consciente dele sem interpretação, apenas observar o movimento da mente. Mas essa observação é impedida quando estamos apenas a acumular através da observação — o que fazer, o que não fazer, o que alcançar; se fizerem isso, põem fim ao processo vivo do movimento da mente como *self*. Isto é, eu tenho de observar e ver o facto, o real, *o que é*. Se me aproximo dele com uma ideia, com uma opinião — tais como «não devo», ou «devo», que são respostas da memória —, então o movimento *do que é* é obstruído, é bloqueado; e portanto, não existe aprendizagem.

Janeiro, 28

Vazio Criativo

Será que vocês conseguem ouvir isto daquele modo simples como o solo recebe a semente e verem se a mente é capaz de ser livre, vazia? Ela só pode estar vazia através da compreensão de todas as suas próprias projecções, das suas próprias actividades, não de forma intermitente, mas a cada dia, a cada momento. Então encontrarão a resposta, então perceberão que a mudança vem sem que a tenham pedido, que o estado de vazio criativo não é algo que possa ser cultivado — está lá, vem misteriosamente, sem convite prévio, e somente nesse estado há a possibilidade de renovação, inovação, revolução.

Janeiro, 29

Autoconhecimento

O pensar correcto vem com o autoconhecimento. Sem se conhecerem a vós mesmos, não têm qualquer base para o pensamento; sem o autoconhecimento, aquilo que pensam não é verdadeiro.

Vocês e o mundo não são duas entidades diferentes com problemas separados; vocês e o mundo são um. O vosso problema é o problema do mundo. Podem ser o resultado de certas tendências, de influências ambientais, mas não são, na essência, diferentes uns dos outros. No nosso interior, somos muito semelhantes; todos nós somos movidos pela ganância, má vontade, medo, ambição, e assim por diante. As nossas crenças, esperanças, aspirações têm uma base comum. Somos um; somos uma humanidade, embora as fronteiras artificiais da economia, da política e do preconceito nos dividam. Se matarem alguém, estão a destruir-se a vós mesmos. Vocês são o centro do todo, e sem se compreenderem a vós próprios, não podem compreender a realidade.

Temos um conhecimento intelectual desta unidade, mas mantemos o conhecimento e o sentimento em compartimentos diferentes e por isso nunca experimentamos a extraordinária unidade do homem.

Janeiro, 30

O Relacionamento É um Espelho

O autoconhecimento não se processa de acordo com nenhuma fórmula. Vocês podem ir a um psicólogo ou a um psicanalista para descobrir algo sobre vós mesmos, mas isso não é autoconhecimento. O autoconhecimento acontece quando estamos conscientes de nós mesmos no relacionamento, o que nos mostra o que somos de momento a momento. O relacionamento é um espelho no qual nos podemos ver como realmente somos. Contudo, a maioria de nós é incapaz de olhar para si mesma quando está em relação, porque começa imediatamente a condenar ou a justificar o que vê. Julgamos, avaliamos, comparamos, negamos ou aceitamos, mas nunca observamos realmente *o que é*, e para a maioria das pessoas isto parece ser a coisa mais difícil de fazer; no entanto, é isto, e apenas isto, que é o princípio do autoconhecimento. Se formos capazes de nos vermos tal como somos neste extraordinário espelho que é o relacionamento, que não cria distorções, se conseguirmos olhar para este espelho com total atenção e vermos verdadeiramente *o que é*, estarmos conscientes *do que é* sem condenação, sem julgamento, sem avaliação — e conseguimos fazê-lo quando existe um interesse honesto —, então descobriremos que a mente é capaz de se libertar de todo o condicionamento; e é só então que a mente está livre para descobrir esse algo que está para além do campo do pensamento.

Afinal, independentemente do grau de instrução da mente, ela está consciente ou inconscientemente limitada, condicionada, e qualquer extensão deste condicionamento encontra-se ainda dentro do campo do pensamento. Portanto, a liberdade é algo inteiramente diferente.

Janeiro, 31

Fevereiro

Vir a Ser

Crença

Acção

Bem e Mal

Vir a Ser É uma Luta

A vida tal como nós a conhecemos, a nossa vida diária, é um processo de vir a ser. Sou pobre e ajo com um fim em vista, que é o de me tornar rico. Sou feio e quero tornar-me bonito. E portanto, a minha vida consiste num processo de vir a ser algo. A vontade de ser é a vontade de vir a ser, em níveis diferentes de consciência, em estados diferentes, e nela há desafio, resposta, nomear e registo. Assim, este vir a ser é uma luta, este vir a ser é uma dor, não é verdade? É uma batalha constante: sou isto, e quero vir a ser aquilo.

Fevereiro, 1

Todo o Vir a Ser É Desintegração

A mente tem uma ideia, talvez agradável, e quer ser como essa ideia, a qual é uma projecção do vosso desejo. Vocês são isto, algo de que não gostam, e querem vir a ser aquilo, algo de que gostam. O ideal é uma autoprojecção; o oposto é uma extensão *do que é*; não é de forma alguma o oposto, mas uma continuação *do que é*, talvez um pouco modificada. A projecção vem da vontade do eu, e o conflito é a luta pela projecção... Vocês estão a lutar por virem a ser algo, e esse algo é parte de vós mesmos. O ideal é a vossa própria projecção. Observem como a mente pregou uma partida a si própria. Vocês estão a debater-se com palavras, perseguindo a vossa própria projecção, a vossa própria sombra. São violentos, e lutam por se tornarem não-violentos, o ideal; mas o ideal é uma projecção *do que é*, apenas com um nome diferente.

Quando vocês tomam consciência desta partida que pregaram a vós próprios, então conseguirão ver o falso como falso. A luta por uma ilusão é o factor de desintegração. Todo o conflito, todo o vir a ser é desintegração. Quando existe a consciência desta partida que a mente pregou a si mesma, então existe apenas *o que é*. Quando a mente está liberta de todo o vir a ser, de todos os ideais, de toda a comparação e condenação, quando a sua própria estrutura entrou em colapso, então *o que é* sofreu uma transformação completa. Enquanto houver a nomeação *do que é*, existirá relação entre a mente e *o que é*; mas quando este processo de nomeação — o qual é memória, a própria estrutura da mente — não existe, então *o que é* deixa também de existir. Somente nesta transformação existe integração.

Fevereiro, 2

Poderá a Mente Grosseira Tornar-se Sensível?

Prestem atenção à pergunta, ao significado por detrás das palavras. Poderá a mente que é grosseira tornar-se sensível? Se digo que a minha mente é grosseira e tento tornar-me sensível, o próprio esforço para me tornar sensível é grosseiro. Por favor, observem isto. Não fiquem intrigados, mas observem. Ao passo que se eu reconhecer que sou grosseiro, sem tentar tornar-me sensível, se eu começar a compreender o que é a grosseria, observando-a na minha vida, a cada dia — a forma ávida como como, a forma áspera como trato as pessoas, o orgulho, a arrogância, a rudeza dos meus hábitos e pensamentos, — então, essa mesma observação transforma *o que é*.

Do mesmo modo, se sou estúpido e digo que me devo tornar inteligente, o esforço por me tornar inteligente é apenas uma forma maior de estupidez; porque o que é importante é compreender a estupidez. Por mais que tente tornar-me inteligente, a minha estupidez permanecerá. Posso adquirir o verniz superficial da educação, posso ser capaz de citar obras literárias, repetir passagens de grandes autores, mas continuarei, basicamente, a ser estúpido. Mas se eu for capaz de ver e de compreender a estupidez tal como ela se expressa na minha vida de todos os dias — como me comporto com o meu empregado, como encaro o meu vizinho, o pobre, o rico, o padre —, então essa mesma tomada de consciência faz desaparecer a estupidez.

Fevereiro, 3

Oportunidades de Auto-expansão

...A estrutura hierárquica oferece uma excelente oportunidade de auto-expansão. Vocês podem desejar que todos sejam irmãos, mas como é que tal pode acontecer se vocês procuram distinções espirituais? Vocês podem rir-se dos títulos mundanos; mas quando admitem a existência do Mestre, do salvador, do guru no reino do espírito, não estão justamente a fazer uma transposição da mesma atitude mundana? Poderão existir divisões ou graus hierárquicos no crescimento espiritual, na compreensão da verdade, na compreensão de Deus? O amor não admite divisões. Ou se ama ou não se ama; mas não transformem a falta de amor num processo interminável cujo fim é o amor. Quando sabemos, não amamos, quando estamos conscientes desse facto através da atenção sem escolha, então existe a possibilidade de transformação; mas cultivar laboriosamente esta distinção entre o Mestre e o discípulo, entre aqueles que alcançaram e os que não alcançaram, entre o salvador e o pecador, é negar o amor. O explorador, que é por sua vez explorado, encontra um paraíso nesta escuridão e ilusão.

...A separação entre Deus ou a realidade e vós é criada por vós mesmos, pela mente que se agarra ao conhecido, à certeza, à segurança. Esta separação não pode ser anulada; não há nenhum ritual, nenhuma disciplina, nenhum sacrifício que possa fazer a ponte; não existe nenhum salvador, nenhum Mestre, nenhum guru que vos possa conduzir ao real ou que possa destruir esta separação. A divisão não é entre o real e vós; ela está dentro de vós mesmos.

...O essencial é que compreendam o conflito crescente do desejo; e esta compreensão só vem através do autoconhecimento e da constante atenção aos movimentos do eu.

Fevereiro, 4

Para Além de Toda a Experiência

A compreensão do eu requer uma grande dose de inteligência, uma grande dose de observação, de atenção, observando ininterruptamente, de modo a que ela não desapareça. Eu, que sou muito sério, quero dissolver o eu. Quando digo isso, sei que é possível dissolver o eu. Por favor, tenham paciência. No momento em que digo: «Quero dissolver isto», e no processo que sigo para que essa dissolução aconteça, há o experimentar do eu; e assim o eu é reforçado. Portanto, de que forma é possível ao eu não experimentar? Podemos observar que a criação não é de todo a experiência do eu. A criação acontece quando o eu está ausente, porque a criação não é intelectual, não provém da mente, não é uma projecção do eu, é algo que está para além de toda a experiência, tal como a conhecemos. Será possível para a mente ficar quieta, num estado em que não está a reconhecer, o que significa não estar a experimentar, estar num estado no qual a criação pode acontecer — ou seja, quando o eu não está lá, quando o eu está ausente? Estou a ser claro ou não?... O problema é este, não é verdade?... Qualquer movimento da mente, positivo ou negativo, constitui uma experiência que na realidade fortalece o «eu». Será possível para a mente não reconhecer? Isso só pode acontecer quando há um silêncio total, mas não o silêncio que é uma experiência do eu e que, como tal, reforça o eu.

Fevereiro, 5

O que É o Eu?

A procura de poder, posição, autoridade, ambição e tudo o resto são as formas do eu em todas as suas diferentes manifestações. Mas o que é importante é compreender o eu e tenho a certeza de que tanto vós como eu estamos convencidos disso. Se me permitem acrescentar, sejamos sérios acerca deste assunto; porque eu sinto que se vocês e eu enquanto indivíduos, não como um grupo de pessoas pertencentes a determinadas classes, a determinadas sociedades, a determinadas divisões climáticas, podemos compreender isto e agir sobre isto, então penso que acontecerá uma verdadeira revolução. No momento em que se torna universal e com uma melhor organização, o eu refugia-se nisso; ao passo que se vocês e eu enquanto indivíduos pudermos amar, pudermos realmente levar isto a cabo no nosso quotidiano, então essa revolução que é tão essencial poderá ter lugar...

Sabem a que me refiro quando utilizo o termo «eu»? Refiro-me à ideia, à memória, à conclusão, à experiência, às diversas formas de intenções nomeáveis e inomináveis, ao empenho consciente para ser ou para não ser, à memória acumulada do inconsciente, da raça, do grupo, do indivíduo, do clã e do conjunto de tudo isso, quer se projecte exteriormente por meio da acção, ou espiritualmente sob a forma de virtude; o esforço por obter tudo isto é o eu. Nele está incluída a competição, o desejo de ser. A totalidade desse processo é o eu, e na verdade nós sabemos, quando somos confrontados com isso, que é algo mau. Estou a usar a palavra *mau* intencionalmente, porque o eu divide; o eu fecha-se em si mesmo; as suas actividades, por mais nobres que sejam, estão separadas e isoladas. Sabemos tudo isto. Sabemos igualmente que extraordinários são os momentos em que o eu não está presente, nos quais não existe a sensação de empenho, de esforço, e que acontecem quando há amor.

Fevereiro, 6

Quando Há Amor, Não Há Eu

A realidade, a verdade, não pode ser reconhecida. Para que a verdade surja, a crença, o conhecimento, a experiência, a virtude, a procura da virtude — que é diferente de ser-se virtuoso —, tudo isto tem de desaparecer. A pessoa virtuosa que está consciente de procurar a virtude nunca poderá encontrar a realidade. Pode ser uma pessoa muito decente; mas isso é inteiramente diferente do homem de verdade, do homem que compreende. Para o homem de verdade, a verdade ganhou existência. Um homem virtuoso é um homem correcto, e um homem correcto nunca pode compreender o que é a verdade; porque para ele a virtude é a cobertura do eu, o reforço do eu; porque ele procura a virtude. Quando ele diz: «Não devo ser ganancioso», o estado no qual ele não é ganancioso, e que ele experimenta, fortalece o eu. É por isso que é tão importante ser-se pobre, não apenas no que se refere às coisas mundanas, mas também no que diz respeito à crença e ao conhecimento. Um homem abastado em riquezas mundanas, ou um homem rico em conhecimento e crença, nunca conhecerão outra coisa que não a escuridão, e serão o centro de toda a maldade e miséria. Mas se vocês e eu, enquanto indivíduos, conseguirmos ver toda esta actividade do eu, então saberemos o que é o amor. Posso assegurar-vos de que essa é a única reforma que poderá mudar o mundo. O amor não é o eu. O eu não pode reconhecer o amor. Vocês dizem «amo», mas então, no próprio acto de o dizerem, no próprio acto de o experimentarem, não há amor. Mas, quando vocês conhecem o amor, não há eu. Quando há amor, não há eu.

Fevereiro, 7

Compreender O Que É

Certamente, um homem que compreende a vida não quer ter crenças. Um homem que ama não tem crenças — ama. É o homem que está consumido pelo intelecto que tem crenças, porque o intelecto está sempre em busca de segurança, de protecção; está constantemente a evitar o perigo, e portanto constrói ideias, crenças, ideais, nos quais procura refúgio. O que aconteceria se vocês lidassem directamente com a violência, agora? Seriam um perigo para a sociedade; e como a mente antevê o perigo, ela diz «alcançarei o ideal da não-violência daqui a dez anos» — o que é um processo tão fictício e falso... Compreender *o que é* é mais importante do que criar e seguir ideais, porque os ideais são falsos, e *o que é* é o real. Compreender *o que é* requer uma enorme capacidade, uma mente ágil e sem preconceitos. É porque não queremos encarar e compreender *o que é* que inventamos as muitas formas de fugir e damos-lhes nomes adoráveis como ideal, crença, Deus. Por certo que é somente quando vejo o falso como falso que a minha mente se torna capaz de ver o que é verdadeiro. Uma mente que está confundida pelo falso nunca pode descobrir a verdade. Portanto, devo compreender o que é falso nos meus relacionamentos, nas minhas ideias, nas coisas que me dizem respeito, porque perceber a verdade requer a compreensão do falso. Sem se removerem as causas da ignorância, não pode haver iluminação; e procurar a iluminação quando a mente não está iluminada é totalmente vazio, sem sentido. Por isso, devo começar a ver o falso na minha relação com as ideias, com as pessoas, com as coisas. Quando a mente vê aquilo que é falso, então o que é verdadeiro ganha existência e então há êxtase, há felicidade.

Fevereiro, 8

Aquilo em que Acreditamos

Será que a crença traz entusiasmo? Será que o entusiasmo se pode sustentar a si mesmo se não houver uma crença, e será o entusiasmo de todo necessário, ou o que é necessário é um outro tipo de energia, um outro tipo de vitalidade, de actividade? A maioria de nós entusiasma-se com uma coisa ou outra. Somos muito interessados, muito entusiásticos quando se trata de concertos, de exercício físico ou de ir fazer um piquenique. Todavia, a menos que esses entusiasmos sejam constantemente alimentados por uma coisa ou outra, eles acabam por esmorecer e passamos a ter um novo entusiasmo por outras coisas. Haverá uma força que se sustente a si mesma, uma energia, que não dependa de uma crença?

A outra questão é: será que necessitamos de qualquer espécie de crença, e se necessitamos, por que razão isso acontece? Este é um dos problemas relacionados com a questão. Nós não precisamos de acreditar que o Sol, as montanhas e os rios existem. Não precisamos de acreditar que discutimos com as nossas mulheres. Não precisamos de acreditar que a vida é um grande sofrimento com as suas angústias, conflitos e constante ambição; é um facto. Mas exigimos uma crença quando queremos fugir de um facto em direcção a uma irrealidade.

Fevereiro, 9

Conturbados pela Crença

A vossa religião, a vossa crença em Deus, é uma fuga ao real, e portanto não é religião nenhuma. O homem rico que acumula dinheiro por meio da crueldade, da desonestidade, da exploração astuciosa acredita em Deus; e vocês também acreditam em Deus, também são astuciosos, cruéis, desconfiados, invejosos. Será possível encontrar Deus através da desonestidade, do logro, dos truques astuciosos da mente? Será que o facto de vocês coleccionarem todos os livros sagrados e os vários símbolos de Deus significa que são pessoas religiosas? Assim, a religião não é a fuga ao facto; a religião é a compreensão do facto daquilo que vocês são nos vossos relacionamentos quotidianos; a religião é o modo como falam, como dizem as coisas, como se dirigem aos vossos empregados, como tratam a vossa mulher, os vossos filhos, os vossos vizinhos. Enquanto não compreenderem a vossa relação com o vosso vizinho, com a sociedade, com a vossa mulher e os vossos filhos, haverá sempre confusão; e faça o que fizer, a mente que está confusa apenas será capaz de criar mais confusão, mais problemas e mais conflito. Uma mente que foge do real, dos factos do relacionamento, nunca encontrará Deus; uma mente que está conturbada pelas crenças não conhecerá a verdade. Mas a mente que compreende a sua relação com a propriedade, com as pessoas, com as ideias, a mente que já não se debate com os problemas inerentes ao relacionamento, e para a qual a solução não é o afastamento mas a compreensão do amor — essa mente, e apenas ela, pode compreender a realidade.

Fevereiro, 10

Para Além da Crença

Constatamos que a vida é feia, dolorosa, triste; queremos algum tipo de teoria, algum tipo de especulação ou satisfação, algum tipo de doutrina que explique tudo isto, e portanto ficamos enredados na explicação, nas palavras, nas teorias, e, gradualmente, as crenças vão adquirindo raízes profundas e inabaláveis, porque por detrás dessas crenças, por detrás desses dogmas, existe um medo permanente do desconhecido. Mas nós nunca olhamos para esse medo; desviamo-nos dele. Quanto mais fortes forem as crenças, mais fortes serão os dogmas. E quando examinamos estas crenças — cristãs, hindus, budistas — descobrimos que elas dividem as pessoas. Cada dogma, cada crença tem uma série de rituais, uma série de compulsões que prendem e separam os homens. Portanto, começamos com uma investigação para descobrirmos o que é verdadeiro, para descobrirmos qual é o significado deste sofrimento, desta luta, desta dor; e rapidamente nos tornamos prisioneiros de crenças, de rituais, de teorias.

A crença é corrupção, porque por detrás dela e da moralidade esconde-se a mente, o eu — o eu a tornar-se maior, mais forte e poderoso. Nós consideramos a crença em Deus, a crença em algo como sendo a religião. Consideramos que acreditar é ser-se religioso. Compreendem? Se não acreditarem, serão considerados ateus, serão condenados pela sociedade. Uma sociedade condenará aqueles que acreditam em Deus, e outra condenará os que não acreditam. São ambas iguais. Portanto a religião torna-se uma questão de crença — e a crença actua sobre a mente e influencia-a; a mente, neste caso, nunca pode ser livre. Mas é somente na liberdade que vocês podem descobrir o que é verdadeiro, o que é Deus, não através de qualquer crença, porque a vossa própria crença projecta o que vocês pensam que Deus deve ser, o que vocês pensam que deve ser o verdadeiro.

Fevereiro, 11

O Véu da Crença

Vocês acreditam em Deus, e outra pessoa não acredita em Deus, e assim as vossas crenças separam-vos uns dos outros. A crença encontra-se organizada, pelo mundo fora, sob a forma de Hinduísmo, Budismo ou Cristianismo, e deste modo divide um homem do outro. Estamos confusos e achamos que através da crença iremos tornar claro o que é confuso; isto é, a crença é sobreposta à confusão, e nós esperamos que com isso a confusão seja dissipada. Mas a crença é uma mera fuga ao facto que é a confusão; ela não nos ajuda a encarar nem a compreender o facto, mas apenas a fugirmos da confusão em que nos encontramos. Para compreendermos a confusão não é necessária a crença, e a crença apenas actua como um véu entre nós e os nossos problemas. Assim, a religião, que é a crença organizada, torna-se um meio de fuga *ao que é*, ao facto que é a confusão. O homem que acredita em Deus, o homem que acredita no além, ou que tem qualquer outra forma de crença, está a fugir à realidade do que ele próprio é. Não conhecem aqueles que acreditam em Deus, que fazem *puja*, que repetem certos cânticos e mantras, e que nas suas vidas diárias são dominadores, cruéis, ambiciosos, batoteiros, desonestos? Poderão encontrar Deus? Estão realmente à procura de Deus? Será possível encontrar Deus através da repetição de palavras, através da crença? Mas essas pessoas acreditam em Deus, adoram a Deus, vão todos os dias ao templo, fazem de tudo para fugirem ao facto que é a realidade do que são — e vocês consideram-nas respeitáveis porque elas são vocês mesmos.

Fevereiro, 12

Uma Nova Aproximação à Vida

Parece-me que uma das coisas que a maioria de nós aceita de bom grado e toma como garantido é a questão das crenças. Não estou a atacar as crenças. O que estamos a tentar fazer é descobrir por que razão aceitamos as crenças; e se pudermos compreender os motivos, o que está na origem da aceitação, então talvez possamos não só compreender por que o fazemos, mas também libertarmo-nos disso. Podemos observar de que modo as crenças políticas e religiosas, nacionalistas e de muitos outros tipos, separam as pessoas, criam realmente conflito, confusão e antagonismo — o que é um facto óbvio; e ainda assim não temos vontade de nos libertar delas. Existe a crença hindu, a crença cristã, a crença budista — inúmeras crenças sectárias e nacionalistas, diversas ideologias políticas, digladiando-se todas umas às outras, tentando converter-se umas às outras. Podemos observar, como é óbvio, que a crença está a separar as pessoas, a criar intolerância; será possível viver sem crença? Só o poderemos descobrir se nos conseguirmos estudar a nós mesmos na nossa relação com uma crença. Será possível viver neste mundo sem ter uma crença — não mudando de crenças, não substituindo uma crença por outra, mas estar completamente livre de *todas* as crenças, de forma a que possamos ter uma nova aproximação à vida a cada minuto? Isto é, afinal, a verdade: ter a capacidade de encarar tudo de uma nova forma, de momento a momento, sem a reacção condicionante do passado, de modo a que não haja o efeito cumulativo que funciona como uma barreira entre nós mesmos e *o que é.*

Fevereiro, 13

A Crença Impede a Compreensão Verdadeira

Se não tivéssemos qualquer crença, o que é que nos sucederia? Não deveríamos ficar muito assustados com o que pudesse acontecer? Se não tivéssemos qualquer padrão de acção, baseado numa crença — quer fosse em Deus, ou no comunismo, ou no imperialismo, ou nalgum tipo de fórmula religiosa, algum dogma no qual estamos condicionados — sentir-nos-íamos totalmente perdidos, não era? E não é esta aceitação da crença o disfarce desse medo — do medo de no fundo não sermos nada, de sermos vazios? Afinal, uma chávena apenas tem utilidade se estiver vazia; e uma mente que está cheia de crenças, de dogmas, de certezas, de citações, é na verdade uma mente incapaz de criar; é tão-somente uma mente repetitiva. Para escaparmos desse medo — desse medo do vazio, desse medo da solidão, desse medo da estagnação, de não se chegar, de não se conseguir, de não se alcançar, de não se ser alguma coisa, de não se vir a ser alguma coisa — é certamente uma das razões, não é verdade, por que aceitamos as crenças tão rápida e avidamente? E, através da aceitação da crença, será que nos compreendemos a nós mesmos? Pelo contrário. Uma crença, religiosa ou política, impede, obviamente, a compreensão de nós mesmos. Actua como um véu através do qual olhamos para nós próprios. E poderemos olhar para nós próprios sem as crenças? Se removermos estas crenças, as muitas crenças que temos, sobrará alguma coisa para a qual olharmos? Se não tivermos nenhumas das crenças com as quais a mente se tenha identificado, então a mente, sem identificação, torna-se capaz de se ver a si mesma tal qual é — e então, tem por certo início a compreensão de nós mesmos.

Fevereiro, 14

Observação Directa

Por que criam as ideias raízes na nossa mente? Por que não se tornam os factos o mais importante — e não as ideias? Por que é que as teorias, as ideias, se tornam tão importantes em vez dos factos? Será que não conseguimos compreender o facto, ou que não temos a capacidade, ou que tememos encarar o facto? Portanto, as ideias, as especulações, as teorias são um meio de fugir do facto...

Podem fugir, podem fazer todo o tipo de coisas; os factos permanecem lá — o facto de estarmos zangados, o facto de sermos ambiciosos, o facto de sermos seres sexuais, milhentas coisas. Podem reprimi-los, podem transmutá-los, o que é uma outra forma de repressão; podem controlá-los, mas eles estarão todos a ser reprimidos, controlados e disciplinados por meio de ideias... Não é verdade que as ideias nos fazem perder a nossa energia? Não é verdade que as ideias embotam a mente? Podemos ser inteligentes quando especulamos, quando citamos alguém; mas, como é óbvio, é uma mente embotada que cita, que leu muito, e cita.

...Acabarão com o conflito dos opostos de uma só vez se forem capazes de viver com o facto e com isso libertarem a energia necessária para encararem o facto. Para a maior parte de nós, a contradição é um campo extraordinário no qual a mente se encontra aprisionada. Quero fazer determinada coisa, e acabo por fazer algo completamente diferente; mas se eu encarar o facto de querer fazer determinada coisa, deixa de haver contradição; e assim, de uma só vez, abulo por completo todo o significado da oposição, e então a minha mente fica inteiramente atenta *ao que é*, e com a compreensão *do que é.*

Fevereiro, 15

Acção sem Ideia

É somente quando a mente se encontra livre da ideia que pode haver experimentação. As ideias não são a verdade; e a verdade é algo que deve ser experimentado de forma directa, de momento a momento. Não se trata de uma experiência que seja desejada por vós — o que seria mera sensação. É apenas quando conseguimos ir além do feixe de ideias — que constitui o «eu», que constitui a mente, que tem uma continuidade parcial ou completa —, só quando conseguimos ir para além disso, quando o pensamento se encontra completamente silencioso, é que existe um estado que permite a experimentação. Então saberemos o que é a verdade.

Fevereiro, 16

Acção sem o Processo do Pensamento

O que entendemos por ideia? Certamente a ideia é o processo do pensamento. Não é verdade? A ideia é um processo da actividade mental, da actividade do pensamento; e a actividade do pensamento é sempre uma reacção ou do consciente, ou do inconsciente. Pensar é um processo de verbalização, o qual resulta da memória; pensar é um processo do tempo. Portanto, quando a acção se baseia no processo do pensamento, uma tal acção deve, inevitavelmente, ser condicionada, isolada. Uma ideia deve opor-se a outra ideia, uma ideia deve ser dominada por outra ideia. Então verifica-se uma lacuna entre a acção e a ideia. O que nós estamos a tentar descobrir é se a acção pode existir sem a ideia. Podemos observar o quanto a ideia separa as pessoas. Tal como já vos expliquei, o conhecimento e a crença são, na sua essência, qualidades que separam. As crenças nunca unem as pessoas; elas separam sempre as pessoas; quando a acção se baseia na crença, ou numa ideia, ou num ideal, torna-se inevitável que ela seja isolada, fragmentada. É possível agir sem o processo do pensamento, sendo o pensamento um processo do tempo, um processo de cálculo, um processo de autoprotecção, um processo de crença, negação, condenação, justificação. Certamente vos deve ter ocorrido, como me ocorreu a mim, se poderá ser possível haver acção sem a ideia.

Fevereiro, 17

As Ideias Limitam a Acção?

Poderão as ideias alguma vez produzir acção, ou será que elas apenas moldam o pensamento e limitam, consequentemente, a acção? Quando a acção é impulsionada por uma ideia, ela nunca pode libertar o homem. É extraordinariamente importante para nós que compreendamos este ponto. Se uma ideia der forma à acção, então a acção nunca poderá trazer a solução para os nossos sofrimentos, porque, antes que ela possa ser posta em acção, temos de descobrir, primeiro, como é que surge a ideia.

Fevereiro, 18

A Ideologia Evita a Acção

O mundo está permanentemente à beira da catástrofe. Mas parece que actualmente se encontra ainda mais próximo dela. Ao nos apercebermos desta catástrofe iminente, muitos de nós refugiam-se na ideia. Nós pensamos que esta catástrofe, esta crise, pode ser resolvida através de uma ideologia. A ideologia é sempre um impedimento ao relacionamento directo, e isto não permite a acção. Nós desejamos a paz apenas como uma ideia, mas não como uma realidade. Queremos a paz somente ao nível verbal, o qual se encontra exclusivamente ao nível do pensamento, embora seja com orgulho que lhe chamamos o nível intelectual. Mas a palavra paz não é a paz. A paz só pode existir quando cessar a confusão que se estabelece entre vós e o outro. Estamos apegados ao mundo das ideias e não à paz. Procuramos novos padrões sociais e políticos, não procuramos a paz; estamos preocupados com a reconciliação dos efeitos e não com a erradicação das causas da guerra. Esta procura apenas nos trará respostas condicionadas pelo passado. É a este condicionamento que chamamos conhecimento, experiência; e os factos novos, em mudança, são traduzidos, interpretados, de acordo com este conhecimento. Portanto, existe conflito entre *o que é* e a experiência passada. O passado, que é conhecimento, estará sempre em conflito com o facto, que se situa sempre no presente. Assim, isto não irá resolver o problema, mas antes perpetuar as condições que criaram o problema.

Fevereiro, 19

Acção sem Ideação

A ideia é o resultado do processo do pensamento, o processo do pensamento é a resposta da memória, e a memória está sempre condicionada. A memória está sempre no passado, e essa memória ganha vida no presente por meio de um desafio. A memória não tem qualquer tipo de vida em si mesma; é-lhe dada vida no presente quando é confrontada por um desafio. E toda a memória, latente ou activa, é condicionada, não é verdade? Assim sendo, tem de haver uma aproximação totalmente diferente. Têm de descobrir por vós mesmos, interiormente, se estão a agir sobre uma ideia, e se poderá existir acção sem ideação.

Fevereiro, 20

Agir sem Ideia É o Caminho do Amor

O pensamento está sempre limitado pelo pensador, que está condicionado; o pensador está sempre condicionado e nunca é livre; quando ocorre um pensamento, segue-se imediatamente uma ideia. A ideia como meio para a acção só poderá dar origem a mais confusão. Estando conscientes de tudo isto, será possível agir sem ideia? Sim, é o caminho do amor. O amor não é uma ideia; não é uma sensação; não é uma memória; não é um sentimento de adiamento, um dispositivo de autoprotecção. Só podemos estar despertos para o caminho do amor quando compreendemos todo o processo da ideia. Agora, será possível abandonar os outros caminhos e conhecer o caminho do amor, que é a única redenção que existe? Nenhum outro caminho, político ou religioso, irá resolver o problema. Não se trata de uma teoria sobre a qual terão de reflectir para depois adoptarem nas vossas vidas; deve ser real...

...Existe ideia quando amamos? Não o aceitem; observem-no, examinem-no, investiguem-no profundamente; porque nós já tentámos todos os outros caminhos, e não nos deram qualquer resposta para o sofrimento. Os políticos podem prometê-lo; as assim chamadas organizações religiosas podem prometer uma felicidade futura; mas não a temos no presente, e o futuro tem uma importância muito relativa quando estou faminto. Tentámos todos os outros caminhos; e só podemos conhecer o caminho do amor se conhecermos o caminho da ideia e abandonarmos a ideia, o que é agir.

Fevereiro, 21

O Conflito dos Opostos

Pergunto-me se existirá uma tal coisa a que se possa chamar o mal? Por favor, prestem atenção, acompanhem-me, vamos investigar juntos. Dizemos que existe o bem e o mal. Existe a inveja e o amor, e dizemos que a inveja é má e que o amor é bom. Por que razão dividimos a vida, chamando bom a isto e mau àquilo, criando desta forma o conflito entre os opostos? Não que a inveja, o ódio, a brutalidade não existam na mente e no coração humanos, uma ausência de compaixão, de amor, mas por que dividimos a vida entre a coisa a que chamamos bem e a coisa a que chamamos mal? Não existirá, na verdade, apenas uma única coisa, que é uma mente que não está atenta? Certamente, quando há uma atenção total, isto é, quando a mente está completamente consciente, alerta, atenta, não existe uma tal coisa como mal ou bem; existe apenas um estado de consciência desperta. Então, a bondade não é uma qualidade, uma virtude, é um estado de amor. Quando existe amor, não há bem nem mal, há apenas amor. Quando vocês amam verdadeiramente alguém, não pensam em termos de bem ou de mal, todo o vosso ser está repleto desse amor. É somente quando cessa a atenção completa, quando cessa o amor, que surge o conflito entre o que sou e o que deveria ser. Então, aquilo que sou é o mal e aquilo que deveria ser é o assim chamado bem.

...Observem a vossa mente e verão que no momento em que a mente pára de pensar em termos de vir a ser algo diferente do que é, dá-se um terminar da acção que não é estagnação; é um estado de atenção total, que é bondade.

Fevereiro, 22

Para Além da Dualidade

Não estão conscientes dela? Não são as suas acções óbvias, a sua tristeza esmagadora? Quem a criou senão cada um de nós? Quem é responsável por ela senão cada um de nós? Do mesmo modo que criámos o bem, por pouco que seja, também criámos o mal, por mais vasto que seja. O bem e o mal são parte de nós e são também independentes de nós. Quando somos mesquinhos no que pensamos-sentimos, invejosos, com ganância e ódio, estamos a aumentar o mal que nos dilacera. Este problema do bem e do mal, este problema conflituoso, está sempre connosco à medida que o vamos criando. Tornou-se parte de nós mesmos, este querer e não querer, amar e odiar, desejar e renunciar. Estamos continuamente a criar esta dualidade na qual o pensamento-sentimento é apanhado. O pensamento-sentimento pode ir além e acima do bem e do seu oposto somente quando compreende a sua causa — o desejo. Ao compreendermos o mérito e o demérito, libertamo-nos de ambos. Os opostos não se podem fundir e deverão ser transcendidos através da dissolução do desejo. Cada oposto deve ser bem estudado, atentamente sentido, tão vasta e profundamente quanto possível, através de todas as camadas da consciência. A partir deste pensar e deste sentir profundos, uma nova compreensão é despertada, a qual não é produto do desejo ou do tempo.

Existe mal no mundo e nós estamos a contribuir para ele, da mesma forma que contribuímos para o bem. Parece que o homem se une mais facilmente no ódio do que no bem. Um homem sábio compreende a causa do bem e do mal, e através da compreensão, liberta o pensamento-sentimento dela.

Fevereiro, 23

Justificar o Mal

É óbvio que a presente crise que grassa por todo o mundo tem um carácter excepcional, sem precedentes. Tem havido crises de diversos tipos em períodos diferentes da história — sociais, nacionais, políticas. As crises vêm e vão; recessões económicas, depressões, chegam, são modificadas, e continuam sob uma outra forma. Sabemos isso; estamos familiarizados com esse processo. *Mas a presente crise é certamente diferente, não é?* É diferente, porque, em primeiro lugar, estamos a lidar não com dinheiro nem com coisas tangíveis, mas com ideias. Esta crise é excepcional porque se situa no campo da ideação. Estamos a guerrear com ideias, estamos a justificar o assassínio; em toda a parte do mundo estamos a justificar o assassínio como meio para se atingir um fim que é correcto, o que é, em si próprio, algo que nunca havia acontecido anteriormente. No passado, o mal era reconhecido como mal, o assassinato era reconhecido como tal, mas agora o assassinato é um meio de se atingir um resultado nobre. O assassínio, seja de uma única pessoa ou de um grupo de pessoas, é justificado, porque o assassino, ou o grupo que o assassino representa, o justifica como um meio de alcançar um resultado que será benéfico para a humanidade. Ou seja, sacrificamos o presente em nome do futuro — e não importa quais os meios que empregamos desde que o nosso propósito expresso seja o de produzir um resultado que dizemos trazer benefícios à humanidade. Portanto, o que está implícito é que um meio errado pode produzir um fim correcto, e justificamos os meios errados através da ideação... Dispomos de uma magnífica estrutura de ideias para justificarmos o mal e isso é certamente algo sem precedentes. O mal é mal; não pode dar origem a algo bom. A guerra não é um meio para se alcançar a paz.

Fevereiro, 24

A Bondade Não Tem Motivo

Se eu tiver um motivo para ser bom, será que isso faz nascer a bondade? Ou será a bondade algo que é completamente desprovido desta ânsia de ser bom, que está sempre baseada num motivo? Será o bem o oposto do mau, o oposto do mal? Cada oposto contém em si a semente do seu próprio oposto, não é assim? Existe a ganância, e existe o ideal da não-ganância. Quando a mente procura a não-ganância, quando ela tenta deixar de ser gananciosa, está a continuar a sê-lo, porque está a querer ser algo. A ganância implica desejar, adquirir, expandir; e quando a mente vê que ser gananciosa não compensa, começa a desejar deixar de ser gananciosa, portanto o motivo continua a ser o mesmo, o de ser ou de adquirir algo. Quando a mente quer deixar de querer, a raiz do querer, do desejo, ainda permanece lá. Portanto a bondade não é o oposto do mal; é um estado totalmente diferente. E o que é esse estado?

É óbvio que a bondade não tem motivo, porque todo o motivo tem a sua base no eu; é o movimento egocêntrico da mente. Portanto, o que queremos dizer quando falamos de bondade? Certamente só existe bondade quando há uma atenção total. A atenção não tem motivo. Quando existe um motivo para a atenção, haverá realmente atenção? Se presto atenção, porque quero adquirir algo, a aquisição, seja ela boa ou má, não é atenção — é uma distracção. Uma divisão. Só existe bondade quando há uma totalidade de atenção na qual não se verifica nenhum esforço para ser ou para não ser.

Fevereiro, 25

Evolução Humana

Será necessário conhecermos a embriaguês para que possamos conhecer a sobriedade? Será necessário que vocês conheçam o ódio para que possam saber o que significa ser-se compassivo? Será que precisam de passar por guerras, pela vossa destruição e a dos outros, para saberem o que é a paz? Esta é certamente uma forma de pensar completamente errada, não é assim? Primeiro acreditam que existe evolução, crescimento, um movimento que vai do mau para o bom, e depois deixam que a vossa forma de pensar adopte este padrão. É óbvio que existe um crescimento físico, a pequena planta que se transforma numa grande árvore; há progresso tecnológico, a roda que evoluiu ao longo de séculos e que chegou ao avião a jacto. Mas será que há um progresso psicológico, uma evolução? É isso que estamos a discutir — se haverá um crescimento, uma evolução do «eu», que começa com o mal e termina com o bem. Poderá o «eu», que é o centro do mal, através de um processo de evolução, através do tempo, vir alguma vez a tornar-se nobre, bom? É óbvio que não. Aquilo que é mau, o «eu» psicológico, permanecerá sempre mau. Mas nós não o queremos encarar. Pensamos que através do processo do tempo, através do crescimento e da mudança, o «eu» tornar-se-á enfim realidade. É esta a nossa esperança, o nosso anseio — que o «eu» se irá aperfeiçoar com o tempo. O que é este «eu»? É um nome, uma forma, um feixe de memórias, esperanças, frustrações, desejos, dores, tristezas, alegrias passageiras. Nós queremos que este «eu» continue e se torne perfeito, e portanto dizemos que para além do «eu» existe um «super-eu», um eu mais elevado, uma entidade espiritual que é intemporal, mas uma vez que podemos pensar nela, essa entidade «espiritual» pertence ainda ao campo do tempo, não é? Se podemos pensar nela, isso significa que ela se encontra, como é óbvio, dentro do campo da nossa razão.

Fevereiro, 26

Liberdade em relação à Ocupação

Poderá a mente ficar livre do passado, livre do pensamento — não do bom ou mau pensamento? Como posso descobrir isso? Só o posso descobrir se observar aquilo de que a mente se ocupa. Se a minha mente está ocupada com o bom ou com o mau, então está apenas preocupada com o passado, está ocupada com o passado. Portanto, o importante é descobrir com o que é que a mente se ocupa. Sempre que a mente está ocupada, está ocupada com o passado, porque toda a nossa consciência é passado. O passado não se encontra apenas à superfície, mas ao mais alto nível, e a pressão sobre o inconsciente é também o passado...

Poderá a mente ficar livre da ocupação? Ou seja, poderá a mente estar completamente desocupada, e deixar a memória, os pensamentos bons ou maus, fluírem sem escolha? Sempre que a mente está ocupada com um pensamento, bom ou mau, está ocupada com o passado... Se ouvirem com atenção — não apenas verbalmente, mas muito profundamente — então poderão ver que existe uma estabilidade que não vem da mente, que é a libertação do passado.

E no entanto, o passado nunca pode ser posto de lado. Há um observar do passado à medida que ele vai correndo, mas não uma ocupação com ele. Assim, a mente está livre para observar e para não escolher. Onde houver escolha neste movimento do rio da memória, haverá ocupação; e a partir do momento que a mente se encontra ocupada, fica aprisionada no passado; e quando a mente está ocupada com o passado, torna-se incapaz de ver algo real, verdadeiro, novo, original, incontaminado.

Fevereiro, 27

O Pensar Gera Esforço

«Como posso permanecer livre de pensamentos maus, de pensamentos maus e caprichosos?» Existirá o pensador, aquele que está separado do pensamento, separado dos pensamentos maus e caprichosos? Por favor, observem as vossas próprias mentes. Dizemos: «Existe o *eu* que diz "Este pensamento é caprichoso", "Isto é mau", "Tenho de controlar este pensamento", "Tenho de me ater a este pensamento".» Isto é o que conhecemos. Será que esse alguém, o *eu*, o pensador, o juiz, aquele que julga, que censura, diferente de tudo isto? Será o *eu* diferente do pensamento, diferente da inveja, diferente do mal? O *eu* que diz que é diferente deste mal está perpetuamente a tentar superar-me, empurrar-me para longe, a tentar tornar-se algo. Portanto vocês têm esta luta, o esforço para afastar certos pensamentos, para não se ser caprichoso.

Fomos nós que criámos, através do próprio processo do pensamento, este problema do esforço. Estão a acompanhar o que digo? Então vocês deram origem à disciplina, ao controlo do pensamento — o *eu* a controlar os pensamentos que não são bons, o *eu* que está a tentar não ser invejoso, violento, que está a tentar ser isto e ser aquilo. Assim, deram origem ao próprio processo do esforço quando existe o *eu* e algo que ele está a controlar. Esta é a realidade da nossa existência quotidiana.

Fevereiro, 28

Março

Dependência

Apego

Relacionamento

Medo

Uma Mente Livre É Humilde

Alguma vez se debruçaram sobre a questão da dependência psicológica? Se a observarem muito profundamente, descobrirão que a maior parte de nós se encontra terrivelmente só. A maioria de nós tem uma mente muito superficial e vazia. A maioria de nós não sabe o que é o amor. Assim, devido a essa solidão, devido a essa insuficiência, à privação da vida, apegamo-nos a algo, apegamo-nos à família; dependemos dela. E quando a mulher ou o marido desviam de nós a sua atenção, ficamos enciumados. O ciúme não é amor; mas o amor que a sociedade atribui à família está investido de respeitabilidade. Essa é outra forma de defesa, outra forma de fugirmos de nós mesmos. Portanto, qualquer forma de resistência alimenta a dependência. E uma mente que é dependente nunca poderá ser livre.

Vocês precisam de ser livres, porque assim poderão observar que uma mente que é livre contém a essência da humildade. Uma tal mente, que é livre e, portanto, humilde, pode aprender — o que não acontece com uma mente que tem resistências. Aprender é uma coisa extraordinária — aprender, não acumular conhecimento. Acumular conhecimento é algo completamente diferente. Aquilo a que chamamos conhecimento é relativamente fácil, porque se inscreve no movimento que parte do conhecido para o conhecido. Mas aprender é um movimento que parte do conhecido para o desconhecido — só assim podem aprender, não é verdade?

Março, 1

Nunca Questionamos o Problema da Dependência

Por que somos dependentes? Dependemos psicologicamente e interiormente de uma crença, de um sistema, de uma filosofia; pedimos a outros um modelo de conduta; procuramos guias que nos ensinem um modo de vida que nos proporcione alguma esperança, alguma felicidade. Portanto, estamos sempre à procura de algum tipo de dependência, de segurança, não é verdade? Será que a mente poderá alguma vez libertar-se deste sentido da dependência? Isto não significa que a mente deva alcançar a independência — isso é apenas a reacção à dependência. Não estamos a falar de independência, da libertação relativamente a um determinado estado. Se pudermos investigar sem a reacção da procura de libertação relativamente a um estado particular de dependência, então poderemos ir muito mais fundo na nossa investigação... Aceitamos a necessidade de dependência; dizemos que é inevitável. Nunca questionamos realmente este assunto a fundo, a razão de cada um de nós procurar algum tipo de dependência. Não é verdade que, lá bem no fundo, nós exigimos, de facto, segurança, permanência? Estando nós imersos num estado de confusão, queremos que alguém nos salve dessa mesma confusão. Assim, estamos sempre preocupados com a forma de escaparmos ou de evitarmos o estado no qual nos encontramos. No processo de evitarmos esse estado, torna-se inevitável que criemos algum tipo de dependência, a qual se transforma numa autoridade para nós. Se dependermos de outro para termos a nossa segurança, para o nosso bem-estar interior, surgem, dessa mesma dependência, inúmeros problemas, e então tentamos resolver esses problemas — os problemas do apego. Mas nunca questionamos, nunca investigamos profundamente o problema da dependência em si próprio. Talvez se nós conseguirmos investigar esta questão de um modo verdadeiramente inteligente, com uma total atenção, então talvez possamos descobrir que a dependência não é de todo o que está em causa — que ela é somente uma forma de fugirmos de um facto mais profundo.

Março, 2

Existe um Facto mais Profundo que nos Torna Dependentes

Sabemos que somos dependentes — do nosso relacionamento com os outros, ou de alguma ideia, ou de algum sistema de pensamento. Porquê?

...Na verdade, não considero que a dependência seja o problema; penso que existe um factor mais profundo que nos torna dependentes. E, se formos capazes de esclarecer isso, então, tanto a dependência quanto a luta pela liberdade terão muito pouca importância; então, todos os problemas que surgem com a dependência se dissiparão. Portanto, qual é esse factor mais profundo? Será o facto de a mente detestar, temer, a ideia de estar só? E será que a mente conhece esse estado que tenta a todo o custo evitar? Enquanto essa solidão não for verdadeiramente compreendida, sentida, penetrada, dissolvida — qualquer que seja o termo que desejem empregar —, enquanto esse sentimento de solidão perdurar, a dependência é inevitável, e nunca conseguiremos ser livres; nunca poderemos descobrir por nós mesmos aquilo que é verdadeiro, aquilo que é a religião.

Março, 3

Tornar-se Profundamente Desperto

A dependência desencadeia o movimento da indiferença e do apego, um conflito constante no qual não há nem compreensão nem libertação. Vocês devem tornar-se conscientes do processo do apego e da dependência, tornar-se conscientes dele sem condenação, sem julgamento, e então perceberão o significado deste conflito de opostos. Se conseguirem estar profundamente conscientes e dirigirem o pensamento no sentido da compreensão do que realmente significa a necessidade, a dependência, então a vossa mente consciente ficará aberta e clarificada relativamente a isto; e então, o subconsciente, com as suas motivações, buscas e intenções ocultas, projectar-se-á no consciente. Quando isto acontece, devem estudar e compreender cada sugestão do subconsciente. Se fizerem isto muitas vezes, tornando-se conscientes das projecções do subconsciente que têm lugar depois de o consciente ter resolvido o problema através do pensamento da forma mais clara possível, então, apesar de darem atenção a outros assuntos, o consciente e o subconsciente resolverão o problema da dependência, ou qualquer outro problema. Assim, fica estabelecida uma atenção constante que, de forma paciente e suave, dará origem à integração; e se a vossa saúde e a vossa alimentação estiverem correctas, isto vos trará, por sua vez, uma plenitude do ser.

Março, 4

Relacionamento

O relacionamento baseado na necessidade mútua só pode trazer conflito. Independentemente do quanto possamos ser interdependentes, nós estamos a usar-nos uns aos outros com um propósito, com um fim. Quando há um fim em vista, não há relacionamento. Vocês podem usar-me e eu posso usar-vos. Neste uso perdemos o contacto. Uma sociedade baseada no uso mútuo constitui os alicerces da violência. Quando utilizamos outra pessoa, temos apenas a imagem do fim que temos em vista. O fim, o ganho, impede o relacionamento, a comunhão. Na utilização de outra pessoa, por mais gratificante e reconfortante que seja, está sempre presente o medo. Para evitarmos este medo, temos de possuir. A partir desta posse surgem a inveja, a desconfiança e o conflito constantes. Um tal relacionamento nunca poderá ser uma fonte de felicidade.

Uma sociedade cuja estrutura se baseia na mera necessidade, fisiológica ou psicológica, tem forçosamente de alimentar o conflito, a confusão e a miséria. A sociedade é a projecção de vós mesmos no vosso relacionamento com o outro, no qual predominam a necessidade e a utilização. Quando fazem uso de outra pessoa para responderem às nossas necessidades, físicas ou psicológicas, não estão, de facto, em relação com essa pessoa; não têm verdadeiramente qualquer contacto com ela, nenhuma comunhão com ela. Como é possível estarem em comunhão com o outro quando ele está a ser utilizado como uma peça de mobiliário, para vossa conveniência e conforto? Portanto, é essencial compreender a importância do relacionamento na vida diária.

Março, 5

O «Eu» É a Posse

A renúncia, o auto-sacrifício, não é um gesto de grandeza que deva ser elogiado e seguido. Queremos possuir, porque sem a posse não existimos. As posses são muitas e variadas. Alguém que não tem posses materiais pode estar apegado ao conhecimento, às ideias; outro pode estar apegado à virtude, outro, à experiência, outro, ao nome e à fama, e assim por diante. Sem as posses, o «eu» não existe; o «eu» é a posse, a mobília, a virtude, o nome. Por causa deste medo do não ser, a mente está apegada ao nome, à mobília, ao valor; e abandoná-los-á por um nível mais elevado, sendo o mais elevado aquilo que é mais gratificante, mais permanente. O medo da incerteza, de não ser, produz o apego, a posse. Quando a posse não é satisfatória ou provoca dor, renunciamos a ela em troca de um apego mais prazeroso. A posse mais gratificante é, em última instância, a palavra *Deus*, ou o seu substituto, o Estado.

...Enquanto não estiverem dispostos a ser nada, e de facto não estão, é inevitável que vocês alimentem a tristeza e o antagonismo. A vontade de ser nada não é uma questão de renúncia, de constrangimento, interior ou exterior, mas de se ver a verdade *do que é*. Ver a verdade *do que é* liberta-nos do medo da insegurança, o medo que alimenta o apego e conduz à ilusão de desapego, de renúncia. O amor por *o que é* é o começo da sabedoria. Só o amor pode partilhar, só ele pode entrar em comunhão; mas a renúncia e o auto-sacrifício são os caminhos do isolamento e da ilusão.

Março, 6

Explorar É Ser-se Explorado

Como a maioria de nós procura o poder sob uma forma ou outra, é assim estabelecido o princípio da hierarquia, o novato e o iniciado, o aluno e o Mestre, e até mesmo entre os mestres existem graus de crescimento espiritual. A maior parte de nós adora explorar e ser explorado, e o sistema em que vivemos oferece-nos todos os meios para tal, estejam eles ocultos ou à vista. Explorar é ser-se explorado. O desejo de fazermos uso dos outros para as nossas necessidades psicológicas abre caminho à dependência, e quando dependemos temos de agarrar, de possuir; e aquilo que possuímos possui-nos. Sem dependência, subtil ou grosseira, sem possuirmos coisas, pessoas e ideias, ficamos vazios, tornamo-nos algo sem importância. Queremos ser alguma coisa e, para evitarmos o medo corrosivo de não sermos nada, passamos a pertencer a esta ou àquela organização, a esta ou àquela ideologia, a esta igreja ou àquele templo; portanto somos explorados, e por nosso lado, também exploramos.

Março, 7

Cultivar o Desapego

Só existe apego; não existe uma tal coisa a que se possa chamar desapego. A mente inventa o desapego como reacção à dor do apego. Quando vocês reagem ao apego tornando-se «desapegados», isso significa que estão apegados a qualquer outra coisa. Assim, todo esse processo é um processo de apego. Estão apegados à vossa mulher ou ao vosso marido, aos vossos filhos, a ideias, à tradição, à autoridade, e assim por diante; e a vossa reacção a esse apego é o desapego. Cultivar o desapego é o resultado da tristeza, da dor. Querem fugir da dor do apego, e a vossa fuga é encontrarem algo a que pensam que se podem apegar. Portanto, existe apenas o apego. E é uma mente estúpida que cultiva o desapego. Todos os livros dizem: «Sejam desapegados», mas qual é a verdade disto? Se observarem a vossa própria mente, poderão ver uma coisa extraordinária — que, ao cultivar o desapego, a vossa mente se está a tornar apegada a uma outra coisa.

Março, 8

O Apego é Auto-Ilusão

Somos as coisas que possuímos, somos aquilo a que estamos apegados. O apego não tem qualquer nobreza. O apego ao conhecimento não é em nada diferente de qualquer outra dependência gratificante. O apego é estar absorto sobre si mesmo, quer seja ao nível mais baixo ou mais elevado. O apego é auto-ilusão, é uma fuga ao vazio do eu. As coisas às quais estamos apegados — bens, pessoas, ideias — tornam-se o mais importante, pois sem as muitas coisas que preenchem o seu vazio, o eu não tem existência. É o medo de não existir que dá origem à posse; e o medo alimenta a ilusão, a sujeição às conclusões. As conclusões, materiais ou ideológicas, impedem a fruição da inteligência, da liberdade na qual, e única e exclusivamente nela, a realidade pode passar a existir; e sem esta liberdade, a astúcia é tomada por inteligência. Os caminhos da astúcia são sempre complexos e destrutivos. É esta astúcia autoprotectora que origina o apego; e quando o apego causa dor, é esta mesma astúcia que busca o desapego e encontra prazer no orgulho e na vaidade da renúncia. A compreensão dos caminhos da astúcia, dos caminhos do eu, é o princípio da inteligência.

Março, 9

Enfrentem o Facto e Vejam o que Acontece

Todos nós já experimentámos o sentimento de uma terrível solidão, na qual os livros, a religião, tudo desapareceu e nós ficámos terrivelmente, interiormente, sós, vazios. A maioria de nós não consegue enfrentar esse vazio, essa solidão, e foge dela. A dependência é uma das coisas para as quais fugimos, das quais dependemos, porque não suportamos estar sós connosco mesmos. Precisamos de ter o rádio, ou um livro, ou alguém para conversar, um incessante palrar sobre isto e aquilo, sobre arte e sobre cultura. Assim, chegamos àquele ponto em que sabemos que temos esta extraordinária sensação de auto-isolamento. Podemos ter um excelente emprego, trabalhar arduamente, escrever livros, mas interiormente temos este enorme vácuo. Queremos preenchê-lo, e a dependência é uma das formas de o fazermos. Utilizamos a dependência, o divertimento, os trabalhos para a igreja, as religiões, a bebida, as mulheres, mil e uma coisas para o preenchermos, para o encobrirmos. Se constatarmos que é completamente inútil tentar encobri-lo, completamente inútil — não verbalmente, não com convicção e portanto com acordo e determinação — , mas se conseguirmos ver o carácter totalmente absurdo disso... então somos confrontados com um facto. Não é uma questão de como se ser livre da dependência; isso não é um facto; isso é apenas uma reacção a um facto... Por que é que não enfrento o facto e vejo o que acontece?

Surge então a questão do observador e da coisa observada. O observador diz: «Estou vazio; não gosto de me sentir assim», e foge desse sentimento. O observador diz: «Sou diferente do vazio.» Mas o observador é o vazio; não se trata do vazio a ser visto por um observador. O observador é a coisa observada. Dá-se uma imensa revolução no pensar e no sentir quando tal acontece.

Março, 10

O Apego É uma Fuga

Tentem estar conscientes do vosso condicionamento. Só o podem conhecer de forma indirecta, em relação a algo. Não é possível estarem conscientes do vosso condicionamento como uma abstracção, porque nesse caso tudo se passa a um nível meramente verbal, com pouco significado. Estamos apenas conscientes do conflito. O conflito existe quando não há integração entre o desafio e a resposta. Este conflito é o resultado do nosso condicionamento. O condicionamento é apego: apego ao trabalho, à tradição, à propriedade, às pessoas, às ideias, e assim por diante. Se não houvesse qualquer apego, haveria condicionamento? É claro que não. Portanto, por que é que sentimos apego? Sinto apego ao meu país, porque, através da identificação com ele, torno-me alguém. Identifico-me com o meu trabalho, e assim o trabalho torna-se importante. Eu sou a minha família, a minha propriedade; estou apegado a tudo isso. O objecto do meu apego oferece-me o meio de fuga ao meu próprio vazio. O apego é uma fuga, e é a fuga que fortalece o condicionamento.

Março, 11

Estar Só

Estar só, que não é o mesmo que defender uma filosofia da solidão, é obviamente estar num estado de revolução contra toda a organização da sociedade — não apenas desta sociedade, mas da sociedade comunista, da fascista, de qualquer forma de sociedade que constitua a brutalidade organizada, o poder organizado. E isso significa uma extraordinária percepção dos efeitos do poder. Senhores, já alguma vez repararam nos soldados durante os treinos? Eles já não são seres humanos, são máquinas, eles são os vossos filhos, os meus filhos, ali em sentido, sob o sol. Isto acontece aqui, na América, na União Soviética, e em toda a parte do mundo — não apenas ao nível governamental, mas também ao nível monástico, com a pertença a mosteiros, a ordens, a grupos que detêm um poder surpreendente. E é apenas a mente que não pertence a nada que pode estar só. E a solidão não é algo que possa ser cultivado. Conseguem perceber isso? Quando se vê tudo isto, fica-se de fora, e não se é convidado para jantar por nenhum governador, por nenhum presidente. Nessa solidão existe humildade. É esta solidão que conhece o amor — e não o poder. O homem ambicioso, seja ou não religioso, nunca poderá saber o que é o amor. Portanto, se formos capazes de ver tudo isto, então temos essa qualidade de viver na totalidade, e consequentemente, de agir na totalidade. Isto vem por meio do autoconhecimento.

Março, 12

Ansiar é Sempre Ansiar

Para evitarmos o sofrimento, cultivamos o desapego. Sabendo de antemão que o apego, mais tarde ou mais cedo, traz consigo o sofrimento, queremos tornar-nos desapegados. O apego é uma fonte de satisfação, mas ao nos apercebermos da dor que ele acarreta, desejamos encontrar satisfação de outra forma, através do desapego. O desapego é o mesmo que o apego, na medida em que deseja a satisfação. Portanto, aquilo de que estamos verdadeiramente à procura é de satisfação; desejamos ardentemente ser satisfeitos, a qualquer preço.

Tornamo-nos dependentes ou apegados, porque isso nos dá prazer, segurança, poder, uma sensação de bem-estar, embora ele encerre em si mesmo a tristeza e o medo. Procuramos o desapego pela mesma razão, pela procura de prazer, de modo a não sermos magoados, a não sermos feridos interiormente. A nossa busca tem como objectivo o prazer, a satisfação. Sem condenar ou justificar, devemos tentar compreender este processo, pois a menos que o compreendamos, não poderemos sair da nossa confusão e da nossa contradição. Poderá o anseio alguma vez ser satisfeito, ou será ele um poço sem fundo? Quer ansiemos pelo mais baixo quer pelo mais elevado, ansiar é sempre ansiar, um fogo ardente, e aquilo que é passível de ser consumido por ele, em pouco tempo se transforma em cinzas; mas o anseio pela satisfação permanece, sempre a arder, sempre a consumir, e não há um fim para isso. O apego e o desapego vão a par na criação de amarras, e ambos devem ser transcendidos.

Março, 13

Intensidade Livre de Qualquer Apego

No estado de paixão sem causa, existe intensidade livre de qualquer apego; mas quando a paixão tem uma causa, existe apego, e o apego é o começo da tristeza. A maioria de nós está apegada; agarramo-nos a uma pessoa, a um país, a uma crença, a uma ideia, e quando nos é tirado o objecto do nosso apego, ou, em vez disso, perde significado, encontramo-nos vazios, insuficientes. E nós tentamos preencher este vazio agarrando-nos a outra coisa, a algo que, uma vez mais, se torna objecto da nossa paixão.

Março, 14

O Relacionamento É um Espelho

Certamente é apenas no relacionamento que o processo daquilo que sou se desenrola, não é verdade? O relacionamento é um espelho no qual me vejo tal como sou; mas como a maior parte de nós não gosta do que é, começamos a disciplinar, positiva ou negativamente, o que percepcionamos no espelho do relacionamento. Ou seja, eu descubro algo no relacionamento, na acção do relacionamento, e não gosto do que descubro. Portanto, começo a modificar aquilo de que não gosto, aquilo que considero desagradável. Quero mudar isso — o que significa que já tenho um padrão do que deveria ser. A partir do momento em que existe um padrão do que eu deveria ser, deixa de haver a compreensão do que eu sou. A partir do momento em que tenho uma imagem do que quero ser, ou do que deveria ser, ou do que não posso ser — um padrão de acordo com o qual quero mudar-me a mim mesmo — então, certamente, não pode haver a compreensão do que eu sou no momento do relacionamento.

Penso que é muito importante que compreendamos isto, porque penso que é aqui que a maioria de nós se perde. Nós não queremos saber o que somos de facto num determinado momento do relacionamento. Se só estamos preocupados em melhorarmo-nos a nós mesmos, não existe compreensão de nós próprios, *do que é.*

Março, 15

A Função do Relacionamento

O relacionamento é inevitavelmente doloroso, e a nossa existência diária é a prova disso. Se não existir qualquer tensão no relacionamento, deixa de haver relacionamento e passa a haver apenas um confortável estado de adormecimento, um soporífero — que muitas pessoas preferem e até desejam. O conflito ocorre entre este desejo de conforto e os factos, entre a ilusão e a realidade. Se reconhecerem a ilusão, então poderão, ao pô-la de lado, dirigir a vossa atenção para a compreensão do relacionamento. Mas se procurarem segurança no relacionamento, ele transforma-se num investimento no conforto, na ilusão — e a grandeza do relacionamento é a sua própria insegurança. Ao procurarem segurança no relacionamento, estão a impedir a sua função, e isso traz consigo as suas próprias acções e os seus próprios infortúnios.

Decerto que a função do relacionamento é a de revelar o estado de todo o nosso ser. O relacionamento é um processo de auto-revelação, de autoconhecimento. Esta auto-revelação é dolorosa, exige um ajustamento constante, uma flexibilidade de pensamento-emoção. É uma luta dolorosa, com alguns períodos de uma paz iluminada...

Mas a maioria de nós evita ou põe de lado a tensão no relacionamento, preferindo a facilidade e o conforto de uma dependência satisfatória, de uma segurança que não é desafiada, de um porto seguro. Então, a família e outros relacionamentos tornam-se um refúgio, o refúgio dos irreflectidos.

Quando a insegurança se transforma em dependência, como é inevitável que aconteça, então o relacionamento em que tal acontece é posto de lado e um novo relacionamento é iniciado na esperança de que a segurança permanente seja encontrada; mas não há segurança no relacionamento, e a dependência apenas serve para alimentar o medo. Sem se ter a compreensão do processo da segurança e do medo, o relacionamento transforma-se num impedimento que nos condiciona, num caminho de ignorância. Então toda a existência se transforma em luta e dor, e não há outra forma de se sair disso que não seja o pensamento correcto, que acontece com o autoconhecimento.

Março, 16

Como Pode Haver Amor Verdadeiro?

A imagem que vocês têm de uma pessoa, a imagem que têm dos vossos políticos, do primeiro-ministro, do vosso deus, da vossa mulher, dos vossos filhos — essa imagem está a ser observada. E essa imagem foi criada através do vosso relacionamento, ou através dos vossos medos, ou através das vossas esperanças. O prazer sexual e outros que tiveram com a vossa mulher, o vosso marido, a raiva, a lisonja, o conforto, e todas as coisas inerentes à vossa vida familiar — que é, na verdade, uma vida mortal — criaram uma imagem da vossa mulher ou do vosso marido. Munidos dessa imagem, vocês olham. Da mesma forma, a vossa mulher ou o vosso marido têm uma imagem vossa. Portanto, o relacionamento entre vocês e a vossa mulher ou o vosso marido, entre vocês e o político é, na realidade, o relacionamento entre essas duas imagens. Certo? Isto é um facto. Como podem duas imagens, que são o resultado do pensamento, do prazer, e assim por diante, ter qualquer afeição ou amor?

Portanto, o relacionamento entre dois indivíduos, quer sejam muito próximos quer muito distantes, é um relacionamento de imagens, de símbolos, de memórias. E como poderá haver nisso um amor verdadeiro?

Março, 17

Somos Aquilo que Possuímos

Para se compreender o relacionamento, tem de haver uma atenção passiva, a qual não destrói o relacionamento. Pelo contrário, ela torna o relacionamento muito mais vital, muito mais importante. Então, existe nesse relacionamento uma possibilidade de afeição verdadeira; existe uma ternura, uma sensação de proximidade, que não é um mero sentimento ou uma sensação. E se formos capazes de ter essa aproximação, esse tipo de relacionamento em relação a tudo, então os nossos problemas serão facilmente resolvidos — os problemas que têm que ver com os bens, com as posses. Porque nós somos aquilo que possuímos. O homem que possui dinheiro é o dinheiro. O homem que se identifica com a propriedade é a propriedade, a casa, a mobília. O mesmo acontece com as ideias, ou com as pessoas; e quando existe o sentimento de posse, não há relacionamento. Mas a maior parte de nós é possessiva, porque não tem mais nada se não possuir. Somos como conchas vazias se não possuímos, se não preenchermos a nossa vida com mobiliário, com música, com conhecimento, com isto e aquilo. E essa concha faz imenso barulho, e a esse barulho chamamos nós viver; e com isso ficamos satisfeitos. E quando se dá uma ruptura, um corte em relação a isso, então surge a tristeza, porque então descobrimo-nos subitamente tal como somos — uma concha vazia, com pouco significado. Assim, estar consciente de todo o conteúdo do relacionamento é acção; e a partir dessa acção existe uma possibilidade de uma relação verdadeira, uma possibilidade de descoberta da sua grande profundidade, da sua grande importância, e de se saber o que é o amor.

Março, 18

Estar em Relação

Sem relacionamento não há existência: ser é estar em relação.... A maioria de nós parece não perceber isto — que o mundo é o meu relacionamento com os outros, quer seja com uma só pessoa quer seja com muitas. O meu problema é o problema do relacionamento. O que sou, o que projecto, e, como é óbvio, se não me compreender a mim mesmo todo o relacionamento se torna uma confusão que se expande em círculos cada vez maiores. Portanto, o relacionamento tem uma importância extraordinária, não em relação à assim chamada massa, a multidão, mas no mundo da minha família e dos meus amigos, por mais pequeno que ele possa ser — o meu relacionamento com a minha mulher, com os meus filhos, com o meu vizinho. Num mundo onde abundam as grandes organizações, as grandes mobilizações de pessoas, os movimentos de massas, receamos agir ao nível da pequena escala; temos medo de ser uma simples pessoa que limpa o seu próprio quintal. Dizemos a nós mesmos: «O que está ao meu alcance fazer? Devo juntar-me a um movimento de massas para que possa haver uma reforma.» Pelo contrário, a verdadeira revolução não acontece através de movimentos de massas, mas pela reavaliação interior do relacionamento — é essa a verdadeira reforma, uma revolução radical e contínua. Receamos começar a uma pequena escala. Pelo facto de o problema ser tão vasto, pensamos que temos de o enfrentar acompanhados de um vasto número de pessoas, de uma grande organização, de movimentos de massas. Temos certamente de começar por atacar o problema numa pequena escala, e a pequena escala é o «eu» e o «tu». Quando me compreendo a mim mesmo, compreendo o outro, e dessa compreensão nasce o amor. O amor é o factor que falta; existe uma falta de afeição, de ternura no relacionamento; e porque nos falta esse amor, essa ternura, essa generosidade, essa compaixão no relacionamento, refugiamo-nos na acção das massas, a qual produz mais confusão, mais sofrimento. Preenchemos os nossos corações com letras de imprensa que falam da reforma mundial, e não olhamos para esse único factor de solução que é o amor.

Março, 19

Vocês e Eu Somos o Problema, não o Mundo

O mundo não é algo que esteja separado de vocês e de mim; o mundo, a sociedade, é o relacionamento que estabelecemos entre nós. Portanto, vocês e eu somos o problema, e não o mundo, porque o mundo é a projecção de nós mesmos, e para compreendermos o mundo, temos de nos compreender a nós mesmos. Esse mundo não é separado de nós; nós somos o mundo, e os nossos problemas são os problemas do mundo.

Março, 20

Não Existe uma tal Coisa a que se Possa Chamar Viver Sozinho

Nós queremos fugir da nossa solidão, com os seus medos que nos fazem entrar em pânico, e portanto dependemos de outrem, enriquecemo-nos com o companheirismo, e assim por diante. Nós somos as figuras principais, e os outros tornam-se peões no nosso jogo; e quando o peão se vira e exige algo em troca, ficamos chocados e magoados. Se a nossa fortaleza for resistente, sem apresentar nenhuma brecha, este ataque vindo do exterior traz-nos poucas consequências. As tendências peculiares que vão surgindo com a idade devem ser compreendidas e corrigidas enquanto ainda somos capazes de uma auto-observação e de um estudo de nós mesmos desapegados e tolerantes; os nossos medos devem ser observados e compreendidos no presente. As nossas energias devem ser direccionadas, não apenas para a compreensão das pressões e das exigências exteriores pelas quais somos responsáveis, mas também para a compreensão de nós mesmos, da nossa solidão, dos nossos medos, exigências e fragilidades.

Não existe tal coisa a que se possa chamar viver sozinho, pois todo o viver é relacionamento; mas viver sem um relacionamento directo exige uma inteligência elevada, uma atenção mais viva e maior relativamente à autodescoberta. Uma existência «solitária», sem esta atenção penetrante e fluida, fortalece as tendências que já são dominantes, dando assim origem ao desequilíbrio, à distorção. É no presente que temos de nos tornar conscientes dos hábitos rígidos e peculiares do pensamento-sentimento que vêm com a idade, e, através dessa compreensão devemos acabar com eles. Somente as riquezas interiores nos podem trazer paz e alegria.

Março, 21

A Libertação do Medo

Será possível para a mente esvaziar-se completamente do medo? Qualquer tipo de medo alimenta a ilusão; torna a mente embotada, rasteira. Onde existe o medo, não pode haver, como é óbvio, liberdade, e sem liberdade não há amor. E a maioria de nós tem alguma forma de medo; medo do escuro, medo da opinião pública, medo de cobras, medo da dor física, medo da velhice, medo da morte. Temos, literalmente, milhares de medos. E será possível estarmos completamente livres do medo?

Podemos observar o que o medo faz a cada um de nós. Faz com que digamos mentiras; corrompe-nos de diversas formas; torna a mente vazia, superficial. Existem cantos escuros na mente que nunca poderão ser investigados e expostos enquanto tivermos medo. A autoprotecção física, a urgência instintiva de nos mantermos afastados de uma cobra venenosa, de um precipício, de evitarmos ser atropelados pelo autocarro, e assim por diante, é saudável e normal. Mas eu estou a colocar a questão da autoprotecção psicológica que nos faz temer a doença, a morte, um inimigo. Quando procuramos qualquer forma de preenchimento, quer seja através da pintura, da música, da relação, ou do que se quiser, existe sempre medo. Portanto, o que é importante é estarmos conscientes de todo este processo de nós mesmos, observar, aprender acerca dele, e não perguntarmos como é que nos podemos ver livres do medo. Quando apenas desejamos ver-nos livres do medo, encontramos formas e meios de lhe escaparmos, e assim nunca poderá haver a libertação do medo.

Março, 22

Lidar com o Medo

Receamos a opinião pública, receamos não alcançar, não preencher, receamos não ter a oportunidade; e em tudo isto há esta extraordinária sensação de culpa — fizemos algo que não devíamos ter feito; a sensação de culpa na própria acção; somos saudáveis, e existem pessoas que são pobres e doentes; temos comida e há outros que a não têm. Quanto mais a mente investiga, penetra, pergunta, tanto maior é a sensação de culpa, ansiedade... O medo é a urgência que procura um Mestre, um guru; o medo é esta cobertura de responsabilidade, de que toda a gente gosta tanto — ser responsável. Vocês determinam-se a ser corajosos para enfrentarem os acontecimentos da vida, ou meramente afastam o medo através da racionalização, ou encontram explicações que darão satisfação à mente que está apanhada pelo medo? Como é que lidam com isto? Ligam o rádio, lêem um livro, dirigem-se a um templo, agarram-se a alguma forma de dogma, crença?

O medo é a energia destrutiva que existe no homem. Ele debilita a mente, distorce o pensamento, conduz a todo o tipo de teorias astuciosas e subtis, superstições absurdas, dogmas e crenças. Se vocês vêem que o medo é destrutivo, então de que modo procedem para limpar a vossa mente? Vocês dizem que ao investigar a causa do medo ficarão livres do medo. Será que isso é verdade? Tentar desvendar e conhecer a causa do medo não o elimina.

Março, 23

A Porta para a Compreensão

Não se pode fazer desaparecer o medo sem a compreensão, sem se ver verdadeiramente a natureza do tempo, o que significa pensamento, o que significa palavra. A partir disso surge a questão: existirá pensamento sem palavra, existirá o pensar sem a palavra que é memória? Senhores, sem se ver a natureza da mente, o movimento da mente, o processo de se conhecer a si mesmo, o mero facto de dizer que me devo libertar do medo, tem muito pouco significado. Temos de observar o medo inserido no contexto da mente. Para ver, para aprofundar tudo isto, é necessária energia. A energia não vem através da alimentação — essa é uma parte da necessidade física. Mas para ver, no sentido em que estou a usar essa palavra, é necessária uma imensa energia; e essa energia é dissipada quando nos estamos a confrontar com as palavras, quando estamos a resistir, a condenar, quando estamos cheios de opiniões que nos impedem de olhar, de ver — toda a nossa energia é dissipada nisso. Assim, na consideração desta percepção, deste ver, abrimos novamente a porta.

Março, 24

O Medo Faz-nos Obedecer

Por que fazemos tudo isto — obedecer, seguir, copiar? Porquê? Porque, interiormente, tememos a incerteza. Queremos estar certos de algo — financeiramente, moralmente —, queremos ser aprovados, queremos estar numa posição segura, queremos evitar ser confrontados com problemas, com a dor, com o sofrimento, queremos estar numa redoma. Assim, o medo, de forma consciente ou inconsciente, faz-nos obedecer ao Mestre, ao líder, ao padre, ao governo. O medo também nos controla no sentido de não nos deixar fazer algo que pode ser maléfico para os outros, porque sabemos que seremos castigados. Portanto, por detrás de todas estas acções, ganâncias, buscas, esconde-se este desejo de certeza, este desejo de nos sentirmos assegurados. Portanto, sem resolvermos o medo, o mero acto de obedecer ou de ser obedecido tem pouca importância; o que tem significado é a compreensão deste medo, dia a dia, e observar como o medo se revela a si mesmo de formas diferentes. É só quando estamos libertos do medo que existe essa qualidade interior da compreensão, a solidão na qual não existe acumulação de conhecimento ou de experiência, e é somente isso que nos dá uma extraordinária claridade na busca do real.

Março, 25

Face a Face com o Facto

Nós temos medo de um facto ou de uma ideia *a respeito* de um facto? Tememos a coisa tal como ela é, ou o que *pensamos* que ela é? Tomemos como exemplo a morte. Temos medo do facto que constitui a morte ou da ideia da morte? O facto é uma coisa e a ideia sobre o facto é outra. Tenho medo da palavra *morte* ou do facto em si mesmo? Porque receio a palavra, a ideia, nunca compreendo o facto, nunca olho para o facto, nunca estou em relação directa com o facto. É somente quando me encontro numa comunhão completa com o facto que não existe medo. Se não estiver em comunhão com o facto, então há medo, e não pode haver comunhão com o facto enquanto eu tiver uma ideia, uma opinião, uma teoria, *a respeito* do facto; portanto tenho de perceber de forma muito clara se tenho medo da palavra, da ideia, ou do facto. Se me encontrar face a face com o facto, não há nada a compreender sobre ele: o facto está lá, e eu posso lidar com ele. Se eu recear a palavra, então devo compreender a palavra, investigar profundamente todo o processo do que a palavra, o termo significa.

É a minha opinião, a minha ideia, a minha experiência, o meu conhecimento sobre o facto, que cria o medo. Enquanto houver verbalização do facto, o acto de dar nome ao facto, e com isso identificá-lo ou condená-lo, enquanto o pensamento estiver a julgar o facto a partir da sua posição de observador, terá de haver medo. O pensamento é o produto do passado; só pode existir através da verbalização, dos símbolos, das imagens. Enquanto o pensamento estiver a julgar ou a traduzir o facto, haverá sempre medo.

Março, 26

Entrar em Contacto com o Medo

Existe o medo físico. Percebem a que me estou a referir, por exemplo, quando vocês vêem uma cobra, um animal selvagem, instintivamente surge o medo, esse é um medo normal, saudável e natural. Não é medo, é um desejo de se proteger — isso é normal. Mas a protecção psicológica de si próprio — isto é, o desejo de estar sempre seguro — dá origem ao medo. Uma mente que está sempre à procura de se sentir segura é uma mente morta, porque não há nenhuma certeza na vida, não há nenhuma permanência... Quando se entra em contacto directo com o medo, dá-se uma resposta dos nervos e de tudo o resto. Então, quando a mente já não está a fugir através das palavras ou de qualquer tipo de actividade, não existe divisão entre o observador e a coisa observada enquanto medo. É apenas a mente que foge que se separa a si mesma do medo. Mas quando há um contacto directo com o medo, não há observador, não há nenhuma entidade que diz: «Tenho medo.» Portanto, no momento em que se está em contacto directo com a vida, com o que quer que seja, não há divisão — é esta divisão que alimenta a competição, a ambição e o medo.

Assim, o que é importante não é «como ficar livre do medo?». Se procurarem uma forma, um método, um sistema para se livrarem do medo, serão eternamente apanhados nas malhas do medo. Mas se compreenderem o medo — o que só pode acontecer quando entrarem em contacto directo com ele, do mesmo modo que entram em contacto com a fome, do mesmo modo que entram em contacto directo quando são ameaçados de perderem o vosso emprego —, então fazem qualquer coisa; só então poderão descobrir que todo o medo cessa — quero dizer todo o medo, não este ou aquele tipo específico de medo.

Março, 27

O Medo é a Não-Aceitação do Que É

O medo encontra diversas fugas. A variedade mais comum é a identificação, não é verdade? — a identificação com o país, com a sociedade, com uma ideia. Já repararam na forma como respondem quando vêem uma procissão, militar ou religiosa, ou quando o país está em risco de ser invadido? Então identificam-se com o país, com um ser, com uma ideologia. Noutras alturas, identificam-se com o vosso filho, a vossa mulher, com uma determinada forma de acção, ou de inacção. A identificação é um processo de auto-esquecimento. Enquanto eu estiver consciente do «eu», sei que haverá dor, luta, um medo constante. Mas se eu puder identificar-me com algo maior, com algo que valha a pena, com a beleza, com a vida, com a verdade, com a crença, com o conhecimento, pelo menos temporariamente, dá-se uma fuga do «eu», não é verdade? Se falo do «meu país», por momentos estou a esquecer-me de mim mesmo, não estou? Se puder dizer algo sobre Deus, esqueço-me de mim. Se me puder identificar com a minha família, com um grupo, com um determinado partido, com uma certa ideologia, então verifica-se uma fuga temporária.

Será que agora sabemos o que é o medo? Não será ele a não-aceitação *do que é?* Temos de compreender a palavra *aceitação.* Não estou a utilizar esta palavra no sentido de um esforço que é feito para se aceitar algo. Não há nada que aceitar quando se compreende *o que é.* Quando não vejo claramente *o que é*, então dou início ao processo de aceitação. Portanto, o medo é a não-aceitação *do que é.*

Março, 28

A Desordem que É Criada pelo Tempo

O tempo é o movimento que parte *do que é* para «o que devia ser». Tenho medo, mas um dia conseguirei libertar-me do medo; portanto, o tempo é necessário para que me possa libertar do medo – ou pelo menos é assim que pensamos. Para passar *do que é* para «o que devia ser» preciso de tempo. Agora, tempo significa que existe esforço nesse intervalo entre *o que é* e «o que devia ser». Não gosto do medo, e portanto vou fazer um esforço para o compreender, para o analisar, para o dissecar, ou vou descobrir a sua causa, ou vou fugir totalmente a ele. Tudo isto implica esforço – e o esforço é aquilo a que estamos acostumados. Estamos permanentemente em conflito *entre o que é* e «o que devia ser». «O que eu devia ser» é uma ideia, e a ideia é fictícia, não é «o que eu sou», que é o facto; e «o que eu sou» só pode ser alterado quando compreendo a desordem que é criada pelo tempo.

...Portanto, será que é possível que eu me consiga ver totalmente livre do medo, completamente, no mesmo instante? Se permito que o medo permaneça, criarei sempre desordem, não um meio de me ver definitivamente livre do medo. Assim, não existe um processo gradual para nos libertarmos do medo, da mesma forma que não existe nenhum processo gradual que nos permita libertar do veneno do nacionalismo. Se vocês forem nacionalistas e disserem que um dia todos os homens se sentirão irmãos, no intervalo entre uma coisa e outra, acontecem guerras, ódios, miséria, e toda esta aterradora divisão entre um homem e outro; portanto, o tempo está a criar a desordem.

Março, 29

De que forma Encaro a Raiva?

É óbvio que olho para ela como um observador que está com raiva. Digo: «Estou enraivecido.» No momento da raiva não existe um «eu»; o «eu» surge imediatamente a seguir — o que implica tempo. Será que posso olhar para o facto sem o factor tempo, que é o pensamento, que é a palavra? Isto acontece quando existe o acto de olhar sem a presença do observador. Vejam aonde isto me conduziu. Começo agora a aperceber-me de um modo de olhar — percepção sem opinião, sem conclusão, sem condenação ou julgamento. Assim, eu percebo que pode haver o acto de «olhar» sem pensamento, que é a palavra. Portanto, a mente está para além das amarras das ideias, do conflito da dualidade e de tudo o resto que se relaciona com isto. Portanto, será possível olhar para o medo sem o encarar como um facto isolado?

Se isolarem um facto que não tenha aberto a porta a todo o universo da mente, então voltemos ao facto e comecemos outra vez tomando outro facto de forma a que vocês mesmos comecem a ver esta coisa extraordinária da mente, para que possam ter a chave, possam abrir a porta, possam entrar profundamente nisso...

...Ao considerarmos um determinado medo — o medo da morte, o medo do vizinho, o medo de o nosso cônjuge nos dominar, vocês sabem, toda a questão do domínio —, será que isso é suficiente para abrir a porta? Isso é tudo o que importa — não como nos vermos livres dele — porque no momento em que vocês abrirem a porta, o medo desvanece-se completamente. A mente é o resultado do tempo, e o tempo é a palavra — como é extraordinário pensar nisto! O tempo é pensamento; é o pensamento que alimenta o medo, é o pensamento que alimenta o medo da morte; e é o tempo, que é pensamento, que tem em suas mãos todas as complexidades e todas as subtilezas do medo.

Março, 30

A Raiz de Todo o Medo

A ânsia por ser outra coisa diferente do que se é dá origem ao medo; ser, alcançar e, portanto, depender, engendra o medo. O estado em que não existe medo não é negação, não é o oposto do medo nem tão-pouco é coragem. Na compreensão da causa do medo, reside o seu fim, não no acto de se tornar corajoso, porque em todo o vir a ser habita a semente do medo. A dependência de coisas, de pessoas ou de ideias alimenta o medo; a dependência nasce da ignorância, da ausência de autoconhecimento, da pobreza interior; o medo dá origem à incerteza da mente-coração, impedindo a comunicação e a compreensão. Através da autoconsciência começamos a descobrir e, portanto, a compreender a causa do medo, não apenas os medos superficiais, mas também os medos com causas muito profundas, os medos que se vão acumulando. O medo é simultaneamente de natureza interna e adquirido; está relacionado com o passado, e para se poder libertar o pensamento-sentimento dele, o passado deve ser compreendido através do presente. O passado está sempre a querer originar o presente, o qual acaba por se tornar a memória de identificação do «eu» e do «meu», que em conjunto constitui o «eu». O «eu» é a raiz de todo o medo.

Março, 31

Abril

Desejo

Sexo

Casamento

Paixão

Só Existe o Desejo

Não existe qualquer entidade separada do desejo; só existe o desejo, não existe um sujeito que deseja. O desejo adopta diferentes máscaras em diferentes ocasiões, dependendo dos seus interesses. A memória destes interesses que vão variando entra em contacto com o novo e isso origina o conflito, e assim nasce o sujeito que escolhe, o sujeito que se estabelece a si mesmo como uma entidade separada e distinta do desejo. Mas a entidade não é separada das suas qualidades. A entidade que tenta preencher ou fugir do vazio, da incompletude, da solidão não é diferente daquilo que está a tentar evitar; ela *é* isso. Ela não pode fugir de si mesma; tudo o que pode fazer é compreender-se a si mesma. Ela é a sua solidão, o seu vazio; e enquanto ela encarar tudo isso como separado de si mesma, estará mergulhada na ilusão e no eterno conflito. Só quando ela experimenta de forma directa que ela é a sua própria solidão, é que pode libertar-se do medo. O medo só existe na relação com uma ideia, e a ideia é a resposta da memória sob a forma de pensamento. O pensamento é o resultado da experiência; e embora ele possa reflectir sobre o vazio, ter sensações em relação a ele, não pode conhecê-lo de forma directa. A palavra *solidão*, com as suas memórias de dor e de medo, impede o acto de experimentar de forma nova. A palavra é memória, e quando a palavra deixa de ser importante, então a relação entre aquele que experimenta e o que é experimentado é totalmente diferente; então essa experiência é directa e não feita através de palavras ou da memória; então aquele que experimenta *é* a experiência, e só isso pode trazer a libertação do medo.

Abril, 1

Compreender o Desejo

Temos de compreender o desejo; e é muito difícil compreendermos algo que é tão vital, tão exigente, tão urgente, porque na própria satisfação do desejo é engendrada a paixão, com o seu prazer e com a sua dor. E se quisermos compreender o desejo, é óbvio que não pode haver escolha. Não podemos julgar o desejo como sendo bom ou mau, nobre ou ignóbil, nem podemos dizer: «Vou conservar este desejo e negar aquele outro.» Devemos pôr tudo isso de lado se quisermos descobrir a verdade sobre o desejo — a sua beleza, a sua fealdade, ou o que quer que seja.

Abril, 2

O Desejo Tem de Ser Compreendido

Continuemos a reflectir sobre o desejo. Nós conhecemos, não é verdade, o desejo que se contradiz a si mesmo, que é tortuoso, que nos puxa em direcções diferentes; a dor, o tumulto, a ansiedade do desejo, e a tentativa de o disciplinar, de o controlar. E, na eterna batalha com ele nós contorcemo-lo alterando a sua forma, tornando-o irreconhecível; mas ele permanece lá, constantemente a ver, à espera, a puxar. Façam o que quiserem, sublimem-no, fujam dele, neguem-no ou aceitem-no, façam-lhe todas as concessões — ele estará sempre lá. E nós sabemos o quanto os mestres religiosos e outros nos disseram que devíamos não ter desejos, que devíamos cultivar o desapego, estar livres do desejo — o que é verdadeiramente absurdo, porque o desejo tem de ser compreendido, não destruído. Se vocês destruírem o desejo, podem estar a destruir também a própria vida. Se perverterem o desejo, o moldarem, o controlarem, o dominarem, o suprimirem, podem estar a destruir algo extraordinariamente belo.

Abril, 3

A Qualidade do Desejo

...O que acontece se não condenarem o desejo, não o avaliarem como sendo bom ou mau, mas estiverem simplesmente conscientes dele? Pergunto-me se vocês saberão o que significa estar consciente de algo? A maioria de nós não está consciente, porque está muito acostumada a condenar, a julgar, a avaliar, a identificar, a escolher. A escolha, como é óbvio, impede o estar consciente, porque a escolha tem sempre lugar em resultado do conflito. Estar-se consciente quando se entra numa casa, ver toda a mobília, a carpete ou a ausência dela, e assim por diante — apenas ver, estar consciente disso tudo sem qualquer sentido de julgamento — é muito difícil. Já alguma vez tentaram olhar para uma pessoa, uma flor, uma ideia, uma emoção, sem qualquer tipo de escolha, sem qualquer tipo de julgamento?

E se fizermos o mesmo em relação ao desejo, se vivermos com ele — sem o negarmos e sem dizermos: «O que farei com este desejo? É tão feio, tão desenfreado, tão violento», sem lhe darmos um nome, um símbolo, sem o cobrirmos com uma palavra — então continuará ele a causar algum tumulto? Será, então, que o desejo é algo que deve ser posto de lado, que deve ser destruído? Queremos destruí-lo, porque um desejo vai contra o outro, dando origem a conflito, sofrimento e contradição; e é fácil observarmos o quanto tentamos fugir a este conflito permanente. Portanto, será possível estarmos conscientes da totalidade do desejo? O que entendo por totalidade não é apenas um desejo ou muitos desejos, mas a total qualidade do próprio desejo.

Abril, 4

Por que Não Devemos Ter Prazer?

Observamos um bonito pôr-do-sol, uma linda árvore, um rio com um movimento largo, sinuoso, um rosto belo, e olhar para isso dá-nos um grande prazer, deleita-nos. Que mal há nisso? Parece-me que a confusão e o *sofrimento* começam quando esse rosto, esse rio, essa nuvem, essa montanha se transforma em memória, e essa memória, então, exige uma maior continuação do prazer; queremos que essas coisas se repitam. Todos nós sabemos isto. Conheci um determinado prazer, ou vocês sentiram deleite com algo, e queremos que isso se repita. Quer seja um prazer de ordem sexual, artística, intelectual, ou de qualquer outra ordem, queremos que se repita — e penso que é aí que o prazer começa a obscurecer a mente e cria valores que são falsos, que não são reais.

O que importa é *compreender o prazer, não tentarmos vermo-nos livres dele* — isso é demasiado estúpido. Ninguém se pode *ver livre do prazer*. Mas é essencial compreender a natureza e a estrutura do prazer; porque se a vida for só prazer, e se é isso que queremos, então juntamente com o prazer vêm o sofrimento, a confusão, as ilusões, os falsos valores que criamos, e portanto não pode haver clareza alguma.

Abril, 5

Uma Reacção Saudável, Normal

...Tenho de descobrir por que o desejo tem uma força tão grande na minha vida. Pode ser correcto e pode não o ser. Tenho de o descobrir. Vejo isso. O desejo surge, o que é uma reacção, o que é uma reacção saudável e normal; caso contrário, estaríamos mortos. Vejo algo bonito e digo: «Meu Deus, quero aquilo.» Se não quisesse, estaria morto. Mas na procura constante da satisfação do desejo há dor. Esse é o problema — há prazer e há dor. Vejo uma bela mulher, e ela é mesmo bonita; seria completamente absurdo negá-lo, dizer: «Não, ela não é bonita.» Trata-se de um facto. Mas o que dá continuidade ao prazer? É óbvio que é o pensamento, o pensar nele...

Penso nele. Deixa de haver relação directa com o objecto, que é o desejo, mas agora o pensamento aumenta esse desejo ao pensar nele, ao formar imagens, quadros, ideias...

O pensamento chega e diz: «Por favor, tens de ter isto; isso é crescimento; isso é importante; isso não é importante; isto é vital para a tua vida; isto não é vital para a tua vida.»

Mas posso olhar para algo e sentir desejo, e tudo terminar ali, sem a interferência do pensamento.

Abril, 6

Morrer para as Pequenas Coisas

Já alguma vez tentaram morrer voluntariamente para um determinado prazer, sem ser de forma forçada? Normalmente, quando morremos, isso acontece contra a nossa vontade; a morte chega e leva-nos; não é um acto voluntário, excepto no caso do suicídio. Mas já alguma vez tentaram morrer voluntariamente, com facilidade, sentindo o abandono do prazer? É óbvio que não! No presente, os vossos ideais, os vossos prazeres, as vossas ambições são as coisas que lhes dão o assim chamado significado. A vida é viver, é abundância, plenitude, abandono, não um sentimento de que o eu tem importância. Isso é um mero fruto do intelecto. Se experimentarem morrer para as pequenas coisas — isso já é suficientemente bom. Apenas morrer para os pequenos prazeres — com facilidade, confortavelmente, com um sorriso — é suficiente, porque então perceberão que a vossa mente é capaz de morrer para muitas coisas, para todas as memórias. As máquinas estão a apropriar-se das funções da memória — os computadores —, mas a mente humana é algo mais do que um mero hábito mecânico de associação e memória. Mas não poderá ser esse algo mais se não morrer para tudo o que conhece.

Agora, para ver a verdade de tudo isto, é essencial uma mente jovem, um mente que não está apenas a funcionar no campo do tempo. A mente jovem morre para todas as coisas. São capazes de ver a verdade disto de forma imediata, de sentir a verdade disto instantaneamente? Pode acontecer que não vejam a totalidade da sua extraordinária importância, a imensa subtileza, a beleza desse morrer, a sua riqueza, mas até mesmo o mero facto de ouvirem falar disso já planta a semente, e o significado destas palavras cria raízes — não apenas a um nível superficial, consciente, mas também ao nível do próprio inconsciente.

Abril, 7

Sexo

O sexo é um problema, porque no acto sexual parece verificar-se uma completa ausência do eu. Nesse momento vocês estão felizes, porque cessa a autoconsciência, a consciência do eu; e ao desejarem que isso se repita — essa abnegação do eu na qual existe uma felicidade completa, sem passado e sem futuro —, ao exigirem essa felicidade completa que se dá através da fusão total, da integração, é natural que este aspecto assuma uma importância preponderante. Não é assim? Porque se trata de algo que me transmite uma alegria que não é adulterada, um completo esquecimento de mim mesmo, quero cada vez mais e mais repetir esse prazer. Agora, por que quero eu mais? Porque em tudo o resto me encontro em conflito, em tudo o resto, em todos os diferentes níveis da existência se verifica o fortalecimento do eu. No campo económico, social, religioso, há um constante adensar da autoconsciência, e isso é conflito. Afinal, só se está consciente de si mesmo quando existe conflito. A consciência de si mesmo é, na sua própria essência, o resultado do conflito...

Portanto, o problema não é o sexo, certamente, mas como ficarmos livres do eu. Já provaram esse estado de ser no qual o eu não está presente, nem que tenha sido apenas por alguns segundos, por um dia, ou o que quer que tenha sido; e onde está o eu, há conflito, há sofrimento, há luta. Assim, há um desejo constante de repetir esse estado de ausência do eu.

Abril, 8

A Maior Fuga

O que queremos dizer com o problema do sexo? Será que nos referimos ao acto, ou será um pensamento acerca do acto? Certamente, não se trata do acto. O acto sexual não é para vós um problema, tal como comer também não o é, mas se vocês se puserem a pensar na comida durante todo o dia, porque não têm mais nada em que pensar, então isso torna-se um problema para vós... Por que o empolam? Os cinemas, as revistas, as histórias, a forma como as mulheres se vestem, tudo contribui para alimentar os vossos pensamentos a respeito do sexo. E por que é que a mente os empola, por que é que a mente pensa em sexo de todo? Porquê, minhas senhoras e meus senhores? É o vosso problema. Porquê? Por que se tornou o sexo um assunto fulcral na vossa vida? Quando existem tantas coisas que vos chamam, que exigem a vossa atenção, vocês dão total atenção ao pensamento do sexo. O que se passa? Por que está a vossa mente de tal forma ocupada com ele? Porque essa é a maior forma de fuga, não é verdade? É uma forma de total esquecimento de si mesmo. Por algum tempo, pelo menos nesse momento, podem esquecer-se de si próprios — e não existe nenhum outro modo de isso acontecer. Tudo o resto que fazem na vida dá ênfase ao «eu». O vosso negócio, a vossa religião, os vossos deuses, os vosso líderes, as vossas acções políticas e económicas, as vossas fugas, as vossas actividades sociais, a vossa escolha de um partido e rejeição de outro — tudo isso enfatiza e fortalece o «eu»... Quando existe apenas uma coisa na vossa vida que constitui uma avenida para a maior fuga, para o completo esquecimento de si próprios, ainda que apenas por alguns segundos, vocês agarram-se a ela com todas as vossas forças, porque esse é o único momento em que estão felizes...

Assim, o sexo transforma-se num problema extraordinariamente difícil e complexo que perdurará enquanto não compreenderem a mente que pensa no problema.

Abril, 9

Fizemos do Sexo um Problema

Por que será que transformamos tudo aquilo em que tocamos num problema?... Por que se tornou o sexo um problema? Por que nos submetemos a viver com problemas; por que não lhes pomos um fim?

Por que não morremos para os nossos problemas em vez de os carregarmos às costas dia após dia, ano após ano? Certamente o sexo é uma questão relevante a que irei responder já a seguir, mas há uma questão primordial: por que fazemos da vida um problema? O trabalho, o sexo, o ganhar dinheiro, pensar, sentir, experimentar, estão a ver, todo o processo de viver — por que é que ele é um problema? Não será, essencialmente, porque pensamos sempre a partir de um determinado ponto de vista, de um ponto de vista fixo? Estamos sempre a pensar a partir de um centro para a periferia, mas a periferia é o centro para a maioria de nós, e portanto tudo aquilo em que tocarmos é superficial. Mas a vida não é superficial; ela exige que se viva de forma completa, e pelo facto de estarmos a viver apenas superficialmente, conhecemos apenas a reacção superficial. O que quer que façamos na periferia irá, inevitavelmente, criar um problema, e isso é a nossa vida — vivemos a um nível superficial e estamos contentes de viver assim, com todos os problemas do superficial. Portanto, os problemas existem enquanto vivemos no superficial, na periferia — sendo a periferia o «eu» e as suas sensações, que podem ser exteriorizadas ou tornadas subjectivas, que se podem identificar com o universo, com o país, ou com qualquer outra coisa inventada pela mente. Assim, enquanto vivermos no campo da mente, terá de haver sempre complicações, problemas, e isso é tudo o que conhecemos.

Abril, 10

O Que Entendem por Amor?

O amor é o incognoscível. Só pode ser apercebido quando o conhecido é compreendido e transcendido. Só quando a mente está livre do conhecido, só então haverá amor. Portanto, devemos começar por abordar a questão do amor pela negativa e não pela positiva.

O que é o amor para a maioria de nós? No nosso caso, quando amamos, existe posse, domínio ou subserviência. Deste sentimento de posse nascem o ciúme e o medo da perda, e nós legalizamos este instinto possessivo. Com a posse, surgem o ciúme e os inúmeros conflitos com os quais cada um de nós está familiarizado. Portanto, a posse não é amor. Nem o amor é sentimental. Ser sentimental, ser emocional exclui o amor. O sentimentalismo e as emoções são meras sensações.

...Só o amor pode transformar a insanidade, a confusão e a luta. Nenhum sistema, nenhuma teoria de esquerda ou de direita pode trazer a paz e a felicidade à humanidade. Onde há amor, não há sentimento de posse, não há inveja; há misericórdia e compaixão, não em teoria mas efectivamente — pela vossa mulher e pelos vossos filhos, pelo vosso vizinho e pelo vosso empregado... Só o amor pode fazer nascer a misericórdia e a beleza, a ordem e a paz. Existe amor e todas as suas bênçãos quando «vocês» deixam de existir.

Abril, 11

Enquanto Possuirmos Nunca Poderemos Amar

Conhecemos o amor enquanto sensação, não é verdade? Quando dizemos que amamos, conhecemos o ciúme, conhecemos o medo, a ansiedade. Quando vocês dizem que amam alguém, tudo isto está implicado: a inveja, o desejo de possuir, o desejo de ter, de dominar, o medo da perda, e assim por diante. A tudo isto chamamos nós amor, e não conhecemos o amor que não vem acompanhado pelo medo, pela inveja, pela posse; apenas verbalizamos esse estado de amor a que é alheio o medo, chamamos-lhe impessoal, puro, divino, ou sabe Deus mais o quê; mas o facto é que somos ciumentos, somos dominadores, possessivos. Só poderemos conhecer esse estado de amor quando cessar em nós o ciúme, a inveja, o sentimento de posse, o domínio; e enquanto possuirmos, nunca poderemos amar... Quando é que vocês pensam na pessoa que amam? Pensam nela quando ela está ausente, quando está longe, quando vos deixou... Portanto, vocês sentem falta da pessoa que dizem que amam quando estão de alguma forma perturbados, quando estão a sofrer; e enquanto vocês possuírem essa pessoa, não têm de pensar nela, porque na posse nada vos está a perturbar...

O pensamento surge quando estão perturbados, e vocês estão condenados a esse estado de perturbação enquanto o vosso pensamento for aquilo a que vocês chamam *amor*. Certamente o amor não é uma coisa da mente; e como as coisas da mente têm preenchido os nossos corações, não temos amor. As coisas da mente são o ciúme, a inveja, a ambição, o desejo de ser alguém, de ter sucesso. Estas coisas da mente preenchem os vossos corações, e então vocês dizem que amam; mas como é possível que amem se têm todos estes elementos confusos em vós? Quando há fumo, como é possível que haja uma chama pura?

Abril, 12

O Amor não É um Dever

...Quando há amor, não há nenhum dever. Quando vocês amam a vossa mulher, partilham tudo com ela — os vossos bens, os vossos problemas, a vossa ansiedade, a vossa alegria. Não exercem domínio sobre ela. Não são o homem e ela a mulher que é usada e colocada de lado, uma espécie de máquina reprodutora que dará continuação ao vosso nome. Quando existe amor, a palavra *dever* desaparece. É o homem que não tem amor no seu coração que fala de direitos e deveres, e neste país os deveres e os direitos tomaram o lugar do amor. As regulamentações tornaram-se mais importantes do que a ternura da afeição. Quando há amor, o problema é simples; quando não há amor, o problema torna-se complexo. Quando um homem ama a sua mulher e os seus filhos, ele nunca será capaz de pensar em termos de *dever* e de *direitos*. Senhores, examinem os vossos próprios corações e as vossas próprias mentes. Sei que se vão rir disto — esse é um dos truques de quem é pouco reflectido, rir-se de algo e pô-lo de lado. A vossa mulher não partilha da vossa responsabilidade, não partilha dos vossos bens, ela não detém metade de tudo o que vocês possuem, porque a consideram inferior a vós mesmos, algo que deve ser conservado e usado em termos sexuais a vosso bel-prazer. Portanto vocês inventaram as palavras *direitos* e *obrigações*; e quando as mulheres se rebelam, vocês atiram-lhes com estas palavras. É uma sociedade estática, uma sociedade em deterioração, aquela que fala de dever e de direitos. Se examinarem os vossos corações e as vossas mentes com toda a atenção, descobrirão que não têm amor.

Abril, 13

Uma Coisa da Mente

Aquilo a que chamamos o nosso amor é algo que pertence à mente. Olhem para vós mesmos, senhoras e senhores, e verão que o que estou a dizer é uma verdade óbvia; se assim não fosse, a nossa vida, o nosso casamento, os nossos relacionamentos, seriam inteiramente diferentes, teríamos uma nova sociedade. Nós amarramo-nos a outra pessoa, não através da fusão, mas do contrato, a que se chama amor, casamento. O amor não funde, não ajusta — não é nem pessoal nem impessoal, é um estado de ser que a mente não pode descobrir; ela pode descrevê-lo, atribuir-lhe um termo, um nome, mas a palavra, a descrição, não é o amor. Só a mente que está tranquila pode conhecer o amor, e esse estado de tranquilidade não é algo que possa ser cultivado.

Abril, 14

A Respeito do Casamento

Estamos a tentar compreender a questão do casamento, a qual implica o relacionamento sexual, o amor, o companheirismo, a comunhão. É óbvio que se não houver amor, o casamento se transforma numa desgraça, não é verdade? Nesse caso transforma-se em mera gratificação. Amar é uma das coisas mais difíceis, não é? O amor só pode surgir, só pode existir quando o eu está ausente. Sem amor, o relacionamento é uma dor; seja ele gratificante ou superficial, conduzirá ao tédio, à rotina, ao hábito com todas as suas implicações. Então, os problemas sexuais ganham uma importância fundamental. Quando tomamos em consideração o casamento, quer seja necessário ou não, temos primeiramente de compreender o amor. Certamente o amor é casto; vocês podem ser celibatários, quer sejam homem ou mulher, mas isso não é ser casto, isso não é ser puro, se não houver amor. Se vocês tiverem um ideal de castidade, ou seja, se vocês desejarem tornar-se castos, não existe nessa vossa atitude nenhum amor, porque se trata meramente do desejo de virem a ser algo que vocês consideram que é nobre, que pensam que vos ajudará a encontrar a realidade; não há nenhum amor nisso. A licenciosidade não é casta, apenas conduz à degradação, ao sofrimento. O mesmo acontece com a perseguição de um ideal. Ambos excluem o amor, ambos implicam o vir a ser algo, o entregar-se a algo; e portanto vocês tornam-se importantes, e onde vocês são importantes, o amor não é.

Abril, 15

O Amor É Incapaz de Ajustamentos

O amor não é uma coisa da mente, ou é? O amor não é meramente o acto sexual, ou é? O amor é algo que a mente não é capaz de conceber. O amor é algo que não pode ser formulado. E sem amor, vocês entram em relação; sem amor vocês casam. Então, nesse casamento, vocês «ajustam-se» um ao outro. Que bela frase! Ajustam-se um ao outro, o que é, mais uma vez, um processo intelectual, não é assim?... É óbvio que este ajuste é um processo mental. Todos os ajustamentos o são. Mas, o amor é certamente incapaz de ajustamento. Vocês sabem, não é verdade, meus senhores, que quando se ama outra pessoa, não há qualquer «ajustamento». Há apenas uma completa fusão. Só quando não existe amor é que começamos a ajustar-nos. E este ajustamento é chamado casamento. Daí que o casamento falhe, porque ele é a própria fonte de conflito, uma batalha entre duas pessoas. Trata-se de um problema extraordinariamente complexo, como todos os problemas, mas ainda mais, uma vez que os apetites, os impulsos são tão fortes. Assim, uma mente que está apenas a tentar ajustar-se, nunca poderá ser casta. Uma mente que busca a felicidade através do sexo nunca poderá ser casta. Embora possam ter momentaneamente, nesse acto, auto-abnegação, auto-esquecimento, a própria procura dessa felicidade, que pertence ao domínio da mente, torna a mente impura. A castidade só pode surgir quando existe amor.

Abril, 16

Amar É Ser Casto

Este problema do sexo não é simples e não pode ser resolvido apenas ao seu nível. Tentar resolvê-lo em termos puramente biológicos é absurdo; e abordá-lo por meio da religião ou tentar solucioná-lo como se ele fosse apenas uma questão de ajustamento físico, de acção glandular, ou cercá-lo de tabus e condenações é algo completamente imaturo, infantil e estúpido. Este problema exige ser tratado ao mais alto nível da inteligência. Compreendermo-nos na nossa relação com o outro requer uma inteligência muito mais flexível e subtil do que compreender a natureza. Mas nós procuramos compreender sem usarmos a inteligência; queremos a acção imediata, uma solução imediata, e assim o problema vai-se tornando cada vez mais importante... O amor não é mero pensamento; os pensamentos são somente a acção exterior do cérebro. O amor é muito mais profundo e a profundidade da vida só pode ser descoberta no amor. Sem amor, a vida não tem qualquer significado — e essa é a parte triste da nossa existência. Envelhecemos sem nos tornarmos mais maduros; os nossos corpos envelhecem, engordam e perdem a sua beleza, e nós permanecemos irreflectidos. Embora leiamos e conversemos sobre isso, nunca chegámos a conhecer o perfume da vida. A mera leitura, a mera verbalização, indica uma grande falta da ternura de coração que enriquece a vida; e sem essa qualidade de amor, façam vocês o que fizerem, qualquer que seja a sociedade a que se liguem, qualquer que seja a lei que consigam instaurar, não conseguirão resolver este problema. Amar é ser casto.

O mero intelecto não é castidade. O homem que tenta ser casto em pensamento é impuro, porque não tem amor. Só o homem que ama é casto, puro, incorrupto.

Abril, 17

O Pensamento Constante É uma Perda de Energia

A maioria de nós gasta a vida em esforço, em guerra, e o esforço, a luta é uma dissipação de energia. O homem, ao longo do período histórico da humanidade, tem dito que para encontrar essa realidade que é Deus — qualquer que seja o nome que ele lhe atribui — se tem de ser celibatário; ou seja, toma-se um voto de castidade e suprime-se, controla-se, luta-se consigo mesmo interminavelmente o resto da vida, para se manter o voto. Vejam a perda de energia! É também uma perda de energia permanecermos deleitados neste problema. E ele é investido de uma importância maior quando tentamos suprimi-lo. O esforço exigido pela supressão, pelo controlo, pela negação do desejo distorce a mente, e, através dessa distorção, temos uma certa sensação de austeridade que se torna cruel. Por favor, prestem atenção. Observem isto em vós próprios e observem as pessoas à vossa volta. E observem este desperdício de energia, a luta. Não as implicações do sexo, não o acto em si, mas os ideais, as imagens, o prazer — o pensar constantemente neles é uma perda de energia. E a maioria das pessoas gasta a sua energia ou na negação do sexo, ou através do voto de castidade, ou a pensarem continuamente nele.

Abril, 18

O Idealista Não Pode Conhecer o Amor

Aqueles que tentam ser celibatários de modo a alcançarem Deus são impuros, porque buscam um resultado ou um ganho, substituindo assim o fim, o resultado pelo sexo — o que é medo. Os seus corações não têm amor, e neles não pode haver pureza, e só um coração puro pode encontrar a realidade. Um coração disciplinado, um coração suprimido, não pode saber o que é o amor. Ele não pode conhecer o amor se estiver aprisionado ao hábito, pela sensação — religiosa ou física, psicológica ou sensorial. O idealista é um imitador e como tal não pode conhecer o amor. Ele não pode ser generoso, entregar-se completamente sem pensar em si mesmo. Só quando a mente e o coração se encontram libertos do fardo do medo, da rotina dos hábitos sensoriais, quando existe generosidade e compaixão, é que pode haver amor. Um tal amor é casto.

Abril, 19

Compreender a Paixão

Será que quando nos estamos a punir a nós mesmos isso significa que estamos a levar uma vida religiosa? Será a mortificação do corpo ou da mente um sinal de compreensão? Será que a tortura sobre si mesmo é um caminho para a realidade? Será que a castidade é uma negação? Pensam que podem ir longe por meio da renúncia? Pensam realmente que pode haver paz através do conflito? Não será que os meios importam infinitamente mais do que os fins? O fim poderá vir a ser, mas o meio já é. A realidade, *o que é*, deve ser compreendida e não suavizada através de determinações, ideais, e racionalizações astuciosas. A tristeza não é a forma da felicidade. Aquilo a que se chama paixão tem de ser compreendido, e não suprimido ou sublimado, e não é nada bom arranjar um substituto para ela. O que quer que façam, qualquer que seja o esquema que possam inventar, só servirá para fortalecer aquilo que não foi amado e compreendido. Amar aquilo a que chamamos paixão é compreendê-lo. Amar é estar em comunhão directa; e não se pode amar algo se sentirmos ressentimentos, se tivermos ideias, conclusões acerca desse algo. Como se pode amar e compreender a paixão se se tomou um voto contra ela? Um voto é uma forma de resistência, e aquilo a que resistimos acaba por nos conquistar. A verdade não pode ser conquistada; não se pode assaltá-la; ela escapar-nos-á das mãos se a tentarmos agarrar. A verdade vem silenciosamente, sem que o saibamos. Aquilo que sabemos não é a verdade, é apenas uma ideia, um símbolo. A sombra não é o real.

Abril, 20

Os Meios e o Fim São Um Só

Para se atingir a libertação, nada é necessário. Não se consegue alcançá-la por meio de negociações, do sacrifício, da eliminação; não se trata de algo que se possa comprar. Se fizermos estas coisas, apenas conseguiremos algo do mercado, e portanto, irreal. A verdade não pode ser comprada, não existem meios para se alcançar a verdade; se houver um meio, então o fim não é a verdade, porque os meios e o fim são um só, eles não estão separados. A castidade como um meio para a libertação, para a verdade, é uma negação da verdade. A castidade não é uma moeda com a qual se pode comprar a verdade...

Por que achamos que a castidade é essencial?... O que entendemos por sexo? Não me refiro apenas ao acto, mas ao pensar nele, à forma como o sentimos, como o antecipamos, como lhe escapamos — este é o nosso problema. O nosso problema é a sensação, o querermos mais e mais. Olhem para vós mesmos, não para o vosso vizinho. Por que estão os vossos pensamentos tão ocupados com o sexo? A castidade só pode existir quando há amor, e sem amor não há castidade. Sem amor, a castidade é apenas luxúria sob uma outra forma. Tornar-se casto é tornar-se algo de diferente disso; é como um homem que se está a tornar poderoso, a ter sucesso como advogado, ou político, ou o que quer que seja — a mudança opera-se ao mesmo nível. Isso não é castidade, mas apenas o resultado final de um sonho, o resultado de uma resistência continuada em relação a um determinado desejo... Portanto, onde existe amor, a castidade deixa de ser um problema. Então a vida não é um problema, a vida é para ser vivida de forma completa na plenitude do amor, e essa revolução dará origem a um mundo novo.

Abandono Total

Talvez vocês nunca tenham experimentado aquele estado da mente em que existe um abandono total de tudo, um completo deixar ir. E não se consegue abandonar tudo sem uma paixão profunda, não é assim? Não se pode abandonar tudo intelectualmente ou emocionalmente. Certamente só pode haver um abandono total quando existe a paixão intensa. Não fiquem alarmados com essa palavra, porque um homem que não é apaixonado, que não é intenso, nunca poderá compreender ou sentir a qualidade da beleza. A mente que tem algo de reserva, que tem um interesse adquirido, que se agarra à posição, ao poder, ao prestígio, a mente que é respeitável, o que é um horror — uma tal mente nunca se consegue abandonar.

Abril. 22

Esta Chama Pura da Paixão

Na maioria de nós existe muito pouca paixão. Podemos ser voluptuosos, podemos estar a desejar algo, podemos querer escapar a algo, e tudo isto dá-nos realmente uma certa intensidade. Mas a menos que acordemos e que sintamos qual é o nosso caminho até essa chama da paixão sem causa, não seremos capazes de compreender aquilo a que chamamos tristeza. Para compreendermos algo, temos de ter paixão, a intensidade da atenção completa. Onde existe a paixão por algo que produz contradição, conflito, esta pura chama da paixão não pode existir; e esta pura chama da paixão tem de existir para que a tristeza possa terminar, para que possa ser completamente dissipada.

Abril, 23

Beleza para Além do Sentimento

Como pode haver beleza sem paixão? Não me refiro à beleza dos quadros, dos edifícios, das mulheres maquilhadas, e de tudo o resto. Eles têm a sua forma própria de beleza. Algo que foi construído pelo homem, como uma catedral, um templo, um quadro, um poema ou uma estátua pode ser ou não bonito. Mas existe uma beleza que está para além do sentimento e do pensamento e que não pode ser percebida, compreendida ou conhecida se não houver paixão. Portanto não interpretem mal a palavra paixão. Não é uma palavra feia; não é algo que se possa comprar no mercado ou sobre a qual se possa falar em termos românticos. Não tem absolutamente nada que ver com a emoção, o sentimento. Não é uma coisa respeitável; é uma chama que destrói tudo aquilo que é falso. E nós temos sempre tanto medo de permitir que essa chama devore as coisas de que gostamos, as coisas a que chamamos importantes.

Abril, 24

Paixão por Tudo

Para a maior parte de nós, a paixão só é empregue em relação a uma coisa, o sexo; ou então sofre-se apaixonadamente e tenta-se resolver esse sofrimento. Mas eu estou a utilizar a palavra *paixão* no sentido de um estado da mente, um estado de ser, um estado do vosso âmago, se houver uma tal coisa, que sente de forma muito intensa, que é altamente sensível — igualmente sensível à sujidade, à sordidez, à pobreza e às maiores riquezas e corrupção, à beleza de uma árvore, de um pássaro, ao fluir de um curso de água e a um lago onde se reflecte o céu estrelado. É necessário sentir tudo isto com intensidade, com força. Porque sem paixão, a vida torna-se vazia, rasteira e com muito pouco significado. Se vocês não forem capazes de ver a beleza de uma árvore, de a amarem, se não conseguirem gostar dela intensamente, não estarão a viver.

Abril, 25

O Amor, Posso Assegurar-vos, É Paixão

Não podemos ser sensíveis se não formos apaixonados. Não tenham medo da palavra *paixão*. A maior parte dos livros religiosos, dos gurus, dos *swamis*, dos líderes, e de todas essas pessoas dizem: «Não sintam paixão.» Mas se vocês não tiverem paixão, como poderão ser sensíveis ao que é feio, ao que é bonito, às folhas que sussurram, ao pôr-do-sol, a um sorriso, a uma lágrima? Como poderão ser sensíveis sem um sentimento de paixão no qual haja abandono? Meus senhores, por favor escutem-me, e não comecem a perguntar de que modo é que se consegue sentir paixão. Sei que são todos suficientemente apaixonados quando se trata de conseguir um bom emprego, ou de odiar um desgraçado qualquer, ou de sentir ciúmes ou inveja de alguém; mas eu estou a falar de algo que é inteiramente diferente — uma paixão que ama. O amor é um estado no qual não existe «eu»; o amor é um estado no qual não existe qualquer condenação, nada que diga que o sexo é certo ou errado, que isto é bom e que uma outra coisa qualquer é má. O amor não é nenhuma destas coisas contraditórias. No amor não existe contradição. E como poderemos amar se não formos apaixonados? Sem paixão, como poderemos ser sensíveis? Ser sensível é sentir o nosso vizinho sentado ao nosso lado; é ver a fealdade da cidade com a sua sordidez, a sua enorme sujidade, a sua pobreza, e ver a beleza do rio, do mar, do céu. Se vocês não forem apaixonados, como poderão ser sensíveis a tudo isso? Como poderão sentir um sorriso, uma lágrima? O amor, posso assegurar-vos, é paixão.

Abril, 26

Uma Mente Apaixonada Investiga

É óbvio que tem de haver paixão, e a questão é como fazer renascer essa paixão. Vamos tomar cuidado para que não haja aqui nenhum mal-entendido. Refiro-me à paixão no sentido mais lato, e não apenas à paixão sexual, que é algo muito pequeno. E a maioria de nós fica satisfeita com isso, porque todas as outras paixões foram destruídas — no escritório, na fábrica, no acto de seguir determinada carreira, determinada rotina, de aprender certas técnicas — e assim não resta nenhuma paixão; não existe nenhum sentido criativo de urgência e de libertação. E assim, o sexo torna-se importante para nós, e então perdemo-nos numa paixão insignificante que se torna um problema enorme para a mente estreita e virtuosa, ou então, em breve se transforma num hábito e morre. Estou a usar a palavra paixão como uma coisa total e completa. Um homem apaixonado que sente de forma intensa não se satisfaz somente com um pequeno emprego — seja esse emprego o de primeiro-ministro, cozinheiro, ou o que for. Uma mente que é apaixonada investiga, procura, olha, pergunta, exige, sem estar apenas a tentar encontrar para seu descontentamento um objecto no qual possa preencher-se e ir dormir. Uma mente apaixonada experimenta, procura, entra em ruptura, não aceita nenhuma tradição; não é uma mente que já esteja decidida, que já tenha chegado, mas sim uma mente jovem que está sempre a chegar.

Abril, 27

A Mente Mesquinha

Uma mente apaixonada experimenta, procura, entra em ruptura, sem aceitar nenhuma tradição; não é uma mente que já esteja decidida, que já tenha chegado, mas sim uma mente jovem que está sempre a chegar.

Agora, como é que se pode ter uma mente assim? Tem de acontecer. É óbvio que uma mente mesquinha não se consegue transformar numa mente assim. Uma mente mesquinha a tentar tornar-se apaixonada apenas conseguirá reduzir tudo à sua própria mesquinhez. Tem de acontecer, e só poderá acontecer quando a mente observa a sua própria pequenez e ainda assim não tenta fazer nada acerca disso. Estou a ser claro? Provavelmente não estou. Mas tal como disse anteriormente, qualquer mente limitada, embora possa ser muito impetuosa, continuará a ser mesquinha, e isso por certo que é óbvio. Uma mente pequena, embora possa chegar à Lua, embora possa aprender determinada técnica, embora possa argumentar e defender com inteligência, continua a ser uma mente pequena. Portanto, quando a mente pequena diz: «Devo ser apaixonada para poder fazer algo que valha a pena», é óbvio que a sua paixão será muito mesquinha, não acham? — como por exemplo zangar-se por causa de uma pequena injustiça ou pensar que o mundo inteiro está a mudar devido a uma reforma pequena e insignificante levada a cabo numa cidade pequenina, por uma mente pequenina. Se a mente pequena for capaz de ver tudo isso, então essa mesma percepção provocará uma mudança em toda a sua actividade.

Abril, 28

Paixão Perdida

A palavra não é a coisa. A palavra *paixão* não é a paixão. Sentir isso e ser apanhado nisso sem qualquer volição, ou directiva, ou propósito, ouvir esta coisa chamada desejo, ouvir os vossos próprios desejos — e vocês têm muitos desejos, ténues ou intensos —, quando forem capazes de o fazer, poderão perceber o prejuízo que causam quando suprimem o desejo, quando o distorcem, quando o querem satisfazer, quando querem fazer algo acerca dele, quando têm uma opinião acerca dele.

A maior parte das pessoas perdeu esta paixão. É provável que a tenham tido na juventude — tornar-se um homem rico, ser famoso e viver uma vida burguesa e respeitável — talvez algo vagamente semelhante a isso. E a sociedade — que é aquilo que vocês forem — suprime isso. E portanto uma pessoa tem de se ajustar a vós, que estão mortos, que são respeitáveis, que não têm sequer uma centelha de paixão; e então uma pessoa torna-se parte de vós e, ao fazê-lo, perde esta paixão.

Abril, 29

Paixão sem Causa

No estado de paixão sem causa há uma intensidade livre de qualquer apego; mas quando a paixão tem uma causa, há apego, e o apego é o princípio da tristeza. A maioria de nós está apegada, agarramo-nos a uma pessoa, a um país, a uma crença, a uma ideia, e quando o objecto do nosso apego nos é retirado ou perde de alguma outra forma a sua importância, damos por nós vazios, insuficientes. Então tentamos preencher este vazio agarrando-nos a outra coisa, a qual se torna, mais uma vez, o objecto da nossa paixão.

Examinem os vossos próprios corações e as vossas próprias mentes. Eu sou apenas um espelho no qual vocês se vêem a vós mesmos. Se não se quiserem ver, não tem importância; mas se quiserem realmente ver-se, então olhem para vós mesmos com clareza, directamente, com intensidade — não na esperança de assim dissolverem as vossas infelicidades, as vossas ansiedades, o vosso sentimento de culpa, mas para que possam compreender esta paixão extraordinária que invariavelmente conduz à tristeza.

Quando a paixão tem uma causa, transforma-se em luxúria. Quando existe paixão por algo — por uma pessoa, por uma ideia, por algum tipo de preenchimento —, então a partir dessa paixão nasce a contradição, o conflito, o esforço. Vocês lutam por alcançar ou por manter um determinado estado, ou por recuperar um que já sentiram e desapareceu. Mas a paixão de que estou a falar não dá origem à contradição, ao conflito. Não está relacionada com nenhuma causa, e portanto não é um efeito.

Abril, 30

Maio

Inteligência

Sentimentos

Palavras

Condicionamento

Uma Mente Rica em Inocência

A verdade, o Deus verdadeiro — o Deus verdadeiro, não o Deus criado pelo homem — não quer uma mente que tenha sido destruída, mesquinha, rasteira, estreita, limitada. É necessária uma mente saudável para se poder apreciá-lo; é necessária uma mente rica — rica não em conhecimento, mas em inocência —, uma mente que nunca tenha sido marcada pela experiência, uma mente que esteja liberta do tempo. Os deuses que vocês inventaram para vosso próprio conforto aceitam a existência da tortura; aceitam uma mente que se tornou embotada. Mas o Deus verdadeiro não quer isso; quer um ser humano total, completo, cujo coração esteja pleno, rico, claro, capaz de sentimentos intensos, de ver a beleza de uma árvore, o sorriso de uma criança, e a agonia de uma mulher que nunca pode ter uma refeição completa.

Têm de ter este sentimento extraordinário, esta sensibilidade em relação a tudo — ao animal, ao gato que caminha ao longo do muro, à sordidez, à sujidade, à imundície dos seres humanos que vivem na miséria, no desespero. Têm de ser sensíveis — o que significa sentir intensamente, mas não apenas numa determinada direcção, pois ser sensível não é uma emoção que vem e vai, é ser sensíveis com os vossos nervos, com os vossos olhos, com o vosso corpo, com os vossos ouvidos, com a vossa voz. Têm de ser completamente sensíveis durante todo o tempo. A menos que sejam sensíveis desta forma tão completa, não existirá inteligência. A inteligência vem com a sensibilidade e a observação.

Maio, 1

Qual É o Papel da Emoção na Vida?

Como é que surgem as emoções? *É muito simples. Elas surgem* através de estímulos, através dos nervos. Se alguém me picar com um alfinete, eu dou um salto; se alguém me elogiar, fico deliciado; se alguém me insultar, fico aborrecido. As emoções ganham existência através dos nossos sentidos. E muitos de nós funcionam através da emoção do prazer; obviamente, meu senhor. Você gosta de ser reconhecido como um Hindu. E portanto, você pertence a um grupo, a uma comunidade, a uma tradição, por mais antiga que seja, e você gosta disso, do Gita, dos Upanishades e as velhas tradições amontoam-se. E o Muçulmano gosta das suas tradições e assim por diante. As nossas emoções ganharam existência através de estímulos, do ambiente que nos envolve, e assim por diante. É bastante óbvio.

Qual é o papel da emoção na vida? Será que a emoção é vida? Compreendem? Será que o prazer é amor? Será que o desejo é amor? Se a emoção é amor, existe algo que está permanentemente a mudar. Certo? Não sabem já tudo isto?

...Portanto, temos de compreender que as emoções, o sentimento, o entusiasmo, o sentimento de ser bom, e tudo isso não tem absolutamente nada que ver com a afeição verdadeira, com a compaixão. Todos os sentimentos, emoções, têm que ver com o pensamento, e portanto conduzem ao prazer e à dor. No amor não há nenhuma dor, nenhuma tristeza, porque ele não é o resultado do prazer ou do desejo.

Maio, 2

Libertar a Inteligência

A primeiríssima coisa a fazer, se me permitem a sugestão, é descobrirem por que razão estão a pensar e a sentir de determinada maneira. Não tentem alterá-lo, não tentem analisar os vossos pensamentos e as vossas emoções; mas tornem-se conscientes da razão por que estão a pensar de determinada forma e do motivo que vos leva a agir. Embora possam descobrir o motivo através da análise, embora possam descobrir algo por meio da análise, não será real; só será real quando estiverem intensamente conscientes no exacto instante do funcionamento do vosso pensamento e da vossa emoção; então poderão ver a sua extraordinária subtileza, a sua requintada delicadeza. Enquanto existir nesta compulsão um «devo» e um «não devo» nunca irão descobrir esse vaguear vivo do pensamento e da emoção. E estou certo de que vocês foram educados na escola do «devo» e do «não devo», e assim destruíram o pensamento e o sentimento. Foram amarrados e mutilados pelos sistemas, pelos métodos, pelos vossos professores. Portanto, abandonem todos esses «devo» e «não devo». Não quero com isto dizer que deva haver licenciosidade, mas fiquem atentos a uma mente que está sempre a dizer «devo» e «não devo». Então, da mesma forma que uma flor desabrocha numa manhã, assim também a inteligência acontece, está lá, a funcionar, a criar compreensão.

Maio, 3

Intelecto *vs.* Inteligência

Treinar o intelecto não resulta em inteligência. O que acontece é que a inteligência surge quando agimos em perfeita harmonia, quer a nível intelectual quer a nível emocional. Há uma grande distinção entre intelecto e inteligência. O intelecto é apenas o pensamento a funcionar independentemente da emoção. Quando o intelecto, sem consideração pela emoção, é treinado numa qualquer direcção, podemos ter um grande intelecto, mas não temos inteligência, porque na inteligência existe a capacidade inerente tanto de sentir como de raciocinar; na inteligência ambas as capacidades estão presentes, de forma intensa e harmoniosa.

Se trouxerem as vossas emoções para o plano dos negócios, dizem vocês, não poderão ser honestos nem bem-sucedidos no negócio. Assim, vocês dividem a vossa mente em compartimentos: num compartimento guardam o vosso interesse religioso, noutro, as vossas emoções, num terceiro, o vosso interesse pelos negócios, que não tem nada que ver com a vossa vida intelectual e emocional. A vossa mente dos negócios trata a vida apenas como um meio de obter dinheiro para o vosso sustento. Portanto, esta existência caótica, esta divisão da vossa vida continua. Se vocês utilizassem realmente a vossa inteligência nos negócios, isto é, se as vossas emoções e os vossos pensamentos estivessem a agir de um modo harmonioso, os vossos negócios podiam falhar. Era o que provavelmente aconteceria. E talvez vocês os deixem falhar quando compreenderem o absurdo, a crueldade e a exploração que envolvem esta forma de vida.

Enquanto vocês não abordarem realmente a totalidade da vida com a vossa inteligência, em vez de o fazerem unicamente com o vosso intelecto, nenhum sistema no mundo poderá salvar o homem da interminável labuta pela subsistência.

Maio, 4

O Sentimento e a Emoção Alimentam a Crueldade

Podemos observar que nem a emoção nem o sentimento têm qualquer lugar que seja no que diz respeito ao amor. O sentimentalismo e a emoção são meras reacções de gostar ou não gostar. Gosto de si e fico imensamente entusiasmado consigo — gosto deste sítio, oh, é lindo e tudo o mais, o que implica que não gosto de um outro e assim por diante. Portanto, o sentimento e a emoção alimentam a crueldade. Já alguma vez observaram isto? A identificação com o trapo a que se dá o nome de bandeira nacional é um factor emocional e sentimental e por causa desse factor vocês estão prontos a matar outro ser humano — e a isso se chama amor à pátria, amor pelo vizinho...? Podemos constatar que sempre que o sentimento e a emoção estão presentes, o amor não está. É a emoção e o sentimento que alimentam a crueldade do gostar e do não gostar. E também podemos ver que onde existe inveja, não existe amor, como é óbvio. Sinto inveja de si, porque tem uma posição melhor que a minha, um emprego melhor, uma casa melhor, é mais bonito, mais inteligente, mais animado e eu sinto inveja de si. Eu não digo directamente que o invejo, mas entro em competição consigo, o que é uma forma de inveja, de ciúme. Portanto a inveja e o ciúme não são amor, e eu elimino-os; não vou agora falar sobre como eliminá-los e entretanto continuar a ser invejoso — eu elimino-os realmente, da mesma forma que a chuva limpa a poeira acumulada ao longo de muitos dias numa folha, eu simplesmente os limpo.

Maio, 5

Devemos Morrer para Todas as nossas Emoções

O que entendemos por emoção? Será uma sensação, uma reacção, uma resposta dos sentidos? O ódio, a devoção, o sentimento de amor ou de simpatia por outra pessoa — tudo isso são emoções. A algumas, como o amor ou a simpatia, chamamos positivas, enquanto a outras, como o ódio, chamamos negativas e desejamos libertarmo-nos delas. Será o amor o oposto do ódio? E será o amor uma emoção, uma sensação, um sentimento que é alargado através da memória?

...Portanto, o que entendemos por amor? O amor não é certamente memória. Isto é algo que nos é muito difícil de compreender, porque para a maioria de nós o amor é memória. Quando vocês dizem que amam a vossa mulher ou o vosso marido, o que querem dizer com isso? Amam aquilo que vos dá prazer? Amam aquilo com que se identificaram e que reconhecem como sendo algo que vos pertence? Por favor, trata-se de factos; não estou a inventar nada, por isso não fiquem com esse ar horrorizado.

...É a imagem, o símbolo de «minha mulher» ou de «meu marido» que amamos, ou pensamos que amamos, não a pessoa em si. Não conheço verdadeiramente a minha mulher ou o meu marido; e nunca poderei conhecer essa pessoa enquanto conhecer significar reconhecimento. Porque o reconhecimento está baseado na memória — na memória do prazer e da dor, na memória das coisas pelas quais tenho vivido, pelas quais batalhei, as coisas que possuo e a que me encontro apegado. Como posso amar quando existe medo, tristeza, solidão, a sombra do desespero? Como pode um homem ambicioso amar? E nós somos todos muito ambiciosos, ainda que de uma forma honrada.

Portanto, para podermos realmente descobrir o que é o amor, temos de morrer para o passado, para todas as nossas emoções, as boas e as más — morrer sem esforço como morreríamos para algo que fosse venenoso, porque o compreendemos.

Maio, 6

Devemos Ter Bons Sentimentos

No mundo moderno, onde existem tantos problemas, facilmente se perdem os bons sentimentos. Ao usar a palavra *sentir* não me estou a referir ao sentimento, à emotividade, à mera excitação, mas àquela qualidade de percepção, à qualidade de ouvir, de escutar, à qualidade de sentir um pássaro a cantar na árvore, o movimento de uma folha ao sol. Sentir as coisas com intensidade, profundamente, de forma penetrante é muito difícil para a maioria de nós, porque nos defrontamos com tantos problemas. Tudo aquilo em que tocamos se transforma num problema. E, aparentemente, não há um fim para os problemas do homem, e ele parece completamente incapaz de os resolver, porque quantos mais problemas ele tiver, menor será a sua capacidade para sentir.

Quando digo «sentir», refiro-me à apreciação da curva de um ramo, da sordidez, da sujidade de uma estrada, ser sensível à tristeza de outra pessoa, estar num estado de êxtase quando se vê um pôr-do-sol. Não se trata de sentimentos, de meras emoções. Emoção e sentimento ou sentimentalismo transformam-se em crueldade, podem ser usados pela sociedade; e quando há sentimento, sensação, então tornamo-nos escravos da sociedade. Mas devemos ter bons sentimentos. Sentir a beleza, sentir uma palavra, o silêncio entre duas palavras, ouvir um som claramente — tudo isso dá origem ao sentir. E devemos ter sentimentos fortes, porque são somente os sentimentos que tornam a mente altamente sensível.

Maio, 7

Observação Sem Pensamento

Não existe nenhum sentimento sem pensamento; e por detrás do pensamento está o prazer; portanto estas coisas andam juntas: o prazer, a palavra, o pensamento, o sentimento; não estão separados. A observação sem pensamento, sem sentimento, sem palavra é energia. A energia é dissipada pela palavra, pela associação, pelo pensamento, pelo prazer e pelo tempo; portanto não sobra energia para olhar.

Maio, 8

A Totalidade do Sentir

O que é o sentir? O sentir é como o pensamento. O sentir é uma sensação. Vejo uma flor e reajo a essa flor: gosto dela ou não. O gostar ou não gostar é ditado pelo meu pensamento, e o pensamento é a resposta dada pela memória. Assim, eu digo «gosto desta flor», ou «não gosto desta flor», «gosto deste sentimento», ou «não gosto deste sentimento»... Agora, será que o amor está relacionado com o sentimento? O sentimento é sensação, como é óbvio — a sensação de gostar e de não gostar, de bom e de mau, de bom gosto e de tudo o resto que lhe está relacionado. Estará esse sentimento relacionado com o amor?... Já olharam para a vossa rua, já olharam para a forma como vivem em vossas casas, a forma com se sentam, a forma como falam? E já prestaram atenção a todos os santos que veneram? Para eles, a paixão é sexo, e portanto eles negam a paixão, portanto eles negam a beleza — negam no sentido de os colocarem de parte. Portanto, juntamente com a sensação afastam também o amor, porque dizem: «A sensação vai aprisionar-me, tornar-me-ei num escravo do desejo de sexo; assim sendo, devo arrancar de mim essa sensação.» Portanto, vocês transformaram o sexo num enorme problema... Quando tiverem compreendido completamente o que é o sentir, não parcialmente, quando tiverem realmente compreendido a totalidade do sentir, então saberão o que é o amor. Quando vocês conseguirem ver a beleza de uma árvore, de um sorriso, quando forem capazes de ver o Sol a pôr-se por detrás das muralhas da vossa cidade — ver totalmente —, então saberão o que é o amor.

Maio, 9

Se Não Derem Nome a esse Sentimento

Quando vocês observam um sentimento, esse sentimento acaba. Mas apesar de o sentimento terminar, se houver um observador, um espectador, um censor, um pensador que permanece separado do sentimento, então continua a existir uma contradição. Portanto, é muito importante compreendermos de que forma olhamos para o sentimento.

Tomemos por exemplo um sentimento muito comum: a inveja. Todos sabemos o que é sentir inveja. Agora, de que forma é que vocês olham para a vossa inveja? Quando olham para esse sentimento, vocês são o observador da inveja tomando-a como algo que está separado de vós. Tentam transformar a inveja, modificá-la, ou tentam explicar a razão por que sentem inveja, e assim por diante. Portanto, existe um ser, um censor, uma entidade separada da inveja que a observa. De momento pode acontecer que a inveja desapareça, mas ela voltará; e volta, porque vocês não vêem verdadeiramente que a inveja é parte de vós.

...*O que eu quero dizer* é que a partir do momento em que vocês dão um nome, um rótulo, a esse sentimento, já o trouxeram para a estrutura do velho; e o velho é o observador, a entidade separada que é feita de palavras, de ideias, de opiniões sobre o que está certo e o que está errado... Mas se vocês não derem nome a esse sentimento — o que exige uma imensa atenção, uma compreensão imediata muito grande —, então irão descobrir que não existe nenhum observador, nenhum pensador, nenhum centro a partir do qual vocês estão a julgar, e que vocês não são diferentes do sentimento. Não há nenhum sujeito que o esteja a sentir.

Maio, 10

As Emoções Não Conduzem a Lado Nenhum

Quer vocês sejam conduzidos pelas vossas emoções quer pelo vosso intelecto, serão conduzidos ao desespero, porque eles não levam a lugar nenhum. Mas vocês compreendem que o amor não é prazer, o amor não é desejo.

O senhor sabe o que é o amor? Quando vocês olham para alguma coisa ou quando têm um sentimento, o pensar nesse sentimento, o estar constantemente ligado a esse sentimento dá-vos prazer e vocês querem esse prazer e repetem-no vezes sem conta. Quando um homem é muito ambicioso, ou um pouco ambicioso, isso dá-lhe prazer. Quando um homem procura poder, posição, prestígio em nome da nação, em nome de um ideal, e tudo o resto, isso dá-lhe prazer. Ele não tem nenhum amor, e portanto ele causa danos ao mundo. Ele dá origem à guerra interior e exterior.

Assim, devemos compreender que as emoções, o sentimento, o entusiasmo, o sentimento de ser bom, tudo isso nada tem que ver com a afeição verdadeira, com a compaixão. Todos os sentimentos, todas as emoções têm que ver com o pensamento e como tal conduzem ao prazer e à dor. No amor não há dor, não há tristeza, porque ele não é o resultado do prazer ou do desejo.

Maio, 11

A Memória Nega o Amor

Será possível amar sem a interferência do pensamento? O que entendem por pensamento? O pensamento é uma resposta às memórias de dor ou de prazer. Não existe pensamento sem o resíduo que é deixado pelas experiências incompletas. O amor é diferente da emoção e do sentimento. O amor não pode ser trazido para o campo do pensamento; ao passo que o sentimento e a emoção podem. O amor é uma chama sem fumo, sempre viva, criativa, alegre. Um tal amor é perigoso para a sociedade, para o relacionamento. Portanto, o pensamento entra em cena, modifica-o, guia-o, legaliza-o, coloca-o fora de perigo; então podemos viver com ele. Não sabem que quando amam alguém, amam toda a humanidade? Não sabem o quanto é perigoso amar o Homem? Quando tal acontece, não existem barreiras, nacionalidades; quando tal acontece, não existe nenhuma ânsia de poder e de posição, e as coisas assumem os seus devidos valores. Um homem assim constitui um perigo para a sociedade.

Para que o amor possa existir, o processo da memória tem de terminar. A memória só aparece quando a experiência não é total e completamente compreendida. A memória é apenas o resíduo da experiência; é o resultado de um desafio que não está inteiramente compreendido. A vida é um processo de desafio e de resposta. O desafio é sempre novo, mas a resposta é sempre velha. Esta resposta, que é condicionamento, que é o resultado do passado, deve ser compreendida e não disciplinada ou condenada e posta de lado. Significa viver cada dia pela primeira vez, total e plenamente. Este viver de modo completo só é possível quando existe amor, quando o vosso coração está repleto, mas não de palavras ou das coisas criadas pela mente. Só onde existe amor deixa de haver memória; então cada movimento é um renascimento.

Maio, 12

Não Dêem Nome a um Sentimento

O que acontece quando vocês não dão nome às coisas? Conseguem olhar para uma emoção, para uma sensação, de um modo mais directo, e assim terem uma relação bastante diferente com ela, tal como têm com uma flor quando não lhe dão nome. São forçados a olhá-la com os olhos do novo. Quando vocês não dão nome a um grupo de pessoas, são compelidos a olhar para cada rosto individualmente, sem *tratarem* todas aquelas pessoas como uma massa. Assim sendo vocês encontram-se muito mais alerta, muito mais observadores, mais compreensivos; têm um sentimento mais profundo de piedade, de amor; mas se as tratarem como uma massa, esse sentimento desaparece.

Se não colocarem um rótulo, têm de observar cada sentimento à medida que ele surge. Quando colocam um rótulo, será que o sentimento é diferente do rótulo? Ou será que o rótulo desperta o sentimento?...

Se eu não der *nome a um sentimento*, ou seja, se o pensamento não estiver a funcionar meramente por causa de palavras ou se eu não pensar em termos de palavras, imagens ou símbolos, o que a maioria de nós faz — então o que acontece? Certamente, então a mente não é apenas o observador. Quando a mente não está a pensar em termos de palavras, símbolos, imagens, não há nenhum pensador separado do pensamento, o qual é a palavra. Então a mente está tranquila, não é verdade? — não foi acalmada, está tranquila. Quando a mente se encontra verdadeiramente tranquila, então podemos lidar de forma imediata com os sentimentos que surgem. É somente quando damos nome aos sentimentos, e assim os fortalecemos, que eles têm continuidade; estão armazenados no centro, a partir do qual nós damos novos rótulos, ou para os reforçarmos ou para os comunicarmos.

Maio, 13

Fiquem com um Sentimento e Vejam o que Acontece

Vocês nunca ficam com um sentimento, pura e simplesmente, mas envolvem-no sempre na parafernália das palavras. As palavras distorcem-no; o pensamento, que se enrola em torno dele, atira-o para as sombras, infunde-lhe poder através de medos e desejos incomensuráveis. Vocês nunca permanecem com um sentimento, e somente com ele: com o ódio, ou com aquele estranho sentimento da beleza. Quando surge o sentimento de ódio, vocês referem o quanto ele é mau; há a compulsão, a luta por ultrapassá-lo, a labuta do pensamento em torno dele...

Tentem ficar com o sentimento de ódio, com o sentimento de inveja, de ciúme, com o veneno da ambição; porque afinal é isso que vocês têm na vossa vida diária, embora possam querer viver com amor, ou com a palavra *amor*. Uma vez que vocês têm o sentimento de ódio, de quererem magoar alguém com um gesto ou uma palavra dura, vejam se conseguem permanecer com esse sentimento. Conseguem? Já alguma vez tentaram? Tentem permanecer com um sentimento, e vejam o que acontece. Irão descobrir o quanto isso é extraordinariamente difícil. A vossa mente não irá deixar o sentimento em paz; ela surge de imediato com as suas lembranças, as suas associações, os seus «faz e não faças», o seu interminável tagarelar. Peguem numa concha. Conseguem olhar para ela, maravilhar-se com a sua beleza delicada, sem dizerem o quanto ela é bonita, ou a que animal pertenceu? Conseguem olhar sem o movimento da mente? São capazes de viver com o sentimento por detrás da palavra, sem o sentimento que é construído pela palavra? Se forem capazes, então descobrirão uma coisa extraordinária, um movimento para além da medida do tempo, uma Primavera que não conhece o Verão.

Maio, 14

Compreender as Palavras

Não sei se alguma vez reflectiram ou investigaram todo este processo da verbalização, de dar nome. Se o fizeram, sabem que é algo verdadeiramente espantoso, algo muito estimulante e interessante. Quando damos um nome a tudo aquilo que experimentamos, vemos ou sentimos, a palavra torna-se extraordinariamente importante; e a palavra é tempo. O tempo é espaço, e a palavra é o centro dele. Todo o pensar é verbalização; pensamos com palavras. E será possível para a mente ficar livre da palavra? Não digam «como me poderei libertar?». Isso não tem significado. Mas coloquem essa questão a vós mesmos e vejam o quanto são escravos de palavras como Índia, Gita, comunismo, cristão, russo, americano, inglês, a casta abaixo de vós e a casta acima de vós. A palavra *amor*, a palavra *Deus*, a palavra *meditação* — que importância extraordinária damos a estas palavras e como estamos escravizados por elas.

Maio, 15

A Memória Turva a Percepção

Estão a especular ou estão realmente a experimentar à medida que vamos avançando? Vocês não sabem o que é uma mente religiosa, sabem? Pelo que disseram, não sabem o que ela significa; podem ter apenas um palpite, um vislumbre do que ela é, da mesma forma que vêem o céu azul, claro, maravilhoso, quando a nuvem se dissipa; mas a partir do momento em que tiverem visto o céu azul, passam a ter a memória dele, querem ver mais céu azul e portanto ficam perdidos nele; quanto mais vocês querem a palavra para que o guarde sob a forma de experiência, tanto mais se perdem nela.

Maio, 16

As Palavras Criam Limitações

Pode existir um pensamento sem a palavra? Quando a mente não se encontra tumultuada pelas palavras, então o pensar não tem lugar da forma que nós conhecemos; é antes uma actividade sem a palavra, sem o símbolo, e portanto não tem nenhuma fronteira — a palavra é a fronteira.

A palavra cria a limitação, a fronteira. E uma mente que não está a funcionar com palavras não tem limitações; não tem fronteiras; não está aprisionada. ...Peguem na palavra *amor* e vejam o que ela faz acordar em vós, observem-se; a partir do momento em que menciono essa palavra, vocês começam a sorrir e endireitam-se, sentem. Portanto, a palavra *amor* acorda todo o tipo de ideias, todo o tipo de divisões — carnais, espirituais, profanas, infinitas, e tudo o mais. Mas descubram o que é o amor. Meu senhor, certamente para descobrir o que é o amor, a mente tem de estar livre dessa palavra e da importância dessa palavra.

Maio, 17

Ir Além das Palavras

Para nos compreendermos uns aos outros, penso que é necessário que não fiquemos enredados nas palavras; porque uma palavra como *Deus*, por exemplo, pode ter um determinado significado para vocês, enquanto para mim pode representar uma formulação completamente diferente, ou não representar nenhuma formulação. Portanto, é quase impossível comunicarmos uns com os outros a menos que todos tenhamos a intenção de compreender e ir além das meras palavras. A palavra *liberdade* significa, normalmente, estar liberto de algo, não é verdade? Geralmente quer dizer estar liberto da ambição, da inveja, do nacionalismo, da raiva, disto ou daquilo. Ao passo que a liberdade pode ter um significado bastante diferente, que é uma sensação de se ser livre; e penso que é de grande importância compreendermos este significado.

...Afinal, a mente é constituída por palavras, entre outras coisas. Agora, poderá a mente ficar livre da palavra *inveja?* Experimentem com esta e verão que palavras como *Deus*, *verdade*, *ódio*, *inveja* têm um efeito profundo na mente. E será possível que a mente possa estar liberta, em termos neurológicos e psicológicos, destas palavras? Se ela não estiver liberta delas, será incapaz de enfrentar o facto a que chamamos inveja. Quando a mente consegue olhar directamente para o facto que denomina de «inveja», então o próprio facto tem uma acção muito mais flexível do que o esforço por parte da mente para fazer algo acerca do facto. Enquanto a mente estiver a pensar numa forma de se livrar da inveja através do ideal de não-inveja, e assim por diante, está distraída, não está a enfrentar o facto; e a própria palavra *inveja* constitui uma distracção relativamente ao facto. O processo de reconhecimento faz-se através da palavra: e a partir do momento em que eu reconheço o sentimento por meio da palavra, estou a dar continuidade a esse sentimento.

Maio, 18

Uma Extraordinária Forma de Ver

Assim, e tal como fizemos no início, estamos a colocar a questão: poderá a mente chegar a essa extraordinária forma de ver, não a partir da periferia, do exterior, da fronteira, mas chegar a ela sem que haja qualquer espécie de busca? E chegar até ela sem procura é o único modo de a encontrarmos. Porque ao chegarmos até ela sem o sabermos, não houve um esforço prévio, nenhuma busca, nenhuma experiência; e há a negação completa de todas as práticas normais para se chegar a esse centro, a esse desabrochar. Portanto, a mente encontra-se altamente vigilante, altamente desperta, e não está mais dependente de qualquer experiência para se manter atenta.

Quando nos questionamos a nós mesmos, podemos fazê-lo verbalmente; para a maioria das pessoas, como é natural, tem de ser verbalmente. E temos de compreender que a palavra não é a coisa — da mesma forma que a palavra *árvore* não é a árvore, não é o facto real. O facto real é aquele que podemos tocar, não através da palavra, mas quando entramos verdadeiramente em contacto com ele. Então torna-se uma realidade — o que significa que a palavra perdeu o seu poder de fascinar as pessoas. Por exemplo, a palavra *Deus* está tão sobrecarregada e tem fascinado tanto as pessoas que elas irão aceitar ou negar, e funcionarão como um esquilo numa gaiola! Portanto, a palavra e o símbolo devem ser separados.

Maio, 19

A Percepção da Verdade É Imediata

O estado verbal foi cuidadosamente construído ao longo dos séculos, na relação entre o indivíduo e a sociedade; portanto a palavra, o estado verbal é tanto um estado social como um estado individual. Para comunicarmos tal como estamos a fazer, eu necessito de memória, de palavras, tenho de saber falar inglês, e vocês têm também de saber inglês; é algo que foi sendo adquirido século após século. A palavra está não só a ser desenvolvida nos relacionamentos sociais, mas também como uma reacção nesse relacionamento social para com o indivíduo; a palavra é necessária. A questão é: levou tanto tempo a construir-se o simbólico, o estado verbal, será que ele pode ser banido de forma imediata?... Será que com o tempo nos iremos ver livres do aprisionamento verbal da mente, o qual levou séculos a construir? Ou será que ele deve ruir de forma imediata? Agora, vocês poderão dizer: «Tem de levar tempo, não consigo fazê-lo no imediato.» Isto significa que precisam de muitos dias, significa uma continuidade relativamente ao que tem acontecido, apesar de ser modificado ao longo do processo, até que alcancem um estado em que já não há mais caminho a percorrer. São capazes de o fazer? Porque temos medo, somos preguiçosos, indolentes, dizemos: «Para quê incomodarmo-nos com tudo isto? É demasiado difícil»; ou «Não sei o que fazer» — portanto adiam, adiam, adiam. Mas vocês têm de ver a verdade da continuação e da modificação da palavra. A percepção da verdade sobre algo é imediata — não vem com o tempo. Poderá a mente ter essa percepção instantaneamente, no próprio acto de se questionar? Poderá a mente ver a barreira da palavra, compreender a importância da palavra num instante e ficar naquele estado em que já não se encontra aprisionada pelo tempo? Já devem ter experimentado isto; só que, para a maioria de nós, trata-se de algo que acontece muito raramente.

Maio, 20

Verdade Subtil

Vocês têm o instante da compreensão, essa extraordinária rapidez de percepção profunda e instantânea, quando a mente se encontra muito tranquila, quando o pensamento está ausente, quando a mente não está sobrecarregada com o seu próprio ruído. Portanto, a compreensão seja do que for — um quadro de pintura moderna, uma criança, a vossa mulher, o vosso vizinho ou a compreensão da verdade, que está presente em todas as coisas — só pode surgir quando a mente está muito tranquila. Mas essa tranquilidade não pode ser cultivada, porque se vocês cultivarem uma mente tranquila, ela não será uma mente tranquila, será uma mente morta.

...Quanto mais estiverem interessados em algo, maior será a vossa intenção de compreenderem, e mais simples, clara e livre se encontrará a mente. Nessa altura cessa a verbalização. Afinal, o pensamento é palavra, e é a palavra que interfere. É o véu das palavras, que é a memória que intervém entre o desafio e a resposta. É a palavra que está a responder ao desafio, aquilo a que chamamos intelecção. Assim, a mente que está a tagarelar, a verbalizar, não pode compreender a verdade — a verdade é relação, não uma verdade abstracta. Não existe nenhuma verdade abstracta. Mas a verdade é muito subtil. É o subtil que é difícil de seguir. Não é o abstracto. Vem de uma forma tão rápida, tão misteriosa, que não pode ser percebida pela mente. Tal como um ladrão na noite, vem misteriosamente, não quando estamos preparados para a receber. A vossa recepção é apenas um convite à ambição. Portanto, uma mente que fica enredada na rede das palavras não pode compreender a verdade.

Maio, 21

Todo o Pensamento É Parcial

Vocês e eu compreendemos que estamos condicionados. Se disserem, como fazem algumas pessoas, que o condicionamento é inevitável, então não há qualquer problema; vocês são escravos e tudo termina aí. Mas se começarem a perguntar a vós mesmos se haverá alguma possibilidade de derrubar esta limitação, este condicionamento, então existe um problema; portanto vocês terão de investigar todo o processo do pensamento, não é assim? Se apenas disserem: «Devo estar atento ao meu condicionamento, devo pensar sobre ele, analisá-lo para que o possa compreender e destruir», então estarão a exercer força. O vosso pensar, o vosso analisar são ainda resultado da vossa experiência, portanto é óbvio que não conseguirão destruir o condicionamento através do vosso pensamento, do qual ele faz parte.

Comecem simplesmente por ver o problema, não perguntem qual é a resposta, a solução. O facto é que nos encontramos condicionados e que todos os pensamentos no sentido de compreendermos este condicionamento serão sempre parciais; assim sendo, nunca existe uma compreensão total, e é somente na compreensão total de todo o processo do pensamento que pode haver liberdade. A dificuldade reside no facto de estarmos sempre a funcionar dentro do campo da mente, que é o instrumento do pensamento, racional ou irracional; e tal como já vimos, o pensamento é sempre parcial.

Maio, 22

Libertação do Eu

Para libertarem a mente de todo o condicionamento, devem ver a sua totalidade sem o pensamento. Não se trata de um enigma; experimentem-no e verão. Alguma vez vêem alguma coisa sem o pensamento? Já alguma vez escutaram, olharam, sem fazerem entrar em cena todo o processo da reacção? Dirão que é impossível ver sem o pensamento; dirão que nenhuma mente pode estar descondicionada. Ao dizerem isto, já se bloquearam a vós mesmos através do pensamento, porque a verdade é que vocês não sabem.

Portanto, poderei olhar, poderá a mente estar consciente do seu condicionamento? Penso que sim. Por favor, experimentem. Conseguem estar conscientes de que são hindus, socialistas, comunistas, isto ou aquilo, estar apenas conscientes sem dizerem que tal é certo ou errado? Como é uma tarefa de tal forma difícil, a tarefa de ver apenas, dizemos que é impossível. Digo-vos que é somente quando vocês estão conscientes desta totalidade do vosso ser, sem que haja qualquer reacção, que o condicionamento desaparece, total e profundamente — o que é verdadeiramente a libertação do eu.

Maio, 23

A Atenção Pode Dissipar os Problemas

É óbvio que todo o processo de pensar se encontra condicionado; não existe uma tal coisa como pensamento livre. O acto de pensar nunca pode ser livre, é o resultado do nosso condicionamento, da nossa experiência, da nossa cultura, do nosso clima, do nosso meio social, económico e político. Até mesmo os livros que vocês lêem e as práticas que seguem estão todos implantados nesse meio, e qualquer pensamento tem de ser resultado desse meio. Portanto, se conseguirmos estar conscientes — e podemos ver prontamente o que significa estar consciente, estar atento —, talvez sejamos capazes de descondicionar a mente sem o processo da vontade, sem estarmos determinados a descondicionar a mente. Porque a partir do momento em que nos determinamos a fazê-lo, passa a haver uma entidade que deseja, uma entidade que diz: «Devo descondicionar a minha mente». Essa entidade é ela mesma o resultado do nosso desejo de alcançarmos um determinado resultado, e como tal já está presente um conflito. Portanto, será possível estarmos conscientes do nosso condicionamento, estarmos apenas conscientes dele? — sem que haja qualquer conflito? Essa mesma atenção, uma vez permitida, poderá dissipar os problemas.

Maio, 24

Não Existe Nenhum Condicionamento Nobre ou Melhor que Outro

Não é verdade que a urgência da mente em libertar-se do seu condicionamento estabelece um outro padrão de resistência e de condicionamento? Depois de estarem conscientes do padrão ou molde dentro do qual cresceram, vocês querem libertar-se dele; mas não será que este desejo de se libertarem condiciona mais uma vez a mente, ainda que de uma forma diferente? O antigo padrão insiste em que vocês se conformem à autoridade, e agora vocês estão a desenvolver um novo padrão que afirma que vocês não se devem conformar; portanto, vocês têm dois padrões, um em conflito com o outro. Enquanto persistir esta contradição interna, novos condicionamentos surgirão.

...Existe a ânsia de se conformarem e a ânsia de se libertarem. Por mais díspares que estas duas ânsias possam parecer, não são elas semelhantes na sua essência? E se elas são semelhantes na sua essência, então a vossa procura de liberdade é vã, porque só irão mover-se de um padrão para outro, interminavelmente. Não existe nenhum condicionamento que seja nobre ou melhor que outro, e é este desejo que tem de ser compreendido.

Maio, 25

Libertação do Condicionamento

O desejo de se libertarem do condicionamento só contribui para aumentar o condicionamento. Mas, se em vez de tentarem suprimir o desejo, compreenderem a totalidade do processo do desejo, nessa mesma compreensão reside a libertação do condicionamento. A libertação do condicionamento não é um resultado directo. Compreendem? Se eu decido deliberadamente libertar-me do meu condicionamento, esse desejo cria o seu próprio condicionamento. Posso destruir uma forma de condicionamento, mas fico aprisionado noutra. Ao passo que, se houver uma compreensão do próprio desejo, o qual inclui o desejo de ser livre, então essa mesma compreensão destrói todo o condicionamento. A libertação do condicionamento é um derivado; não é importante. O que é importante é compreendermos o que é que cria o condicionamento.

Maio, 26

A Atenção Simples

É certo que qualquer forma de acumulação, seja ela de conhecimento ou de experiência, qualquer forma de ideal, qualquer projecção da mente, qualquer prática para moldar a mente — que diga o que ela deve ou não deve ser —, tudo isto está, como é óbvio, a impedir o processo de investigação e de descoberta...

Assim, penso que a nossa investigação não se deve orientar no sentido da solução dos nossos problemas mais imediatos, mas antes no sentido de descobrirmos se a mente — o consciente e o inconsciente profundo onde estão armazenadas todas as tradições, as memórias, a herança do conhecimento racial —, na sua totalidade, pode ser dispensada. Penso que isso só é possível se a mente for capaz de estar atenta sem qualquer sensação de exigência, sem qualquer pressão — estar apenas atenta. Considero esta uma das coisas mais difíceis — ter este tipo de atenção —, porque somos apanhados no problema imediato e na sua solução imediata, e por isso as nossas vidas são muito superficiais. Embora possamos recorrer a todos os analistas, ler todos os livros, adquirir muito conhecimento, frequentar a igreja, rezar, meditar, praticar diversas disciplinas; ainda assim, as nossas vidas são, obviamente, muito superficiais, porque não sabemos penetrar profundamente. Penso que a compreensão, a forma de penetração muito, muito profunda, vem com a atenção — com o simples facto de estarmos atentos aos nossos pensamentos e sentimentos, sem condenação, sem comparação, a observação pura e simples. Irão observar, se o experimentarem, o quanto é extraordinariamente difícil, porque toda a nossa educação nos impele a condenar, a aprovar, a comparar.

Maio, 27

Não Há Nenhuma Parte da Mente que Não Esteja Condicionada

A vossa mente está, toda ela, condicionada: não existe nenhuma parte de vós que não o esteja. Isto é um facto, quer vos agrade quer não. Poderão dizer que há uma parte de vós — o observador, o eu superior, o atma — que não está condicionada; mas como vocês pensam nela, ela encontra-se dentro dos limites do campo do pensamento; como tal, está condicionada. Podem inventar milhares de teorias acerca disto, mas o facto é que a vossa mente está completamente condicionada, o consciente e o inconsciente, e qualquer esforço que ela faça para se libertar está também ele condicionado. Assim sendo, o que pode a mente fazer? Ou melhor, em que estado se encontra a mente quando percebe que está condicionada e compreende que qualquer esforço que faça para se descondicionar a si mesma está também ele condicionado?

Agora, quando vocês dizem «sei que estou condicionado», será que o sabem verdadeiramente, ou será isso apenas uma afirmação verbal? Sabem-no com a mesma intensidade com que vêem uma cobra? Quando vocês vêem uma cobra venenosa, dá-se uma acção imediata, que não é premeditada; e quando vocês dizem «sei que estou condicionado», será que isso tem o mesmo significado vital da vossa percepção da cobra? Ou será que se trata de um mero reconhecimento superficial do facto, e não o percebimento do facto? Quando percebo o facto de que sou condicionado, há uma acção imediata. Não tenho de fazer um esforço para me descondicionar. O próprio facto de ser condicionado, e o percebimento desse facto, traz uma clarificação imediata. A dificuldade está em não o percebermos no sentido de compreendermos todas as suas implicações, de vermos que todo o pensamento — por mais subtil, perspicaz, sofisticado ou filosófico que seja —, está condicionado.

Maio, 28

O Fardo do Inconsciente

Interiormente, inconscientemente, existe o peso tremendo do passado que vos empurra numa determinada direcção...

Agora, como será possível eliminar tudo isso? Como é que se pode limpar o inconsciente do passado de forma imediata? Os analistas acreditam que o inconsciente pode ser parcial ou mesmo completamente limpo através da análise — através da investigação, da exploração, da interpretação dos sonhos, e assim por diante —, até que, por fim, vocês se tornem seres humanos «normais», aptos a ajustar-se ao meio que vos rodeia. Mas na análise existe sempre aquele que analisa e o que é analisado, um observador que está a interpretar aquilo que está a ser observado, o que é uma dualidade, uma fonte de conflito.

Portanto, vejo que a mera análise do inconsciente não conduz a lugar nenhum. Pode ajudar-me a ser um pouco menos neurótico, um pouco mais gentil com a minha mulher, com o meu vizinho, ou qualquer outro aspecto de igual superficialidade; mas não é disso que estamos a falar. Vejo que o processo da análise — que envolve tempo, interpretação, o movimento do pensamento enquanto observador que analisa aquilo que está a ser observado — não pode libertar o inconsciente; e assim rejeito completamente o processo da análise. A partir do momento em que percebo que a análise não consegue, em circunstância alguma, libertar-me do fardo do inconsciente, afasto-me da análise. Deixo de analisar. Então, o que foi que aconteceu? Deixou de haver um analisador separado daquilo que está a ser analisado, ele *é* o que está a ser analisado. Não é uma entidade separada do que está a ser objecto de análise. Então descobrimos que o inconsciente tem muito pouca importância.

Maio, 29

O Intervalo entre Pensamentos

Digo-vos que é realmente possível para a mente libertar-se de todo o condicionamento — não que devam aceitar a minha autoridade. Se aceitarem com base na autoridade, nunca o descobrirão, será mais uma substituição e isso não terá qualquer significado...

A compreensão de todo o processo do condicionamento não vem da análise ou da introspecção, porque a partir do momento em que há um sujeito que analisa, esse próprio sujeito está inserido no fundo e portanto a sua análise não tem qualquer significado...

Como é que a mente se pode tornar livre? Para ser livre, a mente deve não só ver e compreender o seu movimento pendular entre passado e futuro, mas estar também atenta aos intervalos entre os pensamentos...

Se observarem muito atentamente, verão que embora a resposta, o movimento do pensamento, pareça ser tão rápida, existem hiatos, intervalos entre os pensamentos. Entre dois pensamentos dá-se um período de silêncio que não está relacionado com o processo do pensamento. Se prestarem atenção, irão reparar que esse período de silêncio, esse intervalo, não é de tempo; e a descoberta desse intervalo, liberta-vos do condicionamento — ou melhor, não «vos» liberta, mas dá-se uma libertação do condicionamento... É somente quando a mente não está a dar continuidade ao pensamento, quando está tranquila, num estado de tranquilidade que não é induzido, que é sem motivo — é só então que pode haver liberdade do fundo.

Maio, 30

Observem como se Formam os Hábitos

Sem a libertação do passado é impossível haver liberdade, porque a mente nunca é nova, fresca, inocente. Só a mente fresca, inocente é livre. A liberdade não tem nada que ver com a idade, não tem nada que ver com a experiência; e parece-me que a própria essência da liberdade reside na compreensão de todo o mecanismo do hábito, tanto a nível consciente como inconsciente. Não se trata de uma questão de terminar com o hábito, mas de ver na sua totalidade a estrutura do hábito. Têm de observar como são formados os hábitos e como, ao negarmos ou resistirmos a um hábito, estamos a criar outro. O importante é que estejam completamente conscientes do hábito; porque a partir de então, como poderão ver por vós próprios, cessa a formação do hábito. Resistir ao hábito, lutar contra ele, negá-lo, apenas lhe dá continuidade. Quando lutam contra um determinado hábito, estão a dar-lhe vida, e então a própria luta contra ele acaba por se tornar mais um hábito. Mas se estiverem simplesmente conscientes da totalidade da estrutura do hábito, sem resistência, então descobrirão que há a libertação do hábito, e nessa liberdade algo de novo acontece.

É apenas a mente embotada, adormecida, que cria e se agarra ao hábito. Uma mente atenta, de momento a momento — atenta ao que está a dizer, atenta ao movimento das suas mãos, dos seus pensamentos, dos seus sentimentos —, descobrirá que a formação de novos hábitos chegou ao fim. É muito importante compreender isto, porque enquanto a mente acaba com um hábito, e nesse mesmo processo está a criar outro, nunca poderá, como é óbvio, ser livre; e é apenas a mente livre que pode perceber algo para além de si mesma.

Maio, 31

Junho

Energia

Atenção

Atenção sem Escolha

Violência

A Energia Cria a sua Própria Disciplina

Procurar a realidade requer uma energia imensa; e se o homem não estiver a fazer isso, ele dissipa a sua energia de formas perniciosas, e então a sociedade tem de o controlar. Agora, será possível libertar energia na busca de Deus ou da verdade e, no processo de descobrir o que é verdadeiro, ser um cidadão que compreende os factos fundamentais da vida, um cidadão que não seja passível de ser destruído pela sociedade?

Sabem, o homem é energia, e se o homem não procurar a verdade, essa energia torna-se destrutiva; é por isso que a sociedade controla e molda o indivíduo, no sentido de moderar essa energia... E talvez já tenham reparado num outro facto interessante e muito simples: que a partir do momento em que vocês querem realmente fazer algo, vocês têm a energia para o fazer... Essa mesma energia torna-se o meio de se controlar a si mesma, e por conseguinte vocês não precisam de uma disciplina externa. Na procura da realidade, a energia cria a sua própria disciplina. O homem que espontaneamente busca a realidade torna-se o tipo correcto de cidadão, alguém que não se rege pelo padrão de uma determinada sociedade ou governo.

Junho, 1

A Dualidade Gera Conflito

Qualquer tipo de conflito — físico, psicológico, intelectual — é uma perda de energia. Por favor, é extremamente difícil compreendermos e libertarmo-nos disto, porque a maioria de nós é educada *no sentido da luta*, do esforço. Quando estamos na escola, é esta a primeira coisa que nos ensinam — a esforçarmo-nos. E essa luta, esse esforço é carregado pela vida fora — ou seja, para se ser bom é preciso lutar, combater o mal, resistir, controlar. Portanto, em termos educacionais, sociológicos, religiosos, os seres humanos são ensinados a lutar. Ensinam-nos que para encontrarmos Deus temos de trabalhar, ser disciplinados, praticar, torturar a nossa alma, a nossa mente, o nosso corpo, negar, suprimir; que não devemos olhar; que devemos lutar, lutar, lutar no assim chamado nível espiritual — que não é de todo o nível espiritual. Então, em termos sociais, está cada *um* por si, pela sua família.

...Portanto, em todo o lado, estamos a desperdiçar energia. E esse desperdício de energia é, na sua essência, conflito: o conflito entre «devo» e «não devo», «tenho de» e «não tenho de». Uma vez criada a dualidade, torna-se inevitável o conflito. Assim, temos de compreender todo este processo da dualidade — não que não exista o homem e a mulher, o verde e o vermelho, a luz e a escuridão, o alto e o baixo; tudo isso são factos. Mas no esforço que envolve esta divisão entre facto e ideia, ocorre o desperdício de energia.

Junho, 2

O Padrão de uma Ideia

Se perguntarem «de que forma vou poupar energia?», então terão criado um padrão de uma ideia — como poupar energia — e começam a conduzir a vossa vida segundo esse padrão; e assim, começa a gerar-se, uma vez mais, uma contradição. Ao passo que, se vocês perceberem por vós mesmos onde é que as vossas energias estão a ser desperdiçadas, verão que a principal força causadora da perda de energia é o conflito — que significa ter um problema e nunca o resolver, viver com a memória mortífera de algo que já passou, viver em contradição. Temos de compreender a natureza da dissipação de energia, e essa compreensão não tem de estar de acordo com o que disse Shankara, Buda ou qualquer outro santo, mas com a observação real do nosso conflito diário na vida. Portanto, a principal perda de energia é o conflito — o que não significa que devamos sentar-nos de braços cruzados e tornar-nos preguiçosos. O conflito continuará sempre a existir enquanto a ideia for mais importante do que o facto.

Junho, 3

Onde Há Contradição Há Conflito

Vocês vêem que a maior parte de nós vive em conflito, vive uma vida de contradição, não apenas exteriormente, mas também ao nível interno. A contradição implica esforço... Onde há esforço, há desperdício — há uma perda de energia. Onde existe contradição, existe conflito. Onde há conflito, há o esforço para ultrapassar esse conflito — o que constitui uma outra forma de resistência. E onde há resistência, há também uma certa forma de energia que é produzida — vocês sabem que quando resistem a algo, essa mesma resistência gera energia...

Toda a acção é baseada nesta fricção entre o que eu devo e o que eu não devo. E esta forma de resistência, esta forma de conflito, produz de facto energia; mas essa energia, se a observarem muito atentamente, é muito destrutiva; não é criativa... A maioria das pessoas vive num estado de contradição. E se elas tiverem um dom, o talento para a escrita ou para a pintura, para isto ou para aquilo, a tensão que vem dessa contradição dá-lhes a energia para se expressarem, para criarem, para escreverem, para serem. Quanto maior for a tensão, maior será o conflito, maior será o resultado, e é a isso que chamamos criação. Mas não se trata de todo de criação. É o resultado do conflito. O acto de enfrentarem o facto de que estão em conflito, em contradição, trará aquela qualidade de energia que não é o resultado da resistência.

Junho, 4

A Energia Criativa

Agora, a questão é esta: existirá uma energia que não pertença ao campo do pensamento, que não seja o resultado de uma energia que se contradiz a si mesma e que é compulsiva, de auto-realização como frustração? Compreendem a questão? Espero estar a expressar-me com clareza. Porque, a menos que encontremos a qualidade dessa energia que não é um mero produto do pensamento que a pouco e pouco cria a energia, mas é também mecânico, a acção é destrutiva, embora possamos fazer reforma sociais, escrever livros extraordinários, ser muito espertos nos negócios ou criar divisões nacionalistas e tomar parte noutras actividades políticas, e assim por diante. Assim, a pergunta é se existirá uma tal energia, não em termos teóricos — porque quando somos confrontados com factos, torna-se infantil e imaturo apresentar teorias. É como o caso de um homem que tem cancro e vai ser operado; de nada adianta discutirmos que tipo de instrumentos vão ser usados na operação ou outras coisas do género; temos de enfrentar o facto de que ele vai ser operado. Assim, da mesma forma, a mente tem de penetrar ou de estar num tal estado quando não está escravizada pelo pensamento. Afinal, todo o pensamento no tempo é invenção; todos os equipamentos, os aviões, os frigoríficos, os mísseis, a exploração do átomo, do espaço, tudo isso resulta do conhecimento, do pensamento. Nada disto é criação, a invenção não é criação; a capacidade não é criação; o pensamento nunca pode ser criativo, porque está sempre condicionado e nunca pode ser livre. É apenas aquela energia que não é produto do pensamento que é criativa.

Junho. 5

A Forma mais Elevada de Energia

Uma ideia sobre a energia é completamente diferente do próprio facto que é a energia. Nós temos fórmulas ou conceitos de como fazer surgir uma qualidade de energia do mais elevado nível. Mas a fórmula é inteiramente diferente da qualidade renovadora e regeneradora da própria energia.

...A forma mais elevada desta energia, o apogeu, é o estado da mente em que ele não tem nenhuma ideia, nenhum pensamento, nenhum sentido de direcção ou de motivação — isso é energia pura. E essa qualidade de energia não pode ser procurada. Não podem dizer: «Bom, então diga-me lá como encontrá-la, o *modus operandi*, a forma de descobri-la.» Não há nenhuma forma de a encontrar. Para descobrirmos por nós mesmos a natureza desta energia, temos de começar por compreender a energia diária que é desperdiçada — a energia no momento em que falamos, em que ouvimos um pássaro, uma voz, em que vemos o rio, a vastidão do céu e os camponeses, sujos, mal arranjados, doentes, meio esfomeados, e a árvore que à noite se recolhe de toda a luz do dia. A própria observação de tudo é energia. E esta energia é obtida através da comida, dos raios do Sol. Esta energia física e diária que nós temos pode, como é óbvio, ser aumentada, potenciada através da ingestão dos alimentos adequados, e assim por diante. Isso é obviamente necessário. Mas essa mesma energia que se torna a energia da psique — ou seja, do pensamento —, a partir do momento em que tem em si qualquer contradição, torna-se uma perda de energia.

Junho, 6

A Arte de Ouvir é a Arte de Libertar

Alguém está a contar-vos algo, vocês ouvem. O próprio acto de ouvir é o acto de libertar. Quando vocês vêem o facto, a própria percepção desse facto é a libertação desse facto. O próprio ouvir, o próprio acto de ver algo como um facto, tem um efeito extraordinário sem o esforço do pensamento.

...Tomemos um exemplo — a ambição. Já investigámos o suficiente o que ela origina, quais os seus efeitos. Uma mente que é ambiciosa nunca pode saber o que é ser compassivo, solidário, amar. Uma mente ambiciosa é uma mente cruel — quer a nível espiritual, exterior, ou interior. Já a ouviram. Ouvem-na; quando ouvem, traduzem e dizem: «Como posso viver neste mundo construído sobre a ambição?» Portanto, vocês não ouviram. Responderam, reagiram a uma afirmação, a um facto; como tal, não estão a olhar para o facto. Estão apenas a traduzir o facto ou a emitir uma opinião sobre o facto, ou a responder ao facto; portanto, não estão a olhar para o facto... Se ouvirmos — sem qualquer avaliação, reacção, julgamento — certamente então, o facto cria essa energia que destrói, varre, bane a ambição que dá origem ao conflito.

Junho, 7

A Atenção sem Resistência

Vocês sabem o que é o espaço. Há espaço nesta sala. A distância entre este local e o vosso hotel, entre a ponte e a vossa casa, entre esta margem do rio e a outra — tudo isso é espaço. Agora, será que também existe espaço na vossa mente? Ou será que ela se encontra de tal modo apinhada que não lhe resta espaço nenhum? Se a vossa mente tem espaço, então nesse espaço há silêncio — e a partir desse silêncio vem tudo o resto, porque então vocês podem ouvir, podem prestar atenção sem resistência. É por isso que é tão importante ter espaço na mente. Se a mente não estiver sobrepovoada, se não estiver interminavelmente ocupada, então ela pode ouvir o cão que está a ladrar, o som do comboio a atravessar a ponte distante, e estar também totalmente atenta ao que está a ser dito pela pessoa que está a falar junto dela. Então a mente é algo vivo, não está morta.

Junho, 8

Atenção Livre de Esforço

Pode haver atenção quando nada está a absorver a mente? Pode haver atenção sem nos concentrarmos num objecto? Haverá atenção sem qualquer espécie de motivo, influência ou compulsão? Poderá a mente prestar total atenção sem qualquer sensação de exclusão? Certamente que sim, e esse é o único estado de atenção; os restantes são mera indulgência ou truques da mente. Se puderem prestar uma atenção total sem que nada vos absorva e sem qualquer sensação de exclusão, então descobrirão o que é meditar; porque nessa atenção não existe esforço, nem divisão, nem luta, nem nenhuma procura de um resultado. Portanto, a meditação é um processo de libertação da mente em relação aos sistemas, e de prestar atenção sem se deixar absorver por nada e sem que haja um esforço de concentração.

Junho, 9

Uma Atenção que Não É Exclusiva

Penso que há uma diferença entre a atenção que é dada a um objecto e a atenção sem objecto. Podemos concentrar-nos numa determinada ideia, crença, objecto — o que é um processo exclusivo; e há também uma atenção, um estado em que se está consciente, que não é exclusivo. De modo semelhante, existe um descontentamento que não tem motivo, que não é resultado de nenhuma frustração, que não pode ser canalizado, que não pode ser satisfeito. Talvez eu não esteja a usar a palavra correcta para ele, mas penso que esse descontentamento extraordinário é o essencial. Sem ele, qualquer outra forma de descontentamento se torna, meramente, um caminho para a satisfação.

Junho, 10

A Atenção é Ilimitada, Sem Fronteiras

No que se refere ao desenvolvimento da mente, não devíamos colocar a ênfase na concentração, mas antes na atenção. A concentração é um processo no qual a mente é forçada a focar-se num único ponto, ao passo que a atenção não tem fronteiras. Nesse processo, a mente fica sempre limitada por uma fronteira, mas quando estamos interessados em compreender a totalidade da mente, a mera concentração torna-se um impedimento. A atenção é ilimitada, não tem as fronteiras do conhecimento. O conhecimento vem com a concentração, e qualquer extenção de conhecimento está ainda dentro das suas fronteiras. No estado de atenção, a mente pode usar e usa o conhecimento, o qual é por necessidade o resultado da concentração; mas a parte nunca é o todo, e juntar as muitas partes não ajuda a ter a percepção do todo. O conhecimento, que é o processo de adição da concentração, não faz nascer a compreensão do imensurável. O total nunca está dentro dos limites de uma mente concentrada.

Assim, a atenção é de uma importância primordial, mas não vem através do esforço da concentração. A atenção é um estado no qual a mente está sempre a aprender sem um centro em torno do qual o conhecimento se vai avolumando sob a forma de experiência acumulada. Uma mente que está concentrada em si mesma usa o conhecimento como um meio para a sua própria expansão; e uma tal actividade torna-se contraditória em relação a si mesma e anti-social.

Junho, 11

Atenção Total

O que entendemos por atenção? Será que existe atenção quando forço a minha mente a estar atenta? Quando digo a mim mesmo «devo prestar atenção, devo controlar a minha mente e afastar todos os outros pensamentos», chamam a isso atenção? Certamente não o é. O que acontece quando a mente se força a si mesma a prestar atenção? Cria uma resistência para impedir que outros pensamentos a distraiam; está preocupada com a resistência, com o afastar dos outros pensamentos; e assim, torna-se incapaz de estar atenta. É assim que as coisas se passam, não é verdade?

Para compreenderem algo inteiramente, têm de lhe dar toda a vossa atenção. Mas logo descobrirão como é extraordinariamente difícil fazer isso, porque a vossa mente está habituada a ser distraída, e portanto vocês dizem: «Meu Deus, é realmente bom prestar atenção, mas como vou conseguir fazê-lo?» Ou seja, vocês estão, mais uma vez, a desejar obter algo, e assim nunca irão prestar toda a vossa atenção... Quando vêem uma árvore ou um pássaro, por exemplo, prestar-lhe toda a atenção não é dizer: «Aquilo é um carvalho» ou «aquilo é um papagaio», e continuar a andar. A partir do momento em que lhes dão um nome, já deixaram de lhes prestar atenção... Ao passo que, se estiverem inteiramente atentos quando olham para algo, então descobrirão que tem lugar uma completa transformação, e que a atenção total é o bem. Não existe mais nenhuma, e não se pode alcançar a atenção total através da prática. Através da prática, podemos alcançar a concentração, isto é, construímos barreiras de resistência, e dentro delas encontra-se aquele que está concentrado, mas isso não é atenção, é exclusão.

Junho, 12

A Eliminação do Medo É o Princípio da Atenção

Como é que podemos fazer surgir o estado de atenção? Ele não pode ser cultivado por meio da persuasão, da comparação, da recompensa ou do castigo, que são, todos eles, formas de coerção. A eliminação do medo é o princípio da atenção. O medo continuará a existir enquanto houver a ânsia de ser ou de vir a ser, que é a procura do sucesso, com todas as suas frustrações e contradições. Vocês podem ensinar a concentração, mas não a atenção, do mesmo modo que também não podem ensinar alguém a libertar-se do medo. Portanto, a atenção surge espontaneamente, quando em torno do aluno existe uma atmosfera de bem-estar, quando ele se sente em segurança, descontraído, e está consciente da acção desinteressada que vem do amor. O amor não compara, e assim a inveja e a tortura do «vir a ser» cessam.

Junho, 13

Não Há Nenhum Lugar Aonde Chegar

Será possível praticar a humildade? Certamente estar consciente de que se é humilde não é ser humilde. Vocês querem saber que chegaram. Isto significa, não é verdade, que vocês estão a ouvir com o objectivo de atingirem um determinado estado, um lugar onde nunca mais serão perturbados, onde encontrarão a felicidade eterna, a bem-aventurança infinita? Mas, tal como já vos disse, não há um chegar, há tão-somente o movimento de aprender — e essa é a beleza da vida. Se vocês chegaram, não há mais nada. E todos vocês chegaram, ou querem chegar, não apenas nos vossos negócios, mas em tudo o que fazem; portanto vocês estão insatisfeitos, frustrados, infelizes. Senhores, não há um lugar aonde chegar, há apenas este movimento de aprender que só se torna doloroso quando há acumulação. Uma mente que ouve com total atenção nunca procurará um resultado, porque se está sempre a desdobrar; como um rio, também ela está num contínuo movimento. Uma tal mente é completamente inconsciente da sua própria actividade, no sentido em que não existe uma perpetuação do «eu» que procura alcançar um propósito.

Junho, 14

Conhecimento Não É Atenção

A atenção é aquele estado da mente que observa algo sem qualquer condenação ou aceitação, que simplesmente encara o facto como ele é. Quando vocês olham para uma flor sem ser do ponto de vista botânico, então podem ver a totalidade da flor; mas se a vossa mente ficar completamente absorvida pelos conhecimentos de botânica que catalogam aquela flor, então vocês já não estarão a vê-la na sua totalidade. Embora possam ter algum conhecimento sobre a flor, se esse conhecimento invadir todo o terreno da vossa mente, todo o vosso campo mental, então não estarão a olhar inteiramente para a flor.

Portanto, olhar para um facto é estar atento. Nessa atenção não há escolha, não há condenação, não há gostar ou não gostar. Mas a maioria de nós é incapaz de fazer isto, porque tradicionalmente, em termos ocupacionais, de todas as formas, não somos capazes de enfrentar o facto sem o fundo. Temos de estar atentos ao fundo. Temos de estar atentos ao nosso condicionamento, e esse condicionamento revela-se quando observamos um facto; e como vocês estão preocupados com a observação do facto e não com o fundo, o fundo é posto de lado. Quando o principal interesse é apenas a compreensão do facto, e quando vocês vêem que o fundo vos impede de compreender o facto, então o interesse vital pelo facto faz desaparecer o fundo.

Junho, 15

A Introspecção É Incompleta

Na atenção existe apenas o presente — isto é, ao estarem atentos, vocês vêem o processo de influência do passado, que controla o presente e modifica o futuro. A atenção é um processo integral, não um processo de divisão. Por exemplo, se eu colocar a questão: «Acredito em Deus?» — no próprio processo de me questionar, posso observar, se estiver atento, o que é que me está a fazer colocar essa questão; se estiver atento, posso perceber quais foram e quais são as forças em acção que me estão a impelir a colocar essa questão. Então estou consciente de várias formas de medo — as dos meus antepassados, que criaram uma certa ideia acerca de Deus e que me foi transmitida, e ao combinar a ideia deles com as minhas reacções presentes, modifiquei ou alterei o conceito de Deus. Se estiver atento, percebo todo este processo do passado, os efeitos que ele tem no presente e no futuro de forma integral, como um todo.

Se estivermos atentos, podemos observar que o nosso conceito de Deus surgiu por causa do medo; ou talvez tenha existido alguém que teve uma experiência da realidade ou de Deus e que a comunicou a outrem, que, na sua ambição, se apoderou dela, dando assim o impulso inicial ao processo da imitação. A atenção é o processo da plenitude, e a introspecção é incompleta. O resultado da introspecção é mórbido, doloroso, ao passo que a atenção é entusiasmo e alegria.

Junho, 16

Ver o Todo

De que modo olham para uma árvore? Vêem a totalidade da árvore? Se não a virem como uma totalidade, não a vêem de todo. Podem passar por ela e dizer: «Olha que árvore tão bonita!», ou então: «É uma mangueira», ou ainda: «Não sei que árvores são aquelas, talvez sejam tamarindos». Mas quando param e olham — quero dizer, de verdade, realmente —, vocês nunca vêem a sua totalidade; e se não virem a totalidade da árvore, não vêem a árvore. O mesmo acontece com a *atenção*. Se não forem capazes de ver na totalidade as operações da vossa mente — no mesmo sentido em que me referi à árvore —, então não estão atentos. A árvore é feita de raízes, tronco, ramos, os grandes e os pequenos e aquele muito delicado que chega até ali; e a folha, a folha morta, a folha que está feia, a folha que está a cair, o fruto, a flor — tudo isso é visto como um todo quando vocês vêem a árvore. Da mesma forma, nesse estado de *ver* as operações da vossa mente, nesse estado de atenção, existe o vosso sentido de condenação, aprovação, negação, luta, futilidade, o desespero, a esperança, a frustração; a atenção cobre tudo isso, não apenas uma parte. Portanto, estão vocês conscientes da vossa mente nesse simples sentido, como ver todo um quadro — e não ver apenas um canto do quadro e perguntar: «Quem pintou este quadro?»

Junho, 17

A Atenção Não Pode Ser Disciplinada

Se a atenção for praticada, transformada num hábito, então torna-se entediante e dolorosa. A atenção não pode ser alvo de disciplina. Aquilo que é praticado deixa de ser atenção, porque na prática está implícita a criação de um hábito, a aplicação do esforço e da vontade. O esforço é distorção. Não existe apenas a atenção relativamente ao que é externo — o voo das aves, as sombras, o mar revolto, as árvores e o vento, o pedinte e os carros topo de gama que passam por nós —, há também a atenção em relação ao processo psicológico, à tensão interior e ao conflito. Vocês não condenam um pássaro que passa a voar: observam-no, vêem a sua beleza. Todavia, quando vocês tomam em consideração a vossa própria luta interna, condenam-na ou justificam-na. São incapazes de observar este conflito interno sem escolha ou justificação. Estarem atentos ao vosso pensamento e ao vosso sentimento sem identificação e sem negação não é algo entediante ou doloroso; mas na busca de um resultado, de um objectivo a ser obtido, o conflito é incrementado e o tédio da luta tem então início.

Junho, 18

Deixem que um Pensamento Floresça

A atenção é aquele estado da mente que engloba tudo — os corvos que cruzam os céus, as flores nos ramos das árvores, as pessoas sentadas à nossa frente, as cores com que estão vestidas —, estar atento de uma forma abrangente, o que requer o olhar atento, a observação, o assimilar da forma da folha, da forma do tronco, da forma da cabeça de outra pessoa, do que essa pessoa está a fazer. Estar atento de um modo abrangente e agir a partir dessa atenção — isso é estarmos conscientes da totalidade do nosso próprio ser. Ter apenas uma capacidade seccionada, uma fragmentação da capacidade ou uma capacidade fragmentada, e seguir essa capacidade e obter a experiência por meio dessa capacidade que é limitada — isso torna medíocre a qualidade da mente, limitada, estreita. Mas o estarmos atentos à totalidade do nosso ser, compreendido através da atenção a cada pensamento e a cada sentimento, sem nunca os limitar, deixando que cada pensamento e cada sentimento floresçam, e portanto estando atentos — isso é completamente diferente da acção ou da concentração que é mera capacidade e, consequentemente, limitada.

Deixar que um pensamento ou um sentimento floresçam é algo que requer atenção — não concentração. Quando vos falo em deixar florescer um pensamento, refiro-me a dar-lhe liberdade e ver o que acontece, o que tem lugar no vosso pensamento, no vosso sentimento. Tudo precisa de liberdade e de luz para florescer; não pode haver restrições. Não podem estar a avaliá-lo, não podem dizer: «Isto está certo, aquilo está errado; isto deve ser e aquilo não deve ser» — desta forma estão a limitar o florescimento do pensamento. E ele só pode florescer por meio deste estado de atenção. Assim, se analisarem isto muito profundamente, descobrirão que este florescer do pensamento é o fim do pensamento.

Junho, 19

Atenção Passiva

Na atenção não há nenhum vir a ser, não há nenhuma finalidade a ser alcançada. Há uma observação silenciosa sem escolha e sem condenação, a partir da qual vem a compreensão. Neste processo, quando o pensamento e o sentimento se revelam a si mesmos, o que só pode acontecer quando não há aquisição nem aceitação, então surge uma atenção abrangente, todas as camadas escondidas e o seu significado são reveladas. Esta atenção revela esse vazio criativo que não pode ser imaginado ou formulado. Esta atenção abrangente e o vazio criativo são um único processo e não representam estados diferentes. Quando vocês observam um problema em silêncio, sem condenação nem justificação, surge a atenção passiva. Nesta atenção passiva, o problema é compreendido e resolvido. Na atenção há uma sensibilidade muito elevada, na qual reside a mais elevada forma de pensar negativo. Quando a mente está a formular, a produzir, não pode haver qualquer criação. É somente quando a mente está tranquila e vazia, quando não está a criar um problema, quando se encontra nesse estado de atenção passiva, que existe criação. A criação só pode ter lugar na negação, que não é o oposto do positivo. Ser nada não é a antítese de ser alguma coisa. Um problema só ganha existência quando há a procura de um resultado. É só quando cessa essa procura que o problema desaparece.

Junho, 20

Aquilo que É Totalmente Compreendido Não Se Repetirá

Na atenção relativamente a nós mesmos não há necessidade de confissão, porque essa atenção cria o espelho no qual todas as coisas se reflectem sem distorção. Cada pensamento-sentimento é projectado, tal como aconteceu, no ecrã da atenção para que possa ser observado, estudado e compreendido; mas este fluir da compreensão é bloqueado quando há condenação ou aceitação, julgamento ou identificação. Quanto mais observamos e compreendemos o ecrã — não como um dever ou uma prática forçada, mas porque a dor e a tristeza criaram um interesse insaciável que traz com ele a sua própria disciplina —, tanto maior será a intensidade da atenção, e isto, por sua vez, traz uma compreensão mais elevada.

...Podem seguir determinada coisa se ela se mover lentamente; um mecanismo muito veloz deve ser desacelerado se lhe quisermos estudar os movimentos. Do mesmo modo, os pensamentos-sentimentos só podem ser estudados e compreendidos se a mente for capaz de actuar de forma lenta; mas uma vez que ela tenha despertado esta sua capacidade, pode funcionar a alta velocidade, o que a torna extremamente calma. Quando estão a girar a alta velocidade, as pás de uma ventoinha aparentam ser uma sólida folha de metal. A nossa dificuldade está em fazer a mente funcionar a uma velocidade mais lenta de forma a que cada pensamento-sentimento possa ser seguido e compreendido. Aquilo que é total e profundamente compreendido não se repetirá.

Junho, 21

Violência

O que acontece quando prestamos toda a nossa atenção àquilo a que chamamos violência? — tomando a violência não apenas como aquilo que separa os seres humanos, através da crença, do condicionamento e assim por diante, mas também aquilo que ganha existência quando estamos à procura de segurança pessoal, ou da segurança da individualidade por meio de um padrão de sociedade. Conseguem olhar para essa violência com total atenção? E o que acontece quando olham para essa violência com toda a atenção? Quando dedicam toda a vossa atenção a algo, seja ao que for — ao vosso estudo de História ou de Matemática, a observarem o vosso marido ou a vossa mulher — o que acontece? Não sei se já alguma vez se debruçaram sobre isto — é provável que a maioria de nós nunca tenha prestado uma atenção total a nada — mas quando o fazemos, o que acontece? Meus senhores, o que é a atenção? Certamente quando estão a prestar toda a vossa atenção há cuidado, e não se pode ter cuidado se não houver afeição, se não houver amor. E quando prestamos atenção com amor, poderá existir violência? Estão a seguir-me? Formalmente, condeno a violência, fugi dela, justifiquei-a, disse que ela não é uma coisa natural. Tudo isto é falta de atenção. Mas quando presto atenção àquilo a que chamei violência — e nessa atenção existe cuidado, afeição, amor — onde é que há espaço para a violência?

Junho, 22

Será Possível Terminar com a Violência?

Quando falam sobre a violência, o que querem dizer com essa palavra? É, de facto, uma questão interessante, se for observada profundamente, a de investigarmos se um ser humano a viver neste mundo pode deixar totalmente de ser violento. As sociedades, as comunidades religiosas tentaram não matar animais. Alguns até disseram: «Vocês não querem matar os animais, mas então e os vegetais?» Podemos levar esta questão a tal ponto que deixaríamos de existir. Onde é que marcamos a fronteira? Será que existe um limite arbitrário de acordo com o nosso ideal, com a nossa fantasia, com a nossa norma, com o nosso temperamento, com o nosso condicionamento, e dizemos: «Vou até ali e não além disso»? Existirá uma diferença entre a raiva individual, acompanhada de uma acção violenta por parte do indivíduo, e o ódio organizado a nível da sociedade que alimenta e constrói um exército para destruir uma outra sociedade? Onde, a que nível e qual fragmento de violência estão vocês a discutir, ou querem discutir se será possível para o homem libertar-se completamente da violência, e não apenas de um determinado fragmento a que ele chama violência?...

Nós sabemos o que é a violência sem a expressarmos por palavras, frases, acção. Como um ser humano no qual o animal ainda está muito forte, apesar de séculos da assim chamada civilização, por onde devo começar? Devo começar pela periferia, que é a sociedade, ou pelo centro, que sou eu mesmo? Vocês dizem-me que não seja violento, porque é feio sê-lo. Explicam-me todas as razões, e eu vejo que a violência é uma coisa terrível nos seres humanos, exterior e interiormente. Será possível pôr um fim a esta violência?

Junho, 23

A Causa Central do Conflito

Não pensem que terão a paz pelo mero facto de a desejarem, quando no vosso quotidiano de relação vocês são agressivos, aquisitivos, andam em busca de segurança psicológica neste mundo ou no outro. Têm de compreender a causa central do conflito e da tristeza e, então, dissolvê-la e não olhar apenas para o exterior à procura da paz. Mas, compreendem, a maior parte de nós é indolente. Somos demasiado preguiçosos para pegarmos em nós e tentarmos compreender-nos a nós mesmos, e ao sermos preguiçosos, o que é na verdade uma forma de presunção, pensamos que os outros irão resolver este problema por nós e trazer-nos a paz, ou então achamos que devemos destruir a meia dúzia de pessoas que está a originar as guerras. Quando o indivíduo está em conflito dentro de si mesmo, irá, inevitavelmente, originar conflitos no exterior, e só ele pode criar a paz dentro de si mesmo e, consequentemente, no mundo, porque ele é o mundo.

Junho, 24

Tomem Consciência de que São Violentos

O animal é violento. Os seres humanos, que são resultado do animal, são também violentos; faz parte do seu ser serem violentos, irados, ciumentos, invejosos, sedentos de poder, de posição, de prestígio e tudo o mais, serem dominadores, agressivos. O homem é violento — isto é-nos confirmado por milhares de guerras — e ele desenvolveu uma ideologia a que chama a não-violência... E quando se dá um caso de violência real, como por exemplo uma guerra entre este e aquele país, toda a gente se encontra envolvida nele. Adoram-no. Agora, quando vocês são de facto violentos e têm um ideal de não-violência, vocês estão em conflito. Estão sempre a tentar tornar-se não-violentos — o que faz parte do conflito. Disciplinam-se a vós mesmos no sentido de não serem violentos — o que, uma vez mais, é um conflito, uma fricção. Portanto, quando vocês são violentos e têm o ideal da não-violência, são essencialmente violentos. A primeira coisa a fazer é tomarem consciência de que são violentos — não o tentarem tornar-se não-violentos. Ver a violência tal como ela é, sem tentarem traduzi-la, disciplina-la, ultrapassá-la, suprimi-la, mas vê-la como se a vissem pela primeira vez — ou seja, olhar para ela sem qualquer pensamento. Já expliquei o que entendemos por olhar para uma árvore com inocência — que significa olhar para ela sem a imagem. Do mesmo modo, vocês têm de olhar para a violência sem a imagem que a própria palavra «violência» implica. Olhar para ela sem qualquer movimento do pensamento é olhar para ela como se estivessem a olhar para ela pela primeira vez, e, portanto, com inocência.

Junho, 25

Libertar-se da Violência

Será que vocês conseguem ver o facto que é a violência — não apenas o facto que é exterior a vós, mas também dentro de vós — sem que haja nenhum intervalo de tempo entre o ouvir e a acção? Isto significa que, através do próprio acto de ouvir, vocês se libertam da violência. Tornam-se totalmente libertos da violência, porque não admitem o tempo, uma ideologia por meio da qual vocês se podem ver livres da violência. Isto requer uma meditação muito profunda, não apenas a concordância ou a discordância verbais. Nós nunca ouvimos nada; as nossas mentes, as nossas células cerebrais estão de tal modo condicionadas por uma ideologia sobre a violência que nunca olhamos para o facto que é a violência. Olhamos para o facto que é a violência através de uma ideologia, e o olhar para a violência através de uma ideologia cria um intervalo de tempo. E quando vocês admitem o tempo, não pode haver um fim para a violência; continuarão a dar mostras de violência enquanto pregam a não-violência.

Junho, 26

A Principal Causa da Violência

Penso que a principal causa da violência é o facto de cada um de nós estar, interiormente, psicologicamente, à procura de segurança. Em cada um de nós, a urgência de segurança psicológica — aquela sensação interior de se estar seguro — projecta a exigência, a exigência exterior, de segurança. A nível interior, cada um de nós deseja estar seguro, ter certezas. É por essa razão que temos todas estas leis relativas ao casamento; de forma a que possamos possuir uma mulher, ou um homem, e deste modo estarmos seguros no nosso relacionamento. Se esse relacionamento for atacado, tornamo-nos violentos, e isso é a exigência psicológica, a exigência interna de estarmos seguros no nosso relacionamento com tudo o que existe. Mas não existe uma tal coisa a que se possa chamar certeza, segurança, em nenhum relacionamento. Interiormente, psicologicamente, nós gostaríamos de nos sentir seguros, mas a segurança permanente não existe...

Portanto, tudo isto são as causas que contribuem para a violência que é predominante, que tumultua os quatro cantos do mundo. Penso que qualquer pessoa que tenha observado, mesmo que só um pouco, o que se está a passar no planeta, e muito em especial neste país esquecido pela fortuna, também pode, sem necessitar de muito estudo, observar e descobrir em si mesma essas coisas que quando projectadas para o exterior, são as causas desta extraordinária brutalidade, insensibilidade, indiferença, violência.

Junho, 27

O Facto É que Somos Violentos

Todos nós percebemos a importância do cessar da violência. E como poderei eu, enquanto indivíduo, libertar-me da violência — não apenas superficialmente, mas totalmente, completamente, interiormente? Se o ideal de não-violência não consegue libertar a mente da violência, então será que a análise da causa da violência pode ajudar a dissolver essa mesma violência?

Afinal, este é um dos nossos principais problemas, não é assim? O mundo inteiro está enredado na violência, em guerras; a própria estrutura da nossa sociedade aquisitiva é, na sua essência, violenta. E se vocês e eu, enquanto indivíduos, temos de nos libertar da violência — totalmente, interiormente, não apenas em termos superficiais ou verbais —, então como poderemos consegui-lo sem nos tornarmos centrados em nós mesmos?

Compreendem o problema, não é verdade? Se a minha preocupação é libertar a mente da violência e me disciplino no sentido de controlar a violência e de a transformar em não-violência, certamente isso fará surgir o pensamento e a actividade egocêntricos, porque a minha mente está constantemente focalizada na tentativa de se ver livre de uma coisa e de adquirir outra. E no entanto eu vejo o quanto é importante que a mente fique totalmente livre da violência. Então, o que posso fazer? Certamente não se trata da questão de como não devemos ser violentos. O facto é que nós somos violentos, e perguntarmos: «como poderei deixar de ser violento?» apenas serve para criar o ideal, o que me parece ser inteiramente fútil. Mas se formos capazes de olhar para a violência e compreendê-la, então talvez haja uma possibilidade de a resolvermos completamente.

Junho, 28

Destruir o Ódio

Vemos o mundo do ódio a colher os seus frutos no presente. Este mundo do ódio foi criado pelos nossos pais, pelos nossos antepassados e por nós. Assim, a ignorância estende-se indefinidamente pelo passado. Ela não nasceu de geração espontânea. É o resultado da ignorância humana, um processo histórico, não é? Nós, como indivíduos, temos cooperado com os nossos antepassados, que, em conjunto com os seus antecessores, iniciaram este processo de ódio, medo, ambição, e assim por diante. Agora, como indivíduos, nós participamos deste mundo de ódio enquanto, a título individual, continuarmos a tolerá-lo.

O mundo é, portanto, uma extensão de vós mesmos. Se vocês, enquanto indivíduos, desejarem destruir o ódio, então, enquanto indivíduos, devem deixar de odiar. Para destruírem o ódio, devem dissociar-se dele em todas as suas formas grosseiras e subtis, e enquanto estiverem enredados nele continuarão a fazer parte desse mundo de ignorância e medo. Assim, o mundo é uma extensão de vós próprios, ele é a duplicação e a multiplicação de vós próprios. O mundo não existe à parte do individual. Pode existir enquanto ideia, como estado, como organização social, mas para realizar essa ideia, para fazer funcionar essa organização social ou religiosa, tem de haver o indivíduo. A sua ignorância, a sua ambição e o seu medo mantêm a estrutura da ignorância, da ambição e do ódio. Se o indivíduo mudar, poderá afectar o mundo, o mundo do ódio, da ambição, e de tudo o resto?... O mundo será uma extensão de vós mesmos enquanto forem irreflectidos, enquanto estiverem enredados na ignorância, no ódio, na ambição, mas quando forem sérios, cuidadosos e atentos, não haverá apenas uma dissociação dessas causas feias que criam a dor e a tristeza, mas nessa compreensão haverá plenitude e perfeição.

Junho, 29

Tornamo-nos Aquilo que Combatemos

Certamente tornar-se-ão aquilo que combatem... Se eu estiver encolerizado e vocês me receberem com cólera, qual será o resultado? Mais cólera. Vocês tornaram-se naquilo que eu sou. Se eu for mau e vocês me combaterem com meios maus, também vocês se tornarão maus, por mais certos que se possam sentir. Se eu for brutal e vocês utilizarem meios brutais para me dominarem, então estão a tornar-se tão brutais quanto eu. E é isto que nós temos feito desde há milhares de anos. Certamente haverá uma outra abordagem que não seja enfrentar o ódio por meio do ódio? Se eu usar métodos violentos para dominar a cólera dentro de mim mesmo, estarei a usar os meios errados para um fim correcto, e dessa forma o fim correcto deixa de o ser. Não há nisto nenhuma compreensão; não há nenhuma cólera transcendente. A cólera deve ser estudada com tolerância e compreendida; não deve ser superada através de meios violentos. A cólera pode ser o resultado de muitas causas, e, sem compreendermos essas causas, não há forma de lhe escaparmos.

Fomos nós que criámos o inimigo, o bandido, e, ao transformar-se em nós mesmos, o inimigo não traz de modo algum um cessar da inimizade. Temos de compreender a causa da inimizade e parar de a alimentar através do nosso pensamento, do nosso sentimento e da nossa acção. Esta é uma tarefa árdua, que exige uma atenção constante em relação a nós mesmos e uma flexibilidade inteligente, porque a sociedade, o estado, é aquilo que nós formos. O inimigo e o amigo são o resultado do nosso pensamento e da nossa acção. Somos responsáveis por criar inimizade e portanto é mais importante estarmos atentos ao nosso próprio pensamento e à nossa própria acção do que estarmos preocupados com o inimigo e com o amigo, porque o pensar correcto põe fim à divisão. O amor transcende o amigo e o inimigo.

Junho, 30

Julho

Felicidade

Mágoa

Dor

Tristeza

Felicidade *vs.* Satisfação

O que é que a maioria de nós procura? O que é que cada um de nós quer? Em especial neste mundo tumultuado, onde toda a gente procura um pouco de paz, algum tipo de felicidade, um refúgio, certamente é importante descobrirmos, não é verdade, o que é que tentamos procurar, o que é que tentamos descobrir? É provável que a maior parte de nós esteja à procura de algum tipo de felicidade, de algum tipo de paz; num mundo em constante agitação, com guerras, contendas, luta, nós queremos um refúgio onde possa haver alguma paz. Penso que é isso que a maioria de nós quer. Assim, procuramos, passamos de um líder para outro, de uma organização religiosa para outra, de um instrutor para outro.

Agora, será que andamos à procura de felicidade ou de algum tipo de satisfação a partir do qual temos esperança de obter a felicidade? Existe uma diferença entre felicidade e satisfação. Será que se pode procurar a felicidade? Talvez se possa encontrar a satisfação, mas certamente não se pode encontrar a felicidade. A felicidade deriva de outra coisa. É um produto derivado. Portanto, antes de entregarmos as nossas mentes e os nossos corações a algo que exige uma grande dose de seriedade, de atenção, de pensamento, de cuidado, devemos descobrir, não é verdade, de que é que andamos realmente à procura; se é da felicidade ou de satisfação?

Julho, 1

Temos de Ir Fundo para Conhecermos a Alegria

Muito poucos de nós conseguem deleitar-se com alguma coisa. Temos muito pouca alegria ao vermos o pôr-do-sol, ou a Lua cheia, ou uma pessoa bonita, ou uma árvore maravilhosa, ou um pássaro em pleno voo, ou uma dança. Nada nos deleita verdadeiramente. Olhamos para as coisas, ficamos superficialmente divertidos ou excitados com elas, temos uma sensação a que chamamos alegria. Mas o deleite é algo muito mais profundo, que deve ser compreendido e investigado...

À medida que vamos envelhecendo, embora desejemos deleitar-nos com as coisas, o melhor já nos deixou; queremos desfrutar de outros tipos de satisfações — paixões, desejo, poder, posição. Tudo isto são as coisas normais da vida, embora sejam superficiais; não devem ser condenadas, não devem ser justificadas, mas devem ser compreendidas e colocadas no seu devido lugar. Se as condenarem considerando que não têm valor, que pertencem ao universo das sensações, que são estúpidas e nada espirituais, estarão a destruir todo o processo de viver...

Para conhecermos a alegria, teremos de ir muito mais fundo. A alegria não é mera sensação. Ela requer um extraordinário refinamento da mente, mas não o refinamento do eu que vai acumulando mais e mais para si mesmo. Um tal eu, um tal homem, nunca poderá compreender este estado de alegria no qual não existe aquele que experimenta a alegria. Temos de compreender esta coisa extraordinária; de outra forma, a vida torna-se muito pequena, insignificante, superficial — nascer, aprender meia dúzia de coisas, sofrer, ter filhos, ter responsabilidades, ganhar dinheiro, ter um pouco de satisfação intelectual e depois morrer.

Julho, 2

A Felicidade Não Pode Ser Procurada

O que entendem por felicidade? Alguns dirão que a felicidade consiste em obtermos o que queremos. Queremos um carro e conseguimos tê-lo, e ficamos felizes. Quero um sari ou roupas; quero ir para a Europa e, se conseguir isso, ficarei feliz. Quero ser o... maior político e, se conseguir sê-lo, fico feliz; caso contrário, fico infeliz. Assim, aquilo a que vocês chamam felicidade é terem o que querem, a realização ou o sucesso, tornarem-se nobres, conseguirem obter tudo aquilo que desejam. Enquanto desejarem coisas que consigam obter, sentem-se perfeitamente felizes; não se sentem frustrados, mas se não conseguirem alcançar o que desejam, então vem a infelicidade. Todos nós nos preocupamos com isto, não apenas os ricos e os pobres. Os ricos e os pobres, todos eles querem alcançar algo para si mesmos, para a sua família, para a sociedade; e se forem impedidos de o fazer, tornar-se-ão infelizes. Não estamos a defender nenhuma posição, não estamos a dizer que os pobres não devem ter o que querem. Não é esse o problema. Estamos a tentar descobrir o que é a felicidade e se a felicidade é algo de que tenhamos consciência. O momento em que vocês tomam consciência de que estão felizes, de que têm muito, será isso a felicidade? A partir do momento em que vocês tomam consciência de que estão felizes, deixam de sentir a felicidade, não é verdade? Portanto não se pode procurar a felicidade. A partir do momento em que vocês têm consciência de que são humildes, deixam de o ser. Assim, a felicidade não é algo que deva ser procurado; ela surge. Mas se a procurarem, ela fugirá de vós.

Julho, 3

A Felicidade Não É Sensação

A mente nunca poderá encontrar a felicidade. A felicidade não é algo que se possa procurar e encontrar, como uma sensação. A sensação pode ser encontrada uma e outra vez, pois estamos constantemente a perdê-la; mas a felicidade não pode ser encontrada. A felicidade lembrada é apenas uma sensação, uma reacção no ou contra o presente. Aquilo que passou não é felicidade; a experiência da felicidade que passou é sensação, porque a recordação é o passado, e o passado é sensação. A felicidade não é sensação...

O que vocês conhecem é o passado, não o presente; e o passado é sensação, reacção, memória. Vocês lembram-se de que foram felizes; e poderá o passado dizer o que é a felicidade? Ele pode recordar, mas não pode ser. O reconhecimento não é felicidade; saber o que é ser feliz não é felicidade. O reconhecimento é a resposta da memória, e poderá a mente, o complexo de memórias, experiências, alguma vez ser feliz? O próprio reconhecimento impede o experimentar.

Quando vocês tomam consciência de que estão felizes, isso é felicidade? Quando há felicidade, vocês têm consciência disso? A consciência só vem com o conflito, o conflito da lembrança do que é mais. A felicidade não é a lembrança do que é mais. Onde há conflito, não há felicidade. O conflito é onde está a mente. O pensamento é a todos os níveis a resposta da memória, e portanto o pensamento gera invariavelmente o conflito. O pensamento é sensação, e a sensação não é felicidade. As sensações estão sempre em busca de satisfações. O objectivo é a sensação, mas a felicidade não é um objectivo; ela não pode ser procurada.

Julho, 4

Poderá a Felicidade Ser Encontrada por meio de Alguma Coisa?

Nós procuramos a felicidade por meio das coisas, dos relacionamentos, dos pensamentos, das ideias. Portanto as coisas, os relacionamentos e as ideias revestem-se de toda a importância e não a felicidade. Quando procuramos a felicidade por meio de alguma coisa, então essa coisa torna-se mais valiosa que a própria felicidade. Quando colocado desta forma, o problema parece simples, e é de facto simples. Procuramos a felicidade na propriedade, na família, no nome; então, a propriedade, a família, a ideia são investidas de toda a importância, porque então a felicidade é procurada através de meio, e então o meio destrói o fim. Poderá a felicidade ser encontrada através de qualquer meio que seja, através de algo construído pela mão ou pela mente? A impermanência das coisas, dos relacionamentos e das ideias é tão óbvia, que só nos pode trazer a infelicidade... As coisas não são permanentes, elas gastam-se e perdem-se; os relacionamentos são uma fricção constante e a morte espera-os; as ideias e as crenças não têm qualquer estabilidade, não são permanentes. Procuramos a felicidade neles sem nos apercebermos da sua transitoriedade. Por isso a tristeza torna-se a nossa companheira de todas as horas, e ultrapassá-la torna-se o nosso problema.

Para descobrirmos o verdadeiro significado da felicidade, temos de explorar o rio do autoconhecimento. O autoconhecimento não é um fim em si mesmo. Poderá algum rio ter a sua fonte? Cada gota de água, desde o início até ao final, constitui o rio. É um engano imaginarmos que iremos encontrar a felicidade na fonte. Ela será encontrada no local do rio do autoconhecimento em que vocês se encontram.

Julho, 5

A Felicidade que Não Vem da Mente

Podemos passar de um refinamento para outro, de uma subtileza para outra, de um prazer para outro; mas no centro de tudo isso está «o eu» — «o eu» que está a regozijar-se, que quer mais felicidade, «o eu» que procura, que busca, que anseia por felicidade, «o eu» que luta, «o eu» que se vai tornando cada vez mais refinado, mas que nunca gosta de chegar ao fim. É somente quando «o eu», em todas as suas formas subtis, chega ao fim que existe um estado de bem-aventurança que não pode ser procurado, um êxtase, uma verdadeira alegria sem dor, sem corrupção...

Quando a mente vai além do pensamento do «eu», do experimentador, do observador, do pensador, então há uma possibilidade de uma felicidade que é incorruptível. Essa felicidade não pode ser permanente, no sentido em que costumamos usar o termo. Mas a nossa mente anda à procura da felicidade permanente, de algo que possa durar, que tenha continuação. O próprio desejo de continuidade é corrupção...

Se pudermos compreender o processo da vida sem condenação, sem dizermos que está certo ou errado, então, penso eu, surge uma felicidade criativa que não é «vossa» nem «minha».

Essa felicidade criativa é como a luz do Sol. Se vocês quiserem a luz do Sol só para vós, então ela deixa de ser clara, quente, uma verdadeira fonte de vida. Do mesmo modo, se vocês desejarem a felicidade para fugirem ao sofrimento que sentem, ou porque perderam alguém, ou porque não estão a ser bem-sucedidos, então trata-se de uma mera reacção. Mas quando a mente consegue ir além, então há uma felicidade que não vem da mente.

Julho, 6

Compreender o Sofrimento

Por que nos questionamos sobre o que é a felicidade? Será essa a abordagem correcta? Será essa a investigação correcta? Não somos felizes. Se o fôssemos, o nosso mundo seria inteiramente diferente; a nossa civilização, a nossa cultura seria holística, radicalmente diferente. Somos seres humanos infelizes, insignificantes, miseráveis, em luta, vaidosos, a rodearmo-nos de tudo o que é inútil, de coisas fúteis, satisfeitos com ambições medíocres, com o dinheiro, com a posição. Somos seres infelizes, embora possamos ter conhecimento, embora possamos ter dinheiro, casas luxuosas, muitos filhos, carros, experiência. Somos seres humanos infelizes, em sofrimento, e porque estamos a sofrer, desejamos a felicidade, e portanto somos iludidos por aqueles que nos prometem esta felicidade — em termos sociais, económicos ou espirituais...

Qual é a vantagem de eu perguntar se a felicidade existe se estou a sofrer? Será que consigo compreender o sofrimento? Esse é o meu problema, não o de saber como ser feliz. Sou feliz quando não estou a sofrer, mas no momento em que tomo consciência disso, isso deixa de ser felicidade... Portanto, tenho de compreender o que é o sofrimento. Poderei compreender o que é o sofrimento quando uma parte da minha mente está a correr em busca da felicidade, em busca de uma forma de sair deste sofrimento? Então, não deverei eu, se quiser compreender o sofrimento, estar em completa união com ele, sem o rejeitar, sem o comparar, mas estar inteiramente com ele e compreendê-lo?

A verdade sobre o que é a felicidade surgirá se eu souber ouvir. Tenho de saber ouvir o sofrimento; se eu souber ouvir o sofrimento, saberei ouvir a felicidade, porque é isso que eu sou.

Julho, 7

Sofrimento É Sofrimento, Não É Vosso Nem Meu

Será o vosso sofrimento, enquanto indivíduos, diferente do meu sofrimento, ou do sofrimento de um homem na Ásia, na América ou na Rússia? As circunstâncias, os incidentes podem variar, mas, na sua essência, o sofrimento de outra pessoa é o mesmo que o meu e que o vosso, não é verdade? Sofrimento é sofrimento, certamente, não é vosso ou meu. O prazer não é o vosso prazer ou o meu prazer — é o prazer. Quando vocês estão com fome, não se trata apenas da vossa fome, é também a fome de toda a Ásia. Quando vocês são guiados pela ambição, quando são insensíveis, trata-se da mesma insensibilidade que move o político, o homem que detém o poder, esteja ele na Ásia, na América ou na Rússia.

Compreendem, é isto que nós recusamos. Não conseguimos ver que somos todos uma única humanidade, situados em diferentes esferas de vida, em diferentes áreas. Quando vocês amam alguém, não se trata do vosso amor. Se assim for, então ele torna-se tirano, possessivo, ciumento, ansioso, brutal. Do mesmo modo, o sofrimento é o sofrimento; não é vosso nem meu. Não estou apenas a torná-lo impessoal, não estou a torná-lo abstracto. Quando alguém sofre, sofre. Quando um homem não tem comida, não tem roupas, não tem um tecto, ele sofre, quer viva na Ásia ou no Ocidente. As pessoas que estão neste momento a ser mortas ou feridas — os Vietnamitas e os Americanos — estão a sofrer. Para compreendermos este sofrimento — que não é vosso nem meu, que não é impessoal nem abstracto, mas real e de todos nós — necessitamos de uma grande dose de penetração, de uma percepção imediata e profunda. E o fim deste sofrimento trará, como é natural, a paz, não apenas a paz interior, mas também a exterior.

Julho, 8

Compreender o Sofrimento

Por que sou eu, ou por que são vocês insensíveis ao sofrimento do outro? Por que somos nós indiferentes ao cule* que carrega uma carga pesada, à mulher que carrega um bebé? Por que somos tão insensíveis? Para compreendermos isto, devemos compreender a razão pela qual o sofrimento nos torna embotados. Por certo que é o sofrimento que nos torna insensíveis; porque não compreendemos o sofrimento, ficamos indiferentes a ele. Se eu compreender o sofrimento, então torno-me sensível ao sofrimento, desperto para tudo e não apenas para mim mesmo, mas para as pessoas que me rodeiam, para a minha mulher, para os meus filhos, para um animal, para um pedinte. Mas nós não queremos compreender o sofrimento, e a fuga ao sofrimento entorpece-nos, e portanto ficamos insensíveis. Meu senhor, a questão é que o sofrimento, quando não é compreendido, embota a mente e o coração; e nós não compreendemos o sofrimento, porque queremos escapar dele, através do guru, de um salvador, dos mantras, da reencarnação, das ideias, da bebida e de todos os outros tipos de dependências — fazemos tudo para fugirmos *ao que é*...

Agora, a compreensão do sofrimento não está em descobrir qual a sua causa. Qualquer um pode saber qual a causa do sofrimento; a sua própria irreflexão, a sua estupidez, a sua mesquinhez, a sua brutalidade, e assim por diante. Mas se eu olhar para o próprio sofrimento sem querer obter uma resposta, então o que acontece? Nessa altura, como não estou a fugir, começo a compreender o sofrimento; a minha mente está atentamente alerta, penetrante, o que significa que me tornei sensível, e ao ser sensível tomo consciência do sofrimento das outras pessoas.

* Cule — Trabalhador local, assalariado pelos portugueses em antigas colónias na China e na Índia. (*NT*)

Julho, 9

Aderir a Crenças para Repelir a Dor

A dor física é uma resposta fisiológica, mas a dor psicológica surge quando me agarro a coisas que me proporcionam satisfação, porque então tenho receio de que alguém ou algo mas tirem. As acumulações psicológicas evitam a dor psicológica enquanto não forem perturbadas; ou seja, eu sou um feixe de acumulações, de experiências que impedem qualquer forma séria de perturbação — e eu não quero ser perturbado. Portanto receio qualquer um que perturbe as acumulações psicológicas. Assim, o meu medo é do conhecido; tenho medo das acumulações, físicas ou psicológicas, que fui juntando como meio de repelir a dor ou de evitar a tristeza. Mas a tristeza existe no próprio processo de acumular com vista a afastar a dor psicológica. O conhecimento também ajuda a evitar a dor. Da mesma forma que o conhecimento médico ajuda a prevenir a dor física, assim também as crenças ajudam a evitar a dor psicológica, e é por isso que receio perder as minhas crenças, embora eu não tenha nenhum conhecimento perfeito nem nenhuma prova concreta da realidade de tais crenças. Posso rejeitar algumas das crenças tradicionais que me foram incutidas, porque a minha própria experiência me dá força, confiança, compreensão; mas tais crenças e o conhecimento que eu adquiri são basicamente os mesmos — o meio de repelir a dor.

Julho, 10

Compreensão Integrada

O que entendemos por «dor»? Será algo separado de vós? Será algo exterior a vós, interior ou exteriormente, que vocês estão a observar, que estão a experimentar? Será que vocês são apenas o observador que está a experimentar? Ou será algo diferente? Esta é certamente uma questão importante, não acham? Quando digo «estou a sofrer», o que estou a querer dizer com isso? Serei eu diferente do sofrimento? Por certo é essa a questão, não é verdade? Vamos descobrir.

Existe a tristeza — não sou amado, o meu filho morre, o que for. Há uma parte de mim que pergunta porquê, que exige uma explicação, razões para o que me está a acontecer, causas. A outra parte de mim está em agonia por diversos motivos. E há também uma outra parte de mim que se quer libertar da tristeza, que quer ir para além dela. Nós somos todas estas coisas, não somos? Portanto, se uma parte de mim está a rejeitar, a resistir à tristeza, uma outra parte de mim está à procura de uma explicação, está enredada em teorias, e ainda uma outra parte de mim está a fugir ao facto — como é que, desta forma, posso compreendê-lo totalmente? É somente quando sou capaz de ter uma compreensão integrada que existe uma possibilidade de me libertar da tristeza. Mas se eu estiver dividido em direcções diferentes, então não serei capaz de ver a verdade de tudo isso...

Agora escutem com atenção, por favor; e verão que quando existe um facto, uma verdade, só pode haver a compreensão desse facto, dessa verdade quando eu consigo experimentar a totalidade da coisa sem que haja divisão — e não quando se verifica a separação do «eu» que observa o sofrimento. Esta é a verdade.

Julho, 11

Vocês São o Sofrimento

Quando não existe nenhum *observador* que esteja a sofrer, será o sofrimento diferente de vós? Vocês *são* o sofrimento, não são? Vocês não estão separados da dor — vocês *são* a dor. O que é que acontece? Não há a colocação de rótulos, de nomes, e portanto não há o colocar de lado — vocês são simplesmente essa dor, esse sentimento, essa sensação de agonia. Quando vocês são isso, o que acontece? Quando não lhe dão nome, quando não existe nenhum medo relacionado com ela, estará o centro relacionado com ela? Se o centro estiver relacionado com ela, então ele tem medo dela. Então ele deve agir e fazer algo a respeito disso. Mas se o centro for isso, então o que é que vocês fazem? Não há nada a ser feito, há? Se vocês são isso e não o aceitam, não o rotulam, não o afastam — se vocês *são* essa coisa, então o que acontece? Dirão, nesse caso, que estão a sofrer? Terá certamente ocorrido uma transformação fundamental. Então deixará de existir o «estou a sofrer», porque não existirá um centro que possa sofrer, e o centro sofre, porque nós nunca examinámos o que é o centro. Apenas vivemos de palavra para palavra, de reacção para reacção.

Julho, 12

Será o Sofrimento Essencial?

Existem tantas variedades, e complicações, e graus de sofrimento. Todos nós sabemos isso. Vocês sabem-no muito bem, e carregamos este fardo ao longo de toda a vida, praticamente desde o momento em que nascemos até ao momento em que entramos no túmulo...

Se dissermos que é inevitável, então não haverá resposta; se o aceitarem, então terão deixado de o investigar. Terão fechado a porta a uma investigação mais aprofundada; se fugirem, terão também fechado a porta. Podem escapar através da companhia de homens ou mulheres, da bebida, da diversão, de diversas formas de poder, da posição, do prestígio, e do tagarelar interior sobre coisa nenhuma. Então as vossas fugas assumem toda a importância; os objectos a que vocês se agarram adquirem uma importância colossal. Portanto fecharam também a porta à tristeza, e é isso que a maioria de nós faz... Agora, será que nos é possível abandonar todo o tipo de fugas e regressar ao sofrimento?... Isso significa não estarmos à *procura de uma solução para* o sofrimento. Existe o sofrimento físico — uma dor de dentes, de estômago, uma cirurgia, acidentes, diversas formas de sofrimentos físicos que têm uma resposta adequada. Existe também o medo da dor futura que poderá causar sofrimento. O sofrimento está intimamente relacionado com o medo, e sem a compreensão destes dois factores fundamentais da vida, nunca poderemos compreender o que é ser compassivo, amar. Portanto, uma mente que quer compreender o que é a compaixão, o amor, e tudo o resto, deve com toda a certeza compreender o que é o medo e o que é a tristeza.

Julho, 13

A Tristeza Consciente e a Tristeza Inconsciente

A tristeza é... mágoa, incerteza, o sentimento de completa solidão. Existe a tristeza da morte, a tristeza de não se conseguir preencher a si mesmo, a tristeza de não se ser reconhecido, a tristeza de amar e não se ser correspondido. Há inúmeras formas de tristeza, e parece-me que sem compreendermos a tristeza, não poderá haver um fim para o conflito, para o sofrimento, para a labuta diária da corrupção e da deterioração...

Existe a tristeza consciente, e existe também a tristeza inconsciente, a tristeza que parece não ter qualquer base, nenhuma causa imediata. A maioria de nós conhece a tristeza consciente, e também sabe como lidar com ela. Ou fugimos dela através da crença religiosa ou racionalizamo-la, ou tomamos qualquer tipo de droga, intelectual ou física; ou perdemo-nos em palavras, diversões, entretenimentos superficiais. Fazemos tudo isto, e ainda assim não conseguimos fugir à tristeza consciente.

Depois, há a tristeza inconsciente que herdámos ao longo dos séculos. O homem procurou sempre ultrapassar esta coisa extraordinária chamada tristeza, mágoa, sofrimento; mas mesmo quando estamos superficialmente felizes e temos tudo o que desejamos, lá no fundo do inconsciente permanecem as raízes da tristeza. Portanto, quando falamos do fim da tristeza, estamos a referir-nos ao fim de toda a tristeza, tanto a consciente como a inconsciente.

Para terminar com a tristeza, temos de ter uma mente muito clara e muito simples. A simplicidade não é uma mera ideia. Ser simples exige uma grande dose de inteligência e de sensibilidade.

Julho, 14

Sentimentos de Dor

Como devemos agir de forma a não incomodar os outros? É isso que vocês desejam saber? Receio bem que, então, talvez seja melhor não agirmos de todo. Se viverem inteiramente, as vossas acções poderão causar perturbações; mas o que é mais importante: descobrir o que é verdadeiro, ou não perturbar os outros? Isto parece tão simples que nem necessita de resposta. Por que querem *respeitar os sentimentos e os pontos de vista das outras pessoas*? Têm receio de que os vossos próprios sentimentos sejam magoados, que o vosso ponto de vista seja alterado? Se as outras pessoas tiverem opiniões que difiram das vossas, poderão descobrir se são verdadeiras pelo simples facto de as questionarem, de entrarem num contacto activo com elas. E se vocês descobrirem que essas opiniões e sentimentos não são verdadeiros, a vossa descoberta poderá causar perturbação para aqueles que os acalentam. Então o que deverão vocês fazer? Será que devem concordar com eles, ou ajustar-se a eles de modo a não magoarem os vossos amigos?

Julho, 15

A Auto-Imagem Conduz à Dor

Porquê dividir os problemas em grandes e pequenos? Não será que tudo é um problema? Porquê fazer deles problemas grandes ou pequenos, essenciais ou secundários? Se pudéssemos compreender um problema, investigá-lo com muita profundidade independentemente do quanto ele fosse pequeno ou grande, então desvendaríamos todos os problemas. Esta não é uma resposta retórica. Tomem como exemplo um problema qualquer: cólera, ciúme, inveja, ódio — conhecemo-los a todos muito bem. Se vocês investigarem a cólera muito profundamente, sem a colocarem simplesmente de parte, então o que é que está envolvido nela? Por que é que nos encolerizamos? Por que estamos magoados, alguém disse algo desagradável; e quando alguém diz algo agradável, vocês ficam satisfeitos. Por que é que se sentem magoados? É a importância que dão a vós mesmos, não é verdade? E por que é que nos damos tanta importância?

Porque temos uma ideia, um símbolo de nós mesmos, uma imagem de nós mesmos, daquilo que devemos ser, daquilo que somos ou que não devemos ser. Por que é que criamos uma imagem de nós mesmos? Porque nunca estudámos o que somos, verdadeiramente. Pensamos que devemos ser isto ou aquilo, o ideal, o herói, o exemplo. O que faz despertar a cólera é que o nosso ideal, a ideia que fazemos de nós mesmos, é atacado. E a ideia que fazemos de nós mesmos é a nossa fuga ao facto do que realmente somos. Mas quando vocês estão a observar o facto real do que são, ninguém vos pode magoar. Então, se eu for um mentiroso e me disserem que eu sou um mentiroso, isso não significa que me sinta magoado; trata-se de um facto. Mas quando eu estou a fingir que não sou mentiroso e alguém me diz que o sou, então fico colérico, violento. Portanto, nós estamos sempre a viver num mundo de ideias, de mitos, e nunca no mundo da realidade. Para observarmos *o que é*, vermo-lo, familiarizarmo-nos com ele, não deve haver nenhum julgamento, avaliação, opinião ou medo.

Julho, 16

Prazer Pervertido

Existe uma coisa a que se chama sadismo. Sabem o que significa essa palavra? Um autor chamado Marquês de Sade escreveu uma vez um livro sobre um homem que tinha prazer em magoar os outros e em vê-los sofrer. Daí vem a palavra sadismo, que significa tirar prazer do sofrimento dos outros. Para certas pessoas, há uma satisfação peculiar em ver os outros sofrer. Observem-se e vejam se têm este sentimento. Pode não ser óbvio, mas se ele existir, descobrirão que ele se expressa no impulso para o riso quando alguém cai. Vocês desejam que aqueles que têm posições elevadas caiam; vocês criticam, fazem mexericos irreflectidos sobre os outros, tudo isso é uma expressão de insensibilidade, uma forma de querer magoar as outras pessoas. Podemos magoar os outros deliberadamente, através da vingança, ou podemos fazê-lo inconscientemente por meio de uma palavra, de um gesto, de um olhar; mas em qualquer dos casos, o impulso é o de magoar alguém, e são muito poucos os que põem radicalmente de lado esta pervertida forma de prazer.

Julho, 17

A Verdadeira Educação

A mente cria através da experiência, da tradição, da memória. Poderá a mente libertar-se da acumulação embora esteja a experimentar? Compreendem a diferença? O que é necessário não é o cultivo da memória, mas a libertação do processo mental de acumulação.

Vocês magoam-me, o que é uma experiência; eu guardo essa mágoa; e isso transforma-se na minha tradição; e a partir dessa tradição, olho para vocês, reajo com base nessa tradição. Esse é o processo diário da minha mente e da vossa mente. Agora, será possível que, apesar de vocês me magoarem, o processo acumulativo não tenha lugar? Os dois processos são inteiramente diferentes.

Se vocês me dirigirem palavras duras, isso magoa-me; mas se eu não der importância a essa mágoa, ela não se torna o fundo a partir do qual eu ajo; e assim é possível que eu vos receba sem mágoa. Essa é a verdadeira educação, no sentindo mais profundo da palavra. Porque então, embora eu veja os efeitos condicionadores da experiência, a mente não está condicionada.

Julho, 18

O Cessar da Cólera

Tenho a certeza de que todos nós já tentámos subjugar a cólera, mas de alguma forma parece que isso não consegue dissolvê-la. Haverá uma abordagem diferente que permita dissipar a cólera? ...A cólera pode ser desperta por causas físicas ou psicológicas. Alguém fica encolerizado talvez porque esteja frustrado, porque as suas reacções defensivas estão a ser quebradas, ou porque a sua segurança, que foi cuidadosamente construída, está a ser ameaçada, e assim por diante. Estamos todos familiarizados com a cólera. Como podemos compreender e dissolver a cólera? Se vocês considerarem que as vossas crenças, conceitos e opiniões são da maior importância, então estão condenados a reagir violentamente quando postos em questão. Em vez de se agarrarem a crenças e a opiniões, se começarem a perguntar-se se elas são essenciais à compreensão da vida, então, pela compreensão das suas causas, a cólera termina. Assim, começamos a dissolver as nossas próprias resistências, que são causa de conflito e de dor. Também isto requer seriedade. Estamos habituados a controlarmo-nos por razões sociológicas e religiosas ou por conveniência, mas desenraizar a cólera requer uma profunda atenção...

Vocês dizem que ficam encolerizados quando ouvem falar de injustiças. Será que isso acontece porque vocês amam a humanidade, porque são compassivos? Poderão a compaixão e a cólera conviver? Poderá haver justiça quando há cólera, ódio? Talvez vocês se encolerizem com a ideia de injustiça geral, de crueldade, mas a vossa cólera não altera a injustiça ou a crueldade; ela só pode fazer mal. Para fazerem surgir a ordem, vocês próprios têm de ser sensatos, compassivos. A acção que nasce do ódio só pode gerar mais ódio. Não pode haver rectidão onde existir a cólera. A rectidão e a cólera não podem conviver.

Julho, 19

O Perdão Não É a Verdadeira Compaixão

O que é ser compassivo? Por favor, descubram por vós mesmos, sintam-no profundamente, se uma mente que está magoada, que pode ser magoada, pode alguma vez perdoar. Poderá uma mente que é passível de ser magoada alguma vez perdoar? E poderá uma tal mente, que é passível de ser magoada, que está a cultivar a virtude, que está consciente da generosidade, poderá uma tal mente ser compassiva? A compaixão, como o amor, é algo que não pertence à mente. A mente não tem consciência de ser compassiva ou amorosa. Mas a partir do momento em que vocês perdoam conscientemente, a mente está a fortalecer o seu próprio centro na sua própria mágoa. Portanto, a mente que perdoa conscientemente nunca pode perdoar; ela perdoa para não ser mais magoada.

Portanto, é muito importante descobrir por que é que a mente realmente recorda, por que é que ela armazena. Porque a mente está permanentemente à procura de se ampliar, de se tornar maior, de ser alguma coisa. Quando a mente deseja não ser nada, completamente nada, então, nesse estado existe compaixão. Nesse estado não existe nem perdão nem mágoa; mas para compreendermos isso, temos de compreender o desenvolvimento consciente do «eu...»

Portanto, enquanto houver o cultivo consciente de qualquer influência em particular, de qualquer virtude em particular, não poderá haver amor, não poderá haver compaixão, porque o amor e a compaixão não são resultado de um esforço consciente.

Julho, 20

Onde Existir a Possibilidade de Dor, Não Existe Amor

Aquele que interroga quer saber como pode agir com liberdade e sem se reprimir a si mesmo quando sabe que as suas acções vão magoar aqueles que ama. Sabem, amar é ser livre — ambas as partes são livres. Onde existir a possibilidade de haver dor, onde houver a possibilidade de sofrer por amor, não se trata de amor, é meramente uma forma subtil de posse, de ganância. Se vocês amarem, se amarem verdadeiramente uma pessoa, não há qualquer possibilidade de a magoarem quando estiverem a fazer algo que pensam que está certo. É somente quando vocês querem que essa pessoa faça o que vocês desejam ou quando essa pessoa quer que vocês façam o que ela deseja, que existe dor. Ou seja, vocês gostam de ser possuídos; sentem-se a salvo, seguros, confortáveis; embora saibam que esse conforto é transitório, vocês abrigam-se nesse conforto, nessa transitoriedade. Portanto, cada luta por conforto, por encorajamento, não faz mais do que trair a falta de riqueza interior; e portanto uma acção à parte, separada do outro indivíduo, vai naturalmente originar perturbação, dor e sofrimento; e uma das pessoas tem de suprimir o que realmente sente de forma a poder ajustar-se à outra. Por outras palavras, esta repressão constante, originada pelo assim chamado amor, destrói os dois indivíduos. Nesse amor não há liberdade; trata-se apenas de uma sujeição subtil.

Julho, 21

A Natureza da Armadilha

A tristeza é o resultado de um choque, é o abalar temporário de uma mente que se instalou, que aceitou a rotina da vida. Acontece algo — uma morte, a perda do emprego, o questionar de uma crença há muito acalentada — e a mente fica perturbada. Mas o que faz uma mente perturbada? Descobre uma maneira de deixar de estar perturbada; refugia-se numa nova crença, num emprego mais estável, num novo relacionamento. Mais uma vez, a onda da vida vem e destrói as suas defesas, mas a mente em breve encontra ainda outras defesas; e assim vai continuando. Este não é um caminho inteligente, pois não?

Nenhuma forma de compulsão externa ou interna poderá ajudar, não é verdade? Todas as compulsões, por mais subtis, são o resultado da ignorância; nascem do desejo de recompensa ou do medo do castigo. Compreender toda a natureza da armadilha é ficar livre dela; nenhuma pessoa, nenhum sistema, nenhuma crença vos podem libertar. A verdade acerca disto é o único factor libertador — mas têm de vê-lo por vós mesmos, e não serem simplesmente persuadidos. Têm de empreender a viagem por um oceano inexplorado.

Julho, 22

O Fim da Tristeza

Se descerem a rua, poderão ver o esplendor da natureza, a beleza extraordinária dos campos verdes e dos céus abertos; e poderão ouvir o riso das crianças. Mas em vez de tudo isso, existe um sentimento de tristeza. Existe a angústia de uma mulher a dar a luz um filho; a tristeza da morte; existe a tristeza de quando estamos à espera de algo e esse algo não acontece; existe a tristeza de quando uma nação entra em decadência, se desleixa; e existe a tristeza da corrupção, não apenas em termos colectivos, mas também individuais. Há tristeza na vossa própria casa, se olharem profundamente — a tristeza de não ser capaz de preencher, a tristeza da vossa própria pequenez ou incapacidade, e as várias tristezas inconscientes.

Também existe o riso na vida. O riso é uma coisa maravilhosa — rir sem razão, ter alegria no coração sem que haja uma causa, amar sem esperar nada em troca. Mas um tal riso raramente nos acontece. Estamos sobrecarregados com tristeza, a nossa vida é um processo de sofrimento e de luta, uma desintegração contínua, e nós quase nunca sabemos o que é amar com todo o nosso ser...

Nós queremos encontrar uma solução, um meio, um método através do qual resolver este fardo que é a vida, e assim nunca olhamos verdadeiramente para a tristeza. Tentamos escapar através de mitos, através de imagens, através da especulação; esperamos encontrar alguma forma de evitar este peso, de ficar para lá da onda da tristeza.

...A tristeza tem um fim, mas ele não chega através de nenhum sistema ou método. Não existe nenhuma triteza quando há a percepção *do que é*.

Julho, 23

Encarar a Tristeza

De que forma é que vocês encaram a tristeza? Receio bem que a maioria de nós a encare com muita superficialidade. A nossa educação, o nosso treino, o nosso conhecimento, as influências sociais a que estamos expostos, tudo isso nos torna superficiais. Uma mente superficial é aquela que foge para a igreja, para algum tipo de conclusão, de conceito, para alguma crença ou ideia. Tudo isto são refúgios para a mente superficial que está imersa na tristeza. E se vocês não conseguirem encontrar um refúgio, constroem um muro em torno de vós mesmos e tornam-se cínicos, duros, indiferentes, ou escapam através de alguma reacção fácil e neurótica. Todas essas defesas contra o sofrimento impedem uma investigação mais profunda...

Por favor, observem a vossa mente; observem como dão satisfações acerca das vossas tristezas; como se entregam ao trabalho, às ideias, ou se agarram a uma crença em Deus, ou numa vida futura. E se nenhuma explicação, nenhuma crença foi satisfatória, tentam escapar através da bebida, do sexo ou ao tornarem-se cínicos, duros, amargos, irritadiços... Geração após geração, isto tem sido passado de pais para filhos, e a mente superficial nunca tira a ligadura dessa ferida; ela não sabe realmente, não conhece verdadeiramente a tristeza. Tem uma imagem, um símbolo da tristeza, mas nunca a encara — encara apenas a palavra *tristeza*.

Julho, 24

Fugir da Tristeza

A maioria de nós tem diferentes formas de tristeza — no relacionamento, na morte de alguém, pelo facto de não nos conseguirmos preencher a nós mesmos e acabarmos por definhar, ou pelo facto de tentarmos ser alguém e falharmos redondamente. E há todo o problema da tristeza a nível físico — a doença, a cegueira, a incapacidade, a paralisia e assim por diante. Em todo o lado existe esta coisa extraordinária chamada tristeza — com a morte à espera ao virar da esquina. E nós não sabemos como encarar a tristeza, portanto ou a veneramos, ou a racionalizamos ou tentamos fugir-lhe. Se forem a qualquer igreja cristã, descobrirão que a tristeza é venerada; é transformada em algo de extraordinário, sagrado, e é dito que só através da tristeza, do Cristo crucificado, podemos encontrar Deus. No Oriente, eles têm as suas formas de evasão, outras formas de evitar a tristeza, e parece-me uma coisa extraordinária que tão poucos, quer no Oriente quer no Ocidente, estejam realmente libertos da tristeza.

Seria maravilhoso se durante o vosso processo de ouvir — não de uma forma emocional ou sentimental — o que está a ser dito... vocês pudessem realmente compreender a tristeza e libertarem-se completamente dela; porque então deixaria de haver autodecepção, ilusões, ansiedades, medo, e o cérebro poderia funcionar com clareza, com precisão, com lógica. E então, talvez, pudessem saber o que é o amor.

Julho, 25

Seguir o Movimento do Sofrimento

O que é o sofrimento?... O que é que ele significa? O que é que está a sofrer? Não estou a questionar por que razão existe o sofrimento, ou qual é a causa do sofrimento, mas o que está verdadeiramente a acontecer? Não sei se estão a perceber a diferença. Então estou simplesmente atento ao sofrimento, não como algo separado de mim, não como um observador que olha o sofrimento — ele faz parte de mim, ou seja, todo o meu ser está a sofrer. Então serei capaz de seguir o seu movimento, de ver aonde ele conduz. Certamente se fizer isso, terei dado ênfase ao «eu» — não à pessoa que amo. Ela apenas serviu para me proteger do meu sofrimento, da minha solidão, da minha infelicidade. Como *eu* não sou algo, tive esperança de que *ele* fosse isso. Isso desapareceu; fui abandonado, estou perdido, sozinho. Sem ele, não sou nada. Portanto choro. Não é por *ele* ter ido embora, mas por *eu* ter sido abandonado. Estou sozinho.

Há inúmeras pessoas que me podem ajudar a fugir — milhares de assim chamadas pessoas religiosas, com as suas crenças e dogmas, esperanças e fantasias — «é o *karma*, é a vontade de Deus» —, sabem, todos a oferecerem-me uma saída. Mas se eu for capaz de ficar com isso, sem o afastar, sem o tentar circunscrever ou negar, então o que acontece? Qual é o estado da mente quando segue desta forma o movimento do sofrimento?

Julho, 26

Compreensão Espontânea

Nós nunca dizemos: «Deixa-me ver o que é essa coisa que sofre.» Não o podem ver por meio do constrangimento, da disciplina. Têm de olhar com interesse, com uma compreensão espontânea. Então verão que aquilo a que chamamos sofrimento, dor, aquilo que evitamos, e a disciplina, desapareceram de todo. Enquanto eu não tiver nenhum relacionamento com a coisa como exterior a mim, não existe problema; a partir do momento em que estabeleço um relacionamento com ela fora de mim, surge o problema. Enquanto eu tratar o problema como algo que é exterior a mim — sofro, porque perdi o meu irmão, porque não tenho dinheiro, por isto ou por aquilo —, estou a estabelecer uma relação com ele e essa relação é fictícia. Mas se eu for essa coisa, se eu vir o facto, então toda a coisa se transforma, toda ela passa a ter um significado diferente. Então há uma atenção total, integrada, e aquilo que é observado de forma integral é compreendido e dissolvido, e portanto não há nenhum medo e a palavra *tristeza* deixa de existir.

Julho, 27

O Centro do Sofrimento

Quando vocês vêem uma coisa cheia de vida, uma bela montanha, um lindo pôr-do-sol, um sorriso arrebatador, um rosto encantador, isso causa-vos admiração e vocês ficam silenciosos; nunca vos aconteceu? Nesse momento vocês envolvem o mundo no vosso abraço. Mas isso é algo externo que chega até à vossa mente, e eu estou a falar da mente que não fica estupefacta, mas que quer olhar, observar. Agora, será que vocês conseguem observar sem esta irrupção de condicionamento? Para uma pessoa imersa na tristeza, eu explico por palavras; a tristeza é inevitável, a tristeza é o resultado do desempenho. Só quando terminarem por completo todas as explicações, poderão vocês olhar — o que significa que vocês não estão a olhar a partir do centro. Quando olham a partir de um centro, as vossas capacidades de observação são limitadas. Se eu me agarrar a um posto e quiser ficar ali, há nisso um esforço, uma dor. Quando olho para o sofrimento a partir de um centro, há sofrimento. É a incapacidade de observar que gera a dor. Não consigo observar se pensar, funcionar, olhar a partir de um centro — como acontece quando digo: «Não devo ter nenhuma dor, devo descobrir por que sofro, tenho de fugir.» Quando observo a partir de um centro, quer esse centro seja uma conclusão, uma ideia, uma esperança, um desespero ou qualquer outra coisa, essa observação é muito limitada, muito estreita, muito pequena, e isso dá origem à tristeza.

Julho, 28

Uma Imensidão para Além de Toda a Medida

O que acontece quando vos morre alguém? A reacção imediata é uma sensação de paralisia, e quando vocês saem desse estado de choque, vem aquilo a que chamamos tristeza. Agora, o que significa essa palavra *tristeza*? O companheirismo, as palavras felizes, os passeios, as muitas coisas agradáveis que fizeram e planearam fazer juntos — tudo isso desaparece num segundo, e vocês ficam vazios, nus, sós. É a isso que vocês se estão a opor, é contra isso que a mente se rebela: ser deixado repentinamente por conta própria, completamente só, vazio, sem qualquer apoio. Agora, o que importa é viver com esse vazio, apenas viver com ele sem qualquer reacção, sem o racionalizar, sem fugir dele através dos médiuns, da teoria da reencarnação, e de todos esses disparates sem sentido — viver com ele com todo o vosso ser. E se vocês aprofundarem isto, passo a passo, descobrirão que a tristeza acaba, e não se trata apenas de um fim verbal, nem do fim superficial que é conseguido através da fuga, através da identificação com um conceito, ou do compromisso com uma ideia. Então poderão descobrir que não há nada a ser protegido, porque a mente está completamente vazia e já não está a reagir no sentido de tentar preencher esse vazio, e quando toda a tristeza chegou assim ao fim, vocês terão dado início a uma outra jornada — uma jornada que não tem princípio nem fim. Existe uma imensidão que está para além de toda a medida, mas vocês não poderão entrar nesse mundo sem que a tristeza termine por completo.

Julho, 29

Viver com a Tristeza

Todos nós temos tristeza. Vocês não sentem uma ou outra forma de tristeza? E querem saber algo acerca disso? Se o quiserem fazer, podem analisar esse facto e explicar por que razão sofrem. Podem ler livros sobre o assunto, ou ir à igreja, e logo saberão algo sobre a tristeza. Mas não é disso que eu estou a falar; eu estou a falar do terminar da tristeza. O conhecimento não acaba com a tristeza. O fim da tristeza começa com o encarar dos factos psicológicos dentro de nós mesmos e com o estarmos totalmente conscientes de todas as implicações desses factos de momento a momento. Isto significa nunca fugir do facto de estarmos tristes, nunca o racionalizar, nunca dar uma opinião sobre esse facto, mas viver com ele de forma inteira.

Vocês sabem, viver com a beleza destas montanhas e não nos habituarmos a ela é muito difícil... Vocês contemplaram estas montanhas, ouviram o riacho, e viram as sombras mover-se lentamente sobre o vale, dia após dia; e não repararam como é fácil habituarem-se a tudo isso? Vocês dizem: «Sim, é muito bonito», e continuam a andar. Viver com a beleza, ou viver com algo feio, e não ficar habituado a isso requer uma enorme energia — uma atenção que não permite que a vossa mente fique embotada. Do mesmo modo, a tristeza também embota a mente se vocês simplesmente se habituarem a ela — e a maioria de nós habitua-se realmente a ela. Mas não há nenhuma necessidade de vocês se habituarem à tristeza. Podem viver com a tristeza, compreendê-la, investigá-la — mas não com a intenção de saberem coisas acerca dela.

Vocês sabem que a tristeza está lá; isso é um facto, e não há nada mais a saber. Têm de viver.

Julho, 30

Estar em Comunhão com a Tristeza

A maioria de nós não está em comunhão com coisa alguma. Não estamos em comunhão directa com os nossos amigos, com as nossas mulheres, com os nossos filhos...

Portanto, para compreender a tristeza, certamente terão de a amar, não é verdade? Ou seja, vocês têm de estar em comunhão directa com ela. Se vocês quiserem compreender uma coisa — o vosso vizinho, a vossa mulher, ou um qualquer relacionamento —, se quiserem compreender algo integralmente, têm de estar perto dele. Têm de se aproximar desse algo sem qualquer objecção, preconceito, condenação ou repulsa; devem olhar para ele, não é assim? Se eu vos quiser compreender, não devo ter preconceitos a vosso respeito. Tenho de ser capaz de olhar para vós, não através de barreiras, dos véus dos meus preconceitos e condicionamentos. Devo estar em comunhão convosco, o que significa que devo amar-vos. Da mesma forma, se eu quiser compreender a tristeza, devo amá-la, devo estar em comunhão com ela. Não consigo fazê-lo, porque estou a fugir dela através de explicações, teorias, esperanças, adiamentos, que constituem todos o processo de verbalização. Portanto, as palavras impedem-me de estar em comunhão com a tristeza. As palavras impedem-me — palavras de explicações, racionalizações, que continuam a ser palavras, que são o processo mental — de estar em comunhão directa com a tristeza. É somente quando estou em comunhão com a tristeza que a compreendo.

Julho, 31

Agosto

Verdade

Realidade

O Observador e O Que É Observado

O Que É

Coração Cheio, Mente Vazia

Não existe nenhum caminho que conduza à verdade, ela tem de vir ter convosco. A verdade só pode vir ter convosco quando a vossa mente e o vosso coração são simples, claros, e há amor no vosso coração; não se o vosso coração estiver a transbordar com as coisas da mente. Quando existe amor no vosso coração, vocês não falam sobre como organizar a irmandade do homem; não falam de crença, não falam da divisão de poderes que gera a divisão, não precisam de procurar a reconciliação. Então, vocês são simplesmente um ser humano sem rótulo, sem um país. Isto significa que vocês se devem despir de todas essas coisas e deixar que a verdade possa surgir; e ela só pode chegar quando a mente está vazia, quando a mente deixa de criar. Então ela virá sem que a tenham convidado. Então ela chegará tão rapidamente quanto o vento e sem o sabermos. Ela vem sem darmos por ela, não quando estamos a olhar, à espera. Ela está lá tão repentina como a luz do Sol, tão pura quanto a noite; mas para a recebermos, o coração deve estar cheio e a mente vazia. Agora vocês têm a vossa mente cheia e o vosso coração vazio.

Agosto, 1

A Verdade É um Estado de Ser

Não há nenhum caminho que conduza à verdade, e não há duas verdades. A verdade não pertence nem ao passado nem ao presente, ela é intemporal; e o homem que cita a verdade de Buda, de Shankara, de Cristo, ou que se limita a repetir o que eu estou a dizer, não encontrará a verdade, porque a repetição não é a verdade. A repetição é uma mentira. A verdade é um estado de ser que surge quando a mente — que procura dividir, ser exclusiva, que só consegue pensar em termos de resultados, de realizações — chegou ao fim. Só então pode existir a verdade. A mente que se está a esforçar, a disciplinar-se com vista a alcançar um objectivo, não pode conhecer a verdade, porque o objectivo é a sua própria projecção, por mais nobre que possa ser, é uma forma de veneração de si mesmo. Um tal ser está a venerar-se a si mesmo, e como tal não pode conhecer a verdade. A verdade só pode ser conhecida quando compreendemos a totalidade do processo da mente, ou seja, quando não existe luta.

Agosto, 2

A Verdade Não Tem Nenhum Lugar Permanente

A verdade é um facto, e o facto só pode ser compreendido quando as diversas coisas que foram colocadas entre a mente e o facto são removidas. O facto é a vossa relação com a propriedade, com a vossa mulher, com os seres humanos, com a natureza, com as ideias; e enquanto vocês não compreenderem o facto que é a relação, a vossa busca de Deus apenas aumenta a confusão, porque ela é uma substituição, uma fuga; e como tal não tem qualquer significado. Enquanto vocês dominarem a vossa mulher ou ela vos dominar, enquanto vocês possuírem ou forem possuídos, não poderão conhecer o amor; enquanto vocês estiverem a suprimir, a substituir, enquanto forem ambiciosos, não poderão conhecer a verdade.

Só aquele que não procura encontrará a verdade, aquele que não luta, que não está a tentar alcançar um resultado. ...A verdade não é contínua, não tem um lugar permanente, só pode ser vista de momento a momento. A verdade é sempre nova, e portanto intemporal. O que era verdade ontem já não o é hoje, e o que é verdade hoje deixará de o ser amanhã. A verdade não tem nenhuma continuidade. É a mente que quer tornar contínua a experiência a que chama verdade, e uma tal mente não conhecerá a verdade. A verdade é sempre nova; é ver o mesmo sorriso, e ver esse sorriso com olhos novos, ver a mesma pessoa, e vê-la com olhos novos, ver as folhas da palmeira a oscilar ao vento com olhos novos, encarar a vida com olhos novos.

Agosto, 3

Não Há Nenhum Guia para a Verdade

Será que Deus pode ser encontrado através da sua procura? Será que podemos procurar o desconhecido? Para encontrar, temos de saber o que buscamos. Se vocês procuram encontrar, aquilo que encontram será uma projecção de vós mesmos; será aquilo que vocês desejam, e a criação do desejo não é a verdade. Procurar a verdade é negá-la. A verdade não tem nenhum domicílio fixo; não tem nenhum caminho, nenhum guia que nos leve a ela, e a palavra não é a verdade. Será que a verdade pode ser encontrada num determinado cenário, num clima especial, entre determinadas pessoas? Será que ela está aqui e não ali? Será aquele o guia para a verdade, e não um outro? Será que existe um guia? Quando a verdade é procurada, aquilo que é encontrado só pode ter origem na ignorância, porque a própria busca nasce da ignorância. Vocês não podem procurar a realidade; vocês devem cessar para que a realidade possa existir.

Agosto, 4

A Verdade É Encontrada Momento a Momento

A verdade não pode ser acumulada. O que é acumulado está sempre a ser destruído; definha. A verdade nunca definha, porque ela só pode ser descoberta momento a momento em cada pensamento, em cada relação, em cada palavra, em cada gesto, num sorriso, nas lágrimas. E se vocês e eu pudermos descobrir isso e vivê-lo — o próprio viver é a descoberta da verdade —, então não seremos propagandistas; seremos seres humanos criativos — não seres humanos perfeitos, mas seres humanos criativos, o que é inteiramente diferente.

Agosto, 5

O Verdadeiro Revolucionário

A verdade não é para aqueles que são respeitáveis, nem para aqueles que desejam a sua própria expansão, a sua própria realização. A verdade não é para aqueles que buscam a segurança, a permanência; pois a permanência que eles procuram é apenas o oposto da transitoriedade. Ao terem sido apanhados na rede do tempo, eles procuram aquilo que é permanente, o permanente que eles procuram não é o real, porque o que procuram é o produto do seu pensamento. Assim, um homem que queira descobrir a realidade deve deixar de procurar — o que não significa que ele se deva contentar com *o que é*. Pelo contrário, um homem que queira descobrir a verdade deve ser, interiormente, um completo revolucionário. Ele não pode pertencer a nenhuma classe, a nenhuma nação, a nenhum grupo ou ideologia, a nenhuma religião organizada; porque a verdade não se encontra no templo ou na igreja, a verdade não pode ser encontrada nas coisas arquitectadas pelas mãos ou pela mente. A verdade só surge quando as coisas da mente e da mão são colocadas de lado, e esse colocar de lado das coisas da mente e da mão não é uma questão de tempo. A verdade vem para aquele que está liberto do tempo, que não está a usar o tempo como um meio de se expandir a si mesmo. O tempo significa a memória do ontem, a memória da vossa família, da vossa raça, do vosso carácter particular, da acumulação da vossa experiência que constituem o «eu» e o «meu».

Agosto, 6

Ver a Verdade no Falso

Vocês podem concordar superficialmente quando ouvem dizer que o nacionalismo, com toda a sua carga emocional e o interesse nele envolvido, conduz à exploração e ao colocar de um homem contra o outro; mas libertarem de facto a vossa mente da mesquinhez do nacionalismo é uma coisa completamente diferente. Libertarmo-nos, não apenas do nacionalismo, mas também de todas as conclusões das religiões organizadas e dos sistemas políticos, é essencial para que a mente seja fresca, inocente, isto é, para que esteja num estado de revolução; e é somente uma mente assim que pode criar um mundo novo — não os políticos, que estão mortos, nem os padres, que estão enredados nos seus próprios sistemas religiosos.

Assim, feliz ou infelizmente para vocês, acabaram de ouvir algo que é verdade; e se apenas o ouvirem e não ficarem activamente perturbados de modo a que a vossa mente comece a libertar-se de todas as coisas que a estão a tornar estreita e desonesta, então a verdade que ouviram torna-se um veneno. É certo que a verdade se transforma num veneno se for ouvida e não tiver uma acção na mente, tal como acontece com a ulceração de uma ferida. Todavia, descobrirmos por nós mesmos o que é verdadeiro e o que é falso, e vermos a verdade no falso, é deixar que essa verdade opere e possa produzir a sua própria acção.

Agosto, 7

Compreender o Real

Na verdade, não se trata de algo complexo, embora possa ser árduo. Vêem, nós não começamos com o real, com o facto, com aquilo que estamos a pensar, a fazer, a desejar; começamos com suposições ou com ideais, os quais não são realidades e assim perdemo-nos. Para podermos começar com factos e não com suposições, necessitamos de uma atenção muito grande; e qualquer forma de pensamento que não tenha origem no real é uma distracção. É por isso que é tão importante compreendermos o que está realmente a acontecer tanto dentro de nós como à nossa volta.

Se vocês forem cristãos, as vossas visões seguem um determinado padrão; se forem hindus, budistas, muçulmanos, seguem um padrão diferente. Vocês vêem Cristo ou Krishna de acordo com o vosso condicionamento; a vossa educação, a cultura no seio da qual cresceram determinam as vossas visões. Qual das duas é a realidade: a visão ou a mente que foi moldada de uma certa forma? A visão é a projecção da tradição em particular que forma o fundo da mente. Este condicionamento, não a visão que ele projecta, é a realidade, o facto. Compreender o facto é simples; mas tornou-se difícil pelo que vocês gostam e pelo que não gostam, pela vossa condenação do facto, pelas opiniões e julgamentos que fazem do facto. Estar liberto destas diversas formas de avaliação é compreender o real, *o que é.*

Agosto, 8

A Tradução dos Factos Impede o Ver

Uma mente que emite uma opinião acerca de um facto é uma mente estreita, limitada e destrutiva... Vocês podem traduzir o facto de um modo e eu de outro. A tradução do facto é uma maldição que nos impede de ver o facto real e de fazer algo acerca dele. Quando vocês e eu discutimos as nossas opiniões a respeito do facto, nada é feito acerca do facto; podem talvez acrescentar algo mais ao facto, ver mais tonalidades, implicações, ver mais significado no facto, e eu posso ver menos significado no facto. Mas o facto não pode ser interpretado; eu não posso oferecer uma opinião acerca do facto. É assim, e é muito difícil para uma mente aceitar o facto. Estamos sempre a traduzir, estamos sempre a atribuir-lhe significados diferentes, de acordo com os nossos preconceitos, condicionamentos, esperanças, medos e tudo o resto. Se vocês e eu pudermos ver o facto sem darmos uma opinião, sem interpretarmos, sem darmos significado, então o facto torna-se muito mais vivo — não mais vivo; o facto está simplesmente lá, nada mais importa; então o facto tem a sua própria energia, que vos leva na direcção certa.

Agosto, 9

Existe Apenas Um Facto: A Impermanência

Estamos a tentar descobrir se existe, ou não, um estado permanente — não aquilo que gostaríamos que fosse, mas o facto real, a verdade da questão. Tudo o que nos diz respeito, interior e exteriormente — os nossos relacionamentos, os nossos pensamentos, os nossos *sentimentos* — é transitório, num estado de fluir constante. Ao estar consciente disto, a mente anseia pela permanência, por um perpétuo estado de paz, de amor, de bondade, uma segurança que não possa ser destruída nem pelo tempo nem pelos acontecimentos; e assim ela cria a alma, o Atma, e as visões de um paraíso permanente. Só existe um facto: a impermanência.

Agosto, 10

Desejar Ardentemente o Incognoscível

Vocês querem que eu vos diga o que é a realidade. Será que podemos colocar por palavras o que é indescritível? Será que se pode medir o incomensurável? Pode apanhar-se o vento na nossa mão? Se o fizermos, será que se trata de vento? Se medirem o que é incomensurável, será isso o real? Se o formularem, será isso o real? Certamente não, pois a partir do momento em que descrevemos algo que não pode ser descrito, esse algo deixa de ser o real. A partir do momento em que traduzimos o incognoscível para o cognoscível, ele deixa de ser o incognoscível. E no entanto, é isso que nós desejamos ardentemente. Estamos sempre a querer *saber*, porque então seremos capazes de continuar, então seremos capazes, pensamos nós, de agarrar a felicidade maior, a permanência. Queremos saber por que não somos felizes, por que nos esforçamos desgraçadamente, por que estamos desgastados, degradados. Não obstante, em vez de percebermos o simples facto — que *estamos* degradados, que *estamos* embotados, exaustos, tumultuados —, queremos afastar-nos do que é o conhecido e procuramos o desconhecido, o que, mais uma vez se transforma no conhecido e por isso nunca conseguimos encontrar o real.

Agosto, 11

Será o Sofrimento apenas uma Palavra ou uma Realidade?

Será o sofrimento apenas uma palavra ou uma realidade? Se é uma realidade e não apenas uma palavra, então a palavra não tem qualquer significado no agora, então existe apenas o sentimento de dor intensa. Em relação a quê? Em relação a uma imagem, a uma experiência, a algo que vocês têm ou não. Se o têm, chamam-lhe prazer; se não o têm, é dor. Assim, a dor, a tristeza surge em relação a algo. Será esse algo mera verbalização, ou será uma realidade? — da mesma forma que o medo não existe por si mesmo, mas em relação *a* algo: a um indivíduo, a um acidente, a um sentimento. Agora, vocês estão completamente conscientes do sofrimento. Será esse sofrimento separado de vós e portanto vocês são apenas o observador que percepciona o sofrimento, ou será que *vocês* são esse sofrimento?

Agosto, 12

Vocês e o Nada São uma Coisa Só

Vocês não são nada. Podem ter o vosso nome e o vosso título, os vossos bens e a vossa conta bancária, podem ter poder e ser famosos; mas apesar de todas estas defesas, vocês não são nada. Podem estar completamente inconscientes deste nada ser, ou podem simplesmente não querer estar conscientes dele; mas ele está lá, façam vocês o que fizerem para o evitar. Podem tentar escapar-lhe de diversas maneiras, através da violência pessoal ou colectiva, da veneração individual ou colectiva, do conhecimento ou da diversão; mas quer vocês estejam adormecidos quer estejam despertos, ele está sempre lá. Vocês só podem chegar à vossa relação com este nada ser e com o medo que ele provoca se estiverem conscientes das fugas de um modo que não inclui a escolha. Vocês não estão relacionados com ele como uma entidade separada, individual; vocês não são o observador que o observa; sem vocês, o pensador, o observador não existe. Vocês e o nada ser são um só; vocês e o nada ser são um fenómeno conjunto, não dois processos separados. Se vocês, o pensador, o receiam e se aproximam dele como algo contrário e oposto a vós, então qualquer acção que tomem em relação a ele conduzirá, inevitavelmente, à ilusão e dessa forma a mais conflito e sofrimento. Quando tem lugar a descoberta, a experimentação desse nada ser como sendo vós mesmos, então o medo — que só existe quando o pensador está separado dos seus pensamentos e portanto tenta estabelecer uma relação com eles — desaparece por completo.

Agosto, 13

De que forma Podemos Acabar com o Medo?

Estamos a discutir algo que exige a vossa atenção, não a vossa concordância ou discordância. Estamos a olhar para a vida com o maior rigor, com clareza — não de acordo com o vosso sentimento, o vosso agrado, com o que gostam ou não gostam. Foi aquilo de que nós gostamos e de que não gostamos que criou todo este sofrimento. Tudo o que estamos a dizer é o seguinte: «Como podemos terminar com o sofrimento?» Este é um dos nossos grandes sofrimentos, porque se um ser humano não for capaz de acabar com o sofrimento, viverá eternamente na escuridão, eternamente não no sentido cristão, mas no sentido comum. Para mim, enquanto ser humano, tem de haver uma saída que não passe pela esperança num futuro. Será que eu posso, como ser humano, acabar totalmente com o sofrimento, e não apenas com alguns pedaços dele? É provável que vocês nunca se tenham colocado esta questão, e talvez não o tenham feito, porque não sabem como resolvê-la. Mas se colocarem esta questão com toda a seriedade, não com a intenção de descobrirem como acabar com o medo, mas com a intenção de descobrirem a sua natureza e a sua estrutura, no momento em que o descobrirem, o próprio medo tem o seu fim; não precisam de fazer nada para que isso aconteça.

Quando estamos conscientes dele e entramos em contacto directo com ele, o observador é o observado. Não existe diferença entre o observador e a coisa observada. Quando o medo é observado sem que haja observador, existe acção, mas não a acção do observador a actuar sobre o medo.

Agosto, 14

A Dualidade do Pensador e do Pensamento

Quando vocês observam algo — uma árvore, a vossa mulher, os vossos filhos, o vosso vizinho, as estrelas na noite, a luz a reflectir-se na água, o pássaro que cruza os céus, qualquer coisa — existe sempre o observador — aquele que critica, que pensa, que experimenta, que procura — e a coisa que ele está a observar; o observador e o observado; o pensador e o pensamento. Portanto, há sempre uma divisão. É esta divisão que é o tempo. Essa divisão é a própria essência do conflito. E quando há conflito, há contradição. Há «o observador e o observado» — isso é uma contradição; existe uma separação. E sempre que existe separação, existe conflito. E onde há conflito, há sempre a urgência de ir além dele, de o conquistar, de o ultrapassar, de fugir dele, de fazer alguma coisa acerca dele, e toda essa actividade envolve tempo. ...Enquanto houver divisão, o tempo continuará, e o tempo é tristeza.

E para que um homem compreenda o fim da tristeza, tem de compreender isto, tem de descobrir, tem de ir além desta dualidade entre o pensador e o pensamento, entre aquele que experimenta e o que é experimentado. Isto é, quando existe uma divisão entre o observador e o observado, existe tempo, e como tal não se dá o fim da tristeza. Então, o que devemos fazer? Compreendem a questão? Eu vejo, dentro de mim mesmo, que o observador está continuamente a observar, a julgar, a criticar, a aceitar, a rejeitar, a disciplinar, a controlar, a dar forma. Esse observador, esse pensador é o resultado do pensamento, como é óbvio. Primeiro existe o pensamento, não o observador, não o pensador. Se não houvesse qualquer movimento do pensamento, não haveria nenhum observador, nenhum pensador; então haveria somente a atenção total e completa.

Agosto, 15

O Pensamento Cria o Pensador

O pensamento é a sensação verbalizada; o pensamento é a resposta da memória, a palavra, a experiência, a imagem. O pensamento é transitório, mutável, efémero, e procura a permanência. Assim, o pensamento cria o pensador, que então se transforma no permanente; ele assume o papel do crítico, do guia, do controlador, do modelador do pensamento. Esta entidade permanente ilusória é produto do pensamento, do transitório. Esta entidade é pensamento; sem o pensamento, ela não existe. O pensador é constituído por qualidades; as suas qualidades não podem ser separadas dele. O controlador é o controlado, ele está apenas a jogar um jogo ilusório consigo mesmo. Enquanto o falso não for visto como falso, a verdade não poderá existir.

Agosto, 16

Uma Parede de Pensamento Inexpugnável

Como pode acontecer uma fusão do pensador com os seus pensamentos? Não por meio da acção da vontade, nem da disciplina, nem tão-pouco através de alguma forma de esforço, controlo ou concentração, nem através de nenhum outro meio. A utilização de um meio implica a existência de um agente que está a actuar, não é verdade? Enquanto houver um actor, haverá uma divisão. A fusão só acontece quando a mente está totalmente tranquila sem fazer qualquer tentativa para estar tranquila. Existe esta tranquilidade, não quando o pensador chegou ao fim, mas quando o próprio pensamento chegou ao fim. Tem de haver a libertação relativamente à resposta do condicionamento, que é o pensamento. Cada problema só pode ser resolvido quando a ideia, a conclusão não estão presentes; conclusões, ideia, pensamento, são agitações da mente. Como pode haver compreensão quando a mente se encontra agitada? A rectidão deve ser temperada com o movimento rápido da espontaneidade. Irão descobrir, se tiverem ouvido tudo o que foi dito, que a verdade chega nos momentos em que vocês não a esperam. Se me é permitido dizê-lo, estejam abertos, sensíveis, estejam inteiramente atentos *ao que é* a cada momento. A bem-aventurança da verdade vem quando a mente não está ocupada com as suas próprias actividades e lutas.

Agosto, 17

Quando o Observador É o Observado

O espaço é necessário. Sem espaço não existe liberdade. Estamos a falar em termos psicológicos. ...É somente quando estamos em contacto, quando não existe nenhum espaço entre o observador e o observado que estamos em total relação — com uma árvore, por exemplo. Não nos identificamos com a árvore, a flor, uma mulher, um homem, ou o que quer que seja, mas quando existe esta total ausência de espaço como observador e observado, então há um espaço imenso. Nesse espaço não existe conflito; nesse espaço há liberdade.

A liberdade não é uma reacção. Vocês não podem dizer: «Bem, sou livre.» A partir do momento em que vocês dizem que são livres, deixam de o ser, porque passam a estar conscientes de vós mesmos como estando livres de algo, e assim têm a mesma situação como observador a observar uma árvore. Ele criou um espaço, e nesse espaço ele alimenta o conflito. Compreender isto não requer a concordância ou a discordância intelectuais, nem o dizer «não compreendo», mas antes o entrar em contacto directo com *o que é*. Significa verem que todas as vossas acções, que cada momento de acção é do observador e do observado, e nesse espaço há prazer, dor e sofrimento, o desejo de realização, de se tornar famoso. Nesse espaço não há contacto com nada. O contacto, o relacionamento têm um significado bastante diferente quando o observador já não está separado do observado. Existe este espaço extraordinário, e existe a liberdade.

Agosto, 18

Haverá um Observador a Observar a Solidão?

A minha mente observa a solidão, e evita-a, foge dela. Mas se eu não fugir dela, será que há uma divisão, uma separação, será que há um observador a observar a solidão? Ou existirá apenas um estado de solidão, estando a minha própria mente vazia, só? Não que haja um observador que saiba que existe a solidão. Penso que é importante compreendermos isto, prontamente, sem verbalizarmos muito. Dizemos assim: «Sou invejoso e quero deixar de o ser», portanto há um observador e o que é observado; o observador quer libertar-se daquilo que observa. Mas não será o observador o mesmo que o observado? Foi a própria mente que criou a inveja, e portanto ela não pode fazer nada acerca da inveja. Assim, a minha mente observa a solidão; o pensador tem consciência de que está só. Mas ao ficar com isso, ao estar em total contacto com isso, o que significa não fugir disso, não o traduzir nem nada disso, então haverá alguma diferença entre o observador e o que é observado? Ou haverá apenas um estado, que é o da mente estar ela própria só, vazia? Não que a mente se observe a si mesma como estando vazia, mas ela própria está vazia. Então, poderá a mente, estando consciente de que ela mesma está vazia, e de que qualquer que seja o seu empenho, qualquer que seja o movimento para se afastar desse vazio é apenas uma fuga, uma dependência, poderá a mente pôr de lado qualquer dependência e ser o que é, completamente vazia, completamente só? E se ela estiver nesse estado, não haverá a libertação de toda a dependência, de todo o apego?

Agosto, 19

O Que É Acumulado Não É a Verdade

Enquanto houver aquele que experimenta a recordar a experiência, não haverá a verdade. A verdade não é algo que possa ser recordado, armazenado, gravado e depois expresso. Aquilo que é acumulado não é a verdade. O desejo de ter experiências gera a entidade que experimenta, que então acumula e recorda. O desejo provoca a separação entre o pensador e o seu pensamento; o desejo de vir a ser, de experimentar, de ser mais ou de ser menos, provoca a divisão entre a entidade que experimenta e a experiência. O estar atento aos caminhos do desejo é o autoconhecimento. E o autoconhecimento é o princípio da meditação.

Agosto, 20

Acção Imediata

Quando vocês estão em contacto com algo, com a vossa mulher, os vossos filhos, o céu, as nuvens, com qualquer facto que seja, no momento em que o pensamento interfere com isso, vocês perdem o contacto. O pensamento nasce da memória. A memória é a imagem, e é a partir daí que vocês olham, e portanto dá-se uma separação entre o observador e o observado.

Vocês têm de compreender isto profundamente. É esta separação do observador relativamente ao observado que faz com que o observador queira mais experiência, mais sensações, e como tal ele está num permanente estado de busca, de procura. Tem de ser completa e totalmente compreendido que enquanto existir um observador, aquele que procura a experiência, o crítico, a entidade que avalia, julga, condena, não pode haver qualquer contacto imediato com *o que é*. Quando vocês sentem dor, dor física, há uma percepção directa; não existe o observador que está a sentir a dor; existe apenas a dor. Como não há nenhum observador, há uma acção imediata. Não existe a ideia e depois a acção, mas só há acção quando há dor, porque se dá um contacto físico directo. Vocês são a dor; há dor. Enquanto isto não for completamente compreendido, percebido, explorado, e profundamente sentido, enquanto não for compreendido na sua totalidade, não intelectualmente, não verbalmente, que o observador é o observado, toda a vida se transforma em conflito, numa contradição entre desejos opostos, «o que devia ser» e «o que é». Só poderão fazê-lo se tiverem consciência de estarem a olhar como observador quando olham para uma flor, ou uma nuvem, ou o que quer que seja.

Agosto, 21

A Realidade Está no que É

Em vez de perguntarem quem atingiu a iluminação ou o que é Deus, por que não dão toda a vossa atenção *ao que é*? Então descobrirão o desconhecido, ou antes, ele virá ter convosco. Se compreenderem o que é o conhecido, experimentarão esse silêncio extraordinário que não é induzido, nem imposto, esse vazio criativo que é o único onde a realidade pode entrar. Ela não pode vir para aquilo que está no movimento do *vir a ser*, que está em luta; ela só pode chegar àquilo que está a *ser*, que compreende *o que é*. Então poderão ver que a realidade não é longínqua; que o desconhecido não está longe; está *no que é*. Do mesmo modo que a resposta a um problema está no problema, assim também a realidade está *no que é*; se formos capazes de o compreender, então conheceremos a verdade.

Agosto, 22

Encarar o Facto

Estou triste. Sinto-me profundamente perturbado em termos psicológicos; e tenho uma ideia acerca disso: o que devo fazer, o que não devo fazer, de que forma posso mudar o estado em que me encontro. Essa ideia, essa fórmula, esse conceito impedem-me de olhar para o facto *do que é*. Quando se vos depara um grande perigo, há uma acção imediata. Então não há nenhuma ideia. Vocês não formulam uma ideia para depois agirem de acordo com ela.

A mente tornou-se preguiçosa, indolente, por meio de uma fórmula que lhe forneceu um meio de fuga à acção relativamente *ao que é*. Ao vermos por nós mesmos toda a estrutura do que tem estado a ser dito, não porque nos tenha sido salientado, será possível encararmos o facto: o facto de sermos violentos, por exemplo? Somos seres humanos violentos, e escolhemos a violência como forma de vida — a guerra e tudo o resto. Embora estejamos sempre, especialmente no Oriente, a falar da não-violência, não somos pessoas pacíficas, somos pessoas violentas. A ideia da não-violência é uma ideia, que pode ser usada em termos políticos. Esse é outro significado, mas trata-se de uma ideia e não de um facto. Como o ser humano é incapaz de encarar o facto que é a violência, inventou o ideal de não-violência, que o impede de lidar com o facto. Afinal, o facto é que eu sou violento; estou furioso. Qual é a necessidade de uma ideia? O importante não é a ideia de estar furioso; é o facto real de estar furioso, tal como acontece com o facto real de se sentir fome. Não há nenhuma ideia sobre o estar com fome. A ideia, nesse momento, tem que ver com aquilo que vocês devem comer, e então de acordo com os parâmetros do prazer, vocês comem. Só pode haver uma acção relativamente *ao que é* quando não houver nenhuma ideia quanto ao que deve ser feito relativamente àquilo que está à vossa frente *o que é*.

Agosto, 23

Libertar-se do Que É

Ser virtuoso vem da compreensão *do que é,* ao passo que o vir a ser virtuoso é um adiamento, o mascarar *do que é* com o que vocês gostariam que fosse. Assim, no tornar-se virtuoso vocês estão a evitar a acção directa sobre *o que é.* Este processo de evitar *o que é* por meio do cultivar de um ideal é considerado virtuoso; mas se olharem para este facto de forma directa e atenta, poderão ver que não se trata de nada disso. Trata-se apenas de adiar o confronto com *o que é.* A virtude não é o vir a ser daquilo que não é; a virtude é a compreensão *do que é* e portanto ela é a libertação *do que é.* A virtude é essencial numa sociedade que se está a desintegrar a um ritmo acelerado.

Agosto, 24

Observar o Pensamento

Devo amar aquilo que estiver a estudar. Se vocês quiserem compreender uma criança, devem amá-la e não condená-la. Devem brincar com ela, observar os seus movimentos, as suas idiossincrasias, os seus comportamentos; mas se apenas a condenarem, resistirem, ou a culparem, não poderá haver compreensão alguma da criança. Da mesma forma, para compreenderem *o que é*, devem observar o que pensam, o que sentem e o que fazem a cada momento. Isso é real.

Agosto, 25

A Fuga Alimenta o Conflito

Por que somos ambiciosos? Por que desejamos ter sucesso, ser alguém? Por que lutamos por ser superiores? Porquê todo este esforço para nos afirmarmos, quer seja de forma directa quer através de uma ideologia ou do estado? Não será esta afirmação de si mesmo a principal causa do nosso conflito e da nossa confusão? Será que pereceríamos se não tivéssemos ambição? Não poderemos sobreviver fisicamente se não formos ambiciosos?

Por que somos nós hábeis e ambiciosos? Não será a ambição uma urgência em evitar *o que é?* Não será esta habilidade verdadeiramente estúpida, que é o que nós somos? Por que tememos tanto *o que é?* Qual é a vantagem de fugirmos se o que quer que nós formos está sempre lá? Podemos ser bem-sucedidos na nossa fuga, mas aquilo que nós somos continua lá, a alimentar o conflito e o sofrimento. Por que temos tanto medo da nossa solidão, do nosso vazio? Qualquer actividade que esteja afastada *do que é* está condenada a trazer-nos tristeza e antagonismo. O conflito é a negação *do que é* ou a fuga *ao que é*; não existe outro conflito senão este. O nosso conflito torna-se cada vez mais complexo e insolúvel, porque nós não encaramos *o que é*. Não há nenhuma complexidade *no que é*, mas apenas nas muitas formas de lhe escaparmos que nós procuramos.

Agosto, 26

A Insatisfação Não Tem Qualquer Resposta

Com o que estamos insatisfeitos? Certamente, com *o que é*. *O que é* pode ser de ordem social, *o que é* pode ser o relacionamento, *o que é* poder ser aquilo que somos, aquilo que somos na nossa essência — que é o feio, os pensamentos errantes, as ambições, as frustrações, os inúmeros medos; é isso que nós somos. Ao nos afastarmos disso, pensamos que iremos encontrar uma resposta para a nossa insatisfação. Portanto, estamos sempre à procura de uma forma, de um meio de mudar *o que é* — é com isso que a nossa mente está preocupada. Se estou insatisfeito e se quero arranjar uma forma, um meio para chegar à satisfação, a minha mente está ocupada com a forma, o meio e a prática do meio que me levará à satisfação. Portanto, já não estou preocupado com a insatisfação, com as cinzas, a chama que está a arder, a que chamamos insatisfação. Nós não descobrimos o que está por detrás dessa insatisfação. Estamos apenas preocupados em nos afastarmos dessa chama, dessa ansiedade ardente...

Isto é tremendamente difícil, porque a nossa mente nunca está satisfeita, nunca está contente na observação *do que é*. Está sempre a querer transformar *o que é* noutra coisa diferente — o que constitui o processo de condenação, justificação ou comparação. Se observarem a vossa própria mente verão que quando ela fica face a face com *o que é*, então ela condena, compara-*o* com «o que devia ser», ou justifica-*o*, e assim por diante, empurrando dessa forma para longe *o que é*, colocando de lado aquilo que está a provocar a perturbação, a dor, a ansiedade.

Agosto, 27

O Esforço É uma Distracção em Relação ao Que É

Temos de compreender o problema da luta. Se compreendermos o significado do esforço, então poderemos traduzi-lo em acção no nosso quotidiano. Não será verdade que o esforço significa uma luta para transformar *o que é* no que não é, ou no que devia ser, ou no que deve vir a ser? Estamos sempre a fugir *do que é*, para o transformarmos ou modificarmos. Aquele que está verdadeiramente satisfeito é aquele que compreende *o que é*, que atribui o significado correcto *ao que é*. A verdadeira satisfação não reside nas muitas ou poucas posses, mas na compreensão de todo o significado *do que é*. Somente na atenção passiva pode ser compreendido o significado *do que é*. Não estou, neste momento, a falar da luta física com a terra, com a construção ou com um problema técnico, mas da luta psicológica. As lutas e os problemas psicológicos ensombram sempre os fisiológicos. Podem construir uma estrutura social cuidadosa, mas enquanto a escuridão e a luta psicológicas não forem compreendidas, elas irão, invariavelmente, subverter a estrutura cuidadosamente construída.

O esforço é uma distracção relativamente *ao que é*. Na aceitação *do que é*, cessa a luta. Não há qualquer aceitação quando existe o desejo de transformar ou modificar *o que é*. A luta, que é um sinal de destruição, só existe enquanto há o desejo de mudar *o que é*.

Agosto, 28

Uma Satisfação que Não É da Mente

Não será a insatisfação essencial, algo que não deve ser descartado, mas antes encorajado, investigado, aprofundado de modo a que com a compreensão *do que é* venha a satisfação? Essa satisfação não é aquela que é produzida por um sistema de pensamento; mas é aquela satisfação que vem com a compreensão *do que é*. Essa satisfação não é produto da mente — da mente que está perturbada, agitada, incompleta, quando está à procura de paz, quando está em busca de uma forma de fugir *ao que é*. E assim a mente, através da justificação, tenta alterar *o que é* e desse modo espera chegar a um estado em que não será perturbada, em que ficará em paz, em que haverá tranquilidade. E quando a mente é perturbada por condições sociais, pela pobreza, pela fome, pela degradação, pela terrível miséria, ao ver tudo isso, ela quer alterar o estado das coisas; fica enredada na forma de alterar, no sistema de alterar. Mas se a mente for capaz de olhar para *o que é* sem comparação, sem julgamento, sem o desejo de o transformar em qualquer outra coisa, então verão que surge um tipo de satisfação que não é da mente.

A satisfação que é produto da mente é uma fuga. É estéril. É uma coisa morta. Mas existe uma satisfação que não é da mente, que ganha existência quando há a compreensão *do que é*, na qual se verifica uma revolução profunda que afecta a sociedade e a relação individual.

Agosto, 29

Manter Viva a Insatisfação

Não será a insatisfação essencial à nossa vida, a qualquer questão, a qualquer investigação, a qualquer tentativa de aprofundar, à descoberta do que é o real, do que é a verdade, do que é essencial na vida? Posso ter esta grande insatisfação enquanto estou na escola; mas então arranjo um emprego e essa insatisfação desaparece. Fico satisfeito, luto por manter a minha família, tenho de ganhar o meu sustento e assim a minha insatisfação fica apaziguada, é destruída, e eu torno-me uma entidade medíocre satisfeita com as coisas da vida, e não me sinto insatisfeito. Mas a chama tem de ser mantida do princípio ao fim, para que possa haver uma verdadeira investigação, um verdadeiro aprofundar do problema do que é a insatisfação. Como a mente procura muito facilmente uma droga que a deixe satisfeita com as virtudes, com as qualidades, com as ideias, com as acções, ela estabelece uma rotina e fica presa nela. Estamos bastante familiarizados com isso, mas o nosso problema não é como apaziguar a insatisfação, mas como mantê-la acesa, viva, vital. Todos os nossos livros religiosos, todos os nossos gurus, todos os sistemas políticos apaziguam a mente, influenciam a mente no sentido de ela ceder, de colocar de lado a insatisfação e nadar em alguma forma de satisfação. ...Não será essencial estar-se insatisfeito para se poder descobrir o que é verdadeiro?

Agosto, 30

Compreender O Que É

Nós estamos em conflito uns com os outros, e o nosso mundo está a ser destruído. As crises e as guerras sucedem-se; há fome, miséria; há aqueles que são imensamente ricos, envoltos na sua respeitabilidade, e há os pobres. Para resolver estes problemas, o que se torna necessário não é um novo sistema de pensamento, não é uma nova revolução económica, mas compreender *o que é* – a insatisfação, o constante aprofundar *do que é* —, que dará origem a uma revolução com um alcance maior que o da revolução das ideias. E é esta revolução que se torna tão necessária para fazer nascer uma cultura diferente, uma religião diferente, uma relação diferente entre os homens.

Agosto, 31

Setembro

Intelecto

Pensamento

Conhecimento

Mente

Pensamos Que Somos Intelectuais

A maioria de nós desenvolveu capacidades intelectuais — as assim chamadas capacidades intelectuais, que na realidade não o são de todo —, lemos tantos livros, repletos das palavras dos outros, das suas muitas teorias e ideias. Julgamos que somos muito intelectuais se formos capazes de citar inúmeros livros de inúmeros autores, se tivermos lido muitos e diferentes tipos de livros e tivermos a capacidade de correlacionar e de explicar. Mas nenhum de nós, ou muito poucos, tem uma concepção intelectual, original. Ao cultivarmos o intelecto — assim chamado — todas as outras capacidades, todos os outros sentimentos se perderam, e temos o problema de como conseguir um equilíbrio nas nossas vidas de forma a termos não só a mais elevada capacidade intelectual e a sermos capazes de raciocinar com objectividade, de ver as coisas exactamente como elas são — sem estarmos interminavelmente a oferecer opiniões sobre teorias e códigos, mas pensarmos por nós mesmos, vermos por nós mesmos de forma muito clara o falso e o verdadeiro. E isto, parece-me, é uma das nossas dificuldades: a incapacidade de ver, não apenas as coisas exteriores, mas também a nossa vida interior, se é que temos alguma.

Setembro, 1

Todo o Pensamento É Distracção

Uma mente que é competitiva, presa no conflito do vir a ser, que pensa em termos de comparação, não é capaz de descobrir o real. O pensamento-sentimento que é intensamente atento está no processo da autodescoberta constante — uma descoberta que, se for verdadeira, é libertadora e criativa. Uma tal autodescoberta traz a libertação da avidez e da vida complexa do intelecto. É esta vida complexa do intelecto que encontra satisfação nos hábitos: a curiosidade destrutiva, a especulação, o mero conhecimento, a capacidade, o mexerico, e assim por diante; e estes obstáculos impedem a simplicidade da vida. Um hábito, uma especialização, conferem perspicácia à mente, um meio de focar o pensamento, mas não é o desabrochar do pensamento-sentimento para a realidade.

Libertarmo-nos da distracção torna-se mais difícil, porque nós não compreendemos inteiramente o processo do pensar-sentir, o qual se tornou, em si mesmo, um meio de distracção. Ao estar sempre incompleto, capaz da curiosidade especulativa e da formulação, ele tem o poder de criar os seus próprios obstáculos, as suas próprias ilusões, e isso impede a atenção ao real. Assim, ele transforma-se na sua própria distracção, no seu próprio inimigo. Uma vez que a mente é capaz de criar a ilusão, este poder deve ser compreendido antes de ela poder estar completamente liberta das distracções que ela mesma criou. A mente deve estar completamente tranquila, silenciosa, porque todo o pensamento se torna uma distracção.

Setembro, 2

Unidade da Mente e do Coração

Exercitar o intelecto não faz surgir a inteligência. Pelo contrário, a inteligência surge quando agimos em perfeita harmonia aos níveis intelectual e emocional. Existe uma grande diferença entre intelecto e inteligência. O intelecto é apenas o pensamento a funcionar de forma independente da emoção. Quando o intelecto, sem considerar a emoção, é exercitado numa qualquer direcção em particular, podemos ter um grande intelecto, mas não temos inteligência, porque na inteligência reside a capacidade inerente tanto de sentir como de raciocinar; na inteligência ambas as capacidades estão presentes, de forma intensa e harmoniosa.

Agora, a educação moderna está a desenvolver o intelecto, a oferecer cada vez mais explicações para a vida, cada vez mais teorias, sem a qualidade harmoniosa da afeição. Assim, nós desenvolvemos mentes argutas para escaparmos ao conflito; e portanto ficamos satisfeitos com as explicações que os cientistas e os filósofos nos dão. A mente — o intelecto — está satisfeita com estas inúmeras explicações, mas a inteligência não está, porque para se compreender, tem de haver a união total da mente e do coração na acção.

Setembro, 3

O Intelecto Corrompe o Sentimento

Sabem, existe o intelecto e existe o sentimento puro — o sentimento puro de amar algo, de ter emoções boas e generosas. O intelecto raciocina, calcula, pesa, contrabalança. Ele pergunta: «Isto vale a pena? Irá trazer-me benefícios?» Por outro lado, existe o sentimento puro — o sentimento extraordinário pelo céu, pelo vosso vizinho, pela vossa mulher ou pelo vosso marido, pelo vosso filho, pelo mundo, pela beleza de uma árvore e assim por diante. Quando os dois estão juntos, dá-se a morte. Compreendem? Quando o sentimento puro é corrompido pelo intelecto, existe a mediocridade. É o que acontece com a maioria de nós. As nossas vidas são medíocres, porque estamos sempre a calcular, a perguntarmos a nós mesmos se vale a pena, qual será o benefício que vamos retirar de algo, não apenas no mundo do dinheiro, mas também no assim chamado mundo espiritual — «Se eu fizer isto, conseguirei aquilo?»

Setembro, 4

O Intelecto Não Vai Resolver os Nossos Problemas

A maioria de nós preocupa-se tão pouco com este universo extraordinário que nos rodeia; nunca vemos sequer o ondular da folha ao vento; nunca observamos uma folha de relva, nunca a tocamos com a nossa mão para podermos sentir a qualidade do seu ser. Não se trata apenas de estar a ser poético, por isso, por favor, não entrem num estado especulativo e emocional. Digo-vos que é essencial termos esse sentimento profundo pela vida e não nos deixarmos apanhar por ramificações intelectuais, discussões, passar exames, citar e banir algo de novo dizendo que já foi dito. O intelecto não é o caminho. O intelecto não irá resolver os nossos problemas; ele não nos dará aquele alimento que não é perecível. O intelecto pode raciocinar, discutir, analisar, chegar a uma conclusão através de inferências, e assim por diante, mas o intelecto é limitado, porque ele é o resultado do nosso condicionamento. Mas a sensibilidade não. A sensibilidade não tem condicionamento; ela tira-vos do campo dos medos e das ansiedades... Passamos os nossos dias e anos a cultivar o intelecto, a argumentar, a batalhar, a lutar por sermos alguma coisa, e assim por diante. E, no entanto, este mundo extraordinariamente maravilhoso, esta terra que é tão rica — não a terra de Bombaim, a terra do Punjab, a terra da Rússia ou da América —, esta terra é nossa, vossa e minha, e isto não é um disparate sentimental; é um facto. Mas infelizmente, nós dividimos a terra por meio da nossa mesquinhez, do nosso provincianismo. E sabemos por que o fizemos — pela nossa segurança, por melhores e mais empregos. É este o jogo político que está a ser jogado por todo o mundo, e assim nos esquecemos de ser seres humanos, de vivermos felizes nesta terra que é nossa, e de fazermos algo de tudo isso.

Setembro, 5

O Instante da Compreensão

Não sei se já repararam que há compreensão quando a mente está muito tranquila, mesmo que seja apenas por um segundo; há o instante da compreensão quando não existe a verbalização do pensamento. Experimentem-no e verão por vós mesmos que têm o instante da compreensão, essa extraordinária rapidez da percepção imediata e profunda, quando a mente está muito tranquila, quando o pensamento se encontra ausente, quando a mente não está sobrecarregada com o seu próprio barulho. Portanto, a compreensão seja do que for — de uma pintura moderna, de uma criança, da vossa mulher, do vosso vizinho, ou a compreensão da verdade, que está em todas as coisas — só pode ter lugar quando a mente está muito serena. Mas essa serenidade não pode ser cultivada, porque se vocês cultivarem uma mente serena, ela não será uma mente serena, mas uma mente morta.

Quanto mais vocês estiverem interessados em algo, maior será a vossa intenção de compreender, mais simples, clara e livre estará a mente. Então a verbalização cessa. Afinal, o pensamento é palavra, e é a palavra que interfere. É o véu das palavras, que é memória, que entrevem entre o desafio e a resposta. É a palavra que está a responder ao desafio, ao qual chamamos intelecção. Portanto, a mente que está a tagarelar, que está a verbalizar, não pode compreender a verdade — a verdade na relação, não uma verdade abstracta. Não existe nenhuma verdade abstracta. Mas a verdade é muito subtil...

Como um ladrão na noite, ela vem secretamente, não quando estamos preparados para a receber.

Setembro, 6

O Intelecto Sem Protecções

Vocês só se podem conhecer a vós mesmos quando baixam a vossa guarda, quando não estão a calcular, a proteger, constantemente atentos a uma oportunidade de conduzir, de transformar, de subjugar, de controlar; quando vocês se vêem a vós mesmos de forma inesperada, ou seja, quando a mente não tem preconcepções em relação a si própria, quando a mente está aberta, quando não se esteve a preparar para encontrar o desconhecido.

Se a vossa mente estiver preparada, certamente não poderão conhecer o desconhecido, porque vocês são o desconhecido. Se disserem a vós mesmos: «Sou Deus» ou «Não sou mais que uma massa de influências sociais ou um feixe de qualidades» — se vocês tiverem qualquer preconcepção sobre vós mesmos, não poderão compreender o desconhecido, aquilo que é espontâneo.

Portanto, a espontaneidade só pode surgir quando o intelecto baixa a sua guarda, quando não se está a proteger, quando deixa de temer pela sua segurança; e isto só pode acontecer a partir de dentro. Isto é, o espontâneo tem de ser o que é novo, desconhecido, incalculável, criativo, aquilo que tem de ser expresso, amado, onde a vontade enquanto processo do intelecto, a controlar, a conduzir, não toma parte. Observem os vossos próprios estados emocionais e verão que os momentos de grande alegria, de grande êxtase, não são premeditados; eles acontecem, misteriosa, secreta e inesperadamente.

Setembro, 7

A Memória Não Tem Vida em Si Mesma

O que entendemos por pensamento? Em que momentos pensamos? É óbvio que o pensamento é o resultado de uma resposta, neurológica ou psicológica, não é assim? Trata-se da resposta imediata dos sentidos a uma sensação ou de uma resposta psicológica da memória acumulada. Existe a resposta imediata dos nervos a uma sensação, e existe a resposta psicológica da memória acumulada, a influência da raça, do grupo, do guru, da família, da tradição e assim por diante — tudo aquilo a que vocês chamam pensamento. Portanto, o processo do pensamento é a resposta da memória, não é verdade? Se vocês não tivessem memória alguma, não teriam pensamentos, e a resposta da memória a uma determinada experiência põe em acção o processo do pensamento.

O que é, então, a memória? Se vocês observarem a vossa própria memória e a forma como a acumulam, poderão constatar que ela ou é factual, técnica, relacionada com a informação, com a engenharia, as matemáticas, a física e tudo o resto — ou é o resíduo de uma experiência incompleta, que não foi terminada, não é assim? Observem a vossa própria memória e verão. Quando vocês terminam uma experiência, quando a completam, não fica nenhuma memória dessa experiência no sentido de resíduo psicológico. Só existe resíduo quando uma experiência não é inteiramente compreendida, e não há uma compreensão da experiência, porque vocês olham para cada experiência através das memórias passadas, e assim nunca recebem o novo como novo, mas sempre por meio do ecrã do que é velho. Por conseguinte, torna-se claro que a nossa resposta à experiência é condicionada, é sempre limitada.

Setembro, 8

A Consciência É do Passado

Se observarem com muita atenção, poderão ver que não é uma coisa constante, mas existe um intervalo entre dois pensamentos; embora possa não ser mais do que uma fracção infinitesimal de segundo, há um intervalo que tem significado no balançar para cá e para lá do pêndulo. Constatamos o facto de o nosso pensamento ser condicionado pelo passado, que se projecta no futuro; a partir do momento em que vocês admitem o passado, têm igualmente de admitir o futuro, porque não existem tais estados como passado e futuro, mas um único estado que inclui tanto o consciente como o inconsciente, tanto o passado colectivo como o passado, individual. O passado colectivo e o passado individual, em resposta ao presente, dá certas respostas que dão origem à consciência individual; portanto, a consciência é do passado e esse é todo o fundo da nossa existência. A partir do momento em que vocês têm o passado, têm inevitavelmente o futuro, porque o futuro é apenas a continuidade do passado modificado, mas continua a ser o passado, portanto o nosso problema é o de como fazer acontecer uma transformação neste processo do passado sem criarmos um novo condicionamento, um outro passado.

Setembro, 9

Por que Somos Nós Irreflectidos?

O pensador pensa os seus pensamentos por meio do hábito, da repetição, da cópia, o que traz consigo a ignorância e a tristeza. Não será o hábito uma falta de reflexão? A atenção cria ordem, mas nunca cria hábito. As tendências instaladas só geram irreflexão. Por que somos irreflectidos? Porque pensar é algo doloroso, cria perturbações, traz oposição, pode dar origem a que as nossas acções entrem em colisão com o padrão estabelecido. Pensar-sentir com amplidão, tornarmo-nos atentos sem escolha pode conduzir-nos a profundidades desconhecidas, e a mente rebela-se contra o desconhecido; portanto ela move-se do conhecido para o conhecido, de hábito para hábito, de padrão para padrão. Uma tal mente nunca abandona o conhecido para descobrir o desconhecido. Ao aperceber-se de como o pensamento é doloroso, o pensador torna-se irreflectido através do acto de copiar, através do hábito; ao recear pensar, ele cria padrões de irreflexão. Como o pensador está receoso, as suas acções são filhas do medo, e então ele olha para as suas acções e tenta mudá-las. O pensador receia as suas próprias criações; mas a acção é o agente, portanto o pensador tem medo de si mesmo. O pensador é, ele próprio, o medo; o pensador é a causa da ignorância, da tristeza. O pensador pode dividir-se em muitas categorias de pensamento, mas o pensamento continua a ser o pensador. O pensador e os seus esforços para ser, para vir a ser, são a própria causa do conflito e da confusão.

Setembro, 10

O Pensador É o Pensamento

Será que é necessário compreender o pensador, o agente, o executor, se o seu pensamento, o seu feito, a sua acção não podem ser separados dele? O pensador é o pensamento, o agente é o feito, o executor é a acção. O pensador revela-se no seu pensamento. O pensador, através das suas acções, cria o seu próprio sofrimento, a sua ignorância, a sua luta. O pintor pinta este quadro de felicidade passageira, de tristeza, de confusão. Por que produz ele este quadro doloroso? Por certo é este o problema que tem de ser estudado, compreendido e dissolvido. Por que pensa o pensador os seus pensamentos, a partir dos quais fluem todas as suas acções? É este o muro de pedra contra o qual vocês têm estado a bater com a vossa cabeça, não é verdade? Se o pensador se conseguir transcender a si mesmo, então cessarão todos os conflitos: e, para se transcender, ele tem de se conhecer a si mesmo. O que é conhecido e compreendido, o que é realizado e completado não se repete. É a repetição que dá continuidade ao pensador.

Setembro, 11

Não Existe Nenhuma Liberdade de Pensamento

Não sei se é claro para todos nós que vivemos num estado de contradição. Falamos de paz, e preparamos a guerra. Falamos da não-violência, e somos essencialmente violentos. Falamos em sermos bons, e não o somos. Falamos de amor, e estamos cheios de ambição, de competitividade, de uma eficiência implacável. Portanto, existe contradição. A acção que nasce dessa contradição só pode trazer frustração e mais contradição...

Estão a ver, senhores, todo o pensamento é parcial, ele nunca pode ser total. O pensamento é a resposta da memória, e a memória é sempre parcial, porque é o resultado da experiência, portanto o pensamento é a reacção de uma mente que está condicionada pela experiência. Todo o pensar, toda a experiência, todo o conhecimento é inevitavelmente parcial; assim, o pensamento não pode resolver os muitos problemas que temos. Vocês podem tentar raciocinar com lógica, com sanidade, sobre estes muitos problemas, mas se observarem a vossa própria mente, verão que o vosso pensar é condicionado pelas vossas circunstâncias, pela cultura na qual nasceram, pela alimentação que fazem, pelo clima em que vivem, pelos jornais que lêem, pelas pressões e influências do vosso quotidiano...

Portanto, temos de compreender com muita clareza que o nosso pensar é a resposta da memória, e que a memória é mecânica. O conhecimento é sempre incompleto, e todo o pensar que nasce do conhecimento é limitado, parcial, nunca é livre. Assim, não existe nenhuma liberdade de pensamento. Mas podemos começar a descobrir uma liberdade que não é um processo de pensamento, e na qual a mente está simplesmente atenta a todos os seus conflitos e a todas as influências que lhe são impingidas.

Setembro, 12

Pensar sem o Pensador

O macaco que está na árvore sente fome, e então surge a necessidade de procurar um fruto ou uma noz. Primeiro vem a acção, e depois a ideia de que teria sido melhor se a tivessem armazenado. Noutras palavras, o que surge primeiro: a acção ou o agente? Haverá um agente se não houver uma acção? Compreendem? É isto que estamos sempre a perguntar a nós próprios: quem é aquele que vê? Quem é o observador? Estará o pensador separado dos seus pensamentos, o observador separado do observado, o experimentador separado da experiência, o agente separado da acção?... Mas se vocês examinarem verdadeiramente o processo, com muito cuidado, de perto e com inteligência, verão que a acção surge sempre em primeiro lugar, e que a acção com um fim em vista cria o agente. Estão a seguir-me? Se a acção tiver um fim em vista, a obtenção desse fim faz surgir o agente. Se pensarem com muita clareza e sem preconceito, sem se conformarem, sem estarem a tentar convencer alguém, sem um fim em vista, nesse mesmo pensar não existe pensador — existe apenas o pensar. É somente quando vocês têm uma finalidade no vosso pensar que *vocês* se tornam importantes, e não o pensamento. Talvez alguns de vocês já tenham observado isto. É, de facto, algo que é importante descobrir, porque a partir disso nós saberemos como agir. Se o pensador surge primeiro, então ele é mais importante que o pensamento, e todas as filosofias, costumes e actividades da nossa civilização se baseiam nesta suposição, mas se o pensamento surgir primeiro, então ele é mais importante que o pensador.

Setembro, 13

A Percepção Imediata

Para mim existe apenas percepção — que significa ver algo como falso ou verdadeiro de forma imediata. Esta percepção imediata do que é falso e do que é verdadeiro é o factor essencial — não o intelecto, com o seu raciocínio baseado na sua esperteza, nos seus conhecimentos, nos seus compromissos. Já vos deve ter acontecido algumas vezes verem a verdade de algo de forma imediata — tal como a verdade de que não podem pertencer ao que quer que seja. Isso é a percepção: ver a verdade de uma coisa de forma imediata, sem análise, sem raciocínio, sem nenhuma daquelas coisas que o intelecto cria com o intuito de adiar a percepção. É algo inteiramente diferente da intuição, que é uma palavra que nós usamos com loquacidade e de modo fácil...

Para mim, existe somente esta percepção directa — não o raciocínio, não o cálculo, não a análise. Vocês têm de ter a capacidade de analisar; têm de ter uma mente boa e esperta para poderem raciocinar; mas uma mente que está limitada ao raciocínio e à análise é incapaz de perceber o que é a verdade...

Se vocês entrarem em comunhão com vós mesmos, saberão por que pertencem, por que se comprometeram; e se forem mais fundo, verão a servidão, a redução de liberdade, a falta de dignidade humana que esse compromisso requer. Quando vocês percebem tudo isto de forma instantânea, ficam livres; não é necessário fazerem um esforço para serem livres. É por essa razão que a percepção é essencial.

Setembro, 14

Compreensão Momento a Momento

A compreensão fundamental de nós mesmos não surge por meio do conhecimento ou da acumulação de experiências, que é apenas o cultivar da memória. A compreensão de si mesmo acontece de momento a momento; se apenas acumularmos conhecimento do eu, o próprio conhecimento impede a compreensão, porque o conhecimento acumulado e a experiência tornam-se o centro através do qual o pensamento foca e tem o seu ser.

Setembro, 15

Compreendam o Processo do Vosso Pensamento

Suponham que nunca tinham lido um livro, religioso ou de psicologia, e tinham de descobrir o significado da vida. Como é que o fariam? Suponham que não existia nenhum Mestre, nenhuma organização religiosa, nenhum Buda, nenhum Cristo e vocês tinham de começar do início. Como é que o fariam? Primeiro teriam de compreender o vosso processo de pensamento, não é assim? — e não projectarem-se, e aos vossos pensamentos, para o futuro e criarem um Deus que vos agradasse; isso seria demasiadamente infantil. Portanto, primeiro teriam de compreender o processo do vosso pensamento. Essa é a única forma de descobrir algo de novo, não é?

Quando dizemos que a aprendizagem ou o conhecimento são um obstáculo, um impedimento, não estamos a referir-nos ao conhecimento técnico — como conduzir um carro, como trabalhar com a tecnologia — ou à eficiência que esse conhecimento permite. Temos em mente algo completamente diferente: esse sentido de felicidade criativa que nenhuma quantidade de conhecimento ou de aprendizagem pode trazer. Ser criativo no mais verdadeiro sentido da palavra é estar liberto do passado de momento a momento, porque é o passado que está continuamente a ensombrar o presente. Agarrarmo-nos meramente à informação, às experiências dos outros, àquilo que alguém disse, por mais brilhante que seja, e tentarmos aproximar a nossa acção disso — tudo isso é conhecimento, não é assim? Mas, para descobrirem algo novo, têm de começar por vós mesmos; têm de iniciar uma jornada em que estão completamente despidos, especialmente de conhecimento, porque é muito fácil, através do conhecimento e da crença, ter experiências; mas estas experiências são apenas os produtos da projecção de nós mesmos e como tal completamente irreais, falsos.

Setembro, 16

O Conhecimento Não É Sabedoria

Na nossa busca de conhecimento, nos nossos desejos ambiciosos, estamos a perder o amor, estamos a embotar o sentimento de beleza, a sensibilidade à crueldade; estamos a tornar-nos cada vez mais especializados e cada vez menos integrados. A sabedoria não pode ser substituída pelo conhecimento, e nenhuma quantidade de explicações, nenhuma acumulação de factos libertará o homem do sofrimento. O conhecimento é necessário, a ciência tem o seu lugar; mas se a mente e o coração estão sufocados pelo conhecimento, e se dermos uma satisfação para a causa do sofrimento, a vida torna-se vã e sem significado...

A informação, o conhecimento dos factos, embora estejam sempre a aumentar, são, pela sua própria natureza, limitados. A sabedoria é infinita, inclui o conhecimento e a forma de acção; mas nós agarramo-nos a um ramo e pensamos que ele constitui o todo da árvore. Através do conhecimento da parte, nunca poderemos perceber a alegria do todo. O intelecto nunca pode conduzir ao todo, porque ele é apenas um segmento, uma parte.

Nós separámos o intelecto do sentimento, e desenvolvemo-lo preterindo o sentimento. Somos como um objecto com três pernas que tem uma das pernas muito mais comprida que as outras, e não nos conseguimos equilibrar. Somos treinados para sermos intelectuais; a nossa educação cultiva o intelecto para que ele se torne aguçado, esperto, ávido, e como tal ele é o protagonista da nossa vida. A inteligência é muito maior que o intelecto, pois ela integra a razão e o amor; mas a inteligência só pode existir quando há autoconhecimento, a compreensão profunda do processo total de nós mesmos.

Setembro, 17

A Função do Intelecto

Não sei se já alguma vez ponderaram sobre a natureza do intelecto. O intelecto e as suas actividades estão muito bem a um certo nível, não é verdade? Mas quando o intelecto interfere com aquele sentimento puro, então instala-se a mediocridade. Conhecer a função do intelecto e estar atento a esse sentimento puro, sem deixar que os dois se misturem e se destruam mutuamente, requer uma atenção muito clara e vigilante...

Assim, a função do intelecto é sempre, não é verdade, investigar, analisar, procurar; mas como nós queremos estar seguros interiormente, psicologicamente, porque temos medo, porque somos ansiosos em relação à vida, chegamos a alguma forma de conclusão com a qual nos comprometemos. De um compromisso passamos ao seguinte, e digo-vos que uma mente assim, um intelecto assim, escravo de uma conclusão, deixou de pensar, deixou de investigar.

Setembro, 18

Sejam Estrangeiros

Não sei se vocês já observaram como é imensa a importância que o intelecto tem na nossa vida. Os jornais, as revistas, tudo aquilo que se relaciona connosco cultiva a razão. Não que eu seja contra a razão. Pelo contrário, é necessário que tenhamos a capacidade de raciocinar com muita clareza, com muita perspicácia. Mas se observarem, descobrirão que o intelecto está continuamente a analisar por que pertencemos ou não pertencemos, o porquê de termos de ser estrangeiros para podermos encontrar a realidade, e assim por diante. Aprendemos o processo de nos analisarmos a nós mesmos. Portanto, existe o intelecto com a sua capacidade de investigar, de analisar, de raciocinar e chegar a conclusões; e existe o sentimento, que está constantemente a ser interrompido, colorido pelo intelecto. E quando o intelecto interfere com o sentimento puro, dessa interferência toma forma uma mente medíocre. Por um lado, temos o intelecto, com a sua capacidade para raciocinar baseada nas suas preferências e nos seus desagrados, no seu condicionamento, na sua experiência e no seu conhecimento; e por outro, temos o sentimento, corrompido pela sociedade, pelo medo. E poderão estes dois revelar o que é verdadeiro? Ou existirá somente a percepção e nada mais?

Setembro, 19

Uma Mente que Está a Aprender

O que entendemos por aprender? Haverá aprendizagem quando vocês estão apenas a acumular conhecimento, a juntar informação? Esse é um tipo de aprendizagem, não é verdade? Como estudantes de engenharia, vocês têm de estudar matemática, e assim por diante; estão a aprender, a informar-se acerca do assunto. Estão a acumular conhecimento com vista a usarem esse conhecimento de uma forma prática. A vossa aprendizagem é acumulativa, aditiva. Agora, quando a mente está simplesmente a adquirir, a somar, a acumular, será isso aprender? Ou será a aprendizagem algo completamente diferente? Digo-vos que o processo de adição a que agora chamamos aprendizagem não constitui aprendizagem nenhuma. É um mero cultivo da memória, que se torna mecânico; e uma mente que funciona de forma mecânica, como uma máquina, não é capaz de aprender. Uma máquina nunca é capaz de aprender, excepto no sentido acumulativo. Aprender é algo completamente diferente, tal como vos vou tentar mostrar.

Uma mente que está a aprender nunca diz «eu sei», porque o conhecimento é sempre parcial, ao passo que a aprendizagem é sempre completa. Aprender não significa começar com uma certa quantidade de conhecimento que depois vai sendo cada vez mais aumentada. Isto não é, de todo, aprender; trata-se simplesmente de um processo mecanicista. Para mim, aprender é algo completamente diferente. Aprendo sobre mim mesmo de momento a momento, e este «mim mesmo» é extraordinariamente vital; está vivo, em movimento; não tem um princípio nem um fim. Quando digo: «Conheço-me a mim mesmo», isso significa que a aprendizagem terminou e o que está a ter lugar é o conhecimento acumulativo. A aprendizagem nunca é acumulativa; é um movimento de saber sem princípio nem fim.

Setembro, 20

O Conhecimento Admite a Autoridade

Não existe nenhum movimento de aprendizagem quando tem lugar a aquisição de conhecimento; os dois são incompatíveis, são contraditórios. O movimento de aprender implica um estado no qual a mente não tem nenhuma experiência prévia armazenada sob a forma de conhecimento. O conhecimento é adquirido, ao passo que a aprendizagem é um movimento permanente que não é um processo aditivo ou aquisitivo; assim, o movimento da aprendizagem implica um estado no qual a mente não tem qualquer autoridade. Todo o conhecimento admite a autoridade, e uma mente que está entrincheirada na autoridade do conhecimento não pode aprender. A mente só pode aprender quando o processo aditivo cessou por completo.

É bastante difícil para a maioria de nós diferenciarmos entre aprendizagem e aquisição de conhecimento. Através da experiência, da leitura, do ouvir, a mente acumula conhecimento; trata-se de um processo aquisitivo, um processo de adicionar ao que já se sabe, e é a partir deste fundo de conhecimento que nós funcionamos. Agora, aquilo a que habitualmente chamamos aprendizagem é este mesmo processo de aquisição de nova informação e de a adicionar ao conhecimento que já temos armazenado. ...Mas eu estou a falar de algo inteiramente diferente. Por aprendizagem, não quero dizer adicionar ao que já se sabe. Vocês só podem aprender quando não têm qualquer apego ao passado enquanto conhecimento, ou seja, quando vocês vêem algo novo e não o traduzem em termos do conhecido.

A mente que está a aprender é uma mente inocente, ao passo que a mente que está a adquirir conhecimento é velha, estagnada, corrompida pelo passado. Uma mente inocente tem a percepção instantânea; ela está sempre a aprender sem acumular, e só uma mente assim é amadurecida.

Setembro, 21

O Cérebro Produz a Mente

...O que é a mente? Por favor, não esperem por uma resposta quando vos coloco esta questão. Olhem para a vossa própria mente; observem os caminhos do vosso próprio pensamento. O que estou a descrever é apenas uma indicação; não é a realidade. Vocês devem experimentar a realidade por vocês mesmos. A palavra, a descrição, o símbolo, não é o facto real. A palavra *porta* não é, como é óbvio, a porta. A palavra *amor* não é o sentimento, a qualidade extraordinária que a palavra indica. Portanto, não confundamos a palavra, o nome, o símbolo com o facto. Se vocês permanecerem apenas no nível verbal e discutirem o que é a mente, estarão perdidos, porque então nunca sentirão a qualidade desta coisa espantosa chamada mente.

Portanto, o que é a mente? É óbvio que a mente é a nossa total atenção ou consciência; é a forma total da nossa existência; todo o processo do nosso pensar. A mente é o resultado do cérebro. O cérebro produz a mente. Sem o cérebro, a mente não existe, mas a mente está separada do cérebro. É filha do cérebro. Se o cérebro for limitado, se tiver danos, a mente também os terá. O cérebro, que regista cada sensação, cada sentimento de prazer ou de dor, o cérebro com todos os seus tecidos, com todas as suas respostas, cria aquilo a que chamamos a mente, embora a mente seja independente do cérebro.

Vocês não têm de aceitar isto. Podem experimentá-lo e verem por vós mesmos.

Setembro, 22

A Mente Ancorada

Nós continuamos, como máquinas, com a nossa cansativa rotina diária. Quão avidamente a mente aceita um padrão de existência, e com que tenacidade se agarra a ele! A mente é mantida coesa por meio da ideia, e é em torno da ideia que ela vive e tem a sua existência. A mente nunca é livre, flexível, pois ela está sempre ancorada; move-se dentro da área, estreita ou larga, do seu próprio centro. Ela não se atreve a vaguear para fora do seu centro, e se o faz, fica cheia de medo. Não é o medo do desconhecido, mas da perda do conhecido. O desconhecido não provoca medo, o que provoca medo é a dependência em relação ao conhecido. O medo está sempre associado ao desejo, o desejo de mais ou de menos. A mente, com o seu incessante entretecer de padrões, é a construtora do tempo; e com o tempo vêm o medo, a esperança e a morte.

Setembro, 23

A Mente É Resultado do Tempo

A mente está sempre a ser influenciada no sentido de pensar dentro de determinados padrões. No passado, apenas as religiões organizadas andavam atrás da vossa mente, mas actualmente os governos assumiram em grande parte essa tarefa. Eles querem dar forma e controlar a vossa mente. À superfície, a mente pode resistir ao seu controlo. ...Superficialmente, vocês têm uma palavra a dizer sobre o assunto, mas abaixo da superfície, num inconsciente profundo, existe todo o peso do tempo, da tradição a pressionar--vos numa determinada direcção. A mente consciente pode, até certo ponto, controlar-se e guiar-se a si mesma, mas, no inconsciente, as vossas ambições, os vossos problemas por resolver, as vossas compulsões, superstições, medos continuam à espera, a pulsar, a pressionar...

Todo este campo da mente é resultado do tempo; é resultado de conflitos e ajustamentos, de toda uma série de coisas que foram aceites sem que tenha havido uma completa compreensão. Por conseguinte, vivemos num estado de contradição; a nossa vida é um processo de luta interminável. Estamos infelizes e desejamos estar felizes. Sendo violentos, acarinhamos o ideal da não-violência. Assim, está em curso um conflito — a mente é um campo de batalha. Queremos estar seguros, sabendo interiormente, profundamente, que não existe uma tal coisa a que se possa chamar segurança. A verdade é que nós não queremos encarar o facto de que não existe nenhuma forma de segurança; e assim, estamos sempre em busca da segurança, com o medo daí resultante de não estarmos seguros.

Setembro, 24

Viver É a Maior Revolução

A mente está presa num padrão; a sua própria existência constitui a estrutura dentro da qual ela opera e se move. O padrão é do passado ou do futuro, é desespero e esperança, confusão e Utopia, aquilo que foi e aquilo que deve ser. Estamos todos familiarizados com isto. Vocês querem quebrar o velho padrão e substituí-lo por um «novo», sendo esse novo o velho modificado. ... Querem criar um mundo novo. Isso é impossível. Podem iludir-se a vós mesmos e aos outros, mas a menos que o velho padrão seja completamente destruído, não poderá ocorrer uma transformação radical. Podem entreter-se com isso, mas vocês não são a esperança do mundo. A destruição do padrão, tanto do velho como do assim chamado novo, é da maior importância se quisermos que este caos dê lugar à ordem. É por isso que é essencial compreendermos os caminhos da mente....

Será possível para a mente não ter um padrão, estar liberta deste movimento pendular do desejo? É decididamente possível. Tal acção é viver no presente. Viver é estar sem esperança, sem a preocupação do amanhã; não é o desespero ou a indiferença. Mas nós não estamos a viver, estamos sempre a perseguir a morte, o passado ou o futuro. Viver é a maior revolução. Viver não tem qualquer padrão, mas a morte tem: o passado ou o futuro, aquilo que foi ou a Utopia. Vocês vivem para a Utopia, e assim estão a convidar a morte e não a vida.

Setembro, 25

Revolução Interior

Aquilo que é verdadeiro só pode ser encontrado de momento a momento; não se trata de uma continuidade, mas a mente que quer descobri-lo, sendo ela mesma produto do tempo, só pode funcionar no campo do tempo; portanto, é incapaz de descobrir o que é verdadeiro.

Para se conhecer a mente, a mente tem de se conhecer a si própria, pois não existe nenhum «eu» separado da mente. Não existem nenhumas qualidades separadas da mente, da mesma forma que as qualidades do diamante não são separadas do próprio diamante. Para compreenderem a mente, não a podem interpretar à luz da ideia que outrem tem dela, mas devem observar a totalidade dos trabalhos da vossa própria mente. Quando conhecerem todo esse processo — de que forma ela raciocina, os seus desejos, motivações, ambições, buscas, a sua inveja, ganância e medo —, então a mente pode ir além de si mesma, e quando ela o faz, dá-se a descoberta de algo totalmente novo. Essa qualidade do novo traz uma paixão extraordinária, um entusiasmo tremendo que faz acontecer uma profunda revolução interior; e é somente esta revolução interior que pode por si só transformar o mundo, não qualquer sistema político ou económico.

Setembro, 26

Só Existe Consciência

Na verdade, só existe um estado, e não dois estados, o consciente e o inconsciente; apenas existe um estado de ser que é a consciência, embora possam dividi-lo em consciente e inconsciente. Mas essa consciência é sempre do passado, nunca do presente; vocês só estão conscientes do que já passou. Vocês estão conscientes daquilo que eu estou a tentar transmitir somente no segundo seguinte, não é assim? Vocês compreendem-no um momento depois. Nunca estão conscientes ou atentos ao agora. Observem os vossos próprios corações e as vossas próprias mentes e verão que a consciência funciona entre o passado e o futuro e que o presente é uma mera passagem do passado para o futuro. ...

Se vocês observarem a vossa própria mente a funcionar, poderão ver que o movimento para o passado e para o futuro é um processo onde não há lugar para o presente. O que existe é o passado como meio de fuga ao presente, que pode ser desagradável, ou o futuro enquanto esperança distante do presente. Portanto, a mente ou está ocupada com o passado ou com o futuro e descarta o presente. ... Ela faz uma de duas coisas: ou condena e rejeita o facto ou aceita-o e identifica-se com ele. Uma mente assim é obviamente incapaz de ver qualquer facto enquanto facto. Ou seja, o nosso estado de consciência, que é condicionado pelo passado e pelo nosso pensamento, é a resposta condicionada ao desafio de um facto; quanto mais vocês respondem de acordo com o condicionamento da crença, do passado, maior será o fortalecimento do passado.

Esse fortalecimento do passado é, obviamente, a continuação dele próprio, aquilo a que ele chama futuro. Assim, este é o estado da nossa mente, da nossa consciência — um movimento pendular para trás e para diante entre o passado e o futuro.

Setembro, 27

Para Além do Tempo

É certo que a mente condicionada é incapaz de descobrir o que está para além do tempo. O que estou a dizer, meus senhores, é que a mente, tal como a conhecemos, está condicionada pelo passado. O passado, que se move através do presente para o futuro, condiciona a mente; e esta mente condicionada, estando em conflito, com problemas, receosa, incerta, procura algo para além das fronteiras do tempo. É isso que todos nós fazemos de diversas maneiras, não é assim? Mas como pode uma mente que é o resultado do tempo descobrir alguma vez o que é intemporal?

A casa das vossas crenças, das vossas propriedades, dos vossos apegos e dos vossos reconfortantes modos de pensar está constantemente a ser assaltada. Mas a mente continua na sua busca de segurança, de forma que existe um conflito entre aquilo que vocês querem e aquilo que o processo da vida exige de vós. Isto é o que está a acontecer a cada um de nós...

Não sei se esta questão tem algum interesse para vós. A existência quotidiana, com todos os seus problemas, parece ser suficiente para a maioria de nós. A nossa única preocupação é a de encontrar uma resposta imediata para os nossos diversos problemas. Mas, mais tarde ou mais cedo, as respostas imediatas revelam-se insatisfatórias, porque nenhum problema tem uma resolução que seja separada de si próprio. Mas se eu for capaz de compreender o problema, todas as suas complexidades, então o problema deixa de existir.

Setembro, 28

Uma Mente com Problemas Não É uma Mente Séria

Umas das principais questões que temos de colocar a nós mesmos é esta: até aonde ou quão profundamente pode a mente penetrar em si própria? Essa é a qualidade da seriedade, porque ela implica ter-se consciência de toda a estrutura do nosso próprio ser psicológico, com os seus desejos, as suas compulsões, com o seu desejo de realização, e as suas frustrações, os seus sofrimentos, esforços e ansiedades, as suas lutas, tristezas e os inúmeros problemas que ele tem. A mente que está perpetuamente com problemas não é de todo uma mente séria, mas a mente que compreende cada problema à medida que eles vão surgindo e o dissolve de forma imediata de modo a que ele não perdure até ao dia seguinte — uma tal mente é séria...

Em que é que a maioria de nós está interessada? Se tivermos dinheiro, viramo-nos para as assim chamadas coisas espirituais, ou para diversões intelectuais, ou discutimos sobre arte, ou pintamos um quadro para nos expressarmos. Se não tivermos dinheiro, gastamos todo o nosso tempo, dia após dia, a ganhá-lo, e ficamos presos a essa miséria, à rotina interminável e ao seu tédio. A maior parte de nós é treinada para funcionar mecanicamente num qualquer emprego, ano após ano. Temos responsabilidades, uma mulher e filhos para sustentar, e apanhados neste mundo louco, tentamos ser sérios, tentamos tornar-nos religiosos, vamos à igreja, juntamo-nos a esta ou àquela organização religiosa — ou talvez tenhamos ouvido falar destes encontros e, como estamos de férias, aparecemos por cá. Mas nada disso trará esta extraordinária transformação da mente.

Setembro, 29

A Mente Religiosa Inclui a Mente Científica

Uma mente religiosa está livre de qualquer tipo de autoridade. E é extremamente difícil estar liberto da autoridade — não apenas da autoridade que nos é imposta por outra pessoa, mas também da autoridade da experiência que acumulámos, que é do passado, que é a tradição. E a mente religiosa não tem quaisquer crenças; ela não tem dogmas; move-se de um facto para o outro, e como tal a mente religiosa é a mente científica. Mas a mente científica não é a mente religiosa. A mente religiosa inclui a mente científica, mas a mente que está treinada no conhecimento da ciência não é uma mente religiosa.

Uma mente religiosa está preocupada com a totalidade — não com uma determinada função em particular, mas com o funcionamento total da existência humana. O cérebro está preocupado com uma determinada função; especializa-se. Ele funciona, de forma especializada, enquanto cientista, médico, engenheiro, músico, artista, escritor. São estas técnicas especializadas, limitadas, que criam a divisão, não apenas interior, mas também exterior. É provável que, no presente, o cientista seja visto como o homem mais importante, aquele de que a sociedade mais precisa, tal como acontece com o médico. Portanto, a função torna-se algo da maior importância; e com isso vem o estatuto e, consequentemente, o prestígio. Assim, onde há especialização, tem de haver contradição e uma limitação, e essa é a função do cérebro.

Setembro, 30

Outubro

Tempo

Percepção

Cérebro

Transformação

O Tempo Não Traz Nenhuma Solução

Todas as religiões têm afirmado que o tempo é necessário, o tempo psicológico de que estamos a falar. O paraíso está muito longe, e só podemos alcançá-lo através do processo gradual da evolução, através da supressão, do crescimento, ou através da identificação com um objecto, com algo superior. A nossa questão é se será possível estar liberto do medo de forma imediata. Caso contrário, o medo faz nascer a desordem; o tempo psicológico cria, invariavelmente, uma extraordinária desordem dentro de nós.

Estou a questionar toda a ideia de evolução, não do ser físico, mas do pensamento, que se tem identificado a si mesmo com uma determinada forma de existência no tempo. É óbvio que o cérebro evoluiu até chegar ao presente estágio, e pode evoluir ainda mais, expandir-se ainda mais. Mas enquanto ser humano, vive durante quarenta ou cinquenta anos num mundo feito de todos os géneros de teorias, conflitos e conceitos; numa sociedade na qual a ganância, a inveja e a competição alimentaram guerras. Sou uma parte de tudo isso. Para um homem que está a sofrer, não tem qualquer significado procurar a solução no tempo, evoluir lentamente ao longo dos dois milhões de anos seguintes enquanto ser humano. Tendo nós esta constituição, será possível libertarmo-nos do medo e do tempo psicológico? O tempo físico tem de existir; não podemos fugir disso. A questão é a de saber se o tempo psicológico pode trazer não só ordem dentro do indivíduo, mas também a ordem social. Nós somos parte da sociedade; não estamos separados dela. Onde houver ordem dentro de um ser humano, haverá, inevitavelmente, ordem social no exterior.

Outubro, 1

Um Estado Intemporal

Quando falamos do tempo, não nos estamos a referir ao tempo cronológico, ao tempo do relógio. Esse tempo existe, tem de existir. Se vocês quiserem apanhar um autocarro, se quiserem apanhar um comboio ou estar presentes num compromisso amanhã, necessitam de tempo cronológico. Mas será que, psicologicamente, existe um amanhã, que é o tempo da mente? Haverá, na verdade, um amanhã psicológico? Ou será o amanhã criado pelo pensamento, porque o pensamento se apercebe da impossibilidade de mudança directa, imediata, e inventa assim este processo gradual? Vejo por mim mesmo, enquanto ser humano, que é importantíssimo dar origem a uma revolução radical na minha forma de vida, de pensar, de sentir, nas minhas acções e digo a mim mesmo: «Darei tempo a isso; amanhã será diferente, ou daqui a um mês». É desse tempo que estamos a falar: da estrutura psicológica do tempo, de amanhã, ou do futuro, e é nesse tempo que vivemos. Não é pelo relógio que o tempo é o passado, o presente e o futuro. Ontem, eu era; o ontem opera através de hoje e cria o futuro. Trata-se de algo bastante simples. Há um ano tive uma experiência que deixou uma impressão na minha mente, e agora traduzo o presente de acordo com essa experiência, com esse conhecimento, tradição, condicionamento, e crio o amanhã. Fico preso neste círculo. É a isto que chamamos viver; é a isto que chamamos tempo.

O pensamento, que são vocês, com todas as suas memórias, condicionamento, ideias, esperanças, desespero, a profunda solidão da existência — tudo isso é este tempo... E para compreendermos um estado intemporal, em que o tempo parou, temos de investigar se a mente pode ficar totalmente liberta de toda a experiência, a qual é do tempo.

Outubro, 2

A Própria Natureza do Pensamento

O tempo é pensamento, e o pensamento é o processo da memória que cria o tempo enquanto ontem, hoje e amanhã, enquanto algo que utilizamos como um meio de realização, como uma forma de vida. Para nós, o tempo é de uma importância extraordinária, vida após vida, uma vida conduzindo a outra vida que é modificada, que continua. O tempo é certamente a própria natureza do pensamento, o pensamento é tempo. E enquanto o tempo existir como meio de alcançar algo, a mente não poderá ir além de si mesma — a qualidade de ir além de si mesma pertence a uma mente nova, a uma mente que está liberta do tempo. O tempo é um factor no medo. Por tempo não me refiro ao tempo cronológico, do relógio — segundo, minuto, hora, dia, ano, mas ao tempo enquanto processo psicológico, interior. É esse facto que faz nascer o medo. O tempo é medo; como o tempo é pensamento, ele alimenta o medo; é o tempo que cria a frustração, os conflitos, porque a percepção imediata do facto, o ver o facto é intemporal...

Portanto, para compreender o medo, temos de estar conscientes do tempo — do tempo enquanto distância, enquanto espaço, enquanto «eu», que o pensamento cria sob a forma de ontem, hoje e amanhã, utilizando a memória de ontem para se ajustar ao presente e deste modo condicionar o futuro. Assim, para a maioria de nós, o medo é uma realidade extraordinária; e uma mente que está enredada no medo, na complexidade do medo, nunca pode ser livre; nunca pode compreender a totalidade do medo sem compreender as complexidades do tempo. Andam ambos a par.

Outubro, 3

A Desordem Criada pelo Tempo

O tempo significa um movimento *do que é* para «o que devia ser». Tenho receio, mas um dia ficarei livre do medo; portanto, o tempo é necessário para me libertar do medo — pelo menos é isso que eu penso. A mudança *do que é* para «o que devia ser» implica tempo. Agora, o tempo significa esforço naquele intervalo entre *o que é* e «o que devia ser». Não gosto de sentir medo e vou fazer um esforço para compreendê-lo, para analisá-lo, para o dissecar, ou descubro a sua causa ou fujo completamente dele. Tudo isto implica esforço — e o esforço é aquilo a que estamos habituados. Estamos sempre em conflito entre *o que é* e «o que devia ser». «O que devia ser» é uma ideia, e a ideia é fictícia, não é «o que eu sou», que é o facto; e «o que eu sou» só pode ser mudado quando compreendo a desordem que é criada pelo tempo.

Assim, será que é possível para mim libertar-me totalmente do medo, num único instante? Se eu permitir que o medo se perpetue, estarei constantemente a criar desordem; portanto, vemos que o tempo é um elemento gerador de desordem, não um meio de nos libertarmos para sempre do medo. Assim, não há um processo gradual de libertação do medo, do mesmo modo que não há um processo gradual para nos libertarmos do veneno do nacionalismo. Se, perante a existência do nacionalismo, vocês disserem que algum dia, no futuro, todos os homens serão irmãos, no intervalo de tempo entre uma coisa e outra continuarão a ocorrer guerras, ódios, miséria, continuará a haver toda esta terrível divisão entre os homens; portanto, o tempo está a gerar desordem.

Outubro, 4

O Tempo É um Veneno

Vocês têm na vossa casa de banho um frasco com um rótulo que diz «veneno», e vocês sabem que ele contém veneno; têm muito cuidado com esse frasco, até mesmo quando estão às escuras. Estão sempre a prestar-lhe muita atenção. Não dizem: «Como é que me poderei manter afastado deste frasco, como poderei prestar-lhe atenção?» Sabem que ele contém veneno e, como tal, são muitíssimo cuidadosos com ele. O tempo é um veneno; é gerador de desordem.

Se isto for um facto para vós, então poderão compreender de forma imediata como se poderão libertar do medo. Mas se vocês continuarem a encarar o tempo como um meio de se libertarem a vós mesmos, não pode haver qualquer comunicação entre vocês e eu.

Compreendem, existe algo que é muito mais; pode haver um outro tipo de tempo totalmente diferente. Nós apenas conhecemos dois tempos, o físico e o psicológico, e estamos presos no tempo. O tempo físico desempenha um papel importante na psique, e a psique tem uma influência importante no físico. Nós estamos apanhados nesta batalha, nesta influência. Temos de aceitar o tempo físico para podermos apanhar o autocarro ou o comboio, mas se rejeitarmos completamente o tempo psicológico, então podemos chegar a um tempo que é totalmente diferente, um tempo que não está relacionado com nenhum dos outros dois tempos. Gostaria que viessem comigo para esse tempo! Então o tempo não é desordem; é uma imensa ordem.

Outubro, 5

A Verdade Surge num Instante

A verdade ou a compreensão surgem num instante, e esse instante não tem continuidade; não está inserido no campo do tempo. Vejam isto por vós mesmos. A compreensão é fresca, instantânea; não é a continuação de algo que já existia. Aquilo que já existiu não pode trazer-vos a compreensão. Enquanto estivermos à procura de uma continuidade — enquanto quisermos a permanência no relacionamento, no amor, enquanto desejarmos encontrar uma paz que dure eternamente, e tudo isso —, estaremos a perseguir algo que se insere no campo do tempo e que, portanto, não pertence ao intemporal.

Outubro, 6

Uma Procura Vã

Enquanto pensarmos em termos de tempo, continuará sempre a existir o medo da morte. Aprendi, mas não descobri o essencial, e antes de morrer tenho de o descobrir; ou então, se não o descobrir antes de morrer, pelo menos espero poder descobri-lo na próxima vida, e assim por diante. Todo o nosso pensar se baseia no tempo. O nosso pensar é o conhecido, é o resultado do conhecido, e o conhecido é o processo do tempo; e é com essa mente que nós tentamos descobrir o que é ser imortal, para além do tempo, o que é uma procura vã. Não tem qualquer significado, excepto para os filósofos, os teóricos e os especuladores. Se quiser descobrir a verdade, não amanhã, mas agora, de forma directa, não deverei eu — o «eu», o *self* que está sempre a acumular, a lutar e a perpetuar-se por meio da memória — deixar de existir? Será que não é possível morrermos enquanto estamos vivos — não perdendo a memória de modo artificial, por meio da amnésia, mas deixar realmente de acumular através da memória, deixando assim de dar continuidade ao «eu»? Vivendo neste mundo, que pertence ao campo do tempo, será possível à mente, sem qualquer forma de compulsão, dar origem a um estado no qual o experimentador e a experiência não têm qualquer base? Enquanto existir o experimentador, o observador, o pensador, terá de continuar a haver o medo de acabar, e consequentemente, da morte...

E assim, se é possível para a mente saber tudo isto, estar totalmente consciente disto e não dizer apenas «sim, é simples» — se a mente puder estar atenta a todo o processo de consciência, se puder ver todo o significado da continuidade e do tempo, e a futilidade desta busca por meio do tempo para descobrir aquilo que está para além do tempo —, se ela puder estar consciente de tudo isso, então pode acontecer uma morte que é na verdade uma criatividade totalmente para além do tempo.

Outubro, 7

A Percepção Actua

Vocês vêem e eu não vejo — por que é que isto acontece? Penso que tal acontece porque estamos embrenhados no tempo; vocês não vêem as coisas no tempo, e eu vejo. O vosso ver é uma acção de todo o vosso ser, e o vosso ser total não se encontra apanhado no tempo; vocês não pensam em termos de uma chegada gradual; vêem algo de forma imediata, e essa mesma percepção tem uma acção. Eu não vejo; quero descobrir porque não vejo. O que é que me permitirá ver algo na sua totalidade de forma a que eu possa compreender esse algo de imediato? Vocês vêem toda a estrutura da vida; a beleza, a fealdade, a tristeza, a alegria, a extraordinária sensibilidade, a beleza — vocês vêem a coisa na sua totalidade, e eu não consigo vê-la. Vejo uma parte dela, mas não vejo a sua totalidade... O homem que vê algo na sua totalidade, que vê a vida na sua totalidade, está, obviamente, fora do tempo. Senhores, ouçam bem isto, porque isto tem realmente algo que ver com a nossa existência diária. Se compreendermos isto, então compreenderemos a nossa rotina, o nosso tédio, as tristezas, as ansiedades nauseantes e os medos que preenchem o nosso dia-a-dia. Portanto, não afastem este assunto dizendo: «O que tem isto que ver com a nossa existência diária?» Tem realmente que ver com ela. Podemos ver — pelo menos para mim é muito claro — que é possível cortar, como faz o cirurgião, toda a corda do sofrimento de forma imediata. É por isso que eu quero investigar este assunto convosco.

Outubro, 8

No Limite de Todo o Pensamento

Já alguma vez vos aconteceu — tenho a certeza de que sim — perceberem algo subitamente, e nesse momento de percepção sentirem que nenhum problema vos atormenta? No exacto momento em que vocês percebem o problema, o problema desaparece completamente. Compreendem, senhores? Vocês têm um problema, e pensam nele, discutem com ele, preocupam-se com ele; usam todos os meios ao alcance do vosso pensamento para o compreenderem. Por fim dizem: «Não há mais nada que eu possa fazer». Não há ninguém que vos possa ajudar a compreendê-lo, nenhum guru, nenhum livro. Vocês estão sozinhos com o problema, e não há nenhuma saída. Tendo reflectido sobre o problema até ao máximo da vossa capacidade, desistem do problema. A vossa mente deixa de estar preocupada, de estar agitada com o problema, já não diz: «Tenho de encontrar uma solução»; portanto ela torna-se tranquila, não é assim? E nessa tranquilidade vocês encontram a solução. Não vos tem já acontecido isto? Não é algo de transcendente. Acontece a grandes matemáticos e cientistas, e as pessoas experimentam-no no dia-a-dia. O que é que isto significa? A mente exercitou ao máximo a sua capacidade de raciocínio e chegou ao limite de todo o pensamento sem ter encontrado uma resposta; assim, ela fica tranquila — não por meio da exaustão, da fadiga, nem por dizer: «Ficarei tranquila e assim encontrarei uma resposta». Tendo já feito tudo o que lhe era possível para descobrir uma solução, a mente torna-se espontaneamente tranquila. Há uma atenção sem escolha, sem qualquer exigência, uma atenção na qual não há qualquer ansiedade; e nesse estado da mente há percepção. Só esta percepção pode resolver todos os vossos problemas.

Outubro, 9

Esta Atenção sem Escolha

Os grandes profetas sempre nos disseram para adquirirmos experiência. Disseram-nos que a experiência nos traz a compreensão. Mas é apenas a mente inocente, a mente que não está nublada pela experiência, que está totalmente liberta do passado — é apenas uma mente assim que pode perceber o que é a realidade. Se vocês forem capazes de ver a verdade disso, se o conseguirem perceber por uma fracção de segundo, conhecerão a extraordinária clareza de uma mente que é inocente. Isto significa a dissolução de todas as incrustações da memória, que é o abandono do passado. Porém, para o perceber, não pode colocar-se a questão do «como». A vossa mente não se pode distrair com o «como», com o desejo de uma resposta. Uma tal mente não é uma mente atenta. Como vos disse anteriormente, no princípio está o fim. No princípio está a semente do fim daquilo a que chamamos tristeza. O fim da tristeza é compreendido na própria tristeza, não na distância da tristeza. Afastarmo-nos da tristeza é tão-somente encontrar uma resposta, uma conclusão, uma fuga; mas a tristeza permanece. Ao passo que se lhe derem total atenção, o que significa estarem atentos com todo o vosso ser, então poderão ver que se verifica uma percepção imediata que não envolve tempo, nem esforço, nem conflito; e é esta percepção imediata, esta atenção sem escolha que põe fim à tristeza.

Outubro, 10

A Activa Mente Tranquila

A mente que está verdadeiramente tranquila é surpreendentemente activa, viva, potente — não em relação a algo em particular. É apenas uma tal mente que é verbalmente livre — livre da experiência, do conhecimento. Uma mente assim pode perceber o que é verdadeiro, ela tem uma percepção directa, que está para além do tempo.

A mente só pode estar silenciosa quando compreendeu o processo do tempo e isso exige atenção, não é verdade? Não terá uma tal mente de ser livre, não *de* algo, mas livre? Nós apenas conhecemos a liberdade em relação a algo. A mente que está liberta de algo não é uma mente livre; uma tal liberdade, a liberdade em relação a algo, é somente uma reacção, e não é liberdade. Uma mente que está em busca da liberdade nunca é uma mente livre. Mas a mente é livre quando compreende o facto, tal como ele é, sem o traduzir, sem o condenar, sem o julgar; e por ser livre, essa mente é uma mente inocente, embora tenha vivido cem dias, cem anos, passando por todas as experiências. É inocente porque é livre, não em relação a algo, mas em si mesma. É apenas uma mente assim que pode perceber aquilo que é verdadeiro, que está para além do tempo.

Outubro, 11

Da Percepção Vem a Energia

A questão é certamente libertar a mente de forma total para que ela se encontre num estado de atenção que não tem limites, que não tem fronteiras. E como pode a mente descobrir esse estado? Como pode ela chegar a essa liberdade?

Espero que estejam a colocar esta questão a vós mesmos com toda a seriedade, porque eu não a estou a colocar a vós. Não estou a tentar influenciar-vos; estou tão-somente a salientar a importância de nos colocarmos a nós mesmos esta questão. O facto de outra pessoa colocar a questão por palavras não tem qualquer significado se vocês não a colocarem a vós mesmos com insistência, com urgência. A margem de liberdade está a tornar-se mais estreita a cada dia, como devem saber se forem minimamente observadores.

Os políticos, os líderes, os padres, os jornais e os livros que vocês lêem, o conhecimento que adquirem, as crenças a que se agarram — tudo isto está a tornar a margem de liberdade cada vez mais estreita. Se vocês estiverem atentos a este processo que está a ter lugar, se perceberem verdadeiramente a estreiteza da mentalidade, a crescente servidão da mente, então descobrirão que da percepção vem a energia; e é esta energia que nasce da percepção que irá dissolver a mente mesquinha, a mente que vai ao templo, a mente que é receosa. Portanto, a percepção é a via da verdade.

Outubro, 12

A Mente Tagarela

Sabem, observar algo é uma experiência extraordinária. Não sei se já alguma vez observaram algo verdadeiramente — se já alguma vez observaram uma flor, ou um rosto, ou o céu, ou o mar. É claro que vocês vêem estas coisas quando vão num autocarro ou num carro; mas pergunto-me se já alguma vez se deram ao trabalho de olharem realmente para uma flor? E quando vocês olham mesmo para uma flor, o que acontece? Dão-lhe imediatamente um nome, preocupam-se em saber a que espécie pertence, ou dizem: «Que lindas cores que tem. Gostava de ter destas flores no meu jardim; gostava de a oferecer à minha mulher, ou colocá-la na minha lapela», e assim por diante. Por outras palavras, no momento em que vocês olham para uma flor, a vossa mente começa a tagarelar acerca dela; e assim vocês nunca observam a flor. Só observam algo quando a vossa mente está silenciosa, quando não há qualquer tipo de tagarelice. Se vocês conseguirem olhar para a estrela da noite por sobre o mar sem que se verifique nenhum movimento da mente, então poderão realmente observar a sua extraordinária beleza; e quando vocês observam a beleza, não estão a experimentar o estado de amor?

A beleza e o amor são seguramente a mesma coisa. Sem amor não há beleza, e sem beleza não há amor. A beleza está na forma, no discurso, na conduta. Se não houver amor, a conduta será vazia; é apenas o produto da sociedade, de uma determinada cultura, e aquilo que é produzido é mecânico, sem vida. Mas quando a mente observa sem o menor movimento, então ela é capaz de investigar a totalidade da sua própria profundidade; e essa percepção é realmente intemporal. Não têm de fazer nada para que ela aconteça; não há nenhuma disciplina, nenhuma prática, nenhum método por meio do qual vocês possam aprender a observar.

Outubro, 13

O Conhecimento Distrai a Mente

Vocês dispõem apenas de um instrumento que é a mente; e a mente é também o cérebro. Assim, para descobrirem a verdade sobre este assunto, devem compreender os caminhos da mente, não é verdade? Se a mente for desonesta, nunca poderão ver com clareza; se a mente for muito limitada, não poderão observar o ilimitado. A mente é o instrumento de percepção e, para observar verdadeiramente, a mente tem de ser séria, deve estar limpa de todo o condicionamento, de todo o medo. A mente deve estar também liberta do conhecimento, porque o conhecimento distrai a mente e distorce as coisas. A imensa capacidade da mente para inventar, para imaginar, para especular, para pensar — não terá esta capacidade de ser posta de lado para que a mente esteja muito clara e muito simples? Porque é apenas a mente inocente, a mente que passou por muitas experiências e, no entanto, está liberta do conhecimento e da experiência — é só essa mente que pode descobrir aquilo que é mais do que cérebro e mente. De outro modo, aquilo que descobrirão será colorido pelo que já experimentaram, e a vossa experiência é o resultado do vosso condicionamento.

Outubro, 14

Abafado pela Influência

Por que envelhece a mente? Ela está velha, não é verdade, no sentido de estar a ficar decrépita, a deteriorar-se, a repetir-se a si mesma, presa aos hábitos — aos hábitos sexuais, religiosos, profissionais, ou aos diversos hábitos que se relacionam com a ambição. A mente encontra-se a tal ponto sobrecarregada com inúmeras experiências e memórias, tão frustrada e assustada com a tristeza que não é capaz de ver seja o que for com um olhar cheio de frescura, mas está constantemente a traduzir o que vê em termos das suas próprias memórias, conclusões, fórmulas, está sempre a citar; está amarrada à autoridade; é uma mente velha. Podemos perceber por que motivo tal acontece. Toda a nossa educação se baseia unicamente no cultivo da memória; e depois há esta comunicação em massa através dos jornais, da rádio, da televisão; há os professores que nas suas aulas repetem o mesmo assunto vezes sem conta até que o vosso cérebro fique saturado daquilo que eles estiveram a repetir, e vocês o vomitem num exame, obtenham o vosso diploma e prossigam com o processo — o emprego, a rotina, a interminável repetição. E não se trata apenas disto, há ainda a nossa luta interna de ambição com as suas frustrações, a competição não apenas pelos empregos mas também por Deus, o querer estar perto dele, saber qual o caminho mais rápido para chegar a ele...

Assim, o que está a acontecer é que, através da pressão, do *stress*, do esforço, as nossas mentes estão a ficar superpovoadas, abafadas pela influência, pela tristeza, consciente ou inconscientemente... Estamos a exaurir a mente, não a utilizá-la.

Outubro, 15

O Cérebro Velho, o Nosso Cérebro Animalesco

Penso que é importante compreender a operação, o funcionamento, a actividade do cérebro velho. Quando o cérebro novo age, o cérebro velho não o pode compreender. É somente quando o cérebro velho, que é o nosso cérebro condicionado, o nosso cérebro animalesco, o cérebro que tem vindo a ser cultivado ao longo de séculos, que está constantemente em busca da sua própria segurança, do seu próprio conforto — é somente quando esse cérebro velho está tranquilo que vocês podem ver que existe um tipo de movimento que é totalmente diferente, e é este movimento que vai trazer a clareza. Este movimento é a própria clareza. Para compreenderem, vocês têm de compreender o cérebro velho, estar conscientes dele, conhecer todos os seus movimentos, as suas actividades, as suas exigências, as suas demandas, e é por isso que a meditação é muito importante. Não me refiro ao cultivo absurdo e sistematizado de um determinado hábito de pensamento, e ao resto que com isto se relaciona; isso é tudo muito imaturo e infantil. Quando falo em meditação, estou a referir-me ao acto de compreender as operações do cérebro velho, de observá-lo, de saber como ele reage, quais as suas respostas, as suas tendências, as suas exigências, as suas perseguições agressivas — conhecer tudo isso, tanto a sua parte inconsciente quanto a consciente. Quando o conhecerem, quando houver consciência dele, sem que o tentem controlar, dirigir, sem que digam: «Isto é bom; isto é mau; fico com isto e não com aquilo» — quando virem a totalidade do movimento da mente velha, quando o virem inteiramente, então ele torna-se tranquilo.

Outubro, 16

Uma Mente Fresca

Penso que o empenho constante em sermos algo, em nos tornarmos algo, é a verdadeira causa da destruição e do envelhecimento da mente. Vejam quão rapidamente estamos a envelhecer, não apenas as pessoas que têm mais de sessenta anos, mas também os jovens. Como já são tão velhos em termos mentais! São muito poucos aqueles que sustentam ou mantêm a qualidade de uma mente que é jovem. Por jovem não entendo a mente que apenas deseja divertir-se, passar um bom bocado, mas antes a mente que não está contaminada, que não está marcada, desvirtuada, pervertida pelos acidentes e incidentes da vida, uma mente que não está gasta pela luta, pela dor, pelas batalhas constantes. É certo que é necessário ter uma mente jovem, porque a mente velha está tão cheia das cicatrizes da memória que não pode viver, não pode ser séria; é uma mente morta, uma mente decidida. Uma mente que decidiu e vive de acordo com as suas decisões é uma mente morta. Mas uma mente jovem está sempre a decidir de novo, e uma mente fresca não se sobrecarrega com memórias infindáveis. Uma mente que não carrega nenhuma sombra de sofrimento, embora possa passar pelo vale da tristeza, permanece incólume...

Penso que não é possível que uma tal mente jovem possa ser adquirida. Não é algo que se possa comprar por meio do empenho, pelo sacrifício. Não há dinheiro que a compre e não se trata de algo notável, mas se vocês perceberem a sua importância, o quanto ela é necessária, se perceberem a verdade dela, então algo de diferente acontece.

Outubro, 17

Descartar Todos os Métodos

Como pode a mente religiosa ou a mente nova passar a existir? Existirá um sistema, um método para o conseguir? Será através de um método — sendo que um método é um sistema, uma prática, algo de repetitivo, dia após dia? Será que um método pode produzir uma mente nova?... É claro que um método implica a continuidade de uma prática, dirigida ao longo de uma certa linha com vista a um determinado resultado — que é adquirir um hábito mecânico, e através desse hábito mecânico compreender uma mente que não é mecânica...

Quando vocês se referem à «disciplina», toda a disciplina se baseia num método que está de acordo com um certo padrão; e o padrão promete-vos um resultado que está predeterminado por uma mente que já tomou uma posição. Portanto, será que um método, no sentido mais vasto ou no mais limitado dessa palavra, pode fazer nascer esta mente nova? Se não puder, então o método enquanto hábito deve desaparecer completamente, porque é falso... O método apenas condiciona a mente de acordo com o resultado que é pretendido. Vocês têm de descartar todos os processos mecânicos da mente... A mente tem de descartar todos os processos mecânicos do pensamento. Portanto, a ideia de que um método, um sistema, uma disciplina, uma continuidade de hábito fará nascer esta nova mente não é verdadeira. Assim, tudo isso deve ser descartado por ser mecânico. Uma mente que é mecânica é uma mente tradicional; não pode encontrar-se com a vida, que não é mecânica, portanto o método deve ser posto de lado.

Outubro, 18

Uma Mente sem Ancoradouro ou Refúgio

Vocês precisam de uma mente nova, de uma mente liberta do tempo, uma mente que já não pense em termos de distância ou de espaço, uma mente que não tem qualquer horizonte, uma mente que não tem qualquer ancoradouro ou refúgio. Vocês precisam de uma mente assim para lidarem não apenas com o eterno, mas também com os problemas imediatos da existência.

Portanto, a questão é: será que é possível a cada um de nós ter uma mente assim? Não de uma forma gradual, não através do seu cultivo, porque o cultivo, o desenvolvimento, um processo implica tempo. Deve acontecer de modo imediato; tem de haver uma transformação agora, no sentido de uma qualidade intemporal. A vida é morte, e a morte está à vossa espera; vocês não podem discutir com a morte da mesma forma que também não podem discutir com a vida. Assim, será que é possível ter uma tal mente? — não como um feito, não como um objectivo, não como algo por que se deve ansiar, algo a que se deve chegar, porque tudo isso implica tempo e espaço. Nós temos uma teoria muito conveniente e luxuosa que diz que há tempo para se progredir, para se chegar, para se alcançar, para se chegar perto da verdade. Essa é uma ideia falaciosa, é uma completa ilusão — nesse sentido, o tempo é uma ilusão.

Outubro, 19

Activo mas Tranquilo

Para se descobrir a mente nova, não nos é apenas necessário compreender as respostas do cérebro velho, é também preciso que o cérebro velho fique tranquilo. O cérebro velho deve estar activo mas tranquilo. Estão a seguir o que estou a dizer? Veja, meu senhor! Se descobrir por si mesmo, em primeira mão — não aquilo que outra pessoa diz —, se existe uma realidade, se existe uma tal coisa a que se possa chamar Deus — a palavra *Deus* não é o facto — o seu cérebro velho, que foi alimentado numa tradição, seja ela anti-Deus ou pró-Deus, numa cultura, numa determinada influência ambiental e numa determinada propaganda, através de séculos de afirmação social, deve ficar tranquilo. Porque de outra forma ele apenas projectará as suas próprias imagens, os seus próprios conceitos, os seus próprios valores. Mas esses valores, esses conceitos, essas crenças são o resultado daquilo que vos foi transmitido, ou são o resultado das vossas reacções àquilo que vos foi transmitido; portanto, inconscientemente, vocês dizem: «Esta é a minha experiência!»

Assim, vocês têm de questionar a própria validade da experiência — a vossa própria experiência ou a experiência de qualquer outra pessoa; não importa quem seja. Então, através da interrogação, da investigação, da interpelação, do perguntar, do olhar, do ouvir atentamente, as reacções do cérebro velho tornam-se tranquilas. Mas o cérebro não se encontra a dormir; está muito activo, mas tranquilo. Chegou a essa tranquilidade através da observação, através da investigação. E para poderem investigar, para observarem, vocês têm de ter luz; e a luz é a vossa atenção constante.

Outubro, 20

Existe uma Tranquilidade

Espero que ouçam, mas não com a memória daquilo que já sabem; e isto é algo de muito difícil. Vocês estão a ouvir qualquer coisa, e a vossa mente de imediato reage com o seu conhecimento, as suas conclusões, as suas opiniões, as suas memórias passadas. Ela ouve, perguntando para ter uma compreensão futura. Observem-se a vós mesmos, como estão a ouvir, e verão que é isto que está a acontecer. Ou estão a ouvir com uma conclusão, com conhecimento, com determinadas memórias, experiências, ou então desejam uma resposta, e sentem-se impacientes. Vocês querem saber o que tudo isto significa, o que significa a vida, a extraordinária complexidade da vida. Não estão realmente a ouvir. Só poderão ouvir quando a mente estiver tranquila, quando a mente não está a reagir de forma imediata, quando existe um intervalo entre a vossa reacção e aquilo que está a ser dito. Então, nesse intervalo, há tranquilidade, há um silêncio no qual, e só nele, há uma compreensão, que não é uma compreensão intelectual. Se houver um hiato entre o que é dito e a vossa própria reacção ao que está a ser dito, nesse intervalo, quer o prolonguem indefinidamente, por um longo período, quer apenas por alguns segundos — nesse intervalo, se observarem, vem a clareza. É o intervalo que é o cérebro novo. A reacção imediata é o cérebro velho, e o cérebro velho funciona no seu próprio sentido tradicional, aceite, reaccionário, animalesco. Quando se suspende isso, quando se suspende a reacção, quando se verifica um intervalo, então descobrirão que o novo cérebro age, e é somente o novo cérebro que pode compreender, não o cérebro velho.

Outubro, 21

A Nossa Responsabilidade

Para transformarmos o mundo, devemos começar por nós mesmos; e o que é importante em começarmos por nós mesmos é a intenção. A intenção deve ser a de nos compreendermos a nós mesmos e não a de esperarmos que os outros se transformem a si mesmos ou a de provocarmos uma mudança alterada por meio de uma revolução, seja ela de esquerda ou de direita. É importante compreendermos que esta é uma responsabilidade nossa, vossa e minha; porque por mais pequeno que possa ser o mundo em que vivemos, se formos capazes de nos transformarmos a nós mesmos, de originarmos um ponto de vista radicalmente diferente na nossa existência diária, então talvez afectemos o mundo em larga escala, a relação alargada com os outros.

Outubro, 22

Se a Mente Estiver Ocupada

Quer a mudança seja originada de forma consciente quer de forma inconsciente, o resultado é o mesmo. A mudança consciente implica esforço; e o empenho inconsciente para originar uma mudança também implica esforço, uma luta. Enquanto a luta existir, o conflito, a mudança será apenas imposta, e não há nenhuma compreensão, e portanto ela deixa de ser de todo uma mudança. Assim, será que a mente é capaz de encarar o problema da mudança — da avidez, por exemplo — sem fazer um esforço, apenas observando todas as implicações da avidez? Porque vocês não podem observar todo o conteúdo da avidez enquanto continuar a haver qualquer tipo de esforço no sentido de a mudar. A mudança verdadeira só pode ocorrer quando a mente encara o problema com inocência, com frescura, sem estar sobrecarregada com todas as memórias desgastadas de mil ontens. É óbvio que não se pode ter uma mente inocente, viva, se ela se encontrar ocupada. E a mente só deixa de estar ocupada quando vê a verdade do facto de se encontrar ocupada. Vocês não podem ver a verdade se não estiverem a prestar toda a vossa atenção, se estiverem a traduzir o que está a ser dito para algo que vos seja conveniente, para os vossos próprios termos. Devem chegar diante de algo novo com uma mente inocente, e uma mente não pode ser inocente quando está ocupada, seja de forma consciente ou inconsciente.

Outubro, 23

O Conhecimento É Prejudicial à Mudança

A investigação exige uma grande dose de percepção imediata e profunda. Não concordem desde já comigo, mas investiguem, meditem, abram a vossa mente para descobrirem a verdade acerca da falsidade de tudo isto. Será que o conhecimento, que é o conhecido, pode dar origem à mudança? Necessito de conhecimento para construir uma ponte; mas será que a minha mente precisa de saber em que é que se está a transformar? Certamente, se eu souber para que estado a mudança vai conduzir a minha mente, então deixa de ser verdadeiramente uma mudança. Um tal conhecimento é prejudicial à mudança, porque ele se torna um meio de satisfação, e enquanto existir um centro que procura a satisfação, a recompensa ou a segurança, não pode haver qualquer mudança. E todos os nossos esforços se baseiam nesse centro de recompensa, de castigo, de sucesso, de lucro, não é assim? É com isso que a maioria de nós se preocupa, e se for para nos ajudar a obter aquilo que queremos, então nós mudamos; mas essa mudança não é mudança nenhuma. Portanto, a mente que deseja estar inteiramente, profundamente num estado de mudança, num estado de revolução, tem de estar liberta do conhecido. Então, a mente torna-se espantosamente tranquila, e só uma mente assim poderá experimentar a transformação radical que é tão necessária.

Outubro, 24

Vazio Total

Para que possa ocorrer a mutação total da consciência, vocês devem abandonar a análise e a busca e deixar de estar sob qualquer influência que seja — o que é imensamente difícil. A mente, ao ver o que é falso, colocou completamente de lado o falso sem saber o que é verdadeiro. Se vocês já souberem o que é verdadeiro, então estão apenas a trocar aquilo que consideram falso por aquilo que vocês imaginam que é verdadeiro. Não há qualquer renúncia quando vocês já sabem o que vão receber em troca. Só há renúncia quando vocês abandonam algo sem saberem o que vai acontecer. Esse estado de negação é absolutamente necessário. Por favor sigam isto com toda a vossa atenção, porque se chegaram até aqui, poderão ver que nesse estado de negação descobrirão o que é verdadeiro; porque a negação é o esvaziar da consciência do conhecido. Afinal, a consciência baseia-se no conhecimento, na experiência, na herança da raça, na memória, em tudo aquilo que experimentámos. As experiências são sempre do passado, agindo no presente, sendo modificadas pelo presente e perpetuando-se no futuro. Tudo isso é consciência, o grande armazém dos séculos. A sua utilidade resume-se aos aspectos mecânicos da vida. Seria absurdo negar todo o conhecimento científico adquirido através do longo passado. Mas para se provocar uma mutação na consciência, uma revolução em toda esta estrutura, tem de haver um vazio total. E esse vazio só é possível quando se dá a descoberta, a visão efectiva do que é falso. Então verão, se chegarem a esse ponto, que o próprio vazio dá origem a uma completa revolução na consciência: terá acontecido.

Outubro, 25

A Mudança Deliberada Não É uma Mudança Real

Certamente o colectivo também se altera na própria acção da mudança individual. Não se trata de duas coisas separadas e opostas, o individual e o colectivo, apesar de alguns grupos políticos tentarem separar as duas coisas e forçar o indivíduo a ajustar-se ao assim chamado colectivo.

Se nós pudermos descobrir juntos todo o problema da mudança, de como dar origem a uma mudança no indivíduo e do que essa mudança implica, então talvez, no próprio acto de escutar, de participar na investigação, possa ocorrer uma mudança que é independente da vossa volição. Para mim, uma mudança deliberada, uma mudança que é compulsiva, disciplinada, conformada, não é, de todo, uma mudança. A força, a influência, uma qualquer invenção nova, a propaganda, um medo, um motivo impele-vos à mudança — mas essa não é uma mudança real. E embora, em termos intelectuais, vocês possam facilmente concordar com isto, garanto-vos que aprofundar a verdadeira natureza da mudança sem motivo é algo de extraordinário.

Outubro, 26

Fora do Campo do Pensamento

Vocês mudaram as vossas ideias, os vossos pensamentos, mas o pensamento é sempre condicionado. Quer seja o pensamento de Jesus, de Buda, de X, Y ou Z, continua a ser pensamento, e portanto um pensamento pode estar em oposição a outro pensamento; e quando existe oposição, conflito entre dois pensamentos, o resultado é uma continuidade de pensamento modificada. Por outras palavras, a mudança insere-se ainda no campo do pensamento, e a mudança que ocorre dentro do campo do pensamento não é nenhuma mudança real. O que aconteceu foi que uma determinada ideia ou um determinado conjunto de ideias foi substituído por outro.

Ao vermos todo este processo, será que é possível deixar o pensamento e dar origem a uma mudança fora do campo do pensamento? Certamente, toda a consciência, seja ela do passado, do presente ou do futuro, está inserida no campo do pensamento; e qualquer mudança que ocorra nesse campo, o qual define as fronteiras da mente, não é uma mudança verdadeira. Uma mudança radical só pode acontecer fora do campo do pensamento, não dentro dele, e a mente só pode deixar esse campo quando vê os confins, as fronteiras do campo, e compreende que qualquer mudança que tenha lugar dentro do campo não é verdadeira. Isto é a verdadeira meditação.

Outubro, 27

A Mudança Verdadeira

A mudança só é possível quando parte do conhecido para o desconhecido, não do conhecido para o conhecido. Por favor, investiguem isto comigo. Na mudança que parte do conhecido para o conhecido há autoridade, há uma perspectiva hierárquica da vida — vocês sabem, eu não sei. Assim, eu venero-vos, crio um sistema, sigo um guru, sigo-vos, porque vocês me dão uma certeza de conduta que irá produzir o resultado, o sucesso e o resultado. O sucesso é o conhecido. Sei o que é ter sucesso. É o que desejo. Portanto, prosseguimos do conhecido para o conhecido, no qual tem de existir autoridade — a autoridade da aprovação, a autoridade do líder, o guru, a hierarquia, aquele que sabe e o que não sabe — e aquele que sabe deve garantir-me, em troca, o sucesso, o sucesso do meu empenho para que eu possa ser feliz, para que possa ter o que quero. Não é esse o motivo que leva a maioria de nós a mudar? Por favor, observem o vosso próprio pensamento, e verão os caminhos da vossa própria vida e conduta... Quando olham para isso, será que acontece a mudança? A mudança, a revolução é algo que parte do conhecido para o desconhecido, algo que é alheio à autoridade e passível de ser totalmente malsucedido. Mas se vos assegurarem que vocês vão alcançar, que vão ter sucesso, que serão felizes, que terão a vida eterna, então não há problema. Então vocês seguem o curso de acção tão vosso conhecido, aquele que vos coloca sempre no centro de todas as coisas.

Outubro, 28

Poderá um Ser Humano Mudar?

Tenho a certeza de que já todos nos questionámos se será de todo possível mudarmos. Eu sei que as circunstâncias exteriores se alteram; casamos, divorciamo-nos, temos filhos; existe a morte, um emprego melhor, a pressão de novas invenções, e assim por diante. Exteriormente, está a ter lugar uma tremenda revolução na cibernética e na automatização. Já todos nos perguntámos se será de todo possível mudarmos, não na relação com os acontecimentos exteriores, não uma mudança que seja uma mera repetição ou uma continuidade modificada, mas uma revolução radical, uma mutação completa da mente. Quando compreendemos, como já devemos ter notado dentro de nós mesmos, que na realidade não mudamos, ficamos terrivelmente deprimidos ou fugimos de nós mesmos. Portanto, surge a questão inevitável: será que pode ocorrer de facto uma mudança? Voltamos a um período em que éramos jovens e tudo isso regressa de novo para nós. Será que existe realmente mudança nos seres humanos? Vocês mudaram verdadeiramente? Talvez tenha ocorrido uma mudança periférica, mas a um nível profundo, radical, será que vocês mudaram? Talvez não queiramos mudar, porque nos sentimos razoavelmente confortáveis...

Quero mudar. Percebo que estou terrivelmente infeliz, deprimido, feio, violento, com um instante ocasional de algo que não seja a mera realização de um desejo; e exercito a minha vontade no sentido de fazer algo acerca disso. Digo que tenho de ser diferente, que tenho de abandonar este hábito, aquele hábito; devo pensar de maneira diferente, devo agir de maneira diferente; tenho de ser mais assim e menos assado. Fazemos um esforço tremendo e no fim continuamos comuns, deprimidos, feios, brutais, desprovidos de qualquer sentido de qualidade. E portanto acabamos por nos perguntar se existe de facto uma mudança. Poderá um ser humano mudar?

Outubro, 29

Transformação sem Motivo

De que forma posso transformar? Percebo a verdade — ou, pelo menos, apercebo-me de algo acerca disso — da necessidade de que uma mudança, uma transformação deve começar a um nível que a mente, enquanto consciente e inconsciente, não pode alcançar, porque a consciência no seu todo está condicionada. Portanto, o que posso fazer? Espero estar a colocar o problema com clareza. Se me permitirem colocá-lo por outras palavras, poderá a minha mente, o consciente e o inconsciente, ficar livre da sociedade? — sendo a sociedade toda a educação, a cultura, a norma, os valores, os padrões. Porque se ela não for livre, então qualquer mudança que tente originar dentro desse estado condicionado continuará a ser limitada, e como tal não é uma mudança.

Assim, serei capaz de olhar sem qualquer motivo? Poderá a minha mente existir sem qualquer incentivo, sem qualquer motivo para mudar ou para não mudar? Porque qualquer motivo é o resultado da reacção de uma determinada cultura, tem origem num determinado fundo. Portanto, poderá a minha mente ficar livre da cultura na qual fui educado? Esta é uma questão deveras importante. Porque se a mente não se libertar da cultura dentro da qual foi criada, alimentada, o indivíduo nunca poderá certamente estar em paz, nunca poderá ser livre. Os seus deuses e os seus mitos, e todos os seus esforços são limitados, porque ainda se encontram dentro do campo da mente condicionada. Todos os esforços que fizer, dentro desse campo limitado, são realmente fúteis no sentido mais profundo do termo. Pode haver uma decoração mais sofisticada da prisão — mais luz, mais janelas, melhor comida —, mas continua a ser a prisão de uma determinada cultura.

Outubro, 30

Uma Revolução Psicológica

Poderá o pensador e o pensamento, o observador e a coisa observada serem um? Nunca poderão descobri-lo se se limitarem a lançar um olhar sobre esta questão e me pedirem, superficialmente, que explique o que quero dizer com isto ou aquilo. Certamente este é um problema vosso e não apenas meu; vocês não estão aqui para descobrir como é que eu olho para este problema ou para os problemas do mundo. Esta constante batalha interior, que é tão destrutiva, tão degradante — é um problema vosso, não é verdade? Assim como também é vosso o problema de se saber como é possível desencadear uma mudança radical dentro de cada um e não ficar apenas satisfeito com revoluções superficiais no âmbito da política, da economia, de diferentes burocracias. Vocês não estão a tentar compreender-me ou a forma como encaro a vida. Estão a tentar compreender-se a si mesmos, e estes são problemas vossos que vocês têm de enfrentar; e ao investigá-los em conjunto, que é o que estamos a fazer nestas palestras, talvez nos possamos ajudar uns aos outros a olhar para eles com maior clareza, a vê-los mais distintamente. Mas ver com clareza a um nível meramente verbal não é suficiente. Isso não dá origem a uma mudança psicológica criativa. Temos de ir além das palavras, para além de todos os símbolos e das suas sensações...

Temos de colocar de lado todas estas coisas e chegar ao assunto central — como dissolver o «eu», que é uma prisão ao tempo, no qual não há amor, não há compaixão. Só é possível ir além quando a mente não se separa enquanto pensador e pensamento. É apenas quando o pensador e o pensamento são um só que pode haver silêncio, o silêncio no qual não se constroem imagens nem se espera por mais experiências. Nesse silêncio não existe um sujeito que experimenta, e só então pode haver uma revolução psicológica que é criativa.

Outubro, 31

Novembro

Viver

Morrer

Renascimento

Amor

Quebrar Hábitos

Vamos descobrir como podemos compreender todo o processo de formação do hábito bem como o processo de quebrar o hábito. Podemos tomar como exemplo o hábito de fumar, e vocês podem substituir este exemplo pelo vosso próprio hábito e fazer a experiência com o vosso próprio problema de forma directa à medida que eu vou fazendo a experiência com o hábito de fumar. Trata-se de um problema, torna-se um problema quando quero abandonar o hábito; enquanto eu me sentir bem com o hábito, não o encaro como um problema. O problema surge quando tenho de fazer algo a respeito de um determinado hábito, quando o hábito se torna perturbador. Fumar criou uma perturbação, por isso quero libertar-me desse hábito. Quero deixar de fumar; quero libertar-me disso, colocar esse hábito de lado, e assim a minha aproximação ao acto de fumar está envolta em resistência e condenação. Ou seja, eu não quero fumar, e portanto a minha atitude é a de suprimir esse hábito, de condená-lo ou de encontrar um substituto para ele — em vez de fumar, passo a mascar pastilhas elásticas. Agora, será que é possível olhar para o problema sem condenação, justificação ou supressão? Poderei encarar o meu hábito de fumar sem qualquer sentimento de rejeição? Tentem fazê-lo agora, enquanto estou a falar, e verão como é extraordinariamente difícil não rejeitar nem aceitar. Porque toda a nossa tradição, todo o nosso conjunto de experiências, nos impele a rejeitar ou a justificar em vez de nos estimular a nossa curiosidade acerca do facto. Em vez de ter uma atenção passiva, a mente está sempre a agir sobre o problema.

Viver as Quatro Estações num Único Dia

Não será essencial que haja uma renovação constante, um renascimento? Se o presente se encontra sobrecarregado com a experiência do ontem, não pode ocorrer nenhuma renovação. A renovação não é a acção do nascimento e da morte; está para além dos opostos; somente a liberdade em relação à acumulação da memória pode trazer renovação, e não pode haver compreensão senão no presente.

A mente só pode compreender o presente se não comparar, se não julgar; o desejo de alterar ou de condenar o presente sem o compreender dá continuidade ao passado. Só quando compreendemos o reflexo do passado no espelho do presente, sem qualquer distorção, é que pode haver uma renovação...

Se vocês tiverem vivido uma experiência inteiramente, completamente, ela não deixa vestígios, com certeza já descobriram isso, não é verdade? São apenas as experiências incompletas que deixam as suas marcas, dando assim continuidade à memória que está identificada com o eu. Nós consideramos o presente como um meio para alcançar um fim, e desta forma o presente perde o seu imenso significado. O presente é o eterno. Mas como pode uma mente que é inventada, construída, compreender aquilo que não é construído, aquilo que está para além de qualquer valor, o eterno?

À medida que cada experiência vai surgindo, vivam-na tão inteira e profundamente quanto possível; reflictam sobre ela, sintam-na ampla e profundamente; estejam atentos à dor e ao prazer que ela envolve, aos vossos julgamentos e identificações. É apenas quando a experiência é completa que pode haver renovação. Devemos ser capazes de viver as quatro estações num único dia; estar intensamente atentos, experimentar, compreender e ficar libertos das acumulações de cada dia.

Novembro, 2

Criatividade Anónima

Já alguma vez pensaram sobre isto? Queremos ser famosos enquanto escritores, poetas, pintores, políticos, cantores ou o que quiserem. Porquê? Porque na verdade nós não amamos aquilo que estamos a fazer. Se vocês amassem verdadeiramente o que estão a fazer — cantar, pintar ou escrever poemas —, se realmente amassem essas actividades, não estariam preocupados com o facto de serem ou não serem famosos. Desejar ser famoso é algo de mau gosto, trivial, estúpido, não tem qualquer significado; mas como não amamos aquilo que fazemos, desejamos enriquecer-nos através da fama. A nossa educação está desvirtuada porque nos ensina a amar o sucesso e não aquilo que fazemos. O resultado tornou-se mais importante que a própria acção.

Sabem, é bom esconderem o brilho do vosso talento, serem anónimos, amarem aquilo que fazem sem o ostentarem. É bom ser amável de forma anónima. É algo que não vos torna famosos, que não coloca a vossa fotografia nas páginas do jornal. Os políticos não vos vêm bater à porta. São apenas um ser humano criativo a viver no anonimato, e há nisso uma riqueza e uma grande beleza.

Novembro, 3

Técnicas Vazias

Não se pode conciliar a criatividade com a realização técnica. Vocês podem ser perfeitos a tocar piano e, no entanto, serem desprovidos de criatividade; podem ser brilhantes a tocar piano e não serem músicos. Podem ser capazes de trabalhar as cores, de aplicar a tinta na tela com grande destreza e não serem pintores criativos. Podem criar um rosto, uma imagem a partir da pedra, porque aprenderam a técnica, e não serem um mestre criativo. A criação vem em primeiro lugar, não a técnica, e é por isso que passamos as nossas vidas infelizes. Temos a técnica — como erguer uma casa, como construir uma ponte, como montar um motor, como educar os nossos filhos à luz de um sistema —, aprendemos todas essas técnicas, mas os nossos corações e as nossas mentes encontram-se vazios. Somos máquinas de primeira classe; sabemos como funcionar com magnificência, mas não somos capazes de amar um único ser da criação. Podemos ser um excelente engenheiro, um pianista, podemos escrever muito bem em Inglês ou Marati ou em qualquer outra língua, mas a criatividade não pode ser encontrada através da técnica. Se vocês tiverem algo a dizer, criam o vosso próprio estilo; mas quando vocês não têm nada a dizer, mesmo que tenham um estilo muito bonito, aquilo que escrevem é apenas a rotina da tradição, uma repetição por outras palavras da mesmíssima coisa...

Portanto, tendo perdido a canção, vocês vão atrás do cantor. Aprendemos com o cantor a técnica da canção, mas não há nenhuma canção; e eu digo-vos que a canção é essencial. Quando a alegria está presente, a técnica pode surgir do nada; vocês inventarão a vossa própria técnica, não terão de estudar técnicas de estilo. Quando vocês têm, vocês vêem e o próprio acto de ver a beleza é uma arte.

Novembro, 4

Saber Quando Não se Deve Cooperar

Os reformadores — políticos, sociais e religiosos — só irão provocar mais tristeza no homem a menos que o homem compreenda o funcionamento da sua própria mente. Na compreensão da totalidade do processo da mente, existe uma revolução radical, interior, e a partir dessa revolução interior brota a acção da verdadeira cooperação, que não é cooperação com um padrão, com a autoridade, com alguém que «sabe». Quando vocês sabem como cooperar, porque tem lugar esta revolução interior, então saberão igualmente quando não cooperar, que é realmente muito importante, talvez até mais importante. Nós agora cooperamos com quem quer que nos ofereça uma reforma, uma mudança, o que apenas serve para perpetuar o conflito e o sofrimento, mas se nós pudermos saber o que significa ter o espírito da cooperação que nasce da compreensão de todo o processo da mente e no qual existe a liberdade em relação ao eu, então há a possibilidade de se criar uma nova civilização, um mundo totalmente diferente no qual não há avidez, inveja, comparação. Não se trata de uma utopia, mas do estado verdadeiro da mente que está constantemente em busca do que é verdadeiro e abençoado.

Novembro, 5

Por Que Existe o Crime?

Sabem, ou se dá uma revolta dentro do padrão da sociedade ou então terá lugar uma completa revolução fora da sociedade. A completa revolução fora da sociedade é aquilo a que chamo revolução religiosa. Qualquer revolução que não seja religiosa encontra-se inserida no campo da sociedade e portanto não é de todo uma revolução, mas apenas uma continuação modificada do velho padrão.

O que está a acontecer por todo o mundo, creio, é uma revolta dentro da sociedade e esta revolta assume muitas vezes a forma daquilo a que se chama crime. É inevitável que ocorra este tipo de revolta enquanto a nossa educação apenas se preocupar em treinar a juventude no sentido de ela se ajustar à sociedade — isto é, no sentido de arranjar um emprego, de ganhar dinheiro, de ser ambiciosa, de ter sempre mais, de se adequar às normas.

É isto que a nossa assim chamada educação está a fazer em todo o lado — ensinar os jovens a ajustar-se a todos os níveis: religioso, moral, económico; portanto, como é natural, a sua revolta não tem qualquer significado, excepto o de dever ser suprimida, reformada ou controlada. Esta revolta ainda se insere dentro da estrutura da sociedade e como tal não é de todo criativa. Mas, através da educação correcta, que ajudasse a libertar a mente do seu condicionamento, talvez pudéssemos fazer nascer uma compreensão diferente — isto é, ajudando os jovens a estar atentos às muitas influências que condicionam a mente e a levam a ajustar-se.

Novembro, 6

O Propósito da Vida

Muitas pessoas podem dizer-vos qual é o propósito da vida; podem transmitir-vos o que dizem os livros sagrados. As pessoas inteligentes continuarão a inventar qual é o propósito da vida. O grupo político terá um propósito, o grupo religioso terá outro, e assim por diante. Então, qual é o propósito da vida quando vocês próprios se encontram confusos? Quando estou confuso, pergunto: «Qual é o propósito da vida?» porque espero, através desta confusão, encontrar uma resposta. Como posso encontrar uma resposta verdadeira quando me encontro confuso? Compreendem?

Se eu estiver confuso, só posso obter uma resposta que é, também ela, confusa. Se a minha mente estiver confusa, perturbada, se não estiver bonita, tranquila, qualquer resposta que eu obtenha chegará até mim através deste ecrã de confusão, de ansiedade, de medo; e como tal, a resposta estará pervertida. Portanto, o que é importante não é perguntar: «Qual é o propósito da vida, da existência?», mas clarificar a confusão que está dentro de nós. É como um cego que pergunta: «O que é a luz?» Se eu lhe disser o que é a luz, ele irá escutar-me de acordo com a sua cegueira, de acordo com a sua escuridão; mas suponham que ele se torna capaz de ver, então ele não perguntará: «O que é a luz?» Ela está ali.

Do mesmo modo, se vocês forem capazes de clarificar a vossa confusão interior, descobrirão qual é o propósito da vida; não terão de perguntar, não terão de o procurar; tudo o que têm de fazer é libertar-se das causas que dão origem à confusão.

Novembro, 7

Viver neste Mundo no Anonimato

Será que não é possível viver neste mundo sem ambição, sendo apenas aquilo que somos? Se vocês começarem a compreender o que são sem tentarem mudar isso, então aquilo que vocês são sofre uma transformação. Penso que é possível vivermos neste mundo anonimamente, completamente desconhecidos, sem sermos famosos, ambiciosos, cruéis. Podemos viver muito felizes quando não damos qualquer importância ao eu; e isto também faz parte da educação correcta.

O mundo inteiro venera o sucesso. Ouvem-se histórias acerca de como o rapaz pobre tirou o seu curso como estudante trabalhador e mais tarde se tornou juiz, ou de como começou por vender jornais e acabou por se tornar um milionário. Somos alimentados por esta glorificação do sucesso. Um grande sucesso vem acompanhado de uma grande tristeza; mas a maioria de nós fica apanhada no desejo de o alcançar, e o sucesso é muito mais importante para nós que a compreensão e dissolução da tristeza.

Novembro, 8

Apenas uma Hora para Viver

Se vocês dispusessem apenas de uma hora para viver, o que fariam? Não iriam tratar de todos os aspectos exteriores necessários, dos vossos negócios, do vosso testamento, e assim por diante? Não juntariam a vossa família e amigos para lhes pedir perdão por qualquer mal que lhes possam ter feito, ou para lhes perdoar qualquer possível ofensa que vos tenham feito? Não iriam morrer completamente para as coisas da mente, para os desejos e para o mundo? E se isso pode ser feito por uma hora, então também pode ser feito pelos dias e anos que ainda possam restar... Tentem e descobrirão.

Novembro, 9

Morrer a Cada Dia

O que é a idade? Será o número de anos que já vivemos? Isso é parte da idade; vocês nasceram num determinado ano e agora têm quinze, quarenta ou sessenta anos. O vosso corpo envelhece — e o mesmo acontece com a vossa mente quando se encontra sobrecarregada com todas as experiências, sofrimentos e os cansaços da vida; e uma mente assim nunca pode descobrir o que é a verdade. A mente apenas pode descobri-lo quando é jovem, fresca, inocente; mas a inocência não é uma questão de idade. Não é apenas a criança que é inocente — ela pode não o ser —, mas a mente que é capaz de experimentar sem acumular resíduos da experiência. A mente tem de experimentar, isso é inevitável. Tem de responder a tudo — ao rio, ao animal doente, ao cadáver a ser transportado para ser cremado, aos camponeses pobres que carregam os seus fardos ao longo da estrada, às torturas e sofrimentos da vida —, de outro modo, ela já estará morta; mas a mente deve ser capaz de responder sem ficar presa à experiência. É a tradição, a acumulação de experiência, as cinzas da memória, que tornam a mente velha. A mente que morre a cada dia para as memórias de ontem, para todas as alegrias e tristezas do passado — uma tal mente é fresca, inocente, não tem idade; e sem essa inocência, quer vocês tenham dez ou sessenta, não poderão encontrar Deus.

Novembro, 10

Sentir o Estado da Morte

Temos medo de morrer. Para acabarmos com esse medo, temos de entrar em contacto com a morte, não com a imagem que o pensamento criou da morte, mas devemos realmente sentir esse estado. De outra forma, o medo nunca cessará, porque a palavra *morte* gera medo, e nós nem sequer queremos falar nela. Será que, sendo nós saudáveis, normais, com a capacidade de raciocinar com clareza, de pensar com objectividade, de observar, nos é possível entrar em contacto com o facto de forma total? O organismo, com o uso, com a doença irá morrer, um dia. Se formos saudáveis, vamos querer saber o que significa a morte. Não se trata de um desejo mórbido, porque talvez ao morrermos possamos compreender o que significa viver. Viver, tal como fazemos presentemente, é uma tortura, um tumulto interminável, uma contradição, e portanto existe conflito, sofrimento e confusão. O ir todos os dias para o escritório, a repetição do prazer, com as suas dores, a ansiedade, o tactear no escuro, a incerteza — é a isso que chamamos viver. Acostumámo-nos a esse tipo de viver. Aceitamo-lo; envelhecemos com ele e morremos.

Para descobrirmos o que é viver, tal como para descobrirmos o que é morrer, temos de entrar em contacto com a morte; isto é, temos de pôr um fim, a cada dia, a tudo o que conhecemos. Temos de pôr um fim à imagem que construímos de nós mesmos, da nossa família, do nosso relacionamento, a imagem que construímos através do prazer, da nossa relação com a sociedade, tudo. É isso que vai acontecer quando chegar a morte.

Novembro, 11

Medo da Morte?

Por que têm medo da morte? Será, talvez, porque vocês não sabem como viver? Se soubessem viver inteiramente, teriam medo da morte? Se vocês amassem as árvores, o pôr-do-sol, os pássaros, a folha que cai; se vocês estivessem atentos ao homem e à mulher que choram, aos pobres, e se realmente sentissem amor no vosso coração, teriam medo da morte? Teriam? Não se deixem persuadir por mim. Vamos investigar isto juntos. Vocês não vivem com alegria, não são felizes, não são sensíveis às coisas de uma forma vital; e será por isso que se questionam sobre o que irá acontecer quando morrerem? Para vós, a vida é tristeza, e como tal vocês interessam-se muito mais pela morte. Vocês sentem que talvez possa haver felicidade depois da morte. Mas isso é um grande problema, e eu não sei se vocês o querem investigar. Afinal, o medo é o que subjaz a tudo isto — medo de morrer, medo de viver, medo de sofrer. Se vocês não forem capazes de compreender o que causa o medo e se não forem capazes de se libertar dele, então não importa muito se estão vivos ou mortos.

Novembro, 12

Tenho Medo

A minha investigação vai agora centrar-se na questão de se saber como nos podemos libertar do medo do conhecido, que é o medo de perder a minha família, a minha reputação, o meu carácter, a minha conta bancária, os meus apetites, e assim por diante. Vocês podem dizer que o medo vem da consciência; mas a vossa consciência forma-se a partir do vosso condicionamento, e portanto ela é ainda o resultado do conhecido. O que é que vocês conhecem? O conhecimento é ter ideias, ter opiniões sobre as coisas, ter um sentido de continuidade na relação com o conhecido, e nada mais...

Existe o medo da dor. A dor física é uma resposta nervosa, mas a dor psicológica surge quando me agarro a coisas que me dão satisfação, porque então eu passo a recear alguém ou algo que me possa retirar aquilo que me dá satisfação. As acumulações psicológicas impedem a dor psicológica enquanto não forem perturbadas; ou seja, eu sou um feixe de acumulações, de experiências que evitam que aconteça qualquer forma séria de perturbação — e eu não quero ser perturbado. Portanto, eu temo qualquer um que possa perturbar as minhas acumulações psicológicas. Assim, o meu medo é do conhecido, eu tenho medo das acumulações, físicas ou psicológicas, que eu juntei como um meio de repelir a dor ou de evitar a tristeza... O conhecimento também ajuda a evitar a dor. Do mesmo modo que o conhecimento médico ajuda a prevenir a dor física, assim também as crenças ajudam a prevenir a dor psicológica, e é por esse motivo que eu receio perder as minhas crenças, embora não disponha de nenhum conhecimento perfeito ou de qualquer prova concreta da realidade de tais crenças.

Novembro, 13

Só Aquilo que Morre É Capaz de Se Renovar

Quando falamos de uma entidade espiritual, estamos a referir-nos, como é óbvio, a algo que não se insere dentro do campo da mente. Agora, será o «eu» uma tal entidade espiritual? Se ele for uma entidade espiritual, então deve estar para além de todo o tempo; portanto não pode renascer ou ter *continuidade*. O pensamento não pode pensar acerca dele, porque o pensamento insere-se dentro da medida do tempo, o pensamento é de ontem, o pensamento é um movimento contínuo, a resposta do passado; portanto, o pensamento é, essencialmente, um produto do tempo. Se o pensamento for capaz de pensar sobre o «eu», então faz parte do tempo, por conseguinte, esse «eu» não está liberto do tempo, e portanto não é espiritual — o que é óbvio. Assim, o «eu», o «tu» é apenas um processo de pensamento; e vocês desejam saber se esse processo de pensamento, continuando independentemente do corpo físico, volta a nascer, se reencarna numa forma física. Agora vão um pouco mais além. Aquilo que continua — pode descobrir o real, que está para além do tempo e da medida? Esse «eu», essa entidade que é um pensamento-processo — pode alguma vez ser novo? Se não pode, então tem de haver um fim para o pensamento. Não é tudo aquilo que continua inerentemente destrutivo? Aquilo que tem continuidade nunca se pode renovar. Enquanto o pensamento continuar através da memória, através do desejo, através da experiência, nunca se poderá renovar; portanto, aquilo que é continuado não pode conhecer o real. Vocês poderão renascer mil vezes, mas nunca poderão conhecer o real, porque somente aquilo que morre, aquilo que chega a um fim, tem a possibilidade de se renovar.

Novembro, 14

Morrer Sem Argumentação

Sabem o que significa entrar em contacto com a morte, morrer sem argumentação? Porque a morte, quando chega, não argumenta convosco. Para a conhecerem, vocês têm de morrer cada dia para tudo; para a vossa agonia, para a vossa solidão, para o relacionamento a que estão agarrados; têm de morrer para o vosso pensamento, para os vossos hábitos, têm de morrer para a vossa mulher para que possam olhá-la com olhos novos; têm de morrer para a vossa sociedade para que possam, como seres humanos, ser novos, frescos, jovens e olhar para ela. Mas não poderão conhecer a morte se não morrerem a cada dia. É somente quando vocês morrem que existe amor. Uma mente que está assustada não tem amor — tem hábitos, tem empatia, pode forçar-se a ser amável e superficialmente atenciosa. Mas o medo cria tristeza, e a tristeza é tempo enquanto pensamento.

Portanto, terminar com a tristeza é entrar em contacto com a morte enquanto estamos vivos, ao morrermos para o nosso nome, para a nossa casa, para as nossas propriedades, para a nossa causa, de forma a sermos frescos, jovens, claros e podermos ver as coisas como elas são sem que haja qualquer distorção. É isso que vai acontecer quando vocês morrerem. Mas nós limitámos a morte ao plano físico. Sabemos muito bem, com lógica, com sanidade, que o organismo vai chegar ao seu fim. Então, nós inventamos uma vida que tivemos de agonia diária, de insensibilidade diária, problemas crescentes, e a sua estupidez, e é essa vida que queremos levar, e a que chamamos «alma» — que dizemos que é a coisa mais sagrada, uma parte do divino, mas ela é ainda parte do vosso pensamento e como tal não tem nada que ver com o divino. É a vossa vida!

Portanto, temos de viver cada dia a morrer — a morrer, porque então estaremos em contacto com a vida.

Novembro, 15

Na Morte Está a Imortalidade

Certamente no acabar existe renovação, não é verdade? É apenas na morte que algo novo passa a existir. Não estou a confortar-vos. Isto não é algo que deva ser acreditado, ou pensado, ou examinado intelectualmente e aceite, porque nesse caso vocês vão transformá-lo em mais um conforto, do mesmo modo que agora acreditam na reencarnação ou na continuidade no além, e assim por diante. Mas a verdade é que aquilo que continua não tem nenhum renascimento, nenhuma renovação. Portanto, no morrer a cada dia existe renovação, existe um renascimento. Isso é a imortalidade. Na morte existe imortalidade — não a morte daquilo que vocês receiam, mas a morte de conclusões prévias, memórias, experiências, com as quais vocês se identificam como «eu». No morrer do «eu» a cada minuto existe eternidade, existe imortalidade, existe algo a ser experimentado — não a ser especulado ou alvo de prelecções, como acontece em relação à reencarnação e a todo esse tipo de assuntos...

Quando vocês deixam de ter medo, porque a cada minuto há um terminar e por conseguinte uma renovação, então estarão abertos ao desconhecido. A realidade é o desconhecido. A morte também é o desconhecido. Mas dizer que a morte é bonita, dizer que ela é maravilhosa porque vamos perpetuar-nos no além e todos esses disparates, não é algo real. O que é real é ver a morte tal como ela é — um terminar; um terminar no qual há renovação, um renascimento, não uma continuidade. Porque aquilo que continua entra em decadência; e aquilo que tem o poder de se renovar é eterno.

Novembro, 16

A Reencarnação É Essencialmente Egotista

Vocês querem que eu vos assegure de que vão viver uma outra vida, mas não há nisso qualquer felicidade ou sabedoria. A busca da imortalidade através da reencarnação é essencialmente egotista, e como tal não é verdadeira. A vossa busca da imortalidade é apenas mais uma forma assumida pelo desejo de continuação das reacções de autodefesa contra a vida e a inteligência. Um tal anseio só pode conduzir à ilusão. Portanto, o que importa não é se existe ou não a reencarnação, mas concretizar a realização completa no presente. E vocês só podem fazê-lo quando a vossa mente e o vosso coração já não se estão a proteger em relação à vida. A mente é astuciosa e subtil na defesa de si própria, e deve discernir por si mesma a natureza ilusória da autoprotecção. Isto significa que vocês devem pensar e agir de forma renovada. Devem libertar-se da rede de falsos valores que o meio vos impôs. Deve haver uma nudez total. Então há imortalidade, realidade.

Novembro, 17

O Que É a Reencarnação

Vamos descobrir o que vocês entendem por reencarnação — a verdade a respeito dela, não aquilo em que vocês gostariam de acreditar, não aquilo que alguém vos ensinou ou o que o vosso professor vos disse. Certamente é a verdade que liberta, não a vossa própria conclusão, a vossa própria opinião... Quando vocês dizem: «Voltarei a nascer», devem saber o que é o «eu»... Será o «eu» uma entidade espiritual, será o «eu» algo de contínuo, será o «eu» algo que é independente da memória, da experiência, do conhecimento? Ou o «eu» é uma entidade espiritual, ou então ele é apenas um processo de pensamento. Ou ele é algo que está fora do tempo, algo a que chamamos espiritual, que não se pode medir em termos de tempo, ou então insere-se no campo do tempo, no campo da memória, do pensamento. Não pode ser nenhuma outra coisa. Vamos descobrir se ele se encontra fora da medida do tempo. Espero que estejam a seguir tudo isto. Vamos descobrir se o «eu» é na sua essência algo de espiritual. Agora, por «espiritual» queremos dizer, não é verdade, algo que não pode ser condicionado, algo que não é a projecção da mente humana, algo que não se insere no campo do pensamento, algo que não morre. Quando falamos de uma entidade espiritual, estamos a referir-nos a algo que não pertence ao campo da mente, como é óbvio. Assim, será o «eu» uma tal entidade espiritual? Se ele for uma entidade espiritual, deve estar para além de todo o tempo; por conseguinte não pode renascer ou continuar... Aquilo que tem continuidade nunca se pode renovar. Enquanto o pensamento se perpetuar através da memória, do desejo, da experiência nunca se pode renovar; portanto, aquilo que é continuado não pode conhecer o real.

Novembro, 18

Existe uma Tal Coisa a que Se Possa Chamar Alma?

Então, para se compreender esta questão da morte, temos de estar libertos do medo, o qual inventa as diversas teorias acerca da vida depois da morte, ou acerca da imortalidade e da reencarnação. Assim, nós dizemos, os orientais dizem, que existe a reencarnação, um renascimento, uma renovação constante — a alma, a assim chamada alma. Por favor, ouçam agora com muita atenção.

Existe uma tal coisa? Nós gostamos de pensar que existe uma tal coisa, porque isso nos dá prazer, porque isso é algo que nós colocámos para além do pensamento, para além das palavras, para além; é algo eterno, espiritual, que nunca morre, e assim o pensamento agarra-se a esse algo. Mas será que existe uma coisa a que se possa chamar alma, que é algo que está para além do tempo, para além do pensamento, algo que não é inventado pelo homem, algo que está para além da natureza do homem, algo que não é construído pela mente astuciosa? Porque a mente vê uma tão grande incerteza, confusão, que nada é permanente na vida — nada. O vosso relacionamento com a vossa mulher, o vosso marido, o vosso emprego — nada é permanente. E então a mente inventa algo que é permanente, a que ela chama alma. Mas uma vez que a mente consegue pensar acerca disto, o pensamento consegue pensar acerca disto; se o pensamento consegue pensar acerca disto, então isto ainda se insere no campo do tempo — naturalmente. Se eu sou capaz de pensar sobre algo, esse algo faz parte do pensamento. E o meu pensamento é o resultado do tempo, da experiência, do conhecimento. Portanto, a alma ainda se encontra dentro do campo do pensamento...

Assim, a ideia de uma continuidade de uma alma que renascerá muitas e muitas vezes não tem qualquer significado porque se trata da invenção de uma mente que está assustada, de uma mente que deseja, que procura a duração através da permanência, que quer certezas, porque nisso ela encontra esperança.

Novembro, 19

O que Entendem por *Karma?*

O *karma* implica a causa e o efeito, não é verdade? — a acção baseada numa causa, que produz um certo efeito; a acção que nasce do condicionamento, que produz mais resultados. E serão a causa e o efeito estáticos, serão alguma vez fixos? Não é verdade que o efeito também se torna uma causa? Portanto, não há nenhuma causa fixa nem nenhum efeito fixo. Hoje é o resultado de ontem, não é assim? Hoje é o desenlace de ontem, tanto em termos cronológicos como em termos psicológicos; e hoje é a causa de amanhã. Portanto a causa é efeito, e o efeito torna-se causa — é um único movimento contínuo... não existe nenhuma causa fixa nem nenhum efeito fixo. Se houvesse uma causa fixa e um efeito fixo, haveria especialização; e não é a especialização a morte? Qualquer espécie que se especialize chega, obviamente, a um fim. A grandeza do homem é que ele não se pode especializar. Pode fazê-lo em termos técnicos, mas não em termos estruturais. Uma semente de bolota é especializada — não pode ser nada senão aquilo que é. Mas o ser humano não acaba completamente. Existe a possibilidade de uma renovação constante; ele não se encontra limitado pela especialização. Enquanto olharmos para a causa, para o fundo, para o condicionamento, como algo que não está relacionado com o efeito, haverá sempre conflito entre o pensamento e o fundo. Por conseguinte, o problema é muito mais complexo do que a questão de se acreditar ou não na reencarnação, porque a questão é como agir, e não se acreditamos na reencarnação ou no *karma*. Isso é absolutamente irrelevante.

Novembro, 20

A Acção Baseada na Ideia

Poderá a acção libertar-nos desta cadeia de causa e efeito? Fiz algo no passado; tive uma determinada experiência, que, como é óbvio, condiciona as minhas respostas no presente; e as respostas de hoje condicionam o amanhã. Este é todo o processo do *karma*, causa e efeito; e, é claro, embora possa proporcionar-nos temporariamente algum prazer, um tal processo de causa e efeito conduzirá, no fim das contas, à dor. Esse é o verdadeiro cerne da questão: pode o pensamento ser livre? O pensamento ou a acção que é livre não produz dor, não dá origem ao condicionamento. Este é o ponto fulcral de toda esta questão. Assim, poderá haver uma acção que não esteja relacionada com o passado? Poderá haver uma acção que não esteja baseada numa ideia? A ideia é a continuação do ontem de uma forma modificada, e essa continuação irá condicionar o amanhã, o que significa que a acção baseada na ideia nunca pode ser livre. Enquanto a acção se basear na ideia irá, inevitavelmente, produzir conflito. Poderá haver uma acção que não esteja relacionada com o passado? Poderá haver uma acção sem o fardo da experiência, sem o conhecimento de ontem? Enquanto a acção for o resultado do passado, nunca poderá ser livre, e é somente na liberdade que vocês podem descobrir o que é verdadeiro. O que acontece é que, como a mente não é livre, não pode agir; apenas pode reagir, e a reacção é a base da nossa acção. A nossa acção não é acção, mas a mera continuação da reacção, porque ela é o resultado da memória, da experiência, da resposta de ontem. Portanto, a questão é esta: pode a mente libertar-se do seu condicionamento?

Novembro, 21

O Amor Não É Prazer

Sem compreenderem o que é o prazer, vocês nunca poderão compreender o que é o amor. O amor não é prazer. O amor é algo inteiramente diferente. E para se compreender o prazer, como disse, vocês têm de aprender acerca dele. Agora, para a maioria de nós, para cada ser humano, o sexo é um problema. Porquê? Ouçam com muita atenção. Como não são capazes de o resolver, vocês fogem dele. O *sannyasi*[2] foge dele fazendo um voto de castidade, através da negação. Por favor, vejam o que acontece a uma mente assim. Ao negarem algo que faz parte de toda a vossa estrutura — as glândulas e tudo o resto —, ao suprimirem-no, tornaram-se a vós mesmos áridos, e há uma batalha constante a travar-se dentro de vós.

Tal como estávamos a dizer, aparentemente, só temos duas formas de encarar qualquer problema que seja: ou o suprimimos, ou fugimos dele. Suprimi-lo é, na realidade, o mesmo que fugir dele. E nós dispomos de toda uma rede de fugas — muito intrincadas, intelectuais, emocionais — e a actividade comum de todos os dias. Existem diversas formas de fuga que não vamos analisar por agora. Mas temos este problema. O *sannyasi* foge dele de uma forma, mas não o resolve; suprime-o ao tomar um voto, e todo o problema fica a ferver dentro dele. Ele pode revestir-se exteriormente com as roupagens da simplicidade, mas isto também se torna um assunto extraordinário para ele, tal como o é para o homem que vive uma vida comum. Como resolvemos esse problema?

[2] Asceta. (*NT*)

Novembro, 22

O Amor Não É Cultivado

O amor não é cultivado. O amor não pode ser dividido em divino e físico; é apenas amor — não se trata de vocês amarem muitos ou apenas uma única pessoa. Também essa é uma questão absurda: «Vocês amam toda a gente?» Sabem, uma flor que tem perfume não está preocupada com quem vem sentir a sua fragrância ou com quem lhe vira as costas. Assim é o amor. O amor não é uma memória. O amor não é algo da mente ou do intelecto. Ele ganha existência de forma natural como acontece com a compaixão, quando todo este problema da existência — o medo, a ganância, a inveja, o desespero, a esperança — tiver sido compreendido e resolvido. Um homem ambicioso não é capaz de amar. Um homem que está apegado à sua família não tem amor. Nem tão-pouco tem o ciúme que ver com o amor. Quando vocês dizem: «Amo a minha mulher», isso não é realmente verdade, porque no momento seguinte já estão com ciúmes dela.

O amor implica uma grande liberdade — que não significa fazer tudo o que se quer. Mas o amor só vem quando a mente está muito tranquila, desinteressada, quando a mente não está centrada em si mesma. Isto não são ideais. Se vocês não tiverem amor, podem fazer o que quiserem — sigam todos os deuses da Terra, façam todas as actividades sociais, tentem reformar os pobres, as políticas, escrever livros, escrever poemas —, mas serão seres humanos mortos. E sem amor os vossos problemas vão aumentar, multiplicar-se incessantemente. E com amor, façam vocês o que fizerem, não há risco; não há conflito. Então, o amor é a essência da virtude. E uma mente que não se encontra num estado de amor não é de todo uma mente religiosa. E apenas a mente religiosa está liberta dos problemas, e conhece a beleza do amor e da verdade.

Novembro, 23

Amor Sem Incentivo

O que é o amor sem motivo? Poderá haver amor sem qualquer incentivo, sem que se queira do amor algo para nós mesmos? Poderá haver um amor no qual não haja a sensação de se ficar ferido quando esse amor não é correspondido? Se eu vos oferecer a minha amizade e vocês não a aceitarem, não fico magoado? Será esse sentimento de se ficar magoado resultado da amizade, da generosidade, da compaixão? Certamente, enquanto eu me sentir magoado, enquanto houver medo, enquanto eu vos ajudar na esperança de que vocês me ajudem a mim — aquilo a que se chama serviço — não pode haver amor.

Se vocês compreenderem isto, encontrarão a resposta.

Novembro, 24

O Amor É Perigoso

Como pode o homem viver sem amor? Podemos apenas existir, e a existência sem amor é controlo, confusão e dor — e é isso que a maioria de nós está a criar. Organizamos a nossa existência e aceitamos o conflito como algo inevitável, porque a nossa existência é uma interminável exigência de poder. Certamente, quando amamos, a organização tem o seu devido lugar, o seu lugar adequado; mas sem amor, a organização transforma-se num pesadelo, meramente mecânica e eficiente, como o exército; mas como a sociedade moderna se baseia na mera eficiência, temos de ter exércitos — e o propósito de um exército é gerar a guerra. Mesmo na assim chamada paz, quanto mais eficazes nós formos em termos intelectuais, tanto mais implacáveis, brutais e insensíveis nos tornamos. É por isso que existe confusão no mundo, é por isso que a burocracia se torna cada vez mais poderosa, e é também por isso que cada vez mais governos se tornam totalitários. Nós submetemo-nos a tudo isto como algo inevitável, porque vivemos nos nossos cérebros e não nos nossos corações, e, por conseguinte, o amor não existe. O amor é o elemento mais perigoso e incerto da vida; e como não queremos sentir incerteza, como não desejamos colocar-nos em perigo, vivemos na mente. Um homem que ama é perigoso e nós não queremos viver de uma forma perigosa; queremos viver de uma forma eficiente, queremos apenas viver na estrutura da organização, porque achamos que as organizações vão trazer a ordem e a paz ao mundo. As organizações nunca trouxeram a ordem e a paz. Somente o amor, somente a boa vontade, somente a misericórdia podem trazer a ordem e a paz, no final e, por conseguinte, agora.

Novembro, 25

Qual É a Vossa Reacção?

Quando vocês observam aquelas pobres mulheres a carregarem uma carga pesada para o mercado, ou vêem as crianças dos camponeses a brincar na lama com pouco mais com que brincar, [crianças] que não terão a educação que vocês estão a ter, que não têm uma casa digna, nenhuma higiene, poucas roupas, uma alimentação deficiente — quando vocês observam tudo isto, qual é a vossa reacção? É muito importante descobrirem por vós mesmos qual é a vossa reacção. Vou contar-vos qual era a minha.

Essas crianças não têm um lugar adequado para dormirem; o pai e a mãe estão todo o dia ocupados, sem nunca terem férias; as crianças nunca sabem o que é ser amado, ser cuidado; os pais nunca se sentam com elas para lhes contarem histórias sobre a beleza da terra e dos céus. E que tipo de sociedade é a nossa que produziu circunstâncias como estas — onde existem pessoas imensamente ricas que têm tudo o que querem, e ao mesmo tempo há rapazes e raparigas que não têm nada? Que tipo de sociedade é esta, e como é que ela ganhou existência? Vocês podem provocar uma revolução, quebrar o padrão desta sociedade, mas nesse mesmo acto de o quebrarem, um novo padrão acaba de nascer, que é mais uma vez a mesma coisa sob uma outra forma — os comissários com as suas casas de campo luxuosas, os privilégios, as fardas e assim por diante. Foi isto que aconteceu depois de cada revolução, da revolução francesa, russa e chinesa. E será que é possível criar uma sociedade da qual toda esta corrupção esteja ausente? Ela só pode ser criada quando vocês e eu, enquanto indivíduos, nos separarmos do colectivo, quando estivermos libertos da ambição e soubermos o que significa amar. Essa foi toda a minha reacção, num instante.

Novembro, 26

Compaixão Não É a Palavra

O pensamento não pode, quaisquer que sejam os meios, cultivar a compaixão. Não estou a usar a palavra *compaixão* para me referir ao oposto, à antítese de ódio ou violência. Mas a menos que cada um de nós tenha um sentido profundo da compaixão, iremos tornar-nos cada vez mais brutais, desumanos uns para os outros. Teremos mentes mecânicas, semelhantes a computadores, que só foram treinadas para desempenhar determinadas funções; continuaremos a procurar a segurança, tanto física quanto psicológica, e deixaremos escapar a extraordinária profundidade e beleza, todo o significado da vida.

Quando falo em compaixão, não me refiro a algo que possa ser adquirido. Compaixão não é a palavra, que pertence meramente ao passado, mas algo que é do presente activo; é o verbo e não a palavra, o nome ou o substantivo. Existe uma diferença entre o verbo e a palavra. O verbo pertence ao presente activo, ao passo que a palavra é sempre do passado e, portanto, estática. Vocês podem imprimir vitalidade ou movimento ao nome, à palavra, mas ela não é o mesmo que o verbo, que é activamente presente...

Compaixão não é sentimento; não é esta vaga simpatia ou empatia. A compaixão não é algo que vocês possam cultivar por meio do pensamento, da disciplina, do controlo, da supressão, nem pelo facto de serem amáveis, educados, gentis, e tudo o resto. A compaixão só passa a existir quando o pensamento chegou ao fim na sua raiz mais profunda.

Novembro, 27

Compaixão e Bondade

Poderá a compaixão, esse sentido da bondade, esse sentimento da sacralidade da vida sobre o qual falámos da última vez que nos encontrámos — poderá esse sentimento ser provocado através da compulsão? Certamente, quando existe compulsão, seja de que forma for, quando existe propaganda ou moralização, não há compaixão, nem tão-pouco há compaixão quando a mudança é ocasionada apenas pela necessidade de encarar o desafio tecnológico de modo a que os seres humanos continuem a ser seres humanos e não se tornem máquinas. Portanto, tem de haver uma mudança sem causa. Uma mudança provocada por uma causa não é compaixão; é apenas algo que pertence ao âmbito do mercado. Portanto, isto é um problema.

Outro problema é: se eu mudar, de que modo é que isso vai afectar a sociedade? Ou será que eu não estou de todo preocupado com isso? Porque a grande maioria das pessoas não está interessada naquilo de que estamos a falar — nem tão-pouco estarão vocês se estiverem a escutar por mera curiosidade ou por qualquer tipo de impulso, e depois continuarem como até aqui. As máquinas estão a evoluir de uma forma tão rápida que a maioria dos seres humanos está meramente a ser empurrada e não é capaz de encarar a vida com o enriquecimento do amor, com compaixão, com o pensamento profundo. E se eu mudar, de que modo é que isso vai afectar a sociedade? A sociedade não é nenhuma entidade extraordinária e mítica: é a nossa relação uns com os outros, e se dois ou três de nós mudarmos, de que forma é que isso vai afectar o resto do mundo? Ou haverá alguma forma de afectar a totalidade da mente humana?

Isto é, existirá um processo por meio do qual o indivíduo que mudou possa tocar o inconsciente do homem?

Novembro, 28

Transmitir Compaixão

Se eu estiver preocupado com a compaixão... com o amor, com o sentimento verdadeiro de algo sagrado, então como pode esse sentimento ser transmitido? Por favor, sigam isto. Se eu o transmitir através do microfone, através da parafernália da propaganda, e assim convencer outra pessoa, o coração dessa pessoa continuará vazio. A chama da ideologia entrará em acção, e essa pessoa irá apenas repetir, como todos vocês fazem, que devemos ser amáveis, bondosos, livres — todo o disparate de que os políticos, os socialistas, e todos os outros falam. Então, ao ver que nenhuma forma de compulsão, por mais subtil que seja, é capaz de trazer esta beleza, este florescer da bondade, da compaixão, o que pode o indivíduo fazer?...

Qual é a relação entre o homem que tem este sentido da compaixão e o homem cuja mente se encontra entrincheirada no colectivo, no tradicional? Como podemos descobrir a relação entre estes dois, não em termos teóricos, mas efectivamente?...

Aquilo que se adapta nunca pode florescer em bondade. Tem de haver liberdade, e a liberdade só vem quando vocês compreendem todo o problema da inveja, da avidez, da ambição e do desejo de poder. É a liberdade em relação a estas coisas que permite que essa coisa extraordinária chamada carácter possa florir. Um homem assim tem compaixão, sabe o que é amar — não o homem que apenas repete uma série de palavras acerca da moralidade.

Portanto, o florescimento da bondade não reside dentro da sociedade, porque a sociedade é, em si mesma, sempre corrupta. Somente o homem que compreende toda a estrutura e todo o processo da sociedade, e que se está a libertar de tudo isso, tem carácter, e apenas ele pode florescer em bondade.

Novembro, 29

Chegar Até Ela de Mãos Vazias

Não é difícil chegar à compaixão quando o coração não se encontra cheio das astúcias da mente. É a mente, com as suas exigências e os seus medos, com os seus apegos e as suas negações, com as suas determinações e as suas urgências que destrói o amor. E como é difícil ser-se simples a respeito de tudo isto! Vocês não necessitam de filosofias nem de doutrinas para serem gentis e amáveis. Os eficientes e os poderosos da Terra irão organizar tudo para que as pessoas sejam alimentadas e vestidas, para que tenham onde morar e cuidados médicos. Isto é inevitável face ao rápido aumento da produção; é a função de um governo bem organizado e de uma sociedade equilibrada. Mas a organização não oferece a generosidade do coração e da mão. A generosidade vem de uma fonte completamente diferente, uma fonte que está para além de toda a medida. É tão certo que a ambição e a inveja a destroem como é certo que o fogo queima. Esta fonte deve ser tocada, mas devemos chegar até ela de mãos vazias, sem orações, sem sacrifícios. Os livros não podem ensinar, nem tão-pouco pode algum guru conduzir a ela, a esta fonte. Ela não pode ser alcançada por meio do cultivo da virtude, embora a virtude seja necessária, nem por meio da capacidade e da obediência. Quando a mente está serena, sem qualquer movimento, ela está lá. A serenidade não tem motivo, não anseia por conseguir mais.

Novembro, 30

Dezembro

Estar Só

Religião

Deus

Meditação

Existe Beleza em Estar Só

Não sei se já alguma vez se sentiram solitários; quando de repente se apercebem de que não têm nenhuma relação com ninguém — não se trata de um percebimento intelectual, mas de um percebimento factual... e vocês estão completamente isolados. Qualquer forma de pensamento e de emoção se encontra bloqueada; vocês não têm para onde se virar; não há ninguém a quem se possam dirigir; os deuses, os anjos foram todos para além das nuvens, e como as nuvens se desvaneceram, eles também se desvaneceram; vocês estão completamente solitários — não vou usar a palavra sós.

Estar só tem um significado completamente diferente; no estar só existe beleza. Estar só significa algo inteiramente diferente. E vocês têm de estar sós. Quando o homem se liberta da estrutura social da avidez, da inveja, da ambição, da arrogância, da realização, do estatuto — quando ele se liberta de tudo isso, então ele está completamente só. Isso é uma coisa totalmente diferente. Então existe uma grande beleza, o sentimento de grande energia.

Dezembro, 1

Estar Só Não É Estar Solitário

Apesar de sermos todos seres humanos, construímos muros entre nós e os nossos vizinhos através do nacionalismo, da raça, das castas e das classes — o que, por sua vez, alimenta o isolamento, a solidão.

Agora, uma mente que está enredada na solidão, neste estado de isolamento, nunca poderá compreender o que é a religião. Ela pode acreditar, pode ter certas teorias, conceitos, fórmulas, pode tentar identificar-se com aquilo a que chama Deus; mas a religião, parece-me, não tem o que quer que seja que ver com qualquer crença, com qualquer sacerdote, com qualquer igreja ou qualquer assim chamado livro sagrado. O estado da mente religiosa só pode ser compreendido quando começamos a compreender o que é a beleza; e devemos aproximar-nos da compreensão da beleza através de um total estar só. Apenas quando a mente está completamente só, pode saber o que é a beleza, e não em nenhum outro estado.

É óbvio que estar só não é estar isolado, e não é singularidade. Ser único é apenas ser de alguma forma excepcional, ao passo que estar completamente só exige uma sensibilidade extraordinária; inteligência, compreensão. Estar completamente só implica que a mente esteja liberta de qualquer tipo de influência e, por conseguinte, que não esteja contaminada pela sociedade; e ela deve estar só para compreender o que é a religião — o que significa descobrirmos por nós mesmos se existe algo imortal, para além do tempo.

Dezembro, 2

Conhecer a Solidão

A solidão é completamente diferente do estar só. Para estarmos sós, temos de ultrapassar a solidão. A solidão não pode ser comparada com o estar só. O homem que conhece a solidão nunca pode conhecer aquilo que está só. Será que vocês estão nesse estado de estar só? As nossas mentes não estão integradas para estarem sós. O próprio processo da mente gera a separação. E aquilo que separa conhece a solidão.

Mas o estar só não gera separação. É algo que não é a massa, que não é influenciado pela massa, que não é resultado da massa, que não é construído como a mente é; a mente é da massa. A mente não é uma entidade que está só, ela foi construída, acumulada, manufacturada ao longo dos séculos. A mente nunca pode estar só. A mente nunca pode conhecer o que é estar só. Mas ao estarmos atentos à solidão quando a atravessamos, pode acontecer esse estar só. Só então pode ter lugar aquilo que é imensurável. Infelizmente, a maioria de nós procura a dependência. Queremos companheiros, queremos amigos, queremos viver num estado de separação, num estado que origina o conflito. Aquilo que está só nunca está num estado de conflito. Mas a mente nunca pode aperceber-se disso, nunca pode compreendê-lo, apenas pode conhecer a solidão.

Dezembro, 3

Só no Estar Só Existe Inocência

A maioria de nós nunca está só. Podem retirar-se para as montanhas e viver como um eremita, mas quando vocês estão fisicamente sem companhia, estão ainda assim na companhia de todas as vossas ideias, das vossas experiências, das vossas tradições, do vosso conhecimento do passado. O monge cristão que está no mosteiro, na sua cela, não está só; ele está acompanhado do seu Jesus conceptual, da sua teologia, das crenças e dogmas do seu próprio condicionamento. De modo semelhante, o *sannyasi*, na Índia, que se retira do mundo e vive no isolamento também não está só, porque também ele vive na companhia das suas memórias.

Estou a falar de um estado de estar só no qual a mente se encontra totalmente liberta do passado, e apenas uma tal mente é virtuosa, porque somente neste estar só pode existir inocência. Talvez vocês digam: «É demasiado pedir isso. Não se pode viver dessa forma neste mundo caótico, onde temos de ir para o escritório todos os dias, ganhar o nosso sustento, criar os filhos, aturar as resmunguices da mulher ou do marido, e tudo o resto.» Mas eu penso que aquilo que tem estado a ser dito está directamente relacionado com a vida e a acção quotidianas; de outro modo não teria qualquer valor. Compreendem, deste estar só nasce uma virtude que é viril e que traz um extraordinário sentido de pureza e de amabilidade. Não importa se cometemos erros; isso tem muito pouca importância. O que importa é termos este sentimento de estarmos completamente sós, impolutos, porque é apenas uma mente assim que pode conhecer ou estar atenta àquilo que está para além da palavra, para além do nome, para além de todas as projecções da imaginação.

Dezembro, 4

Aquele que Está Só É Inocente

Um dos factores de tristeza é a extraordinária solidão do homem. Vocês podem ter companheiros, deuses, uma grande quantidade de conhecimentos, podem ser extraordinariamente activos em termos sociais, tagarelando incessantemente sobre política — a verdade é que a maioria dos políticos pratica a tagarelice —, e, no entanto, esta solidão permanece. Consequentemente, o homem procura encontrar significado na vida e assim inventa um significado. Mas, ainda assim, a solidão continua lá. Portanto, será que vocês conseguem olhar para isto sem fazerem qualquer comparação, vê-lo apenas com é, sem tentarem fugir-lhe, sem tentarem encobri-lo ou escapar-lhe? Então poderão ver que a solidão se torna algo inteiramente diferente.

Nós não estamos sós. Somos o resultado de mil e uma influências, de mil e um condicionamentos, de heranças psicológicas, de propaganda, de cultura. Nós não estamos sós, e por conseguinte somos seres humanos em segunda mão. Quando se está só, totalmente só, sem pertencer a nenhuma família, embora se possa ter família, sem se pertencer a nenhuma nação, a nenhuma cultura, a nenhum compromisso em particular, há a sensação de se ser um estrangeiro — um estrangeiro a qualquer forma de pensamento, de acção, de família, de nação. E é somente aquele que está completamente só que é inocente. É esta inocência que liberta a mente da tristeza.

Dezembro, 5

Criar Um Mundo Novo

Se vocês quiserem criar um mundo novo, uma nova civilização, uma nova arte, tudo novo, sem ser contaminado pela tradição, pelo medo, pelas ambições, se vocês querem criar algo anónimo que é vosso e é meu, uma nova sociedade, juntos, na qual não existe vocês e eu, mas um «sentido de nós», não tem de haver, para isso, uma mente que seja completamente anónima, e por conseguinte só? Isto implica, não é verdade, que tem de haver uma revolta contra a conformidade, uma revolta contra a respeitabilidade, porque o homem respeitável é o homem medíocre porque quer algo — está dependente da influência para ser feliz, do que o seu vizinho pensa, do que o seu guru pensa, do que o Bhagavad-Gita, ou os Upanishades, ou a Bíblia, ou o Cristo dizem. A sua mente nunca está só. Ele nunca caminha só, mas sempre com companhia, com a companhia das suas ideias.

Será que não é importante descobrir, ver todo o significado da interferência, da influência, da implementação do «eu», que é o contrário do anónimo? Ao vermos tudo isto, não se levantará inevitavelmente a questão: será possível fazer surgir de forma imediata esse estado da mente que não se encontra influenciado, que não pode ser influenciado pela sua própria experiência ou pela experiência dos outros, uma mente que é incorruptível, que está só? É somente então que existe a possibilidade de fazer surgir um mundo diferente, uma cultura diferente, uma sociedade diferente na qual a felicidade é possível.

Dezembro, 6

Um Estar Só no qual Não Existe Medo

Só quando a mente é capaz de abandonar todas as influências, todas as interferências, quando é capaz de estar completamente só... pode existir criatividade.

No mundo, está a ser desenvolvida cada vez mais tecnologia — a técnica de influenciar as pessoas por meio da propaganda, da compulsão, da imitação... Escrevem-se inúmeros livros que ensinam a fazer uma mesma coisa, que ensinam como pensar de forma eficaz, como construir uma casa, como montar máquinas; e assim, gradualmente, nós estamos a perder a iniciativa, a iniciativa de pensar em algo original por nós mesmos. Na nossa educação, na nossa relação com o governo, por vários meios, somos influenciados a ajustarmo-nos, a imitar. E quando nós permitimos que uma influência nos persuada a uma determinada atitude ou acção, estamos naturalmente a criar resistências em relação a outras influências. Nesse mesmo processo de criar uma resistência a outra influência, não estamos a sucumbir-lhe pela negativa?

Não deverá a mente estar sempre em revolta de modo a poder compreender as influências que estão constantemente a impingir, a interferir, a controlar, a moldar? Não será esse um dos factores da mente medíocre que está permanentemente receosa e que, ao encontrar-se num estado de confusão, quer ordem, quer consistência, quer uma forma, uma configuração por meio da qual possa ser guiada e controlada. E, no entanto, estas formas, estas diversas influências geram contradições no indivíduo, geram confusão no indivíduo... Qualquer escolha entre influências é certamente ainda um estado de mediocridade.

...Não deverá a mente ter a capacidade de sondar — sem imitar, sem ser moldada — e de estar sem medo? Não deverá uma tal mente estar só e por conseguinte ser criativa? Essa criatividade não é vossa nem minha, é anónima.

Dezembro, 7

Começar Aqui

Um homem religioso não procura Deus. O homem religioso está interessado na transformação da sociedade, que é ele mesmo. O homem religioso não é aquele que pratica inúmeros rituais, que segue tradições, que vive numa cultura passada e morta, a explicar incessantemente o Gita ou a Bíblia, sempre a entoar cânticos ou a tomar *sannyasa* — esse não é um homem religioso; um tal homem está a fugir aos factos. O homem religioso está total e completamente interessado em compreender a sociedade, que é ele mesmo. Ele não está separado da sociedade. Fazer surgir nele próprio uma mutação total e completa significa o cessar de toda a avidez, inveja, ambição; e portanto, ele não se encontra dependente das circunstâncias, embora ele seja o resultado das circunstâncias — da comida que ingere, dos livros que lê, dos filmes que vê, dos dogmas religiosos, das crenças, dos rituais, e de tudo isso. Ele é responsável, e como tal o homem religioso deve compreender-se a si mesmo, deve compreender que é o produto da sociedade que ele mesmo criou. Assim, para descobrir a realidade, ele deve começar aqui, não num templo, não numa imagem, seja a imagem gravada pela mão ou pela mente. De outro modo, como pode ele descobrir algo totalmente novo, um novo estado?

Dezembro, 8

O Homem Religioso É Explosivo

Poderemos descobrir por nós mesmos o que é a mente religiosa? O cientista, no seu laboratório, é realmente um cientista; ele não é persuadido pelo seu nacionalismo, pelos seus medos, pelas suas vaidades, ambições e exigências locais; ali ele está apenas a investigar. Contudo, fora do laboratório, ele é como qualquer outra pessoa, com os seus preconceitos, com as suas ambições, com a sua nacionalidade, com as suas vaidades, com os seus ciúmes e com tudo o resto. Uma mente assim não se pode aproximar da mente religiosa. A mente religiosa não funciona a partir de um centro de autoridade, seja ele conhecimento acumulado sob a forma de tradição, seja experiência — que é na verdade a continuação da tradição, a continuação do condicionamento. O espírito religioso não pensa em termos de tempo, de resultados imediatos, da reforma imediata dentro do padrão da sociedade... Dissemos que a mente religiosa não é uma mente ritualista; ela não pertence a nenhuma igreja, a nenhum grupo, a nenhum padrão de pensamento. A mente religiosa é a mente que entrou no desconhecido e não se pode chegar ao desconhecido senão saltando para ele; não se pode calcular cuidadosamente e então entrar no desconhecido. A mente religiosa é a mente que é verdadeiramente revolucionária, e a mente revolucionária não é uma reacção ao que foi. A mente religiosa é verdadeiramente explosiva, criativa — não no sentido comummente aceite da palavra *criativa*, como num poema, numa decoração, num edifício, na arquitectura, na música, na poesia e em tudo isso —, ela está num estado de criação.

Dezembro, 9

A Oração É uma Questão Complexa

Tal como acontece com todos os problemas humanos profundos, a oração é uma questão complexa e que não deve ser tratada à pressa: requer paciência, uma investigação cuidada e tolerante, e não podemos exigir conclusões e decisões definitivas. Se não se conhecer a si mesmo, aquele que ora pode, através da sua própria oração, ser conduzido à auto-ilusão. Por vezes ouvimos as pessoas dizerem, e muitas mo disseram, que quando oram àquele a quem chamam Deus no sentido de obterem coisas terrenas, as suas preces são muitas vezes atendidas. Se eles tiverem fé, e dependendo da intensidade das suas orações, aquilo que procuram — saúde, conforto, bens terrenos — ser-lhes-á concedido. Se uma pessoa tiver o hábito de fazer pedidos através das suas orações, ela poderá receber o que pediu, e isto fortalece as súplicas. Depois há a oração que não é uma súplica por bens terrenos ou por pessoas, mas uma súplica por experimentar a realidade, Deus, que frequentemente não é atendida; e existem ainda outras formas de orações suplicantes, mais subtis e tortuosas, mas que também suplicam, pedem e oferecem. Todas estas orações têm a sua recompensa, trazem as suas próprias experiências; mas será que conduzem à compreensão da realidade última?

Não somos nós o resultado do passado, e não estamos nós, por conseguinte, relacionados com o imenso reservatório de avidez e ódio, com os seus opostos? Certamente quando fazemos um pedido ou oferecemos uma oração de súplica, estamos a apelar para esse reservatório de avidez acumulada, e tudo o resto, que dá de facto a sua própria recompensa, e tem o seu próprio preço... Poderá a súplica a outrem, a algo exterior, fazer brotar a compreensão da verdade?

Dezembro, 10

A Resposta à Oração

A oração, que é uma súplica, um pedido, nunca pode descobrir aquela realidade que não é o resultado de uma exigência. Nós só exigimos, suplicamos, oramos quando nos encontramos imersos na confusão, na tristeza; e como não compreendemos essa confusão e essa tristeza, recorremos a outrem. A resposta à oração é a nossa própria projecção; de uma forma ou de outra, ela é sempre satisfatória, gratificante, de outro modo nós rejeitá-la-íamos. Assim, quando alguém aprendeu o truque de aquietar a mente por meio da repetição, essa pessoa mantém o hábito, mas a resposta à súplica é, obviamente, moldada de acordo com o desejo da pessoa que faz o pedido. Agora, a oração, a súplica, o pedido nunca podem descobrir aquilo que não é a projecção da mente. Para se encontrar aquilo que não é fabricado pela mente, a mente tem de estar tranquila — não aquietada pela repetição de palavras, o que é auto-hipnose, nem por nenhum outro meio de serenar a mente.

A serenidade que é induzida, forçada, não é de todo serenidade. É como colocar uma criança de castigo a um canto — à superfície ela pode estar quieta, mas por dentro está a ferver. Portanto uma mente que foi forçada a serenar por meio da disciplina nunca é uma mente verdadeiramente serena, e a tranquilidade que é induzida nunca pode descobrir aquele estado criativo no qual a realidade passa a existir.

Dezembro, 11

Será a Religião Uma Questão de Crença?

A religião, tal como normalmente a conhecemos ou entendemos, é constituída por uma série de crenças, de dogmas, de rituais, de superstições, da adoração de ídolos, de charmes e de gurus que vos conduzirão àquilo que vocês desejam como objectivo fundamental. A verdade fundamental é uma projecção vossa, é aquilo que vocês desejam, que vos fará felizes, que vos dará uma certeza da existência de um estado que é eterno. Assim, a mente que está enredada em tudo isto cria uma religião, uma religião de dogmas, de sacerdócio, de superstições e idolatrias — e é nisso que vocês são apanhados, e a mente fica estagnada. Será isso a religião? Será a religião uma questão de crença, uma questão de conhecer as experiências e as afirmações das outras pessoas? Ou será a religião apenas o seguir a moralidade? Vocês sabem, é comparativamente fácil ser-se moral — fazer isto e não fazer aquilo. Como é fácil, vocês podem imitar um sistema moral. Por detrás dessa moralidade espreita o eu, a crescer, a expandir-se, agressivo, dominador. Mas será isso a religião?

Vocês têm de descobrir o que é a verdade, porque essa é a única coisa que importa, não se vocês são ricos ou pobres, não se vocês têm um casamento feliz e com filhos, porque tudo isso acaba, existe sempre a morte. Portanto, vocês devem descobri-lo sem recorrerem a qualquer forma de crença; vocês devem ter o vigor, a autoconfiança, a iniciativa para poderem saber o que é a verdade, o que é Deus, por vós mesmos. A crença não vos trará nada; a crença apenas corrompe, cega, obscurece. A mente só se pode libertar através do vigor, da autoconfiança.

Dezembro, 12

Existirá Alguma Verdade nas Religiões?

A questão é esta: não existirá nenhuma verdade nas religiões, nas teorias, nos ideais, nas crenças? Vamos examiná-la. O que entendemos por religião? Certamente não nos estamos a referir à religião organizada, ao Hinduísmo, ao Budismo ou ao Cristianismo — que são todos crenças organizadas, com a sua propaganda, conversão, proselitismo, compulsão e tudo o mais. Haverá alguma verdade na religião organizada? A religião organizada pode apoderar-se da verdade, enredar-se na verdade, mas nunca é, ela mesma, verdadeira. Por conseguinte, a religião organizada é falsa, separa os homens uns dos outros. Vocês são muçulmanos, eu sou hindu, outra pessoa é cristã ou budista — e estamos a combater-nos, a massacrar-nos uns aos outros. Haverá alguma verdade nisso? Não estamos a discutir a religião enquanto busca da verdade, mas estamos a investigar se haverá alguma verdade na religião organizada. A religião organizada condicionou-nos de tal modo a pensarmos que encerra uma verdade que nós passámos a *acreditar que pelo facto de dizermos que somos hindus somos* alguém ou encontraremos Deus. Que absurdo, meus senhores; para se encontrar Deus, para se encontrar a realidade tem de haver virtude.

A virtude é liberdade, e é somente através da liberdade que a verdade pode ser descoberta — não quando se está apanhado nas mãos da religião organizada, com as suas crenças. E haverá alguma verdade nas teorias, nos ideais, nas crenças? Por que têm vocês crenças? Obviamente é porque as crenças vos dão segurança, conforto, uma direcção. Em vós mesmos, vocês estão assustados, desejam ser protegidos, querem apoiar-se em alguém e, por conseguinte, criam o ideal, que vos impede de compreenderem *o que é*. Assim, um ideal torna-se um impedimento à acção.

Dezembro, 13

Para se Subir Alto, Tem de Se Começar por Baixo

As organizações religiosas tornam-se tão fixas e rígidas quanto os pensamentos daqueles que pertencem a elas. A vida é uma mudança constante, um contínuo vir a ser, uma revolução sem fim, e como uma organização nunca pode ser flexível, ela atravanca o caminho da mudança; torna-se reaccionária para se proteger. A busca da verdade é individual, não congregacional. Para se estar em comunhão com o real, tem de se estar só; não estou a querer dizer que se tem de estar isolado, mas liberto de toda a influência e opinião. As organizações do pensamento tornam-se inevitavelmente impedimentos ao pensamento.

Como vocês sabem, a avidez de poder é quase inesgotável numa assim chamada organização espiritual; esta avidez é encoberta por todo o tipo de palavras doces e evocativas de algo oficial, mas o cancro da avidez, do orgulho, do antagonismo é alimentado e partilhado. A partir daqui crescem o conflito, a intolerância, o sectarismo e outras manifestações muito pouco bonitas.

Não seria mais sensato ter pequenos grupos informados de vinte ou vinte e cinco pessoas, sem deveres de membro, que se encontrassem onde lhes fosse mais conveniente para discutirem amavelmente a aproximação à realidade? Para evitar que qualquer dos grupos se tornasse elitista, cada membro podia, de tempos a tempos, encorajar e talvez juntar-se a outro pequeno grupo; assim, ele seria aberto, em vez de estreito e paroquial.

Para se subir alto, temos de começar por baixo. A partir deste pequeno começo, podemos ajudar a criar um mundo mais são e feliz.

Dezembro, 14

Os Vossos Deuses Estão a Dividir-vos

O que está a acontecer no mundo? Temos um Deus cristão, deuses hindus, os seguidores de Maomé com o seu próprio conceito de Deus — cada pequena seita com a sua verdade particular; e todas estas verdades estão a transformar-se em muitas doenças para o mundo, a separar as pessoas. Estas verdades, nas mãos de meia dúzia, estão a tornar-se meios de exploração. Vocês vão a cada uma delas, uma após outra, provando-as a todas, porque estão a começar a perder qualquer sentido de discriminação, porque vocês estão a sofrer e querem um remédio, e aceitam qualquer remédio que vos seja oferecido por qualquer seita, seja ela cristã, hindu ou qualquer outra. Então, o que está a acontecer? Os vossos deuses estão a dividir-vos, as vossas crenças em Deus estão a dividir-vos e vocês ainda continuam a falar sobre a irmandade do homem, sobre a unidade em Deus, e ao mesmo tempo negam exactamente aquilo que querem descobrir, porque se agarram a estas crenças como o meio mais potente para destruir a limitação quando na verdade elas não fazem senão intensificá-la. Tudo isto é tão óbvio.

Dezembro, 15

A Verdadeira Religião

Sabem o que é a religião? Ela não reside nos cânticos, ela não reside no desempenho do *puja*, ou em qualquer outro ritual, ela não reside na veneração de deuses de latão ou de imagens de pedra, não se encontra nos templos ou nas igrejas, não se encontra na leitura da Bíblia ou do Gita, não está na repetição de um nome sagrado ou no acto de seguirmos qualquer outra superstição inventada pelos homens. Nada disto é a religião.

A religião é o sentimento da bondade, aquele amor que é como um rio, a viver, a mover-se eternamente. Nesse estado vocês descobrirão que chega um momento em que já não há qualquer busca; e este terminar da busca é o início de algo totalmente diferente. A busca de Deus, da verdade, o sentimento de ser completamente bom — não o cultivo da bondade, da humildade, mas a procura de algo que está para além das invenções e dos truques da mente, o que significa ter um sentimento por esse algo, viver nesse algo, ser esse algo — *isso* é a verdadeira religião. Mas vocês só poderão fazê-lo quando abandonarem o charco que escavaram para vocês mesmos e saírem para o rio da vida. Quando tal acontece, a vida tem uma maneira surpreendente de tomar conta de vós, porque nessa altura não há nenhum cuidado da vossa parte. A vida leva-vos para onde ela quer, porque vocês são parte dela; então não existe nenhum problema de segurança, do que as pessoas possam dizer ou deixar de dizer, e essa é a beleza da vida.

Dezembro, 16

Uma Fuga Maravilhosa

Qual é o ímpeto por detrás da busca de Deus? E será essa busca real? Para a maioria de nós ela constitui uma fuga à realidade. Portanto, nós devemos ser muito claros connosco mesmos para podermos perceber se esta busca de Deus é uma fuga, ou se é uma busca da verdade em todas as coisas — a verdade nos nossos relacionamentos, a verdade no valor das coisas, a verdade nas ideias. Se procuramos Deus apenas porque estamos cansados deste mundo e dos seus sofrimentos, então trata-se de uma fuga. Então somos nós a criar Deus e como tal não é Deus. É óbvio que o Deus dos templos, dos livros não é Deus — é uma fuga maravilhosa. Mas se tentarmos encontrar a verdade, não apenas *num determinado conjunto* de acções, mas em todas as nossas acções, ideias e relacionamentos, se procurarmos a avaliação certa da comida, da roupa e do abrigo, então, como as nossas mentes são capazes de ter clareza e compreensão, quando procurarmos a realidade iremos encontrá-la. Então, não se tratará de uma fuga. Mas se nos encontrarmos confusos no que respeita às coisas do mundo — à comida, à roupa, ao abrigo, aos relacionamentos e às ideias — como poderemos descobrir a realidade? Só poderemos inventar a realidade. Portanto, Deus, a verdade, ou realidade não pode ser conhecida por uma mente que se encontre confusa, condicionada, limitada. Como pode uma mente assim pensar na realidade, em Deus? Primeiro ela terá de se descondicionar. Terá de se libertar das suas próprias limitações, e só então poderá saber o que é Deus, e nunca antes, como é óbvio. A realidade é o desconhecido, e aquilo que é conhecido não é o real.

Dezembro, 17

O Vosso Deus Não É Deus

Um homem que acredite em Deus nunca poderá encontrá-lo. Se vocês estiverem abertos à realidade, não podem ter nenhuma crença na realidade. Se vocês estiverem abertos ao desconhecido, não podem ter nenhuma crença nele. Afinal, a crença é uma forma de autoprotecção, e só uma mente mesquinha pode acreditar em Deus. Olhem para a crença dos aviadores da Segunda Guerra Mundial que diziam que Deus era a sua companhia enquanto iam deitando bombas! Portanto, vocês acreditam em Deus enquanto estão a matar, enquanto estão a explorar as pessoas. Vocês veneram a Deus e continuam, implacavelmente, a extorquir dinheiro, a sustentar o exército — e no entanto dizem que acreditam na misericórdia, na compaixão, na bondade... Enquanto existir a crença nunca poderá surgir o desconhecido; não se pode pensar sobre o desconhecido, o pensamento não o pode medir. A mente é o produto do passado, é o resultado de ontem, e poderá uma mente assim estar aberta ao desconhecido? Ela só pode projectar uma imagem, mas essa projecção não é real; portanto, o vosso Deus não é Deus — é uma imagem da vossa própria autoria, uma imagem da vossa própria satisfação. Só pode existir a realidade quando a mente compreende a totalidade do seu próprio processo e chega a um fim. É só quando a mente está completamente vazia que se torna capaz de receber o desconhecido. A mente não se encontra pura senão quando compreende o conteúdo do relacionamento — do seu relacionamento com os bens, com as pessoas —, senão quando estabelece o relacionamento certo com tudo o que existe. Enquanto não compreender todo o processo do conflito, a mente não pode ser livre. É só quando a mente está completamente silenciosa, completamente inactiva, sem estar a projectar, quando não procura e está inteiramente tranquila — é só nessa altura que ganha existência aquilo que é eterno e intemporal.

Dezembro, 18

O Homem Religioso

Qual é esse estado da mente que diz: «Eu não sei se existe Deus, se existe o amor», isto é, quando não há nenhuma resposta da memória? Por favor, não respondam de imediato a esta pergunta para vós mesmos, porque se o fizerem, a vossa resposta será um mero reconhecimento daquilo que vocês pensam que ela deve ou não deve ser. Se vocês disserem: «É um estado de negação», estão a comparar esse estado a que me referi com algo que vocês já conhecem; e assim, aquele estado em que vocês dizem: «Não sei» não pode existir...

Portanto, a mente que é capaz de dizer: «Não sei» está no único estado no qual tudo pode ser descoberto. Mas o homem que diz: «Eu sei», o homem que estudou até à exaustão as multiplicidades da experiência humana e cuja mente se encontra sobrecarregada de informação, de conhecimento enciclopédico, poderá ele alguma vez experimentar algo que não pode ser acumulado? Ele irá considerar isso extremamente difícil. É só quando a mente coloca completamente de lado todo o conhecimento que adquiriu, quando para ela não existem Budas, Cristos, Mestres, professores, religiões, citações; quando a mente se encontra completamente só, impoluta, o que significa que o movimento do conhecido cessou — é só então que há a possibilidade de se dar uma tremenda revolução, uma mudança fundamental... O homem religioso é aquele que não pertence a nenhuma religião, a nenhuma nação, a nenhuma raça, que, interiormente, se encontra completamente só, num estado de não-saber, e para ele chega a bênção do sagrado.

Dezembro, 19

Não Sei

Se conseguirmos realmente chegar a esse estado de dizer: «Não sei», isso indica um extraordinário sentido de humildade; não há nenhuma arrogância de conhecimento; nenhuma resposta de afirmação de si mesmo com o intuito de impressionar os outros. Quando vocês poderem realmente dizer: «Não sei», o que muito poucos conseguem, então, nesse estado, todo o medo desaparece, porque todo o reconhecimento, toda a busca na memória, chegou ao fim; deixa de haver a investigação no campo do conhecido. Então surge esse algo que é extraordinário. Se estiveram a seguir o que eu disse até aqui, não apenas ao nível verbal, mas se estiverem de facto a experimentar o que estou a dizer, vão descobrir que quando são capazes de dizer: «Não sei» todo o condicionamento chegou ao fim. E qual é então o estado da mente?...

Nós procuramos algo permanente — permanente no sentido do tempo, algo que perdure, eterno. Constatamos que tudo em nosso redor é transitório, num fluxo, nascer, florescer e morrer, e a nossa busca é sempre por descobrir algo que possa perdurar no campo do conhecido. Mas aquilo que é verdadeiramente sagrado está para além da medida do tempo; não pode ser encontrado dentro do campo do conhecido. O conhecido actua apenas através do pensamento, que é a resposta da memória ao desafio. Se eu for capaz de observar isso e quiser descobrir como posso terminar o processo do pensamento, como posso fazê-lo? Certamente deverei, por meio do autoconhecimento, estar atento a todo o processo do meu pensamento. Devo ser capaz de ver que cada pensamento, por mais subtil ou elevado, ignóbil ou estúpido, tem as suas raízes no conhecido, na memória. Se eu for capaz de ver isso com muita clareza, então a mente, quando confrontada com um imenso problema, é capaz de dizer: «Não sei», porque ela não tem qualquer resposta.

Dezembro, 20

Para Além das Limitações das Crenças

Para mim, é tão absurdo ser teísta como ser ateu. Se vocês soubessem o que é a verdade, o que é Deus, não seriam teístas nem ateus, porque nessa consciência do que é Deus a crença não é necessária. É somente o homem que não tem essa consciência, que apenas supõe e tem esperança, que procura a crença ou a ausência dela para se apoiar e para que o conduzam a agir de uma determinada forma.

Agora, se vocês tiverem uma aproximação completamente diferente, descobrirão por vós mesmos, enquanto indivíduos, algo real que está para além de todas as limitações das crenças, para além da ilusão das palavras. Mas isso — a descoberta da verdade, ou Deus — exige uma grande inteligência, que não é a afirmação da crença ou da descrença, mas o reconhecimento dos impedimentos criados pela falta de inteligência. Portanto, para descobrir Deus, ou a verdade — e digo-vos que Deus, a verdade, existe, eu compreendi-a —, para a conhecer, para a compreender, a mente deve estar liberta de todos os impedimentos que foram criados ao longo dos tempos, baseados na autoprotecção e na segurança. Vocês não conseguem libertar-se da segurança apenas por dizerem que estão libertos dela. Para penetrarem nos muros destes impedimentos, vocês necessitam de uma grande dose de inteligência, não do mero intelecto. Para mim, a inteligência é a perfeita harmonia entre a mente e o coração; e então descobrirão por vós mesmos, sem perguntarem a ninguém, o que é essa realidade.

Dezembro, 21

Livre da Rede do Tempo

Sem a meditação, não há autoconhecimento; sem autoconhecimento, não há meditação. Portanto, vocês devem começar por saber o que são. Não podem ir longe sem começarem pelo que vos está próximo, sem compreenderem o vosso processo diário de pensamento, sentimento e acção. Por outras palavras, o pensamento deve compreender o seu próprio funcionamento, e quando vocês se observam a vós mesmos em acção, poderão observar que o pensamento se move do conhecido para o conhecido. Vocês não conseguem pensar sobre o desconhecido. Aquilo que vocês conhecem não é real, porque o que vocês conhecem pertence apenas ao tempo. O que é importante é libertarem-se da rede do tempo, não pensar sobre o desconhecido, porque vocês não podem pensar sobre o desconhecido. As respostas às vossas orações são do conhecido. Para receber o desconhecido, a mente deve tornar-se ela mesma o desconhecido. A mente é o resultado do processo do pensamento, o resultado do tempo, e este processo do pensamento deve cessar. A mente não pode pensar sobre aquilo que é eterno, intemporal; Por conseguinte, a mente deve libertar-se do tempo, o processo do tempo da mente deve dissolver-se. Só quando a mente se encontra completamente liberta do ontem, e não está, como tal, a utilizar o presente como um meio de chegar ao futuro, é que é capaz de receber o eterno... Assim, o que importa na meditação é conhecermo-nos a nós mesmos, não apenas superficialmente, mas todo o conteúdo da consciência interior, oculta. Sem conhecerem tudo isso e sem estarem libertos de todo o seu condicionamento, vocês não podem ir além dos limites da mente. É por isso que o processo do pensamento deve cessar, e para que isso aconteça tem de haver o autoconhecimento. Assim, a meditação é o princípio da sabedoria, que é a compreensão da nossa mente e do nosso coração.

Dezembro, 22

Meditação

Vamos investigar, passo a passo, o que é a meditação. Por favor, não estejam até ao fim na esperança de ficarem com uma descrição completa de como meditar. O que estamos a fazer neste momento faz parte da meditação.

Então, o que temos de fazer é estar atentos ao pensador, e não tentarmos resolver a contradição e fazer surgir a integração do pensamento e do pensador. O pensador é a entidade psicológica que acumulou experiência sob a forma de conhecimento; é o centro ligado ao tempo que é o resultado da influência do meio eternamente em mudança, e a partir deste centro ele olha, escuta, experimenta. Enquanto não compreendermos a estrutura e a anatomia deste centro, haverá sempre conflito, e uma mente que está em conflito não pode compreender a profundidade e a beleza da meditação.

Na meditação não pode haver nenhum pensador, o que significa que o pensamento tem de chegar ao fim — o pensamento que é impulsionado pelo desejo de alcançar um resultado. A meditação não tem nada que ver com a obtenção de um resultado. Não se trata de respirar de uma determinada forma, ou de olhar para o nariz, ou de fazer despertar o poder de efectuar determinados truques, nem de nada do resto de todo esse disparate infantil... A meditação não é algo separado da vida. Quando vocês estão a conduzir um automóvel ou sentados num autocarro, quando vocês estão a conversar sem um propósito definido, quando passeiam sozinhos num bosque ou observam uma borboleta a ser levada pela brisa — prestar uma atenção sem escolha a tudo isto é parte da meditação.

Dezembro, 23

Conhecer Todo o Conteúdo de Um Pensamento

Não ser nada é o princípio da liberdade. Portanto, se vocês forem capazes de sentir, de investigar isto, descobrirão, à medida que vão tomando consciência, que não são livres, que estão amarrados a muitas coisas diferentes, e que, ao mesmo tempo, a mente tem a esperança de ser livre. E podem observar que as duas coisas são contraditórias. Portanto, a mente tem de investigar por que se agarra ao que quer que seja. Tudo isto implica um trabalho árduo. Trata-se de algo muito mais árduo do que ir para o escritório, do que qualquer trabalho físico, do que todas as ciências juntas. Como a mente humilde e inteligente se interessa por si mesma sem estar centrada em si mesma, ela tem de estar extraordinariamente alerta, consciente, e isso significa um trabalho verdadeiramente árduo a cada dia, a cada hora, a cada minuto... Isto exige um trabalho persistente, porque a liberdade não surge com facilidade. Tudo contribui para impedir que ela surja — a vossa mulher, o vosso marido, o vosso filho, o vosso vizinho, os vossos deuses, as vossas religiões, a vossa tradição. Tudo isto vos impede, mas vocês criaram tudo isso porque querem ter segurança. E a mente que busca a segurança nunca pode encontrá-la. Se observaram um pouco o mundo, sabem que não existe uma tal coisa a que se possa chamar segurança. A mulher morre, o marido morre, o filho vai-se embora — algo acontece. A vida não é estática, embora nós desejássemos torná-la assim. Nenhuma relação é estática, porque toda a vida é movimento. Isto é algo a ser compreendido, a verdade a ser observada, sentida, não algo para ser discutido. Então vocês verão, à medida que começarem a investigar, que se trata na verdade de um processo de meditação.

Mas não se deixem hipnotizar por essa palavra. Estar atento a cada pensamento, saber a fonte que lhe deu origem e qual é a sua intenção — isso é meditação. E conhecer todo o conteúdo de um pensamento revela todo o processo da mente.

Dezembro, 24

Atear a Chama da Atenção a Si Mesmo

Se vocês acham que é difícil estar atento, então experimentem escrever cada pensamento e cada sentimento que surge ao longo do dia; escrevam as vossas reacções de ciúme, inveja, vaidade, sensualidade, as intenções por detrás das vossas palavras e assim por diante.

Dediquem algum tempo antes do pequeno-almoço a escrevê-las — o que pode implicar ir para a cama mais cedo e abdicar de algumas actividades sociais. Se vocês tomarem nota destas coisas sempre que puderem, e se à noite, antes de adormecerem, olharem para tudo aquilo que escreveram ao longo do dia, o estudarem e examinarem sem julgamento, sem condenação, vão começar a descobrir as causas ocultas dos vossos pensamentos e sentimentos, desejos e palavras...

Agora, aquilo que é importante é estudar com uma inteligência livre tudo aquilo de que tomaram nota, e ao fazê-lo, vocês vão tomar consciência do vosso próprio estado. Na chama da atenção a si mesmo, do autoconhecimento, são descobertas e consumidas as causas do conflito. Devem continuar a escrever os vossos pensamentos e sentimentos, intenções e reacções, não uma ou duas vezes, mas durante uma série de dias até que vocês sejam capazes de estar intensamente conscientes deles...

A meditação não se resume a uma constante atenção a si mesmo, mas é também um constante abandono do eu. Do pensar correcto nasce a meditação, da qual vem a tranquilidade da sabedoria; e nessa serenidade o mais elevado é compreendido.

Escrever o que pensamos e sentimos, os nossos desejos e reacções, dá origem a uma atenção interior, à cooperação do inconsciente com o consciente, e isto, por sua vez, leva à integração e à compreensão.

Dezembro, 25

A Forma de Meditação

Será a verdade algo conclusivo, absoluto, fixo? Nós gostaríamos que ela fosse absoluta porque então poderíamos abrigar-nos nela. Gostaríamos que ela fosse permanente porque então poderíamos agarrar-nos a ela, descobrir a felicidade nela. Mas será a verdade absoluta, contínua, algo que deve ser experimentado uma e outra vez? A repetição da experiência é o mero cultivo da memória, não é verdade? Em momentos de tranquilidade, posso experimentar uma certa verdade, mas se me agarrar a essa experiência através da memória e a tornar absoluta, fixa — será isso a verdade? Será a verdade a continuação, o cultivo da memória? Ou só poderá a verdade ser encontrada quando a mente está completamente tranquila? Quando a mente não está enredada nas memórias, quando não está a cultivar a memória como o centro do reconhecimento, mas está atenta a tudo o que estou a dizer, a tudo o que estou a fazer nos meus relacionamentos, nas minhas actividades, vendo a verdade de tudo tal como é de momento a momento — certamente essa é a forma de meditação, não é verdade? Só existe compreensão quando a mente está tranquila, e a mente não pode estar tranquila enquanto for ignorante em relação ao que ela mesma é. Essa ignorância não pode ser dispersada por nenhuma forma de disciplina, por nenhuma autoridade, antiga ou moderna. A crença apenas cria resistência, isolamento, e onde há isolamento, não há nenhuma possibilidade de tranquilidade. A tranquilidade só surge quando eu compreendo todo o processo de mim mesmo — as várias entidades em conflito umas com as outras que compõem o «eu». Como essa é uma tarefa árdua, nós voltamo-nos para os outros para aprendermos diversos truques a que chamamos meditação. A meditação é o princípio do autoconhecimento, e sem a meditação não pode haver autoconhecimento.

Dezembro, 26

Uma Mente no Estado de Criação

A meditação é o esvaziar da mente de todas as coisas que ela juntou. Se vocês fizerem isso — talvez vocês não o façam, mas não importa, apenas escutem isto — vão descobrir que existe um espaço extraordinário na mente, e esse espaço é liberdade. Portanto, vocês devem exigir liberdade logo desde o princípio, e não devem apenas esperar, na esperança de a terem no final. Devem tentar descobrir a importância da liberdade no vosso trabalho, nos vossos relacionamentos, em tudo aquilo que fazem. Então, descobrirão que a meditação é criação.

Criação é uma palavra que todos nós utilizamos de uma forma tão corrente, tão fácil. Um pintor coloca algumas cores numa tela e fica tremendamente excitado com isso. É a sua realização, o meio através do qual ele se expressa; é o seu mercado, no qual pode ganhar dinheiro e reputação — e ele chama a isso «criação»! Todos os escritores «criam», e existem escolas de escrita criativa, mas nada disso tem o que quer que seja que ver com criação. Tudo isso é a resposta condicionada de uma mente que vive numa determinada sociedade.

A criação de que estou a falar é algo inteiramente diferente. É uma mente que se encontra no estado de criação. Ela pode ou não expressar esse estado. A expressão tem muito pouco valor. Esse estado de criação não tem qualquer causa, e, por conseguinte, uma mente nesse estado está a cada momento a morrer, e a viver, e a amar, e a ser. A totalidade disto é meditação.

Dezembro, 27

Colocar o Alicerce de Modo Instantâneo

Uma mente tranquila não procura qualquer tipo de experiência. E se ela não estiver à procura e consequentemente estiver completamente tranquila, sem nenhum movimento do passado e portanto liberta do conhecido, então vocês descobrirão, se tiverem chegado lá, que se dá um movimento do desconhecido que não é reconhecido, que não é traduzível, que não pode ser colocado em palavras — então vocês descobrirão que se dá um movimento que é do imenso. Esse movimento é do intemporal, porque nele não existe tempo, nem tão-pouco espaço, nem nada a ser experimentado, nada a ser obtido, alcançado. Uma tal mente sabe o que é a criação — não a criação do pintor, do poeta, do verbalizador; mas essa criação que não tem qualquer motivo, que não tem qualquer expressão. Essa criação é amor e morte.

Tudo isto, do princípio ao fim, é a forma da meditação. Um homem que queira meditar tem de se compreender a si mesmo. Sem se conhecerem a vós mesmos, vocês não podem ir longe. Por muito que possam tentar ir longe, só podem chegar tão longe quanto a vossa própria projecção vos permitir; e a vossa própria projecção está muito perto, está muito próxima, e não vos conduz a lado nenhum. A meditação é esse processo de colocar o alicerce de modo instantâneo, imediato e fazer surgir — naturalmente, sem qualquer esforço — esse estado de tranquilidade. E só então pode haver uma mente que está para além do tempo, para além da experiência, e para além do conhecer.

Dezembro, 28

Descobrir o Silêncio

Se vocês seguiram esta investigação sobre o que é a meditação, e compreenderam todo o processo do pensamento, vão descobrir que a mente está completamente tranquila. Nessa total tranquilidade da mente, não há ninguém a ver, nenhum observador, e por conseguinte não há nenhum experimentador; não há nenhuma entidade que esteja a acumular experiência, que é a actividade de uma mente que está centrada sobre si mesma. Não digam: «Isso é o *samadi*» — que é um disparate, porque vocês apenas leram sobre ele num livro e não o descobriram por vocês mesmos. Existe uma diferença abissal entre a palavra e a coisa. A palavra não é a coisa, a palavra *porta* não é a porta.

Então, meditar é purificar a mente da sua actividade egocêntrica. E se vocês chegaram até aqui através da meditação, então irão descobrir que existe silêncio, um vazio total. A mente não está contaminada pela sociedade; já não está sujeita a nenhuma influência, à pressão de nenhum desejo. Está completamente só, e ao estar só, intocada, ela é inocente. Portanto, existe uma possibilidade daquilo que é intemporal, eterno, poder surgir.

Todo este processo é meditação.

Dezembro, 29

A Generosidade do Coração É o Princípio da Meditação

Vamos falar sobre uma coisa que precisa de uma mente capaz de penetrar muito profundamente. Temos de começar muito perto, porque não podemos ir muito longe se não soubermos como começar muito perto, se não soubermos dar o primeiro passo. O florescer da meditação é a bondade, e a generosidade do coração é o princípio da meditação. Falámos acerca de muitas coisas relacionadas com a vida, a autoridade, a ambição, o medo, a avidez, a inveja, a morte, o tempo; falámos acerca de muitas coisas. Se observaram, se investigaram, se escutaram da forma correcta, estes são todos os alicerces para uma mente que é capaz de meditar. Vocês não podem meditar se forem ambiciosos — podem apenas brincar com a ideia de meditação. Se a vossa mente for guiada pela autoridade, se estiver amarrada à tradição, a aceitar, a seguir, vocês nunca saberão o que é meditar nesta extraordinária beleza...

É a busca da sua própria realização através do tempo que impede a generosidade. E vocês precisam de uma mente generosa — não apenas de uma mente larga, de uma mente que está cheia de espaço, mas também de um coração que dá sem pensar, sem motivo, e que não espera qualquer recompensa. Mas para darmos o pouco ou o muito que temos — é necessária essa qualidade de emanação espontânea, sem qualquer restrição, sem qualquer retracção. Não pode haver meditação sem generosidade, sem bondade — que é estar livre do orgulho, nunca subir as escadas do sucesso, nunca saber o que é ser famoso; que é morrer para tudo o que foi conquistado, a cada minuto do dia. É apenas num terreno assim tão fértil que a bondade pode crescer, pode florescer.

E a meditação é o florescimento da bondade.

Dezembro, 30

A Meditação É Essencial à Vida

Para compreendermos todo este problema da influência, a influência da experiência, a influência do conhecimento, dos motivos internos e externos — para descobrirmos o que é verdadeiro e o que é falso e para vermos a verdade no assim chamado falso , tudo isso requer uma tremenda percepção imediata e profunda, uma compreensão interior profunda das coisas como elas são, não é assim? Certamente todo este processo é a forma de meditação. A meditação é essencial à vida, à nossa existência quotidiana, tal como a beleza é também essencial. A percepção da beleza, a sensibilidade às coisas, ao feio tal como ao belo, é essencial — ver uma bela árvore, um esplendoroso céu nocturno, ver o vasto horizonte onde as nuvens se vão aglomerando à medida que o Sol se põe. Tudo isto é necessário, a percepção da beleza e a compreensão da forma da meditação, porque tudo isso é a vida, tal como também o é a vossa ida diária para o escritório, as disputas, os sofrimentos, o esforço incessante, a ansiedade, os medos profundos, o amor, a fome. Agora, a compreensão deste processo total da existência — as influências, as tristezas, o esforço quotidiano, a perspectiva autoritária, as acções políticas, e assim por diante —, tudo isto é a vida, e o processo de compreender esse todo, e de libertar a mente é meditação. Se compreendermos verdadeiramente esta vida, então estará sempre a acontecer um processo meditativo, um processo de contemplação — mas não *sobre* algo. Estar atento a todo este processo de existência, observá-lo, investigá-lo desapaixonadamente e estar livre dele é meditação.

Dezembro, 31

Z.C.